

Autor de A Culpa é das Estrelas

John Green

À procura de Alaska

Primeiro amigo, primeiro amor, últimas palavras.



ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Autor de *A Culpa é das Estrelas*

John Green

À procura
de Alaska

Primeiro amigo, primeiro amor, últimas palavras.



ASA

Ficha Técnica

Título: À Procura de Alaska

Autor: John Green

Design da capa: Neusa Dias

Tradução: Ana Beatriz Manso

Revisão: Maria Cortes

ISBN: 9789892325743

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

Copyright © 2005 by John Green

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Para a minha família: Sydney Green, Mike Green e Hank Green

“Esforcei-me tanto para fazer bem as coisas.”
(últimas palavras do presidente Grover Cleveland)

Cento e trinta e seis dias antes

NA SEMANA ANTES de deixar a minha família e a Florida e o resto da minha vida insignificante para ir para um colégio interno no Alabama, a minha mãe insistiu em dar uma festa de despedida em minha honra. Dizer que as minhas expectativas eram baixas era subestimar o assunto de forma dramática. Embora eu tenha sido mais ou menos obrigado a convidar todos os meus “amigos da escola”, ou seja, a salganhada do pessoal do teatro e os cromos ingleses com quem me sentava por necessidade social no cavernoso refeitório da minha escola pública, sabia que eles não viriam. Ainda assim, a minha mãe insistiu, levada pela ilusão de que eu havia mantido a minha popularidade em segredo durante todos estes anos. Cozinhou uma pequena montanha de molho de alcachofra. Enfeitou a nossa sala de estar com serpentinas verdes e amarelas, as cores da minha nova escola. Comprou duas dúzias de bombas de confetis e colocou-as em toda a volta da nossa mesa de centro.

E ao chegar essa última sexta-feira, quando já tinha as malas quase feitas, ela sentou-se comigo e com o meu pai no sofá da sala de estar às 4h56 da tarde e aguardou pacientemente a chegada da cavalaria do Adeus ao Miles. A dita cavalaria consistia em duas pessoas ao certo: Marie Lawson, uma loira baixinha com óculos retangulares, e Will, o seu namorado atarracado (para ser simpático).

– Olá, Miles – cumprimentou Marie, quando se sentou.

– Olá – disse eu.

– Como foi o teu verão? – perguntou Will.

– Passou-se. E o teu?

– Foi bom. Fizemos o *Jesus Cristo Superstar*. Eu dei uma ajuda nos cenários. A Marie tratou das luzes – disse Will.

– Isso é fixe. – Assenti de modo conhecedor com a cabeça, esgotando praticamente os nossos temas de conversa. Eu podia ter feito uma pergunta acerca do *Jesus Cristo Superstar*, mas a) não sabia o que era, b) não estava interessado em saber e c) nunca tive grande jeito para conversa de circunstância. A minha mãe, porém, consegue passar horas a fazer conversa de circunstância, por isso prolongou o constrangimento perguntando-lhes acerca do horário dos ensaios, de como tinha corrido o espetáculo e se tinha sido um êxito.

– Suponho que sim – disse Marie. – Acho que veio muita gente, suponho eu. – Marie era o tipo de pessoa que supunha muito.

Por fim, Will disse:

– Bem, passámos por cá só para nos despedirmos. Tenho de deixar a Marie em casa às seis. Diverte-te no colégio interno, Miles.

– Obrigado – respondi, aliviado. A única coisa pior do que ter uma festa a que ninguém vai é ter uma festa a que só vão duas pessoas extrema e profundamente desinteressantes.

Depois de saírem, sentei-me junto dos meus pais e fitei o televisor apagado, com vontade de o ligar mas sabendo que não devia fazê-lo. Sentia-os aos dois a

olharem para mim, à espera de que eu desatasse num pranto ou coisa parecida, como se eu não soubesse desde o início que era precisamente isto que ia acontecer. Mas eu sabia. Apercebi-me da pena que sentiam de mim enquanto escavavam o molho de alcachofra com as batatas fritas destinadas aos meus amigos imaginários, mas eles eram mais merecedores de pena do que eu: eu não estava dececionado. Aquilo tinha ido ao encontro das minhas expectativas.

– É por causa disto que queres ir-te embora, Miles? – perguntou a minha mãe.

Ponderei durante um momento, tendo o cuidado de não olhar para ela. – Hã... não – disse eu.

– Então porque é? – perguntou. Não era a primeira vez que fazia a pergunta. A minha mãe não estava propriamente desejosa de me deixar ir para o colégio interno, e não fazia segredo disso.

– É por minha causa? – perguntou o meu pai. Ele tinha frequentado Culver Creek, o mesmo colégio interno para onde eu ia, tal como os seus dois irmãos e todos os filhos deles. Acho que lhe agradava a ideia de eu lhe seguir os passos. Os meus tios tinham-me contado histórias de como o meu pai ganhara fama na escola por ter armado as maiores barafundas e, ao mesmo tempo, ter sido excelente em todas as disciplinas. Parecia ser uma vida melhor do que aquela que eu tinha na Florida. Mas não, não era por causa do meu pai. Não propriamente.

– Espera aí – disse eu. Fui até ao escritório do meu pai e encontrei a biografia que ele tinha de François Rabelais. Eu gostava de ler biografias de escritores, mesmo que (como era o caso de Monsieur Rabelais) nunca tivesse lido nenhuma das suas obras. Virei as páginas até ao fim do livro e encontrei a citação sublinhada a marcador (“NUNCA USES MARCADOR NOS MEUS LIVROS”, dissera-me o meu pai mais de mil vezes. Mas de que outra maneira se consegue encontrar aquilo de que se anda à procura?).

– Então, este tipo – disse eu, parado à soleira da porta da sala de estar –, o François Rabelais. Ele era poeta. E as últimas palavras dele foram: “Vou em busca de uma Grande Incógnita.” É por essa razão que eu vou. Para não ter de esperar até morrer para começar a minha busca por uma Grande Incógnita.

E isso acalmou-os. Eu andava atrás de uma Grande Incógnita, e eles sabiam tão bem como eu que não iria encontrá-la com os semelhantes de Will e Marie. Tornei a recostar-me no sofá, entre a minha mãe e o meu pai, e o meu pai pôs o braço à minha volta e ficámos ali assim, sossegados no sofá, durante um bom bocado, até me parecer apropriado ligar a televisão, e depois jantámos molho de alcachofra e vimos o Canal História, e, no que respeita a festas de despedida, a verdade é que podia ter sido bem pior.

Cento e vinte e oito dias antes

É VERDADE QUE A FLORIDA ER A BASTANTE QUENTE, e húmida também. Quente o suficiente para a roupa se colar ao nosso corpo como fita adesiva e o suor nos escorrer como lágrimas da testa para os olhos. Mas só fazia calor lá fora, e eu só costumava ir lá fora para me deslocar de um local com ar-condicionado para outro.

Isso não me preparou para o tipo de calor singular com que uma pessoa se depara vinte e quatro quilómetros a sul de Birmingham, Alabama, na Escola Secundária de Culver Creek. O jipe dos meus pais estava estacionado na relva a poucos metros do meu quarto no dormitório, o Quarto 43. Mas de cada vez que eu dava esses poucos passos até ao carro para descarregar o que agora me pareciam coisas a mais, o sol atravessava-me a roupa e queimava-me a pele com uma intensidade de tal modo violenta que me fazia sentir verdadeiramente no fogo do Inferno.

Entre a minha mãe, o meu pai e eu, só demorámos uns minutos a descarregar o carro, mas o meu quarto sem ar-condicionado, embora tivesse a bênção de não apanhar com a luz direta do sol, era apenas um pouco mais fresco. O quarto surpreendeu-me: tinha imaginado uma alcatifa, paredes com painéis de madeira e mobiliário da época vitoriana. À parte um luxo – uma casa de banho privada –, aquilo era uma caixa. Com paredes de blocos de cimento revestidas com camadas espessas de tinta branca e um chão de linóleo de um axadrezado verde e branco, aquele sítio parecia mais um hospital do que o quarto do dormitório das minhas fantasias. Havia um beliche de madeira com colchões de vinil encostado à janela traseira do quarto. As secretárias e cómodas e estantes estavam todas fixas às paredes, de modo a impedir um planeamento criativo no chão. *E nada de ar-condicionado.*

Sentei-me no beliche de baixo enquanto a minha mãe abria a arca, agarrava numa pilha de biografias de que o meu pai concordara em abdicar e as colocava nas estantes.

– Eu consigo desfazer a mala, mãe – disse eu. O meu pai deixou-se ficar parado. Estava pronto para ir embora.

– Pelo menos deixa-me fazer-te a cama – disse a minha mãe.

– Não, a sério. Eu faço. Está tudo bem. – Porque estas coisas não podem prolongar-se eternamente. A dada altura, é preciso arrancar o penso rápido, e isso dói, mas depois acaba e sentimo-nos aliviados.

– Meu Deus, vamos sentir tanto a tua falta – disse a minha mãe, de repente, passando por cima do campo minado de malas para chegar até à cama. Levantei-me e dei-lhe um abraço. O meu pai também foi ter comigo, e formámos uma espécie de feixe. Estava demasiado calor e nós estávamos demasiado transpirados para que o abraço pudesse durar muito tempo. Eu sabia que deveria chorar, mas já vivia com os meus pais há dezasseis anos, e o teste da separação já parecia fora de prazo.

– Não te preocupes – sorri. – Vou aprender a falar à sulista como deve ser. – A minha mãe riu-se.

– Não faças nenhuma parvoíce – disse o meu pai.

– Combinado.

– Nada de drogas. Nada de bebida. Nada de cigarros. – Enquanto aluno de Culver Creek, ele tinha feito coisas de que eu apenas ouvira falar: as festas secretas, o andar a correr todo nu pelos campos de feno (ele queixava-se sempre de

que nessa altura só havia rapazes), as drogas, a bebida e os cigarros. Tinha demorado um bom bocado a deixar de fumar, mas os seus tempos de rufia tinham ficado bem para trás.

– Eu adoro-te – desabafaram os dois em simultâneo. Aquilo precisava de ser dito, mas a palavra tornou a coisa horivelmente desconfortável, como a imagem dos nossos avós aos beijos.

– Eu também vos adoro. Eu telefono todos os domingos. – Os nossos quartos não dispunham de linha telefónica, mas os meus pais tinham solicitado que eu fosse colocado num quarto perto de uma das cinco cabines de Culver Creek.

Abraçaram-me de novo – primeiro a minha mãe, depois o meu pai – e pronto. Pela janela dos fundos vi-os a sair das instalações da escola pela estrada sinuosa. Se calhar devia ter sentido uma tristeza sentimentalona e lamechas. Mas o que eu mais queria era refrescar, por isso agarrei numa das cadeiras da secretária e sentei-me do lado de fora da porta, à sombra do algeroz pendente, à espera de uma aragem que nunca chegou. O ar do lado de fora estava tão parado e opressivo como o ar no interior. Olhei lá para fora, para o meu novo alojamento: seis edifícios de um só piso, cada um deles com dezasseis quartos de dormitório, dispostos em hexagrama em torno de um grande círculo de relva. Parecia um motel antigo demasiado grande. Por toda a parte, rapazes e raparigas abraçavam-se e sorriam e passeavam juntos. Tinha uma vaga esperança de que aparecesse alguém para falar comigo. Já imaginava a conversa:

– Olá. É o teu primeiro ano?

– É, sim. Sou da Florida.

– Que fixe. Então já estás habituado ao calor.

“Nem que viesse do Hades eu haveria de estar habituado a este calor”, poderia brincar eu. Daria uma primeira boa impressão. *Ah, ele é engraçado. Aquele Miles é um fartote.*

Claro está que isso não aconteceu. As coisas nunca aconteciam como eu as imaginava.

Entediado, voltei para dentro, despi a T-shirt, deitei-me no vinil calorento do colchão do beliche de baixo e fechei os olhos. Nunca tinha renascido com o batismo e o sofrimento e essas coisas todas, mas decerto não poderia ser muito melhor do que renascer como alguém sem passado conhecido. Pensei nas pessoas acerca de quem já tinha lido – John F. Kennedy, James Joyce, Humphrey Bogart – e que tinham frequentado colégios internos e acerca das suas aventuras. Kennedy, por exemplo, adorava pregar partidas. Pensei na Grande Incógnita e nas coisas que poderiam acontecer e nas pessoas que eu poderia conhecer e em quem poderia ser o meu companheiro de quarto. (Tinha recebido uma carta umas semanas antes a dar-me o nome dele, Chip Martin, mas mais nenhuma informação.) Fosse lá quem fosse Chip Martin, eu esperava bem que ele trouxesse um arsenal de ventoinhas potentes, porque eu não tinha guardado nem uma na mala e já sentia o suor a ensopar o colchão de vinil, coisa que me enojava tanto que eu parei de pensar e levantei o rabo da cama para ir à procura de uma toalha com que limpar o suor. E

foi então que pensei: *Bem, antes da aventura vem o desfazer das malas.*

Consegui colar um mapa do mundo à parede e guardar a maior parte da minha roupa em gavetas antes de reparar que o ar quente e húmido fazia transpirar até as paredes, e depois decidi que não era hora de trabalho manual. Era hora de um magnífico duche frio.

A pequena casa de banho continha um enorme espelho a toda a largura da parede, por isso não pude escapar ao reflexo do meu corpo nu quando me inclinei para ligar a torneira do duche. A minha magreza sempre me surpreendeu – os meus braços fininhos não pareciam aumentar muito quando passavam do pulso para o ombro, ao meu peito faltava uma pontinha que fosse de gordura ou de músculo – e eu senti-me envergonhado e pus-me a pensar se haver algo que eu pudesse fazer em relação ao espelho. Abri a cortina branca lisa do duche com um puxão e baixei-me na cabine.

Infelizmente, o chuveiro parecia ter sido concebido para alguém com menos de um metro e vinte, por isso a água fria bateu-me na parte de baixo das costelas – com toda a pujança de uma torneira a pingar. Para molhar a minha cara encharcada em suor, tive de abrir as pernas e agachar-me bastante. De certeza que John F. Kennedy (que, segundo a sua biografia, media um metro e oitenta e dois, a minha altura exata) não teve de se *agachar* no *seu* colégio interno. Não, isto era algo completamente diferente, e, enquanto os pingos do chuveiro ensopavam o meu corpo aos poucos, eu indagava-me sobre se poderia mesmo encontrar aqui uma Grande Incógnita ou se teria cometido um grande erro de cálculo.

Quando abri a porta da casa de banho depois do meu duche, com uma toalha enrolada à volta da cintura, vi um tipo baixinho e musculado com um tufo de cabelo castanho. Arrastava um gigantesco saco de viagem verde-tropa pela porta do meu quarto. Media cerca de um metro e meio, mas era bem constituído, como um modelo de Adónis à escala, e trazia consigo o mau cheiro do fumo do tabaco cediço. *Bestial*, pensei eu. *Vou conhecer o meu companheiro de quarto e estou nu.* Ele puxou o saco de viagem para dentro do quarto, fechou a porta e encaminhou-se para mim.

– Sou o Chip Martin – anunciou, numa voz profunda, a voz de um DJ de rádio. Antes que eu pudesse reagir, acrescentou: – Eu dava-te um aperto de mão, mas acho que devias agarrar-te com força a essa toalha até vestires alguma roupa.

Ri-me e assenti com a cabeça (é fixe, não é? o aceno de cabeça?) e disse: – Eu sou o Miles Halter. Prazer.

– Miles a “percorrer antes de dormir”? – perguntou-me ele.

– Hã?

– É um poema de Robert Frost. Nunca o leste?

Abanei a cabeça para responder que não.

– Considera-te um felizardo. – Sorriu.

Agarrei em roupa interior lavada, num par de calções da *Adidas* e numa *T-shirt* branca, balbuciei que voltava dentro de um segundo e voltei a entrar abaixado na casa de banho. Lá se ia a boa primeira impressão.

– Então, onde é que estão os teus pais? – perguntei da casa de banho.

– Os meus pais? Neste momento, o meu pai está na Califórnia. Talvez esteja sentado no seu sofá reclinável. Talvez esteja a conduzir a carrinha dele. Dê lá por onde der, está a beber. A minha mãe deve estar agora a dar a volta para sair das instalações da escola.

– Oh – disse eu, já vestido, sem saber bem como reagir a uma informação tão pessoal. Suponho que não devia ter perguntado, se não queria saber.

Chip agarrou em alguns lençóis e atirou-os para o beliche de cima.

– Sou homem de beliche de cima. Espero que não te incomodes com isso.

– Não, não. Como preferires.

– Já vi que decoraste o quarto – disse ele, fazendo sinal para o mapa do mundo.

– Gosto.

E então começou a nomear países. Falava num tom monotónico, como se já tivesse feito aquilo mil vezes.

Afeganistão. Albânia.

Alemanha.

Andorra. Argélia.

E por aí em diante. Acabou a letra A antes de erguer os olhos e se aperceber do meu olhar incrédulo.

– Podia dizer os outros, mas é provável que ficasses entediado. Foi uma coisa que aprendi durante o verão. Céus, não imaginas como New Hope, no Alabama, é aborrecida no verão. Tal como ver feijões de soja a crescer. A propósito, de onde vens tu?

– Da Florida – respondi.

– Nunca lá estive.

– Essa cena dos países é deveras impressionante – disse eu.

– Pois, toda a gente tem um talento. Eu consigo decorar coisas. E tu...?

– Hum, eu sei as últimas palavras de imensa gente. – Era um prazer a que me permitia, aprender últimas palavras. As outras pessoas comiam chocolate; eu decorava declarações de moribundos.

– Por exemplo?

– Gosto da de Henrik Ibsen. Era dramaturgo. – Eu sabia muito acerca de Ibsen, mas nunca lera nenhuma das suas peças. Não gostava de ler peças teatrais. Gostava de ler biografias.

– Sim, sei quem era – disse Chip.

– Pronto, bem, ele estava doente há uns tempos e a enfermeira disse-lhe: “Hoje parece estar a sentir-se melhor.” E Ibsen olhou para ela e respondeu: “Bem pelo contrário.” E depois morreu.

Chip riu-se. – Isso é mórbido. Mas agrada-me.

Disse-me que era o seu terceiro ano em Culver Creek. Tinha entrado no 9.º ano, o primeiro ano lecionado na escola, e agora ia frequentar o 11.º, tal como eu. Aluno de bolsa, dizia ele. Conseguiu o pacote completo. Ouvira dizer que aquela era a melhor escola de Alabama, por isso redigiu o seu texto de candidatura

dizendo que queria muito ir para uma escola onde pudesse ler livros longos. O problema, explicava ele no seu texto, era que o pai lhe batia sempre com os livros que havia em casa, portanto, para sua segurança, Chip só tinha livros pequenos e de capa mole. Os pais divorciaram-se no primeiro ano do Secundário. Ele gostava do “Creek”, como lhe chamava, mas dizia, com um sorriso afetado: “Aqui é preciso ter-se cuidado com os alunos e com os professores. E eu detesto ser cuidadoso.” Eu também detestava ser cuidadoso – ou pelo menos queria detestar.

Contou-me isto enquanto desfazia o saco de viagem, atirando com a roupa para dentro das gavetas com desmazelo e desleixo. Chip não acreditava na necessidade de uma gaveta das meias nem de uma gaveta para *T-shirts*. Acreditava que todas as gavetas tinham sido criadas como iguais e que se enchiam com o que lá coubesse. A minha mãe teria tido um chilique.

Assim que acabou de “desfazer a mala”, Chip deu-me uma pancada no ombro e disse:

– Espero que sejas mais forte do que pareces. – Depois saiu porta fora, deixando-a aberta. Passados uns segundos, meteu a cabeça para espreitar e viu-me parado. – Então, embora lá, Miles a Percorrer Halter. Temos cenas para fazer.

Fomos até à sala da televisão, onde estava, pelo que Chip dizia, a única televisão com ligação por cabo da escola. Durante o verão, servia de arrecadação. Atafalhada até teto com sofás, frigoríficos e carpetes enroladas, a sala da televisão animava-se com miúdos que tentavam encontrar e levar dali as suas coisas. Chip cumprimentou algumas pessoas, mas não me apresentou. Enquanto ele cirandava pelo labirinto repleto de sofás, eu fiquei junto da porta, esforçando-me ao máximo para não bloquear o caminho aos pares de companheiros de quarto à medida que manobravam a mobília através da estreita porta de entrada.

Chip demorou dez minutos a encontrar a tralha dele e nós demorámos mais uma hora a fazer quatro viagens de ida e volta para atravessar o círculo dos dormitórios entre a sala da televisão e o Quarto 43. No final, só me apetecia meter-me no minifrigorífico de Chip e dormir durante mil anos, mas Chip parecia imune à fadiga e ao calor. Sentei-me no sofá dele.

– Encontrei-o numa berma no meu bairro há dois anos – disse ele, acerca do sofá, enquanto se ocupava a instalar a minha *PlayStation 2* no cimo da sua arca de arrumação. – Sei que a pele tem algumas gretas, mas vamos lá. É um sofá bem porreiro. – A pele tinha mais do que algumas gretas – era cerca de trinta por cento pele sintética e setenta por cento espuma –, mas ainda assim tinha um toque bem agradável.

– Muito bem – disse ele. – Estamos quase despachados. – Encaminhou-se para a sua secretária e retirou um rolo de fita adesiva de uma gaveta. – Só precisamos da tua arca.

Levantei-me para tirar a arca de debaixo da cama e Chip colocou-a entre o sofá e a *PlayStation 2* e começou a rasgar tiras finas de fita adesiva. Colou-as à arca, de modo a formar as palavras MESA DE CENTRO.

– Já está – disse ele. Sentou-se e pôs os pés em cima da, hum, mesa de centro.

– Feito.

Sentei-me ao lado dele e ele olhou para mim e disse, de súbito:

– Escuta. Eu não vou ser o teu bilhete de entrada para a vida social de Culver Creek.

– Ah, tudo bem – disse eu, mas conseguia ouvir as palavras que me tinham ficado presas na garganta. Tinha acabado de carregar com o sofá deste tipo debaixo de um sol escaldante e agora ele não gostava de mim?

– Basicamente, há aqui dois grupos – explicou ele, falando com um entusiasmo crescente. – Tens os internos normais, como eu, e depois tens os Guerreiros do Fim de Semana, que dormem cá mas são todos putos ricos que vivem em Birmingham e vão a casa todos os fins de semana, para as mansões com ar-condicionado dos seus pais. Esses são os miúdos populares. Eu não gosto deles e eles não gostam de mim, portanto, se vieste para cá a pensar que eras o maior da tua rua lá na escola pública, vais continuar a ser o maior da tua rua aqui, por isso é melhor não seres visto comigo. Andavas na escola pública, não andavas?

– Hã... – disse eu. De modo abstraído, comecei a depenicar as gretas da pele do sofá, enfiando os dedos na brancura esponjosa.

– Pois é, deves ter andado, porque se tivesses frequentado um colégio, essa porcaria de calções servia-te. – Riu-se.

Uso os calções abaixo da anca, coisa que pensava ser fixe. Por fim, lá disse:

– Sim, andava na escola pública. Mas não era o maior da minha rua, Chip, era um gajo como os outros.

– Ah! Isso é bom. E não me trates por Chip. Trata-me por O Coronel.

Abafei uma gargalhada.

– O *Coronel*?

– Sim. O Coronel. E nós vamos tratar-te por... hum... Badocha.

– Hã?

– Badocha – disse o Coronel. – Por seres magrinho. Chama-se a isso ironia, Badocha. Já ouviste falar? Agora vamos lá arranjar cigarros e começar o ano da melhor maneira.

Ele saiu do quarto, mais uma vez partindo do pressuposto de que eu iria atrás dele, e desta vez fui mesmo. Felizmente, o Sol já baixava em direção ao horizonte. Passámos por cinco portas até chegarmos ao Quarto 48. Havia um quadro branco colado à porta com fita adesiva. A marcador azul estava escrito o seguinte: *A Alaska tem um individual!*

O Coronel explicou-me que a) este era o quarto de Alaska, b) ela tinha um quarto individual porque a rapariga que deveria ser sua companheira de quarto tinha sido expulsa no final do ano passado e c) Alaska tinha cigarros, embora o Coronel se tenha esquecido de perguntar se d) eu fumava, coisa que e) eu não fazia.

Bateu uma vez à porta, com estrondo. Do outro lado da porta, uma voz gritou:

– Oh, meu Deus, entra, meu baixote, porque eu tenho uma história do melhor.

E entrámos. Virei-me para fechar a porta atrás de mim e o Coronel abanou a

cabeça e disse:

– A partir das sete, tens de deixar a porta aberta, se estiveres no quarto de uma rapariga. – Mas eu mal o ouvi, porque a rapariga mais gira de toda a história da Humanidade estava ali à minha frente, com umas calças de ganga cortadas e um top de alças cor de pêssgo. E tagarelava com o Coronel, falando alto e depressa.

– Então, primeiro dia de verão, estou na bela velhinha Vine Station com um rapaz chamado Justin na casa dele a ver televisão no sofá – e repara que já namoro com o Jake; na verdade, ainda namoro com ele, por incrível que pareça, mas o Justin é um amigo meu de quando eu era miúda e, portanto, estamos a ver televisão e a conversar acerca dos exames de admissão, ou coisa que o valha, e o Justin põe o braço à minha volta e eu penso *Oh, que agradável, somos amigos há tanto tempo e sinto-me completamente confortável*. E estamos apenas a conversar e então eu vou a meio de uma frase acerca de analogias, ou assim, e, como se fosse um falcão, ele estica-se para baixo e buzina-me na mama. BUZINA. Uma BUZINADELA demasiado firme de dois ou três segundos. E a primeira coisa em que pensei foi: *OK, como é que liberto a minha mama desta garra antes que deixe marcas permanentes?* E a segunda coisa em que pensei foi: *Meu Deus, mal posso esperar para contar ao Takumi e ao Coronel*.

O Coronel riu-se. Eu fiquei especado a olhar, por um lado aturdido pela força da voz emanada pela pequenita (mas, oh meu Deus, com belas curvas) rapariga e por outro lado pelas gigantescas pilhas de livros que lhe forravam as paredes. A sua biblioteca enchia-lhe as estantes e depois transbordava para montes de livros por toda a parte que nos davam pela cintura, empilhados ao acaso contra as paredes. Pensei que bastava que um se mexesse para que o efeito dominó nos engolissem aos três numa asfíxica massa de literatura.

– Quem é esse gajo que não está a rir-se da minha história tão engraçada? – perguntou ela.

– Ah, pois. Alaska, este é o Badocha. O Badocha decora as últimas palavras das pessoas. Badocha, esta é a Alaska. Buzinaram-lhe na mama durante o verão. – Ela encaminhou-se para mim com a mão estendida, depois fez um movimento rápido e descendente no último instante e puxou-me os calções para baixo.

– São os maiores calções do estado do Alabama!

– Gosto deles largos – disse eu, envergonhado, e puxei-os para cima. Lá na Florida eram fixes.

– Até agora, na nossa relação, Badocha, já vi a totalidade das tuas pernas demasiadas vezes – disse o Coronel, de modo inexpressivo. – Bem, Alaska, vendem lá uns cigarros. – E então, não sei bem como, o Coronel convenceu-me a pagar cinco dólares por um maço de *Marlboro Lights* que eu não fazia tenções de alguma vez vir a fumar.

Convidou Alaska a juntar-se a nós, mas ela disse: – Tenho de encontrar o Takumi, para lhe contar da Buzinadela. – Virou-se para mim e perguntou: – Viste-o? – Eu não fazia ideia se tinha visto ou não Takumi, uma vez que não fazia ideia de quem ele era. Limitei-me a abanar a cabeça.

– Tudo bem. Já vou ter convosco ao lago daqui a uns minutos, então. – O Coronel acenou afirmativamente com a cabeça.

À beira do lago, mesmo antes da arenosa (e, segundo o Coronel, falsa) praia, sentámo-nos num baloiço. Fiz a piada obrigatória:

– Não te agarres à minha mama.

O Coronel deu uma gargalhada obrigatória e perguntou: – Queres fumar?

Eu nunca tinha fumado um cigarro, mas, em Roma...

– Aqui é seguro?

– Nem por isso – disse ele, acendendo depois um cigarro e passando-mo. Inalei. Tossi. Arquejei. Fiquei sem ar. Tornei a tossir. Pensei em vomitar. Agarrei-me ao banco balançante, com a cabeça a andar à roda, atirei o cigarro para o chão e pisei-o, convencido de que a minha Grande Incógnita não envolvia cigarros.

– Fumas muito? – Riu-se e apontou para uma mancha branca do outro lado do lago, dizendo: – Estás a ver aquilo?

– Sim – disse eu. – O que é? Um pássaro?

– É o cisne – disse ele.

– Ena! Uma escola com um cisne. Ena!

– Aquele cisne é o filho de Satanás. Nunca te aproximes dele mais do que isto.

– Porquê?

– Tem uns problemas com as pessoas. Foi maltratado, ou coisa parecida. Desfaz-te aos pedaços. O Águia pô-lo ali para nos impedir de dar a volta ao lago para ir fumar.

– O Águia?

– O Sr. Starnes. Nome de código: o Águia. O Reitor dos Alunos. A maior parte dos professores vive na escola e todos eles podem apanhar-te. Mas só o Águia é que vive no círculo dos dormitórios, e ele vê tudo. Consegue cheirar um cigarro a uns oito quilómetros de distância.

– A casa dele não é ali atrás? – perguntei, apontando para lá. Conseguia ver a casa com bastante clareza, apesar da escuridão, portanto era provável que ele conseguisse ver-nos a nós.

– Sim, mas ele só entra em modo de ofensiva militar quando começam as aulas – disse Chip, de modo despreocupado.

– Céus, se eu me meter em sarilhos, os meus pais matam-me – disse eu.

– Desconfio que estejas a exagerar. Mas olha, vais meter-te em sarilhos. Mas, em noventa e nove por cento das vezes, os teus pais nunca terão de saber. A escola quer tanto que os teus pais pensem que te arruinaste aqui como *tu* queres que os teus pais pensem que estás arruinado. – Soprou um fluxo fino de fumo em direção ao lago. Eu tinha de admitir: ficava com estilo quando fazia aquilo. Mais alto, de alguma maneira. – Seja como for, quando te meteres em sarilhos, não denuncies ninguém. Isto é, eu detesto os ricos vaidosos daqui com uma paixão fervorosa que geralmente reservo apenas aos dentistas e ao meu pai. Mas isso não significa que os vá chibar. Basicamente, a única coisa importante é nunca, nunca, nunca, nunca

chibar.

– Tudo bem – disse eu, embora ficasse a pensar: se alguém me der um soco na cara, a ideia é eu insistir que fui contra uma porta? Parecia-me um bocado parvo. Como é que se lida com rufias e cretinos se não podemos metê-los em sarilhos? Mas não fiz a pergunta a Chip.

– Muito bem, Badocha. Chegámos àquela altura da tarde em que sou obrigado a ir à procura da minha namorada. Portanto, dá-me aí uns cigarros desses, que de qualquer maneira não vais fumar, e encontramo-nos mais logo.

Decidi ficar ali pelo baloiço mais um bocado, em parte porque o calor se tinha finalmente dissipado numa temperatura agradável, apesar de húmida, de vinte e tal graus, e em parte porque achava que Alaska poderia aparecer. Mas, quase no instante em que o Coronel se foi embora, houve uma invasão de insetos: melgas e mosquitos minúsculos pairaram à minha volta em tal quantidade, que o barulhinho que faziam a esfregar as asas me pareceu cacofónico. E foi então que decidi fumar.

Pensei, *o fumo vai afugentar os insetos*. E, até certo ponto, afugentou. Mas estaria a mentir se afirmasse que tinha começado a fumar para afastar insetos. Tornei-me fumador porque a) estava sozinho num baloiço, b) tinha cigarros comigo e c) supus que, se todos os outros conseguiam fumar um cigarro sem tossir, eu também conseguia. Em suma, não tinha um bom motivo. Portanto, sim, digamos apenas que d) foram os insetos.

Conseguí dar três bafos inteiros antes de me sentir nauseado e tonto e apenas semi-gradavelmente zozzo. Levantei-me para me ir embora. Quando me pus de pé, uma voz atrás de mim disse:

– Então tu decoras mesmo as últimas palavras?

Ela correu até ao meu lado, agarrou-me o ombro e empurrou-me de volta ao baloiço.

– Sim – disse eu. E depois acrescentei, com hesitação: – Queres pôr-me à prova?

– JFK – disse ela.

– Isso é óbvio – respondi.

– Ai sim? – perguntou.

– Não. Foram essas as últimas palavras dele. Alguém disse: “Senhor Presidente, decerto não pode dizer que Dallas não o adora.” E então ele disse: “Isso é óbvio.” E depois levou um tiro.

Ela riu-se. – Céus, que horror. Não devia rir-me. Mas vou rir-me – e então riu-se de novo. – Muito bem, Senhor Rapaz das Últimas Palavras Famosas. Tenho um para ti. – Meteu a mão na mochila a abarrotar e tirou de lá um livro. – Gabriel García Márquez.

O General no Seu Labirinto. Um dos meus preferidos de sempre. É sobre Simón Bolívar. – Eu não sabia quem era Simón Bolívar, mas ela não me deu tempo para perguntar. – É um romance histórico, portanto não sei se isto é verdade, mas, no livro, sabes quais foram as últimas palavras dele? Não, não sabes. Mas eu vou

dizer-te, Señor Comentários de Despedida.

E então acendeu um cigarro e sugou-o com tanta força e durante tanto tempo, que eu pensei que pudesse arder por completo num só trago. Exalou e leu para mim:

– Ele – o Simón Bolívar – ficou abalado pela avassaladora revelação de que a corrida impetuosa entre os seus azares e os seus sonhos estava naquele momento a atingir a linha da meta. O resto era obscuridade. “Que diabo”, suspirou. “Como é que alguma vez haverei de sair deste labirinto?”

Eu reconhecia as boas últimas palavras quando as ouvia, e fiz uma nota mental para adquirir uma biografia desse tal Simón Bolívar. Belas últimas palavras, mas eu não as percebia bem. – Então o que é o labirinto? – perguntei-lhe.

E agora é uma ocasião tão boa como qualquer outra para dizer que ela era linda. Na escuridão atrás de mim, ela cheirava a suor, luz do sol e baunilha, e, nessa noite de pouco luar, eu pouco mais podia ver além da sua silhueta, a não ser quando fumava, quando a cereja ardente do cigarro lhe inundava a cara com uma pálida luz vermelha. Mas, mesmo no escuro, consegui ver-lhe os olhos – esmeraldas intensas. Tinha o tipo de olhos que nos predispunha a apoiar todos os seus empreendimentos. E não era só linda, era também uma brasa, com os seios comprimidos dentro do top de alças justo, as pernas curvilíneas a balançar para a frente e para trás por debaixo do baloiço, os chinelos a pender dos dedos dos pés com as unhas pintadas de azul-elétrico. Foi nesse instante, entre a minha pergunta acerca do labirinto e a resposta dela, que me apercebi da *importância* das curvas, das mil vezes em que os corpos das raparigas se mexem de um sítio para o outro, desde o arco do pé até ao tornozelo e à barriga da perna, da barriga da perna à anca, à cintura, ao peito, ao pescoço, ao nariz inclinado, à testa, ao ombro, ao arco côncavo das costas até ao rabo, até ao etc. É claro que eu já tinha *reparado* nas curvas, mas nunca me dera realmente conta da sua importância.

Com a boca perto de mim o suficiente para eu lhe sentir o hálito mais quente do que o ar, ela disse: – Esse é que é o mistério, não é verdade? O labirinto será viver ou morrer? De que é que ele está a tentar fugir? Do mundo ou do fim do mesmo? – Esperei que ela continuasse a falar, mas, passado um bocado, tornou-se óbvio que ela queria uma resposta.

– Hum, não sei – disse eu, por fim. – Leste mesmo aqueles livros todos que tens no quarto?

Ela riu-se. – Credo, não. Talvez tenha lido um terço deles. Mas *vou* lê-los a todos. Chamo-lhe a minha Biblioteca da Vida. Desde que sou pequena que, todos os verões, vou a vendas de garagem e compro todos os livros que me parecem interessantes. Para ter sempre alguma coisa para ler. Mas há tanta coisa para fazer: cigarros para fumar, sexo para desfrutar, baloiços para me balançar. Terei mais tempo para ler quando for velha e chata.

Disse-me que eu lhe fazia lembrar o Coronel quando ele chegou a Culver Creek. Foram caloiros juntos, contou ela, ambos alunos de bolsa com “um interesse comum pela bebida e a travessura”, como ela disse. A expressão *bebida e*

travessura deixou-me preocupado com o facto de poder ter dado de caras com o que a minha mãe se referia como sendo “más companhias”, mas, para más companhias, eles pareciam os dois extremamente inteligentes. Enquanto ela acendia mais um cigarro com a ponta do anterior, disse-me que o Coronel era inteligente mas que não tinha vivido grande coisa quando chegou ao Creek.

– Acabei com esse problema num instante. – Sorriu. – Em novembro, eu já lhe tinha arranjado a primeira namorada, uma não Guerreira de Fim de Semana extremamente simpática chamada Janice. Ele largou-a passado um mês porque era demasiado rica para o sangue ensopado em pobreza dele, mas pronto. Pregámos a nossa primeira partida nesse ano – enchemos a Sala 4 com uma camada fina de berlindes. Aprimorámos algumas partidas desde então, claro está. – Riu-se. Foi assim que Chip passou a ser o Coronel – o estratega ao estilo militar das partidas deles – e Alaska foi sempre Alaska, a descomunal força criativa por detrás delas.

– Tu és inteligente como ele – disse ela. – Mas mais sossegado. E mais giro, mas eu não acabei de dizer isto, porque amo o meu namorado.

– Pois, tu também não és nada de deitar fora – disse eu, maravilhado com o comentário dela. – Mas eu não acabei de dizer isto, porque amo a minha namorada. Ah, espera. Pois é. Não tenho namorada.

Ela riu-se. – Pois, não te preocupes, Badocha. Se há coisa que posso arranjar-te é uma namorada. Vamos fazer um acordo: tu descobres o que é o labirinto e como é que se sai dele e eu arranjo-te uma queca.

– Combinado. – Selámos o acordo com um aperto de mão.

Mais tarde, encaminhei-me para o círculo dos dormitórios ao lado de Alaska. As cigarras zumbiam a sua melodia de uma só nota, tal como faziam lá em casa, na Florida. Ela virou-se para mim enquanto abríamos caminho pela escuridão e disse: – Quando estás a caminhar à noite, alguma vez apanhas sustos de morte e, embora seja parvo e constrangedor, sentes vontade de ir a correr para casa?

Parecia demasiado secreto e pessoal para o admitir a uma quase perfeita estranha, mas eu respondi-lhe: – Sim, completamente.

Por um momento, ela ficou calada. Depois agarrou-me na mão e sussurrou – Foge, foge, foge, foge, foge – e desatou a correr, arrastando-me atrás de si.

Cento e Vinte e Sete Dias Antes

AO INÍCIO DA TARDE SEGUINTE, escorria-me suor dos olhos enquanto colava um poster de Van Gogh à parte de trás da porta. O Coronel estava sentado no sofá, a avaliar se o poster estava direito e a responder às minhas perguntas intermináveis acerca de Alaska.

– Qual é a história dela?

– Ela é de Vine Station. Pode-se passar por lá de carro sem se dar por isso – e, pelo que me foi dado a entender, é melhor assim. O namorado dela está em Vanderbilt com uma bolsa. Toca baixo numa banda qualquer. Não sei grande coisa acerca da família dela.

– Então ela gosta mesmo dele?

– Acho que sim. Nunca o traiu, o que é uma novidade.

E por aí em diante. Durante toda a manhã, eu não tinha conseguido dar importância a mais nada, nem ao poster do Van Gogh, nem aos jogos de vídeo e nem sequer ao horário das minhas aulas, que o Águia tinha trazido nessa manhã. E, além disso, apresentou-se:

– Bem-vindo a Culver Creek, Sr. Halter. Aqui é-lhe dado um grande grau de liberdade. Se abusar dela, irá arrepender-se. Parece-me ser um jovem simpático. Eu detestaria ter de me despedir de si.

E então fitou-me de uma maneira que ou era séria ou seriamente maliciosa. – A Alaska chama-lhe o Olhar da Sentença – disse-me o Coronel depois de o Águia sair. – Da próxima vez que o vires, é porque foste apanhado.

– Muito bem, Badocha – disse o Coronel, quando me afastei do poster. Não está completamente direito, mas quase. – Já chega de falar na Alaska. Pelas minhas contas, há noventa e duas raparigas nesta escola, e qualquer uma delas é menos louca do que a Alaska, que, devo acrescentar, *já tem namorado*. Vou almoçar. É dia de *bufritos*. – Saiu do quarto, deixando a porta aberta. Sentindo-me como um idiota perdido de amores, levantei-me para fechar a porta. O Coronel, já a meio caminho do círculo dos dormitórios, virou-se para trás. – Credo! Vens ou não?

Pode-se dizer muitas coisas más acerca do Alabama, mas não se pode dizer que as pessoas do Alabama tenham propriamente medo de fritadeiras. Naquela primeira semana no Creek, o refeitório serviu frango frito, panados de frango e quiabo frito, que marcou a minha primeira incursão na iguaria dos legumes fritos. Já quase estava à espera de que fritassem alface icebergue. Mas nada se igualava ao *bufrito*, um prato criado por Maureen, a cozinheira assombrosamente (e compreensivelmente) obesa de Culver Creek. O *bufrito*, um *burrito* de feijão frito, era, sem sombra de dúvida, a prova de que a fritura melhora *sempre* um alimento. Nessa tarde, sentado com o Coronel e cinco rapazes que eu não conhecia numa mesa redonda do refeitório, cravei os dentes na cobertura crocante do meu primeiro *bufrito* e experimentei um orgasmo gastronómico. A minha mãe cozinhava bem, mas eu quis imediatamente levar Maureen para casa comigo no Dia de Ação de Graças.

O Coronel apresentou-me (como “Badocha”) aos rapazes da mesa de madeira instável, mas só fixei o nome de Takumi, a quem Alaska se tinha referido no dia anterior. Rapaz japonês magrinho, apenas uns centímetros mais alto do que o Coronel, Takumi falava com a boca cheia, enquanto eu mastigava devagar, saboreando o feijão estaladiço.

– Meu Deus – disse Takumi para mim –, não há nada como ver um homem a comer o seu primeiro *bufrito*.

Eu não falei muito – primeiro porque ninguém me fez nenhuma pergunta, e depois porque o que eu queria era comer o máximo que conseguisse. Mas Takumi não sentia tais reservas – ele conseguia comer e mastigar e engolir ao mesmo tempo que falava, e fazia-o.

A conversa do almoço centrou-se em Marya, a rapariga que deveria ter sido a

colega de quarto de Alaska, e em Paul, o namorado dela, que tinha sido um Guerreiro de Fim de Semana. Soube que tinham sido expulsos na última semana do ano letivo transacto, por causa daquilo a que o Coronel chamou “o Tríptico” – foram apanhados a cometer em simultâneo três dos delitos de Culver Creek que davam direito a expulsão. Estavam deitados nus na cama (o “contacto genital” era o delito número um), já bêbedos (número dois), a fumar um charro (número três), quando o Águia os apanhou em flagrante. Corriam rumores de que alguém os denunciara, e Takumi parecia decidido a descobrir quem tinha sido – pelo menos decidido o suficiente para gritar as suas intenções com a boca empanturrada de *bufrito*.

– O Paul era um cretino – disse o Coronel. – Eu não os teria chibado, mas qualquer pessoa que durma com um Guerreiro de Fim de Semana condutor de Jaguar como o Paul merece o que lhe aconteceu a ela.

– Bacano – respondeu Takumi –, a tua *namuhada* – e então engoliu a comida que tinha na boca – é uma Guerreira de Fim de Semana.

– É verdade. – O Coronel riu-se. – Para mal dos meus pecados, esse é um facto incontestável. Mas ela não é tão cretina como o Paul, nem nada que se pareça.

– Não propriamente. – Takumi sorriu com malícia. O Coronel riu-se e eu indaguei-me sobre o motivo por que ele não defendia a sua namorada. Eu não me importaria se a minha namorada fosse um Ciclope condutor de Jaguar com barba – já me sentiria grato só por ter alguém com quem curtir.

Nessa noite, quando o Coronel apareceu no Quarto 43 para ir buscar os cigarros (parecia ter-se esquecido de que, tecnicamente, eram *meus*), não me importei muito por ele não me convidar para sair com ele. Na escola pública eu conhecera imensa gente que tinha por hábito detestar um determinado tipo de pessoa ou grupo – os cromos detestavam os betos, e por aí em diante – e isso sempre me parecera um grande desperdício de tempo. O Coronel não me contou onde tinha passado a tarde, nem onde iria passar a noite, mas fechou a porta atrás de si quando saiu, portanto deparei-me com eu não seria bem-vindo.

Era-me igual. Passei a noite a navegar na Net (nada de pornografia, juro) e a ler *The Final Days*, um livro sobre Richard Nixon e o Watergate. Ao jantar, aqueci no microondas um *bufrito* refrigerado que o Coronel surripiara do refeitório. Fez-me lembrar as noites na Florida – só que com melhor comida e sem ar-condicionado. A sensação de estar deitado na cama a ler foi agradavelmente familiar.

Decidi dar ouvidos ao que decerto teria sido o conselho da minha mãe e dormir uma boa noite de sono antes do meu primeiro dia de aulas. Francês II começava às 8h10, e, calculando que eu não demoraria mais do que oito minutos a vestir uma roupa qualquer e a ir a pé para a sala de aula, programei o despertador para as 8h02. Tomei um duche e deitei-me na cama, à espera de que o sono me salvasse do calor. Por volta das 23h00, apercebi-me de que a ventoinha minúscula enganchada no meu beliche poderia dar mais resultado se eu despiasse a *T-shirt*, e por fim lá adormeci, por cima dos lençóis e só com os boxers vestidos.

Uma decisão de que me arrependi algumas horas mais tarde, quando acordei com duas mãos transpiradas e carnudas a abanar-me como se não houvesse amanhã. Acordei de imediato e por completo, sentando-me direito na cama, aterrorizado, e, por alguma razão, não consegui perceber as vozes, não consegui perceber porque é que havia vozes sequer, e, afinal, que horas eram, que diabo?! E finalmente a minha cabeça clareou o suficiente para ouvir: “Vá lá, puto. Não nos obrigues a dar-te um chuto no cu. Levanta-te lá.” E depois, vindo do beliche de cima, ouvi: “Credo, Badocha. *Levanta-te* de uma vez.” Então, levantei-me e vi, pela primeira vez, três figuras ensombradas. Duas delas agarraram-me, segurando-me pela parte de cima de cada braço, e levaram-me para fora do quarto. À saída, o Coronel balbuciou: “Divirtam-se. Tem calma com ele, Kevin.”

Quase em passo de corrida, conduziram-me pela parte de trás do edifício do meu dormitório e depois para o outro lado do campo de futebol. O terreno tinha relva mas também gravilha, e eu indaguei-me porque é que ninguém teria tido o habitual gesto de cortesia de me mandar calçar os sapatos e porque é que eu estaria ali fora em roupa interior, com as pernas esqueléticas expostas ao mundo? Umas mil humilhações cruzaram-me a mente: *Olha o caloiro Miles Halter, algemado à baliza do campo de futebol só de boxers vestidos*. Imaginei-os a levar-me para o bosque, para onde agora nos parecíamos encaminhar, e a dar-me uma carga de porrada para eu ficar com bom aspeto para o meu primeiro dia de escola. E durante todo aquele tempo, limitei-me a olhar para os meus pés, porque não queria olhar para eles mas também não queria cair, por isso estava a ver por onde ia, tentando evitar as pedras maiores. Senti o reflexo de lutar ou fugir a aumentar dentro de mim, mas sabia que nem lutar nem fugir tinham alguma vez dado resultado comigo. Levaram-me por caminhos ínvios até à praia falsa, e foi então que percebi o que iria acontecer – um bom mergulho forçado no lago à moda antiga – e acalmei. Podia bem com isso.

Quando chegámos à praia, mandaram-me pôr os braços encostados ao corpo e o tipo mais musculoso agarrou em dois rolos de fita adesiva que estavam na areia. Com os braços esticados ao longo do corpo como um soldado em sentido, mumificaram-me desde os ombros aos pulsos. Depois atiraram-me para o chão; a areia da praia falsa amorteceu a queda, mas, ainda assim, bati com a cabeça. Dois deles puxaram-me pelas pernas, enquanto o outro – Kevin, supus eu – aproximava de mim o seu rosto ossudo e de maxilares fortes de tal maneira que os espigões ensopados em gel que se projetavam da sua testa me espetavam a cara, para depois me dizer: “Esta é pelo Coronel. Não devias andar por aí com esse cretino.” Uniram-me as pernas uma à outra com fita adesiva, dos tornozelos às coxas. Parecia uma múmia de prata. Eu disse “Não, pessoal, por favor”, imediatamente antes de me taparem a boca com fita adesiva. Depois levantaram-me e lançaram-me à água.

Estava a afundar. A afundar, mas, ao invés de sentir pânico ou outra coisa qualquer, ocorreu-me que “Não, pessoal, por favor” eram umas últimas palavras terríveis. Mas foi então que surgiu o grande milagre da espécie humana – o facto

de conseguirmos boiar – e, enquanto me sentia a flutuar em direção à superfície, contorci-me e virei-me o melhor que pude, para que o ar quente da noite me chegasse primeiro ao nariz, e respirei. Não estava morto e não ia morrer.

Bem, pensei eu, não foi assim tão mau.

Mas ainda havia a pequena questão de chegar a terra antes que o sol nascesse. Primeiro, determinar a minha posição em relação à linha costeira. Se inclinasse demais a cabeça, sentia o corpo todo começar a andar à roda, e, na longa lista de maneiras desagradáveis de se morrer, “de cara para baixo com boxers brancos encharcados” está bem lá no topo. Portanto resolvi revirar os olhos e esticar o pescoço para trás, com os olhos quase debaixo de água, até ver que a costa – a cerca de três metros de distância – estava mesmo por trás da minha cabeça. Comecei a nadar, qual sereia prateada sem braços, utilizando apenas as ancas para gerar movimento, até o meu rabo roçar finalmente no fundo imundo do lago. Nessa altura, virei-me e usei as ancas e a cintura para rebolar três vezes, até chegar a terra, ao lado de uma toalha verde esfiapada. Tinham-me deixado uma toalha. Que atenciosos.

A água tinha vertido para debaixo da fita adesiva e afrouxara a aderência à minha pele, mas havia sítios em que eu estava enrolado em três camadas de fita, o que me obrigava a contorcer-me como um peixe fora de água. Por fim, soltou-se o suficiente para que eu conseguisse deslizar a minha mão esquerda para cima do peito, de modo a rasgar a fita.

Enrolei-me na toalha cheia de areia. Não queria voltar para o meu quarto e ver Chip, porque não fazia ideia do que Kevin quisera dizer – se calhar, quando eu regressasse ao quarto, eles estariam à minha espera para me apanharem a sério; talvez eu tivesse de lhes mostrar que “muito bem, já percebi a mensagem, mas ele é só meu companheiro de quarto, não é meu amigo”. E, fosse como fosse, eu não sentia uma simpatia por aí além pelo Coronel. *Divirtam-se*, dissera ele. *Pois sim*, pensei eu. *Diverti-me à grande.*

Sendo assim, fui para o quarto de Alaska. Não sabia que horas eram, mas consegui ver uma luz ténue debaixo da porta dela. Bati ao de leve.

– Sim – disse ela, e eu entrei, molhado e cheio de areia e sem mais nada vestido a não ser uma toalha enrolada e uns boxers encharcados. É óbvio que não é assim que se quer que a rapariga mais boazona do mundo nos veja, mas eu achei que ela poderia explicar-me o que tinha acabado de acontecer.

Ela pousou um livro e saiu da cama com um lençol à volta dos ombros. Por um instante, pareceu preocupada. Pareceu-me a rapariga que eu tinha conhecido no dia anterior, a rapariga que disse que eu era giro e que transbordava de energia e tolice e inteligência. E depois riu-se.

– Parece que foste dar um mergulho, hã? – E disse-o com uma malícia tão despreocupada, que eu senti que toda a gente sabia, e pus-me a pensar no motivo que levaria toda a maldita escola a concordar antecipadamente com o possível afogamento de Miles Halter. Mas Alaska *gostava* do Coronel, e, na confusão do momento, eu limitei-me a olhar para ela com um olhar vago, sem sequer saber ao

certo o que perguntar.

– Poupa-me – disse ela. – Vá lá. Sabes que mais? Há pessoas com problemas a sério. Eu tenho problemas a sério. A mamã não está cá, portanto, anima-te, matulão.

Saí sem lhe dizer uma palavra e fui para o meu quarto, batendo com a porta atrás de mim, acordando o Coronel e entrando na casa de banho com passos pesados. Entrei para o chuveiro para me libertar das algas e do lago, mas a torneira ridícula do duche falhou de modo espetacular, e como é que Alaska e Kevin e aqueles outros rapazes podiam já não gostar de mim? Depois de terminar o duche, sequei-me e entrei no quarto à procura de roupa.

– Então? – disse ele. – Porque é que demoraste tanto tempo? Perdeste-te a caminho de casa?

– Eles disseram que foi por tua causa – disse eu, com a voz a trair uma ponta de irritação. – Disseram que não devia andar metido contigo.

– O quê? Não, isso acontece a toda a gente – disse o Coronel.

– Também me aconteceu a mim. Atiram-nos para o lago. Nadamos de lá para fora. Voltamos a pé para casa.

– Eu não podia simplesmente nadar de lá para fora – disse eu, com calma, vestindo uns calções de ganga por baixo da toalha. – Eles embrulharam-me em fita adesiva. Nem sequer me conseguia mexer.

– Espera. Espera lá – disse ele, saltando para fora do beliche e fitando-me na escuridão. – Eles *embrulharam-te em fita adesiva*? Como? – E eu demonstrei-lhe: pus-me de pé como uma múmia, com os pés juntos e as mãos nos flancos, e mostrei-lhe como me tinham enrolado. E depois deixei-me cair no sofá.

– Credo! Podias ter morrido afogado! A ideia era apenas atirar-te para dentro de água em roupa interior e fugir! – gritou ele. – Que diabo estavam eles a pensar? Quem foi? O Kevin Richman e quem mais? Lembras-te das caras deles?

– Sim, acho que sim.

– Por que diabo fariam eles isso? – indagou-se ele.

– Fizeste-lhes alguma coisa? – perguntei.

– Não. Mas é certo e sabido que agora vou fazer. Havemos de os apanhar.

– Não foi nada de mais. Saí de lá na boa.

– Podias ter *morrido*.

E podia, acho eu. Mas não morri.

– Bem, se calhar é melhor ir ter com o Águia amanhã e contar-lhe – disse eu.

– Nem pensar nisso – respondeu ele. Encaminhou-se para os calções amarrotados que estavam no chão e tirou de lá um maço de tabaco. Acendeu dois cigarros e passou-me um. Fumei aquela coisa maldita até ao fim. – Não vais contar nada – prosseguiu – porque não é assim que resolvemos as cenas aqui. E além disso, não vais querer ficar com fama de chibo. Mas havemos de tratar desses sacanas, Badocha. Prometo. Hão de arrepender-se de se ter metido com um dos meus amigos.

E se o Coronel pensava que chamar-me seu amigo iria fazer-me ficar do seu

lado, bem, ele estava certo. – A Alaska foi mazinha para mim hoje à noite – disse eu. Debrucei-me, abri uma gaveta vazia da secretária e usei-a como cinzeiro improvisado.

– Como já te disse, ela é temperamental.

Fui para a cama de *T-shirt*, calções e peúgas. Por mais miseravelmente quente que ficasse, decidi que haveria de dormir vestido todas as noites no Creek, sentindo – provavelmente pela primeira vez na vida – o medo e a excitação de viver num sítio onde nunca se sabe o que vai acontecer, nem quando.

Cento e Vinte e Seis Dias Antes

– BEM, AGORA É GUERRA – gritou o Coronel na manhã seguinte. Virei-me na cama e olhei para o relógio: 7h52. A minha primeira aula em Culver Creek, Francês, começava dali a dezoito minutos. Pisquei os olhos um par de vezes e ergui o olhar para o Coronel, que estava parado entre o sofá e a MESA DE CENTRO, segurando pelos atacadores nos seus ténis gastos e outrora brancos. Durante um bom bocado, ele fitou-me a mim e eu a ele. E foi então que, quase em câmara lenta, um sorriso assolou o rosto do Coronel.

– Tenho de ir entregar-lhos – disse ele, por fim. – Foi muito inteligente.

– O quê? – perguntei.

– Ontem à noite – antes de te acordarem, suponho – mijaram nos meus ténis.

– Tens a certeza? – perguntei, tentando não me rir.

– Importas-te de cheirar? – perguntou ele, segurando os ténis na minha direção.

– Porque eu adiantei-me e cheirei-os, e sim, tenho a certeza. Se há coisa que reconheço, é quando acabo de pisar o mijo de outro homem. A minha mãe dizia-me sempre: “Pensas que estás a caminhar sobre água, mas na verdade tens apenas mijo nos sapatos.” Diz-me quem são esses gajos, se os vires hoje – acrescentou ele –, porque precisamos de perceber porque é que estão tão lixados comigo. E depois temos de avançar e começar a pensar em como iremos desgraçar-lhes as vidinhas miseráveis.

Quando recebi o Manual de Culver Creek no verão e reparei que a secção de “Código de Vestuário” continha apenas as palavras *simplicidade informal*, nunca me passou pela cabeça que as raparigas iriam aparecer nas aulas meio a dormir e vestidas com calções de pijama de algodão, *T-shirt* e chinelos. Simples, suponho eu, e informal.

E *havia* algo no facto de as raparigas estarem vestidas de pijama (ainda que simples) que poderia ter tornado tolerável a aula de Francês às 8h10 da manhã, se eu tivesse alguma ideia do que a Madame O'Malley estava a dizer. *Comment dis-tu* “Oh, meu Deus, não sei francês suficiente para passar a Francês II” *en français*? A minha disciplina de Francês I na Florida não me preparou para a Madame O'Malley, que saltou as delicadezas do “como foi o vosso verão” e mergulhou diretamente numa coisa chamada *passé composé*, que é, ao que parece, um tempo verbal. Alaska sentou-se mesmo à minha frente no círculo de secretárias, mas não olhou para mim nem uma vez durante toda a aula, apesar de eu reparar em pouco

mais do que ela. Talvez ela pudesse ser má... mas a maneira como falou naquela primeira noite acerca de sair do labirinto – tão inteligente.

E o modo como a sua boca se curvava constantemente para cima do lado direito, como se estivesse a preparar-se para sorrir com malícia, como se tivesse dominado a metade direita do sorriso inimitável da *Mona Lisa*...

Vista do meu quarto, a população estudantil parecia controlável, mas era avassaladora na zona das salas de aula, que consistia num único edifício logo a seguir ao círculo dos dormitórios. O edifício estava dividido em catorze salas viradas para o lago. O pessoal aglomerava-se nos passadiços estreitos à frente das salas, e, embora não fosse difícil encontrar as minhas aulas (mesmo com o meu fraco sentido de orientação, consegui ir da aula de Francês na Sala 3 para a de Pré-Cálculo na Sala 12), senti-me enervado durante todo o dia. Não conhecia ninguém e nem sequer conseguia perceber quem é que deveria estar a tentar conhecer, e as aulas eram *difíceis*, mesmo no primeiro dia. O meu pai tinha-me dito que eu teria de estudar, e eu já acreditava nele. Os professores eram sérios e inteligentes, e muitos deles eram tratados por “Dr.”, por isso, quando chegou a hora da minha última aula antes de almoço, Religiões Mundiais, senti um alívio tremendo. Como era um resquício dos tempos em que Culver Creek era uma escola para rapazes cristãos, supus que a aula de Religiões Mundiais, obrigatória para caloiros e finalistas, pudesse ser um 20, nas calmas.

Foi a minha única aula no dia inteiro em que as secretárias não estavam dispostas em quadrado ou em círculo, por isso, não querendo parecer ganancioso, sentei-me na terceira fila às 11h03. Estava sete minutos adiantado, primeiro porque gostava de ser pontual, segundo porque não tinha ninguém com quem conversar nos corredores. Passado pouco tempo, entrou o Coronel com Takumi, que se sentaram em lados opostos a mim.

– Ouvi falar da noite de ontem – disse Takumi. – A Alaska está furiosa.

– Que estranho; ela ontem foi uma besta – desabafei.

Takumi abanou a cabeça. – Pois, bem, ela não sabia a história toda. E as pessoas são temperamentais, bacano. Tens de te habituar a viver com pessoas. Podias ter piores amigos do que...

O Coronel interrompeu-o. – Já chega de conversa de psicólogo, Dr. Phil. Vamos falar de contra-insurreição. – As pessoas começavam a entrar na sala em fila indiana, por isso o Coronel inclinou-se para mim e sussurrou: – Se algum deles estiver nesta aula, avisa-me, está bem? Olha, põe uma cruz no lugar onde estão sentados.

– Arrancou uma folha de papel do seu caderno e desenhou um quadrado para cada secretária. Enquanto as pessoas entravam, vi um deles – o alto com o cabelo imaculadamente espetado – Kevin. Kevin mirou o Coronel de alto a baixo quando passou por ele, mas, ao tentar fixar o olhar nele, esqueceu-se de ver por onde ia e bateu com a coxa numa secretária. O Coronel riu-se. Um dos outros rapazes, aquele que ou era um bocadinho gordo ou fazia exercício a mais, surgiu por detrás

de Kevin, exibindo umas calças de pregas caqui e um polo preto de mangas curtas. Quando se sentaram, fiz uma cruz nos quadrados correspondentes no diagrama do Coronel e entreguei-lho. Nesse preciso instante, entrou o Velhote a arrastar os pés.

Respirava lentamente e com grande esforço pela boca bem aberta. Deu passinhos pequenos em direção ao atril, sem que os calcanhares se afastassem muito dos dedos dos pés. O Coronel acotovelou-me e apontou de modo casual para o seu caderno, onde se lia “O Velhote só tem um pulmão”, e eu não duvidei. A sua respiração audível e quase desesperada fez-me lembrar o meu avô quando estava a morrer de cancro no pulmão. Idoso e de peito atrofiado, parecia-me a mim que o Velhote poderia morrer antes mesmo de chegar ao estrado.

– O meu nome é Dr. Hyde – disse ele. – Tenho um nome próprio, claro está. No que toca ao vosso conhecimento, é Doutor. Os vossos pais pagam uma grande quantia de dinheiro para vocês frequentarem esta escola, e eu espero que retribuam o investimento deles lendo aquilo que eu vos mandar ler, quando eu vos mandar ler, e assistindo a esta aula de modo consistente. E, enquanto aqui estiverem, vão ouvir o que eu disser. – Não era claramente um 20 nas calmas.

– Este ano iremos estudar três tradições religiosas: o islão, o cristianismo e o budismo. Abordaremos mais três tradições no próximo ano. E, nas minhas aulas, irei falar durante a maior parte do tempo e vocês irão ouvir durante a maior parte do tempo. Porque vocês podem ser inteligentes, mas eu sou inteligente há mais tempo. Decerto alguns de vocês não gostam de aulas de palestra, mas, como já devem ter reparado, eu já não vou para novo. Adoraria gastar o fôlego que me resta a tagarelar convosco acerca dos pontos mais agradáveis da história islâmica, mas o nosso tempo juntos é curto. Eu tenho de falar e vocês têm de ouvir, pois estamos aqui envolvidos na mais importante demanda da história: a procura do sentido. Qual é a natureza de se ser uma pessoa? Qual é a melhor maneira de se ser uma pessoa? Como é que começámos a ser e o que será de nós quando deixarmos de ser? Em suma: quais são as regras deste jogo e qual a melhor maneira de o jogarmos?

“A natureza do labirinto”, escrevinhei no meu caderno de argolas, “e a maneira de sair dele”. Este professor era um espetáculo. Eu detestava aulas de debate. Detestava falar e detestava ouvir todos os outros a tropeçar nas próprias palavras para tentar verbalizar coisas da maneira mais vaga possível, de modo a não parecerem burros, e detestava o modo como tudo aquilo não passava de um jogo para tentar descobrir o que o professor queria ouvir, para depois o dizer. Estou numa *aula*, portanto, *ensine-me*. E ele assim fez: naqueles cinquenta minutos, o Velhote fez-me levar a religião a sério. Eu nunca tinha sido religioso, mas ele disse-nos que a religião é importante quer acreditemos numa delas ou não, do mesmo modo que os acontecimentos históricos são importantes quer os tenhamos vivido pessoalmente ou não. E depois atribuiu-nos cinquenta páginas de leitura para o dia seguinte – de um livro chamado *Estudos Religiosos*.

Nessa tarde, tive duas aulas e dois períodos livres. Tínhamos nove períodos de aulas de cinquenta minutos por dia, o que significa que quase toda a gente tinha

três “períodos de estudo” (à exceção do Coronel, que tinha uma aula suplementar de estudo independente de Matemática devido a ser um Génio Extra Especial). Eu e o Coronel tínhamos Biologia juntos, e foi nessa aula que lhe aponteí o outro tipo que me embrulhara em fita adesiva na noite anterior. No canto superior do seu caderno, o Coronel escreveu: “Longwell Chase. Guerreiro do Fim de Semana Finalista. Amigo da Sara. Estranho.” Demorei um minuto a lembrar-me de quem era Sara: a namorada do Coronel.

Passei os meus períodos livres no meu quarto a tentar ler acerca de religião. Aprendi que *mito* não quer dizer mentira; quer dizer história tradicional que nos diz algo acerca de um povo e do modo como este vê o mundo e aquilo que considera sagrado. Interessante. Aprendi também que, depois dos acontecimentos da noite anterior, estava demasiado cansado para me importar com mitos ou com o que quer que fosse, por isso dormi por cima das cobertas durante a maior parte da tarde, até acordar com Alaska a cantar “ACORDA, BADOCHAZIIINHO!” diretamente no meu canal auditivo esquerdo. Segurei o livro de religião bem apertado contra o peito, como um pequeno cobertor de segurança em capa mole.

– Isso foi terrível – disse eu. – O que é que eu preciso de fazer para garantir que isso nunca mais me torna a acontecer?

– Não há nada que possas fazer! – disse ela, com entusiasmo. – Eu sou imprevísivel. Meu Deus, não odeias o Dr. Hyde? Não? É tão condescendente.

Sentei-me direito e disse: – Eu acho que ele é um génio. – Disse-o em parte porque achava que era verdade e em parte porque me apetecia discordar dela.

Ela sentou-se na cama. – Dormes sempre vestido?

– Sim.

– Tem graça – disse ela. – Ontem à noite não tinhas muita roupa vestida. – Limitei-me a lançar-lhe um olhar furioso.

– Vá lá, Badocha. Estou a meter-me contigo. Aqui tens de ser rijo. Eu não sabia a gravidade da coisa – e lamento e eles hão de arrepender-se –, mas tu tens de ser rijo. – E depois saiu. Era tudo o que tinha a dizer sobre o assunto. *Ela é gira*, pensei eu, *mas não precisas de gostar de uma rapariga que te trata como se tivesses dez anos: já tens uma mãe.*

Cento e Vinte e Dois Dias Antes

DEPOIS DA MINHA ÚLTIMA AULA na primeira semana em Culver Creek, entrei no Quarto 43 e tive uma visão algo inesperada: o diminuto Coronel, em tronco nu, curvado sobre uma tábua de engomar, a atacar uma camisa cor-de-rosa. Escorria-lhe suor da testa e do peito enquanto passava a ferro com grande entusiasmo, com o braço direito a empurrar o ferro ao comprimento da camisa com tal vigor, que a sua respiração quase se equiparava à do Dr. Hyde.

– Tenho um encontro – explicou ele. – Trata-se de uma emergência. – Fez uma pausa para recuperar o fôlego. – Sabes... – ofegou – ... passar a ferro?

Encaminhei-me para a camisa cor-de-rosa. Estava tão enrugada como uma velhota que passou a juventude a apanhar banhos de sol. Se ao menos o Coronel não enrodilhasse todos os seus pertences e os enfiasse em gavetas ao acaso... –

Acho que é só ligar o ferro e fazer força contra a camisa, certo? – disse eu. – Não sei. Nem sequer sabia que *tínhamos* um ferro.

– Não temos. É do Takumi. Mas o Takumi também não sabe engomar. E quando pedi à Alaska, ela começou a gritar: “Não me vais impor o paradigma patriarcal.” Valha-me Deus, preciso de fumar. Preciso de fumar, mas não posso cheirar a tabaco quando estiver com os pais da Sara. Ora, que se lixe. Vamos fumar na casa de banho com o chuveiro ligado. O chuveiro deita vapor. O vapor acaba com as rugas, certo?

– A propósito – disse ele, enquanto eu o seguia para a casa de banho. – Se quiseres fumar cá dentro durante o dia, basta que lighes o chuveiro. O fumo vai atrás do vapor pelo respiradouro acima.

Embora isto não tivesse grande razão de ser científica, parecia dar resultado. A falta de pressão da água do duche e o chuveiro baixinho tornava-o quase inútil para o banho, mas era ótimo para disfarçar o fumo.

Infelizmente, dava um mau ferro. O Coronel tentou engomar a camisa mais uma vez (“Vou só fazer bastante força para ver se ajuda.”), mas acabou por vesti-la enxovalhada. Combinou a camisa com uma gravata azul decorada com fileiras horizontais de pequenos flamingos cor-de-rosa.

– A única coisa que o inútil do meu pai me ensinou – disse o Coronel, enquanto as suas mãos manobravam com agilidade a gravata num nó perfeito – foi a fazer um nó de gravata. O que é estranho, uma vez que não imagino quando é que ele tenha tido de usar alguma.

Nesse momento, Sara bateu à porta. Eu já a tinha visto uma ou duas vezes, mas o Coronel nuca ma apresentou, e nessa noite também não teve oportunidade para isso.

– Oh. Meu Deus. Não podes pelo menos passar a camisa a ferro? – perguntou ela, apesar de o Coronel estar parado à frente da tábua de engomar. – Vamos sair com os meus *pais*. – Sara estava com ótimo aspeto, com o seu vestido azul de verão. Tinha o cabelo louro comprido puxado para cima num torcido, com uma madeixa de cabelo a cair-lhe de cada lado da cara. Parecia uma estrela de cinema – das rabugentas.

– Ouve, fiz o melhor que pude. Nem todos temos empregadas para nos passar a roupa a ferro.

– Chip, essa lasca que tens no ombro faz-te parecer ainda mais baixo.

– Credo, não podemos sair pela porta sem discutir?

– Só estou a avisar. Vamos à *ópera*. Os meus pais dão muita importância a isso. Não importa. Vamos embora. – Apetecia-me sair dali, mas parecia-me uma parvoíce ir esconder-me na casa de banho, e Sara estava parada à porta, com uma mão na anca e a outra a mexericar nas chaves do carro.

– Eu podia vestir um *smoking*, que os teus pais odiavam-no na mesma! – gritou ele.

– A culpa não é minha. És tu que os provocas! – Levantou as chaves do carro diante dele. – Olha, ou vamos agora ou não vamos.

– Que se lixe. Não vou a lado nenhum contigo – disse o Coronel.

– Tudo bem. Passa uma ótima noite. – Sara bateu com a porta com tanta força, que uma biografia de tamanho considerável de Leo Tolstói (últimas palavras: “A verdade é que... importo-me bastante... com o facto de eles...”) tombou da minha estante e aterrou com estrondo no nosso chão axadrezado como se fosse um eco da porta a bater.

– AHHHHH!!!!!!!!!! – berrou ele.

– Então era esta a Sara – disse eu.

– Sim.

– Parece simpática.

O Coronel riu-se, ajoelhou-se junto do minifrigorífico e tirou de lá um garrafão de leite. Abriu-o, deu um gole, estremeceu, tossiu e sentou-se no sofá com o leite no meio das pernas.

– Está azedo, ou assim?

– Oh, já te devia ter dito. Isto não é leite. São cinco partes de leite e uma parte de vodca. Chamo-lhe ambrósia. Bebida dos deuses. Mal se sente o cheiro da vodca no leite, por isso o Águia só consegue apanhar-me se der um golinho. A desvantagem é que sabe a leite azedo com álcool etílico, mas é sexta-feira à noite, Badocha, e a minha namorada é uma cabra. Queres um bocadinho?

– Acho que passo. – À parte alguns goles de champanhe na noite de passagem de ano sob o olhar atento dos meus pais, eu nunca tinha bebido álcool, e a “ambrósia” não me parecia a bebida certa para começar. Ouvi o telefone da cabine a tocar lá fora. Uma vez que há 190 alunos a partilhar cinco cabines, eu estava espantado com a pouca frequência com que tocava. Nós não devíamos ter telemóveis, mas eu já tinha reparado que alguns dos Guerreiros do Fim de Semana os usavam de modo sub-reptício. E a maior parte dos não Guerreiros telefonavam com regularidade aos pais, tal como eu fazia, portanto os pais só ligavam quando os filhos se esqueciam.

– Vais atender? – perguntou-me o Coronel. Não me apetecia andar por ali às ordens dele, mas também não me apetecia discutir.

Através de um crepúsculo infestado de bicharada, encaminhei-me para a cabine telefónica, que estava fixa à parede entre os Quartos 44 e 45. De ambos os lados do telefone havia dezenas de números de telefone e notas esotéricas escritas a caneta e marcador (205.555.1584; *Tommy ao aeroporto 4:20*; 773.573.6521; *JG – Kuffs?*). Usar a cabine exigia uma grande dose de paciência. Atendi mais ou menos ao nono toque.

– Podes chamar-me o Chip? – perguntou Sara. Parecia estar a falar de um telemóvel.

– Sim, espera aí.

Quando me virei, já ele estava atrás de mim, como se soubesse que iria ser ela. Passei-lhe o auscultador e voltei para o quarto.

Passado um minuto, três palavras atravessaram o ar espesso e parado do Alabama ao cair da noite até chegarem ao nosso quarto.

– Vai-te lixar também! – gritou o Coronel.

De volta ao quarto, sentou-se com a sua ambrósia e disse-me: – Ela diz que fui eu que chibei o Paul e a Marya. É o que os Guerreiros andam a dizer. Que eu os chibei. *Eu*. Daí o mijo nos ténis. Daí o quase te terem matado. Porque vives comigo e eles dizem que eu sou chibo.

Tentei lembrar-me de quem eram Paul e Marya. Os nomes eram-me familiares, mas eu ouvira imensos nomes na última semana e não conseguia ligar “Paul” e “Marya” a nenhum rosto. E depois lembrei-me do motivo: nunca os tinha visto. Haviam sido expulsos no ano anterior, depois de cometerem o Tríplico.

– Há quando tempo namoras com ela? – perguntei.

– Há nove meses. Nunca nos demos bem. Quer dizer, eu nem por breves instantes gostei dela. Tipo, a minha mãe e o meu pai – o meu pai irritava-se e dava uma carga de porrada na minha mãe. E depois o meu pai ficava todo querido e eles tinham uma espécie de período de lua-de-mel. Mas com a Sara nunca há um período de lua-de-mel. Céus, como é que ela pôde pensar que eu era chibo? Já sei, já sei: porque é que não acabamos? – Passou a mão pelo cabelo, agarrando numa mão-cheia de cabelos no cocuruto da cabeça, e disse: – Acho que continuo com ela porque ela continua comigo. E isso não é uma coisa fácil de se fazer. Eu sou um mau namorado. Ela é uma má namorada. Merecemo-nos um ao outro.

– Mas...

– Não posso crer que pensem isso – disse ele, ao dirigir-se à estante para tirar de lá o almanaque. Deu um grande gole na sua ambrósia. – Malditos Guerreiros do Fim de Semana. O mais certo é ter sido um deles a chibar o Paul e a Marya, e depois culparam-me para encobrir os indícios. Seja como for, está uma boa noite para se ficar em casa. Ficar em casa com o Badocha e a ambrósia.

– Eu ainda... – disse eu, querendo dizer que não conseguia compreender como é que se podia beijar alguém que acreditava que éramos chibos, se ser-se chibo é a pior coisa do mundo, mas o Coronel interrompeu-me.

– Nem mais uma palavra sobre o assunto. Sabes qual é a capital da Serra Leoa?

– Não.

– Eu também não – disse ele –, mas tenciono descobrir. – E dito isto, enfiou o nariz no almanaque e a conversa terminou.

Cento e Dez Dias Antes

ACOMPANHAR AS AULAS revelou-se mais fácil do que eu esperava. A minha predisposição geral para passar muito tempo em casa a ler conferiu-me uma nítida vantagem sobre o aluno médio de Culver Creek. À terceira semana de aulas, havia imensos miúdos queimados do sol, com uma cor castanha dourada semelhante à dos *bufritos*, devido aos dias passados à conversa à porta dos dormitórios durante os períodos livres. Mas eu pouco passava de cor-de-rosa. Eu estudava.

E também prestava atenção nas aulas, mas, nessa manhã de quarta-feira, quando o Dr. Hyde começou a falar do modo como os budistas acreditam que todas as coisas estão inter-relacionadas, dei por mim a olhar pela janela. Estava a

observar a colina arborizada e ligeiramente inclinada do outro lado do lago. E, da perspectiva da sala de aula de Hyde, as coisas pareciam mesmo ligadas: as árvores pareciam revestir a colina, e, tal como eu nunca pensaria em reparar num fio de algodão em particular no magnificamente justo top de alças cor de laranja que Alaska vestia nesse dia, também não conseguia ver as árvores pela floresta – tudo interligado de um modo tão intrincado, que não fazia sentido pensar numa árvore como sendo independente daquela colina. E foi então que ouvi o meu nome e percebi que estava em apuros.

– Sr. Halter – disse o Velhote –, eis-me aqui a esforçar os meus pulmões para a sua edificação. E, no entanto, *algo* lá fora parece ter chamado a sua atenção de uma maneira que eu não fui capaz de igualar. Diga-me, por obséquio: o que descobriu aí fora?

Senti a minha própria respiração a encurtar, com toda a turma a olhar para mim, agradecendo a Deus o facto de *não estarem* na minha pele. O Dr. Hyde já o tinha feito três vezes, expulsar o pessoal da aula por não estarem a prestar atenção ou por escreverem bilhetes uns aos outros.

– Hmm, estava só a olhar lá para fora, para a, hmm, colina e a pensar, hmm, nas árvores e na floresta, como o professor estava a dizer há pouco, quando falou do modo como...

O Velhote, que obviamente não tolerava divagações vocalizadas, interrompeu-me. – Vou pedir-lhe que saia da aula, Sr. Halter, para que possa ir lá fora descobrir a relação entre as árvores hmm e a floresta hmm. E amanhã, quando estiver pronto a levar esta aula a sério, acolherei o seu regresso.

Fiquei sentado e imóvel, com a caneta parada na mão, o caderno aberto, o rosto corado e o maxilar inferior a projetar-se em relação ao superior, uma velha artimanha que eu usava para não parecer triste ou assustado. Duas filas atrás de mim, ouvi uma cadeira a mexer, virei-me para trás e vi Alaska a levantar-se, arremessando a mochila por cima de um braço.

– Peço desculpa, mas só pode estar a gozar. Não pode simplesmente expulsá-lo da aula. O professor fala e fala sem parar durante uma hora todos os dias e a nós não nos é permitido olhar pela *janela*?

O Velhote fitou Alaska como um touro fita um matador, depois levou a mão ao rosto flácido e esfregou lentamente a barba branca por fazer. – Durante cinquenta minutos por dia, cinco dias por semana, vocês obedecem às minhas regras. Caso contrário, chumbam. A escolha é vossa. Saíam os dois.

Enfie o caderno na mochila e saí, humilhado. Quando a porta se fechou atrás de mim, senti uma palmadinha no ombro esquerdo. Virei-me, mas não estava lá ninguém. Depois virei-me para o outro lado e Alaska estava a sorrir para mim, com a pele entre os olhos e a têmpora enrugada como uma estrela a explodir. – O truque mais antigo dos manuais – disse ela –, mas toda a gente cai.

Tentei fazer um sorriso, mas não conseguia parar de pensar no Dr. Hyde. Foi pior do que o incidente com a fita adesiva, porque eu sempre soube que os Kevins Richmans do mundo não gostavam de mim. Mas os meus professores sempre

tinham sido membros honorários do Clube de Fãs do Miles Halter.

– Eu disse-te que ele era um cretino.

– Continuo a achar que é um génio. Ele tem razão. Eu não estava a prestar atenção.

– Certo, mas ele não precisava de agir como um parvalhão. Como se precisasse de demonstrar o seu poder ao humilhar-te?! Aliás – disse ela – os únicos verdadeiros génios são artistas. Yeats, Picasso, García Márquez: *génios*. Dr. Hyde: velhote amargo.

E então ela anunciou que íamos procurar trevos de quatro folhas até ao fim da aula e que podíamos ir fumar com o Coronel e Takumi. – Que são – acrescentou ela – uns cretinos do pior, por não terem saído da aula logo atrás de nós.

Quando Alaska Young está sentada de pernas cruzadas sobre um tapete de trevos quebradiços e temporariamente verdes, inclinada para a frente em busca de trevos de quatro folhas, deixando bem visível a pele clara do seu considerável decote, é um facto evidente da fisiologia humana que se torna impossível uma pessoa juntar-se a ela na demanda por trevos. Eu já me tinha metido em sarilhos suficientes por olhar para onde não devia, mas, ainda assim...

Passados cerca de dois minutos a vasculhar um tapete de trevos com as unhas compridas e sujas, Alaska agarrou num trevo com três pétalas totalmente desenvolvidas e um caule demasiado pequeno de uma quarta, e ergueu os olhos para mim, quase não me dando tempo de desviar o olhar.

– Apesar de *claramente* não estares a fazer a tua parte na busca do trevo, seu tarado – disse ela, de modo sarcástico –, eu até te dava este trevo. Só que a sorte é para os trouxas. – Espremeu a pétala atrofiada entre as unhas do polegar e do indicador e arrancou-a. – Pronto – disse ela ao trevo ao deixá-lo cair no chão. – Assim já não és uma aberração genética.

– Hã, obrigado – disse eu. A campanha soou e Takumi e o Coronel foram os primeiros a sair pela porta. Alaska lançou-lhes um olhar fixo.

– O que é que foi? – perguntou o Coronel. Mas ela limitou-se a revirar os olhos e começou a andar. Seguimos em silêncio através do círculo dos dormitórios e depois pelo campo de futebol. Baixámo-nos para passar o bosque, seguindo o ténue trilho em redor do lago até chegarmos a uma estrada de terra. O Coronel correu para Alaska e eles começaram a discutir sobre qualquer coisa de modo silencioso o suficiente para eu não conseguir perceber as palavras, apenas a irritação mútua, e por fim lá perguntei a Takumi para onde nos dirigíamos.

– Esta estrada acaba no celeiro – disse ele. – Portanto, talvez para aí. Mas provavelmente ao Recanto do Fumo. Logo vê.

Visto dali, o bosque era uma criatura completamente diferente do que da aula do Dr. Hyde. O terreno estava cheio de galhos caídos, agulhas de pinheiro em decomposição e arbustos verdes espinhosos; o trilho contornava pinheiros esguios e altos, cujas agulhas afiadas forneciam uma sombra rendilhada em mais um dia de sol escaldante. E o carvalho mais pequeno e os bordos, que, da sala de aula do Dr. Hyde, eram visíveis por debaixo dos mais majestosos pinheiros, indiciavam uma

queda ainda imprevisível em termos térmicos: as folhas ainda verdes começavam a cair.

Chegámos a uma instável ponte de madeira – era apenas contraplacado apoiado sobre um alicerce de cimento – sobre Culver Creek, o regato serpenteante que retrocedia incansavelmente o seu curso pelos arredores das instalações da escola. Do lado oposto da ponte havia um trilho minúsculo que descia por uma encosta íngreme. Nem chegava a ser um trilho, era apenas uma série de indícios – um galho partido aqui, um retalho de erva pisada acolá – de que já houvera pessoas a passar por ali. Enquanto caminhávamos em fila indiana, Alaska, o Coronel e Takumi seguravam à vez um galho espesso de bordo, passando-o uns aos outros, até que eu, o último da fila, o deixei voltar ao sítio atrás de mim. E ali, por debaixo da ponte, um oásis. Uma laje de cimento, com quase um metro de largura e três metros de comprimento, com três cadeiras azuis de plástico roubadas há muito tempo de uma qualquer sala de aula. Refrescado pelo regato e pela sombra da ponte, foi a primeira vez em semanas que não senti calor.

O Coronel forneceu os cigarros. Takumi passou; os restantes de nós acenderam-nos.

– Só estou a dizer que ele não tem o direito de ser condescendente em relação a todos nós – disse Alaska, continuando a sua conversa com o Coronel. – O Badocha já não vai olhar pela janela e eu estou farta de diatribes acerca disso, mas ele é uma nódoa enquanto professor, e não vão convencer-me do contrário.

– Tudo bem – disse o Coronel. – Mas não faças mais nenhuma cena. Credo, quase mataste o desgraçado.

– A sério, nunca irás ganhar nada por irritares o Hyde – disse Takumi. – Ele come-te viva, caga-te em cima e depois mija na própria merda. O que, a propósito, era o que devíamos estar a fazer a quem quer que tenha chibado a Marya. Alguém ouviu alguma coisa?

– Deve ter sido um Guerreiro do Fim de Semana qualquer – disse Alaska. – Mas, aparentemente, eles acham que foi o Coronel. Portanto, sabe-se lá. Talvez o Águia tenha tido sorte. Ela foi burra, foi apanhada, foi expulsa, ponto final. É o que acontece às pessoas que são burras e são apanhadas. – Alaska fez um O com os lábios, mexendo a boca como um peixinho dourado a comer, tentando, sem sucesso, exalar anéis de fumo.

– Ena! – disse Takumi – Se eu alguma vez for expulso, lembra-me para me vingar por minha conta e risco, já que decerto não poderei contar contigo.

– Não sejas ridículo – respondeu ela, mais desdenhosa do que zangada. – Não percebo porque é que estás tão obcecado em descobrir tudo o que acontece aqui, como se tivéssemos de desvendar todos os mistérios. Acabou, valha-me Deus. Takumi, tens de parar de roubar os problemas aos outros e arranjar alguns para ti. – Takumi quis recomeçar, mas Alaska levantou a mão como se quisesse enxotar a conversa.

Eu não disse nada – não conhecia Marya e, aliás, “ouvir em silêncio” era a minha estratégia social generalizada.

– Seja como for – disse Alaska para mim –, achei horrível a maneira como ele te tratou. Apeteceu-me chorar. Só queria beijar-te e melhorar as coisas.

– Que pena não o teres feito – disse eu, de modo inexpressivo, fazendo todos rir.

– És adorável – disse ela, e, sentindo a intensidade dos olhos dela em mim, desviei o olhar com nervosismo. – A chatice é que eu amo o meu namorado. – Fitei as raízes nodosas das árvores na margem do regato, esforçando-me para não ter o aspeto de quem acabou de ser apelidado de adorável.

Takumi também não podia acreditar, por isso encaminhou-se para mim e, afagando-me o cabelo com a mão, começou a *rappar* para Alaska. – Pois, o Badocha é adorável / mas tu queres um que seja implacável / e o Jake é mais tolerável / porque ele é tão... bolas! Bolas! Quase consegui fazer quatro rimas com adorável. Mas só me lembrava de *assoalhável*, que nem sequer é uma palavra.

Alaska riu-se. – Isso fez-me deixar de estar zangada contigo. Meu Deus, o *rap* é sensual. Badocha, sabias sequer que estavas na presença do MC mais estiloso de Alabama?

– Hã... não.

– Marca o ritmo, Coronel Catástrofe – disse Takumi, e eu achei graça à ideia de um tipo baixinho e aparvalhado como o Coronel poder ter uma alcunha de *rap*. O Coronel pôs as mãos em concha à volta da boca e começou a fazer uns barulhos absurdos que eu supus tencionarem ser batidas. *Puh-chi. Puh-puhpuh-chi*. Takumi ria-se.

– Mesmo aqui, ao pé do rio, queres que lhe dê com a alma? Se o teu fumo fosse um sorvete, eu lambia-o com calma / As minhas rimas são das antigas, como se fossem romanas / As batidas do Coronel são tristes como as toadas mexicanas / Já me acusaram de dar nas vistas como um mano / Mas eu sei rimar depressa e devagar, bacano.

Fez uma pausa, respirou fundo e terminou.

– Como a Emily Dickinson, não tenho medo de imperfeições / E assim acaba este verso, com o MC a criar emoções.

Eu não conseguia distinguir imperfeições em rimas, mas estava bastante impressionado. Demos uma suave salva de palmas a Takumi. Alaska acabou de fumar o seu cigarro e lançou-o com um piparote ao rio.

– Porque é que fumas tão depressa, caraças?

Ela olhou para mim e sorriu abertamente, e um sorriso tão aberto no seu rosto estreito poderia ter parecido apatetado se não fosse o verde irreprovavelmente elegante dos seus olhos. Sorriu com todo o deleite de uma criança na manhã de Natal e disse: – Vocês fumam por prazer. Eu fumo para morrer.

Cento e nove dias antes

O JANTAR NO REFEITÓRIO na noite seguinte era rolo de carne, um dos raros pratos que não chegava encharcado em óleo e, talvez em resultado disso, o maior fracasso de Maureen – uma mistela fibrosa ensopada em caldo que não se assemelhava a um rolo e que não sabia muito a carne. Embora eu nunca tenha andado nele, ao que

parece, Alaska tinha um carro e ofereceu-se para me levar a mim e ao Coronel ao McDonald's, mas o Coronel não tinha dinheiro nenhum e eu também não tinha muito, uma vez que andava constantemente a pagar o seu hábito extravagante de tabaco.

Por isso, eu e o Coronel optámos por reaquecer *bufritos* com dois dias – ao contrário das batatas fritas, por exemplo, um *bufrito* aquecido no microondas não perdia nenhum do seu sabor nem do seu satisfatório crocante – e depois o Coronel insistiu em ir assistir ao primeiro jogo de basquetebol da época do Creek.

– Basquetebol no outono? – perguntei ao Coronel. – Não percebo grande coisa de desporto, mas essa não é época de jogar futebol americano?

– As escolas da nossa liga são demasiado pequenas para ter equipas de futebol americano, por isso no outono jogamos basquetebol. Se bem que a equipa de futebol americano de Culver Creek haveria de ser uma beleza, bacano. O teu rabo escanzelado era capaz de começar na posição de avançado. Seja como for, os jogos de basquetebol são ótimos.

Eu detestava desporto. Detestava desporto e detestava as pessoas que o praticavam, e detestava as pessoas que iam assistir e detestava as pessoas que não detestavam as pessoas que praticavam ou assistiam a desporto. No terceiro ano – o último ano em que se podia jogar tee-ball – a minha mãe queria que eu fizesse amigos, por isso obrigou-me a entrar para os Piratas de Orlando. De facto, fiz amizades – com um bando de miúdos da pré-primária que, na verdade, não impulsionava o meu estatuto social junto dos meus pares. Sobretudo por ser mais alto do que os restantes jogadores, nesse ano quase cheguei à equipa de estrelas de tee-ball. Clay Wurtzel, o miúdo que me ganhou, só tinha um braço. Eu era invulgarmente alto para um aluno do terceiro ano, tinha dois braços e fui ultrapassado por Clay Wurtzel, que andava na pré-primária. E não foi por uma questão de pena pelo miúdo que só tinha um braço. Não havia dúvidas de que Clay Wurtzel sabia *bater a bola*, enquanto eu até com a bola parada no apoio conseguia falhar. Uma das coisas que mais me atraiu em Culver Creek foi a garantia dada pelo meu pai de que não havia requisitos para Educação Física.

– Só há uma altura em que ponho de lado o meu ódio figadal pelos Guerreiros do Fim de Semana e as tretas deles dos clubes de campo – disse-me o Coronel –, que é quando eles põem a bombar o ar-condicionado do pavilhão gimnodesportivo para um bocadinho de basquetebol de Culver Creek à moda antiga. Não podes perder o primeiro jogo do ano.

Enquanto nos encaminhávamos para o hangar de aviões que servia de pavilhão gimnodesportivo, que eu já tinha visto mas do qual nunca pensara sequer em aproximar-me, o Coronel explicou-me o facto mais importante em relação à nossa equipa de basquetebol: não era grande coisa. A “estrela” da equipa, disse o Coronel, era um finalista chamado Hank Walsten, que jogava na posição de poste, apesar de medir apenas um metro e setenta e sete. Eu já sabia que a principal razão para a fama de Hank em campo era o facto de ter sempre erva, e o Coronel contou-me que, durante quatro anos, Hank começou todos os jogos, sem ter jogado sóbrio

uma única vez.

– Ele gosta tanto de erva como a Alaska gosta de sexo – disse o Coronel. – Estamos a falar de um homem que em tempos construiu um bongo usando apenas o cano de uma pressão de ar, uma pera madura e uma fotografia brilhante de 25 por 20 da Anna Kournikova. Não será a pedra preciosa mais reluzente da joalheria, mas não podemos deixar de admirar a sua dedicação obstinada ao consumo de drogas.

De Hank, contou-me o Coronel, a equipa ia em queda vertiginosa até Wilson Carbod, o base, que tinha quase um metro e oitenta e três de altura. – Somos tão maus – disse o Coronel –, que nem mascote temos. Eu digo que somos os Nadas de Culver Creek.

– Então eles não prestam para nada? – perguntei. Não percebia bem qual era o interesse de ver a nossa equipa terrível a ser derrotada, se bem que o ar-condicionado era razão suficiente para mim.

– Sim, não prestam para nada – respondeu o Coronel. – Mas damos sempre uma sova à escola dos surdos e cegos. – Ao que parece, o basquetebol não era uma grande prioridade da Escola de Alabama para Surdos e Cegos, portanto costumávamos acabar a época com uma única vitória.

Quando chegámos, o pavilhão gimnodesportivo estava apinhado com quase todos os alunos de Culver Creek – reparei, por exemplo, nas três raparigas góticas do Creek a retocarem o *eyeliner* enquanto se sentavam na última fila das bancadas do pavilhão. Na minha terra nunca tinha ido a um jogo de basquetebol escolar, mas duvidava que lá o público lá fosse tão abrangente. Mesmo assim, fiquei surpreendido quando mais ninguém a não ser Kevin Richman se sentou na bancada mesmo à minha frente, enquanto a claque da escola adversária (as suas infelizes cores eram castanho lama e amarelo mijo desidratado) tentava animar a pequena secção de visitantes do público. Kevin virou-se e fitou o Coronel.

Tal como a maioria dos outros Guerreiros, Kevin vestia-se à beto, parecendo um projeto de advogado que gosta de jogar golfe. E tinha o cabelo, uma esfregona loura, curto nos lados e espetado em cima, sempre tão ensochado em tanto gel que parecia perenemente molhado. É claro que eu não o odiava como o Coronel, porque o Coronel odiava-o por princípio, e o ódio por princípio é muito mais forte do que o ódio do “Meu, quem me dera que não me tivesses mumificado e atirado ao lago”. Ainda assim, tentei fitá-lo de modo intimidador quando ele olhou para o Coronel, mas era difícil esquecer que, há um par de semanas, este tipo me tinha visto o rabo esquelético tapado apenas por uns boxers.

– Chibaste o nosso Paul e a Marya. Nós vingámo-nos. Tréguas?

– perguntou Kevin.

– Não os chibei. Aqui o Badocha não os chibou, *de certeza*, mas vocês levaram-no para a vossa diversão. Tréguas? Deixa-me fazer uma sondagem muito rápida. – As meninas da claque sentaram-se, chegando os pompons ao peito como se estivessem a rezar. – Ó Badocha – disse o Coronel –, o que é que achas de umas tréguas?

– Faz-me lembrar quando os Alemães exigiram a rendição dos EUA na Batalha de Bulge – disse eu. – Acho que responderia à oferta de tréguas dele o mesmo que o general McAuliffe respondeu àquela: népia.

– Porque é que havias de tentar matar este gajo, Kevin? É um génio. Népia para as tuas tréguas.

– Vá lá, bacano. Sei que os chibaste, e nós tivemos de defender o nosso amigo e agora acabou-se. Vamos pôr fim a isto. – Parecia muito sincero, talvez devido à reputação do Coronel em relação a pregar partidas.

– Proponho-te um acordo. Escolhes um presidente americano morto. Se o Badocha não souber quais foram as últimas palavras desse tipo, tréguas. Se souber, vais passar o resto da vida a lamentar o dia em que mijaste nos meus ténis.

– Isso é coisa de atrasado mental.

– Tudo bem, não há tréguas – ripostou o Coronel.

– Está bem. Millard Fillmore – disse Kevin. O Coronel olhou apressadamente para mim, com os olhos a perguntar: “Esse gajo foi presidente?” Eu limitei-me a sorrir.

– Quando Fillmore estava a morrer, estava esfomeado. Mas o médico dele estava a tentar acabar-lhe com a febre à fome, ou coisa parecida. Mas Fillmore não se calava com o desejo de comida, por isso o médico lá lhe deu uma colherzinha de chá com sopa. E, todo sarcástico, Fillmore disse “O nutrimento é agradável ao palato”, e depois morreu. Não há tréguas.

Kevin revirou os olhos e afastou-se, e foi então que me ocorreu que eu podia ter inventado as últimas palavras de Millard Fillmore que quisesse, que Kevin provavelmente iria acreditar em mim, se eu usasse aquele mesmo tom de voz, com a confiança do Coronel a influenciar-me.

– Foi o teu primeiro momento de valentão! – O Coronel riu-se.

– Bem, é verdade que te dei um alvo fácil. Mas mesmo assim. Estiveste bem.

Infelizmente para os Nadas de Culver Creek, não estávamos a jogar contra a escola de surdos e cegos. Estávamos a jogar contra uma escola cristã qualquer da baixa de Birmingham, uma equipa recheada de símios enormes e gigantescos com barbas espessas e um forte repúdio por oferecer a outra face.

No final do primeiro tempo: 20-4.

E foi então que começou a diversão. O Coronel conduziu todos os incitamentos.

– Broa de milho! – gritou ele.

– GALINHA! – respondeu o público.

– Arroz!

– FEIJÃO!

E depois, todos juntos: – TEMOS MELHORES NOTAS NOS EX AMES DE ADMISSÃO.

– Hip Hip Hurra! – gritou o Coronel.

– UM DIA HÃO DE TR ABALHAR PAR A NÓS!

As meninas da claqué da equipa adversária tentaram responder aos nossos incitamentos com: “O telhado, o telhado, o telhado está a arder! Se cederem ao desejo, é o Inferno que vão ver!”, mas nós conseguíamos sempre levar a melhor.

– Compra!

– VENDE!

– Troca!

– DÁ!

– VOCÊS SÃO MAIORES, MAS MAIS ESPERTOS QUE NÓS NÃO HÁ!

Em praticamente qualquer campo do país, quando os visitantes fazem um lançamento livre, os adeptos fazem imenso barulho, gritando e batendo com os pés. Não dá resultado, porque os jogadores aprendem a desligar-se do ruído de fundo. Em Culver Creek, tínhamos uma estratégia muito melhor. Primeiro, toda a gente gritava e berrava como num jogo normal. Mas depois toda a gente fazia “Chiu!” e tudo ficava em silêncio absoluto. No preciso instante em que o nosso odiado adversário parava de driblar e se preparava para o lançamento, o Coronel levantava-se e gritava qualquer coisa. Tipo:

– Por amor de Deus, rapa os pelos das costas, por favor!

Ou:

– Preciso de ser salvo. Podes dar-me uma missa depois do lançamento?

Quase no final do terceiro tempo, o treinador da escola cristã pediu um desconto de tempo e fez queixa do Coronel ao árbitro, apontando para ele com fúria. Perdíamos por 56-13. O Coronel levantou-se. – O quê?! Tens um problema comigo?!

O treinador gritou: – Estás a incomodar os meus jogadores!

– É ESSA A IDEIA, Ó SHERLOCK! – gritou o Coronel. O árbitro aproximou-se e expulsou-o do pavilhão gimnodesportivo. Eu fui atrás dele.

– Já fui expulso de trinta e sete jogos – disse ele.

– Bolas!

– Pois. Uma vez ou outra, tive de mesmo de perder a cabeça. Houve uma vez que corri para o meio do campo quando faltavam onze segundos e roubei a bola à outra equipa. Não foi bonito. Mas, sabes como é. Tenho uma reputação a manter.

O Coronel foi a correr à minha frente, contente com a sua expulsão, e eu acompanhei-o em passo de corrida. Eu queria ser uma dessas pessoas com uma reputação a manter, que cauterizam o chão com a sua intensidade. Mas, por agora, pelo menos conhecia pessoas assim, e elas precisavam de mim, tal como os cometas precisam das caudas.

Cento e Oito Dias Antes

NO DIA SEGUINTE, o Dr. Hyde pediu-me para ficar depois da aula. Parado diante dele, apercebi-me pela primeira vez da corcunda que tinha nos ombros, e ele pareceu-me subitamente triste e um pouco velho. – Gostas desta aula, não gostas? – perguntou.

– Sim, senhor.

– Tens uma vida inteira para meditares acerca da ideia budista de interligação.
– Proferia cada frase como se a tivesse escrito e decorado e agora estivesse a recitá-la. – Mas, enquanto olhavas pela janela, perdeste a oportunidade de explorar a igualmente interessante crença dos budistas do estar presente em todas as facetas da nossa vida quotidiana, verdadeiramente presente. Estar presente nesta aula. E depois, quando a aula acabar, estar presente lá fora – disse ele, acenando com a cabeça em direção do lago e mais além.

– Sim, senhor.

Cento e Um Dias Antes

NA PRIMEIRA MANHÃ de outubro, percebi que havia algo de errado assim que acordei o suficiente para desligar o despertador. A cama tinha um cheiro estranho. E uma sensação estranha. Demorei um minuto zozno a perceber: eu estava com *frio*. Bem, no mínimo, a pequena ventoinha enganchada no meu beliche pareceu-me subitamente desnecessária. – Está frio! – gritei.

– Valha-me Deus, que horas são? – ouvi por cima de mim.

– Oito e quatro – respondi.

O Coronel, que não tinha despertador mas acordava quase sempre para tomar duche antes de o meu disparar, balançou as pernas curtas para o lado da cama, saltou lá para baixo e foi a correr para a cómoda. – Calculo que tenha perdido a minha janela de oportunidade para tomar duche – disse ele, enquanto vestia uma *T-shirt* a dizer BASQUETEBOL DE CULVER CREEK e um par de calções. – Não faz mal. Amanhã é outro dia. E não está frio. Devem estar uns vinte e sete graus.

Grato por ter dormido todo vestido, bastou-me calçar os sapatos e eu e o Coronel partimos em passo de corrida para as aulas. Sentei-me no meu lugar com vinte segundos para gastar. A meio da aula, a Madame O'Malley virou-se para escrever qualquer coisa em francês no quadro e Alaska passou-me um bilhete.

Belo cabelo de cama. Estudo no McDonald's ao almoço?

O nosso primeiro teste significativo de Pré-Cálculo estava a apenas dois dias de distância, por isso Alaska agarrou nos seis miúdos de Pré-Cálculo que ela não considerava Guerreiros do Fim de Semana e empilhou-nos no seu minúsculo carro azul de duas portas. Por feliz coincidência, uma rapariga gira do décimo ano chamada Lara acabou sentada no meu colo. Lara nascera na Rússia, ou coisa parecida, e falava com um ligeiro sotaque. Uma vez que estávamos a apenas quatro camadas de roupa de o fazer, aproveitei a oportunidade para me apresentar.

– Eu sei quem tu és. – Sorriu. – És o *amigo* da Alaska da *Floriida*.

– Sim. Prepara-te para uma data de perguntas parvas, porque eu sou uma nódoa a Pré-Cálculo – disse eu.

Ela começou a responder, mas depois foi de novo atirada para cima de mim, quando Alaska saiu disparada do parque de estacionamento.

– Pessoal, apresento-vos o Citrino Azul. Assim chamado por se tratar de um limão – disse Alaska. – Citrino Azul, apresento-te o pessoal. Se conseguirem encontrá-los, é melhor apertarem os cintos de segurança. Badocha, se calhar é melhor fazeres de cinto de segurança para a Lara. – Aquilo que faltava ao carro em

velocidade, era compensado por Alaska, que se recusava a tirar o pé do acelerador, sem querer saber das consequências. Ainda nem tínhamos saído das instalações da escola e já Lara balançava de modo indefeso sempre que Alaska fazia curvas apertadas, por isso aceitei o conselho de Alaska e envolvi a cintura de Lara com os meus braços.

– *Obriigada* – disse ela, de modo quase inaudível.

Depois de uns rápidos mas imprudentes cinco quilómetros até ao McDonald's, pedimos sete doses grandes de batatas fritas para repartir. Alaska dava a aula, fumando ao mesmo tempo que comia.

Tal como qualquer bom professor, ela tolerava pouca divergência. Fumou e falou e comeu sem parar durante uma hora, enquanto eu escrevinhava no meu caderno à medida que as águas turvas das tangentes e dos co-senos começavam a clarificar-se. Mas nem toda a gente tinha a mesma sorte.

Enquanto Alaska abordava rapidamente qualquer coisa óbvia relativa a equações lineares, o jogador/pedrado Hank Walsten disse: – Espera, espera. Não percebo.

– Isso é porque só tens oito neurónios a funcionar.

– Os estudos demonstram que a marijuana faz melhor à saúde do que esses cigarros – disse Hank.

Alaska engoliu uma porção de batatas fritas, deu um bafo no cigarro e exalou o fumo por cima da mesa em direção a Hank. – Posso morrer jovem – disse ela –, mas, pelo menos, morro inteligente. Agora, voltemos às tangentes.

Cem Dias Antes

– NÃO QUERENDO FAZER a pergunta óbvia, mas, porquê *Alaska*?

– perguntei. Tinha acabado de receber o teste de Pré-Cálculo e estava inundado de admiração por Alaska, uma vez que as explicações dela tinham aberto caminho para o meu Bom. Eu e ela estávamos sentados sozinhos na sala da televisão, a ver a MTV num sábado sombrio e enublado. Mobilada com sofás deixados por gerações anteriores de alunos de Culver Creek, a sala da televisão tinha um ar bafiento e cheirava a pó e a mofo – e, talvez por esse motivo, estava quase sempre desocupada. Alaska deu um gole no *Mountain Dew* e pôs as minhas mãos nas delas.

– Acaba sempre por surgir. Muito bem, então, a minha mãe era um bocado *hippie* quando eu era miúda. Sabes como é, vestia camisolas largachonas que ela própria tricotava, fumava imensas ganzas, etc. E o meu pai era um republicano, no verdadeiro sentido da palavra, por isso, quando eu nasci, a minha mãe queria chamar-me Harmony Springs Young e o meu pai queria chamar-me Mary Frances Young. – Enquanto falava, balançava a cabeça para a frente e para trás ao som da música da MTV, embora a canção fosse o tipo de balada pop fabricada que ela professava detestar. – Portanto, em vez de me chamarem Harmony ou Mary, concordaram em deixar-me decidir. Então, quando eu era pequena, chamavam-me Mary. Quer dizer, chamavam-me querida, ou assim, mas, nos formulários da escola e cenas dessas, escreviam *Mary Young*. E foi assim que, no meu sétimo

aniversário, o meu presente foi poder escolher o meu nome. Altamente, não é? Por isso passei o dia inteiro a olhar para o globo do meu pai, à procura de um nome que fosse mesmo fixe. A minha primeira escolha foi Chad, como o país africano. Mas depois o meu pai disse que esse era nome de rapaz e eu escolhi Alaska.

Quem me dera que os meus pais me tivessem deixado escolher o *meu* nome. Mas eles adiantaram-se e escolheram o único nome atribuído há um século aos primogénitos da família Halter. – Mas porquê Alaska? – perguntei-lhe.

Ela sorriu com o lado direito da boca. – Bem, mais tarde descobri o que significava. Deriva de uma palavra aleúta, *Alyeska*. Significa “aquilo contra o qual o mar se quebra”, e eu adoro. Mas, naquela altura, vi o Alasca lá em cima e pronto. E era grande, como eu também queria ser. E estava bem longe de Vine Station, no Alabama, como eu também queria estar.

Ri-me. – E agora já crescestes o suficiente e estás bastante longe de casa – disse eu, a sorrir. – Portanto, parabéns. – Ela parou de balançar a cabeça e largou-me a (infelizmente transpirada) mão.

– Sair não é fácil – disse ela, em tom sério, com os olhos postos nos meus como se eu conhecesse a saída e não lhe quisesse dizer. E depois pareceu mudar de assunto de repente. – Tipo, depois da Faculdade, sabes o que quero fazer? Dar aulas a miúdos com dificuldades. Sou boa professora, verdade? Ora bolas, se consigo ensinar-te Pré-Cálculo a ti, consigo ensinar a toda a gente. Talvez até a putos com autismo.

Falava de maneira calma e ponderada, como se estivesse a contar-me um segredo, e eu inclinei-me para ela, subitamente avassalado pela sensação de que tínhamos de nos beijar, de que devíamos beijar-nos naquele momento, no poeirento sofá cor de laranja cheio de queimaduras de cigarro e décadas de pó acumulado. E era o que teria feito: teria continuado a inclinar-me em direção a ela até se tornar necessário inclinar a cara para me desviar do seu nariz celestial e teria sentido o impacto dos seus lábios tão suaves. Era o que teria feito. Mas ela afastou-se de repente.

– Não – disse ela, e, a princípio, eu não sabia dizer se ela estava a ler-me a mente obcecada por beijos ou a responder a si própria em voz alta. Virou-me as costas e, baixinho, talvez para os seus botões, disse: – Credo, não vou ser uma daquelas pessoas que fica sentada a falar acerca do que vai fazer. Vou fazer e pronto. Imaginar o futuro é uma espécie de nostalgia.

– Hã? – perguntei.

– Passamos a vida inteira encurralados no labirinto, a pensar em como sairemos dele um dia e em como será espetacular, e a imaginar que o futuro nos mantém a andar, mas nunca de lá saímos. Limitamo-nos a usar o futuro para fugir ao presente.

Acho que aquilo fazia sentido. Eu imaginara a vida no Creek mais empolgante do que era – na verdade, tinha havido mais trabalhos de casa do que aventura –, mas, se não a tivesse imaginado assim, nunca teria vindo para o Creek.

Virou-se para a televisão, que agora estava a dar o anúncio de um carro, e fez

uma piada acerca de o Citrino Azul precisar do seu próprio anúncio. Imitando a paixão de voz grave dos locutores comerciais, disse: – É pequeno, é lento e é merdoso, mas anda. Às vezes. Citrino Azul: Procure o Vendedor de Carros Usados da Sua Área. – Mas eu queria falar mais acerca dela e de Vine Station e do futuro.

– Às vezes não te percebo – disse eu.

Ela nem me relanceou. Apenas sorriu para a televisão e disse: – Nunca me percebes. Essa é que é essa.

Noventa e nove dias antes

PASSEI A MAIOR PARTE do dia seguinte deitado na cama, mergulhado no desgraçadamente desinteressante mundo ficcional de *Ethan Frome*, enquanto o Coronel estava sentado à secretária, desvendando os segredos das equações diferenciais, ou coisa parecida. Embora tentássemos racionar as nossas pausas para um cigarro no meio do vapor do chuveiro, ficámos sem tabaco antes do anoitecer, necessitando de uma ida ao quarto de Alaska. Ela estava deitada no chão, segurando um livro por cima da cabeça.

– Vamos fumar – disse ele.

– Ficaste sem cigarros, não foi? – perguntou ela, sem olhar para cima.

– Bem, sim.

– Tens cinco dólares? – inquiriu ela.

– Não.

– Badocha? – perguntou ela.

– Sim, está bem. – Tirei uma nota de cinco do bolso e Alaska entregou-me um maço de vinte de *Marlboro Lights*. Sabia que iria fumar talvez uns cinco, mas, enquanto eu subsidiasse o hábito de fumar do Coronel, ele não poderia atacar-me por ser mais um puto rico, um Guerreiro do Fim de Semana que só não se dava o caso de viver em Birmingham.

Agarrámos em Takumi e descemos até ao lago, escondidos atrás de umas árvores, a rir-nos. O Coronel exalava anéis de fumo, que Takumi apelidava de “pretensiosos”, enquanto Alaska seguia os anéis de fumo com os dedos, espetando-os como se fosse uma criança a tentar rebentar bolhas.

E foi então que ouvimos um galho a quebrar-se. Podia ter sido um veado, mas o Coronel desatou a fugir na mesma. Uma voz mesmo atrás de nós disse: – Não fujas, Chipper. – E o Coronel parou, deu meia volta e regressou para junto de nós como um cordeirinho.

O Águia encaminhou-se para nós devagar, com os lábios franzidos em repulsa. Tinha vestida uma camisa branca e uma gravata preta, como sempre. Lançou-nos a todos, a um de cada vez, o Olhar da Sentença.

– Vocês cheiram todos ao mesmo que uma plantação de tabaco da Carolina do Norte a arder – disse ele.

Ficámos em silêncio. Senti-me péssimo de uma maneira desproporcionada, como se tivesse acabado de ser apanhado a fugir da cena de um homicídio. Será que ele ia telefonar aos meus pais?

– Vemo-nos no Júri amanhã às cinco – anunciou ele, afastando-se em seguida.

Alaska agachou-se, apanhou o cigarro que tinha deitado fora e recomeçou a fumar. O Águia deu meia volta, com o seu sexto sentido a detetar Insubordinação às Figuras da Autoridade. Alaska largou o cigarro e pisou-o. O Águia abanou a cabeça e, embora devesse estar louco de raiva, juro por Deus que sorriu.

– Ele adora-me – disse-me Alaska, enquanto regressávamos ao círculo dos dormitórios. – Também vos adora a vocês todos. Só que adora mais a escola. Aí é que está. Acha que apanhar-nos em flagrante é bom para a escola e bom para nós. É a eterna luta, Badocha. O Bom contra o Malcomportado.

– Estás extremamente filosófica, para quem acabou de ser apanhada – disse-lhe eu.

– Às vezes perde-se uma batalha. Mas a travessura ganha sempre a guerra.

Noventa e Oito Dias Antes

um dos aspetos singulares do Creek era o Júri. Todos os semestres, o corpo docente elegia doze alunos, três de cada turma, para fazer parte do Júri. O Júri atribuíam castigos para os delitos não punidos com expulsão, que iam desde o ficar na rua depois da hora do recolher obrigatório até ao fumar. Regra geral, era fumar ou estar no quarto de uma rapariga depois das sete. Então, a pessoa apresentava-se perante o Júri, expunha o seu caso e eles ditavam o castigo. O Águia desempenhava a função de Juiz, e tinha o direito de invalidar o veredito do Júri (tal como acontece no sistema judicial americano a sério), mas quase nunca o fazia.

Encaminhei-me para a Sala de Aula 4 logo após a minha última aula – quarenta minutos mais cedo, por uma questão de segurança. Sentei-me de costas para a parede a ler o meu manual de História Americana (uma espécie de leitura terapêutica para mim, para ser sincero), até Alaska aparecer e se sentar ao meu lado. Mordia o lábio inferior e eu perguntei-lhe se estava nervosa.

– Bem, sim. Escuta, senta-te sossegado e não fales – disse-me ela. – *Tu* não precisas de estar nervoso. Mas esta foi a sétima vez que fui apanhada a fumar. Só não quero que... que se lixe. Não quero irritar o meu pai.

– A tua mãe fuma, ou assim? – perguntei.

– Já não – disse Alaska. – Está tudo bem. Vais ficar bem.

Só comecei a preocupar-me quando já eram 4h50 e nem o Coronel nem Takumi se tinham apresentado. Os membros do Júri entraram em fila, um a um, passando por nós sem estabelecer qualquer contacto visual, o que me fez sentir pior. Às 4h56 contei todos os doze, mais o Águia.

Às 4h58, o Coronel e Takumi deram a volta à esquina em direção às salas de aula.

Nunca vi nada assim. Takumi trazia uma camisa branca engomada e uma gravata vermelha com cornucópias pretas; o Coronel vestia a sua camisa cor-de-rosa enxovalhada e a gravata dos flamingos. Entraram a passo, de cabeça erguida e os ombros para trás, como se fossem uns quaisquer heróis de um filme de ação.

Ouvi Alaska a suspirar. – O Coronel está a fazer o seu andar à Napoleão.

– Está tudo bem – disse-me o Coronel. – Não digas nada.

Entrámos – dois de nós a usar gravata e dois de nós com *T-shirts* esfiapadas – e

o Águia bateu com um martelo a sério no estrado diante dele. O Júri estava sentado em fila por detrás de uma mesa retangular. Na parte da frente da sala, ao lado do quadro de ardósia, estavam quatro cadeiras. Depois de nos sentarmos, o Coronel explicou exatamente o que tinha acontecido.

– Eu e a Alaska estávamos a fumar lá em baixo no lago. Costumamos sair do perímetro da escola, mas esquecemo-nos. Pedimos desculpa. Não tornará a acontecer.

Eu não sabia o que se estava a passar. Mas sabia qual era a minha função: ficar sentado sossegado e calado. Um dos miúdos olhou para Takumi e perguntou: – Então e tu e o Halter?

– Estávamos a fazer-lhes companhia – disse Takumi, com calma. Então, o miúdo virou-se para o Águia e perguntou: – Viu alguém a fumar?

– Só vi a Alaska, mas o Chip fugiu, o que me pareceu cobardia, tal como a cena da falsa inocência do Miles e do Takumi – disse o Águia, lançando-me o Olhar da Sentença. Eu não queria parecer culpado, mas não conseguia manter o olhar no dele, por isso decidi baixar os olhos para as minhas mãos.

O Coronel cerrou os dentes, como se a mentira lhe provocasse dor. – É a verdade, senhor.

O Águia perguntou se algum de nós queria dizer alguma coisa, depois quis saber se havia mais perguntas e depois mandou-nos sair da sala.

– Que diabo foi aquilo? – perguntei a Takumi, quando chegámos lá fora.

– Deixa-te estar sossegado, Badocha.

Porque é que Alaska confessou, se já se tinha metido em sarilhos tantas vezes? Porquê o Coronel, que literalmente não podia dar-se ao luxo de se meter em sarilhos a sério? Porque não eu? Eu nunca tinha sido apanhado em flagrante por nada. Era o que tinha menos a perder. Passados uns dois minutos, o Águia veio cá fora e fez-nos sinal para que tornássemos a entrar.

– Alaska e Chip – disse um membro do Júri –, vocês apanham dez horas de trabalho, a lavar pratos no refeitório, e ficam ambos a um problema de distância de um telefonema para casa. Takumi e Miles, não há nada nas regras que diga que não se pode ver os outros a fumar, mas o Júri lembrar-se-á da vossa história, se tornarem a quebrar as regras. É justo?

– É justo – disse Alaska rapidamente, com um alívio óbvio. Quando ia a caminho da porta para sair, o Águia obrigou-me a virar-me. – Não abuse dos seus privilégios nesta escola, jovem, ou vai arrepender-se. – Assenti com a cabeça.

Oitenta e Nove Dias Antes

– ARRANJÁMOS-TE UMA NAMORADA – disse-me Alaska. Mas ainda ninguém me explicara o que tinha acontecido na semana anterior com o Júri. Contudo, isso não parecia ter afetado Alaska, que estava a) no nosso quarto depois de escurecer, com a porta fechada e b) a fumar um cigarro sentada no sofá maioritariamente de espuma. Tinha enfiado uma toalha no fundo da nossa porta e insistira que era seguro, mas eu estava preocupado – com o cigarro e com a “namorada”.

– A única coisa que preciso de fazer agora – disse ela – é convencer-te a gostar

dela e convencê-la a gostar de ti.

– Tarefas hercúleas – realçou o Coronel. Estava deitado no beliche de cima, a ler para a aula de Inglês. *Moby Dick*.

– Como é que consegues ler e conversar ao mesmo tempo?

– perguntei.

– Bem, não costumo conseguir, mas nem o livro nem a conversa são particularmente desafiantes a nível intelectual.

– Eu gosto desse livro – disse Alaska.

– Sim. – O Coronel sorriu e debruçou-se para olhar para ela a partir do beliche de cima. – Não é de estranhar. Uma enorme baleia branca é uma metáfora para tudo. Tu vives para metáforas pretensiosas.

Alaska estava imperturbável. – Então, Badocha, o que é que pensas do antigo Bloco Soviético?

– Hã... Sou a favor?

Ela sacudiu a cinza do cigarro no meu estojo de lápis. Quase protestei, mas não valia a pena. – Estás a ver aquela rapariga da nossa turma de Pré-Cálculo? – perguntou Alaska. – Voz suave, diz *iisto* em vez de *isto*. Sabes quem é?

– Sim. A Lara. Foi sentada ao meu colo quando fomos ao McDonald's.

– Certo. Pois é. E ela gostou de ti. Pensavas que ela estava a debater pré-cálculo nas calmas, quando na verdade estava claramente a falar de fazer sexo tórrido contigo. E é por isso que precisas de mim.

– Ela tem uns grandes seios – disse o Coronel, sem levantar os olhos da baleia.

– NÃO TRATES O CORPO DA MULHER COMO UM OBJETO! – gritou Alaska.

Assim já ele levantou os olhos. – Desculpa. Seios empertigados.

– Não melhorou nada!

– Claro que melhorou – disse ele. – *Grandes* é um juízo de valor do corpo de uma mulher. *Empertigados* é uma mera observação. Eles *são* empertigados. Ora bolas.

– Não tens remédio – disse ela. – Mas então, ela acha-te giro, Badocha.

– Boa!

– Não quer dizer nada. O problema é que, se falares com ela, vais conduzir... hmm... hã... hmm... tudo para o desastre.

– Não sejas tão dura com ele – interrompeu o Coronel, como se fosse a minha mãe. – Céus! Já percebi a anatomia das baleias. Já podemos seguir em frente, Herman?

– Então, o Jake vai estar em Birmingham este fim de semana e nós vamos fazer uma saída de três casais. Bem, três e meio, uma vez que o Takumi também vai lá estar. Uma pressão muito baixa. Não vais poder lixar tudo porque eu vou estar lá sempre.

– Está bem.

– Quem é o meu par? – perguntou o Coronel.

– O teu par é a tua namorada.

– Tudo bem – disse ele, e depois fez um olhar vago –, mas nós não nos damos muito bem.

– Sexta-feira então? Tens planos para sexta-feira? – e depois ri-me, porque eu e o Coronel não tínhamos planos nem para esta sexta-feira nem para mais nenhuma outra sexta-feira para o resto da vida.

– Pensava que não. – Ela sorriu. – Agora temos de ir lavar pratos para o refeitório, Chipper. Meu Deus, os sacrifícios que eu faço.

Oitenta e Sete Dias Antes

A NOSSA SAÍDA A TRÊS CASAIS E MEIO até começou bem. Eu estava no quarto de Alaska – com o propósito de me arranjar uma namorada, ela concordara em engomar-me uma camisa verde – quando Jake apareceu. Com um cabelo louro pelos ombros, um restolho de barba escuro nas faces e o tipo de falsa rudeza que faz ganhar uma carreira como modelo de catálogo, Jake era tão bem-parecido como seria de esperar que fosse o namorado de Alaska. Ela saltou para cima dele e enrolou as pernas à sua volta (*Deus proíba que alguma vez alguém me faça aquilo*, pensei eu. *Caía logo*.) Eu já tinha ouvido Alaska a *falar* de beijos, mas, até então, ainda não a tinha visto aos beijos: enquanto ele a segurava pela cintura, ela inclinou-se para a frente, de lábios estendidos e afastados, a cabeça ligeiramente de lado, e envolveu a boca dele com tanta paixão que eu senti que devia virar a cara, mas não consegui. Passado um bom bocado, ela desenhenciou-se de Jake e apresentou-me.

– Este é o Badocha – disse ela. Eu e Jake demos um aperto de mão.

– Já ouvi falar muito de ti. – Ele falava com um ligeiro sotaque sulista, um dos poucos que ouvi fora do McDonald's. – Espero que a tua companhia dê bom resultado esta noite, porque eu não ia querer que me roubasses a Alaska.

– Meu Deus, és tão adorável – disse Alaska, antes que eu conseguisse responder, beijando-o de novo. – Desculpa – riu-se ela. – Parece que não consigo parar de beijar o meu namorado.

Vesti a minha camisa verde acabada de engomar e nós os três fomos buscar o Coronel, Sara, Lara e Takumi, para depois seguirmos para o pavilhão gimnodesportivo para assistirmos aos Nadas de Culver Creek a defrontar a Academia Harsden, um colégio privado diurno em Mountain Brook, o subúrbio mais abastado de Birmingham. O ódio do Coronel pelo Harsden ardia com o fogo de mil sóis. – A única coisa que eu odeio mais do que gente rica – disse-me ele, enquanto nos encaminhávamos para o pavilhão – é gente burra. E todos os miúdos da Harsden são ricos, e são todos demasiado burros para entrar no Creek.

Uma vez que supostamente estávamos numa saída e tudo, achei por bem sentar-me ao lado de Lara durante o jogo, mas, quando tentei passar por Alaska, já sentada, a caminho de Lara, Alaska lançou-me um olhar e deu uma palmadinha no lugar vazio ao lado dela nas bancadas.

– Não posso sentar-me ao lado da minha companhia? – perguntei.

– Badocha, um de nós foi rapariga a vida inteira. O outro nunca chegou à segunda base. Se eu fosse a ti, sentava-me, punha um ar querido e exibia o meu

lado agradavelmente reservado.

– Tudo bem. Como achares melhor.

Jake disse: – Essa é basicamente a minha estratégia para agradar à Alaska.

– Oh... – disse ela – tão querido! Badocha, já te contei que o Jake está a gravar um álbum com a banda dele? Eles são fantásticos. São uma espécie de mistura de Radiohead com The Flaming Lips. Já te disse que fui eu que inventei o nome deles, Hickman Territory? – E depois, reconhecendo que estava a ser tola: – Já te disse que o Jake é tão bem aparelhado como um cavalo e um amante lindo e sensual?

– Credo, querida – sorriu Jake. – Em frente dos miúdos, não. Eu queria odiar Jake, claro está, mas, quando os via juntos, a sorrir e a apalpar-se um ao outro, não o odiava. Queria *ser* ele, isso sim, mas tentava lembrar-me que estava numa saída ostensiva com outra pessoa.

A vedeta da equipa da Academia Harsden era um Golias com mais de dois metros chamado Travis Eastman, a quem toda a gente – desconfio que até a própria mãe – chamava A Besta. Da primeira vez que a Besta chegou à linha de lançamento livre, o Coronel não conseguiu evitar dizer palavrões, enquanto escarnecia:

– Deves tudo ao teu paizinho, seu grandessíssimo parolo!

A Besta virou-se para trás e lançou um olhar furioso, e o Coronel quase foi expulso a seguir ao primeiro lançamento livre, mas sorriu ao árbitro e disse: – Peço desculpa!

– Quero ficar a ver este um bom bocado – disse-me ele.

No início da segunda parte, com o Creek a perder por uma margem surpreendentemente mínima de vinte e quatro pontos e a Besta na linha de falta, o Coronel olhou para Takumi e disse: – Está na hora. – Takumi e o Coronel levantaram-se quando o público fez “Chiuuu...”.

– Não sei se esta é a melhor altura para te dizer isto – gritou o Coronel à Besta –, mas aqui o Takumi esteve a curtir com a tua namorada mesmo antes do jogo.

Isto provocou gargalhadas em toda a gente, menos na Besta, que virou costas à linha de lançamento livre e se encaminhou com calma, de bola na mão, na nossa direção.

– Acho que agora é para fugirmos – disse Takumi.

– Eu não fui expulso – respondeu o Coronel.

– Mais logo – disse Takumi.

Não sei se foi do estado geral de ansiedade de estar numa saída (embora fosse uma saída com a minha pretensa companhia sentada a cinco pessoas de distância de mim) ou do estado específico de ansiedade de ter a Besta a olhar de modo fixo na minha direção, mas, por algum motivo, desatei a correr atrás de Takumi. Pensei que estívéssemos safos quando começámos a contornar a esquina das bancadas, mas foi então que vi, pelo canto do olho, um objeto cilíndrico cor de laranja que aumentava cada vez mais, como um sol a aproximar-se com rapidez.

Pensei: *Acho que aquilo vai bater em mim.*

Pensei: *É melhor agachar-me.*

Mas, no período intermédio entre o que se pensa e o que se faz, a bola atingiu em cheio a parte lateral da minha cara. Caí, com a parte de trás da cabeça a embater contra o chão do pavilhão gimnodesportivo. Depois levantei-me de imediato, como se não estivesse magoado... e saí do pavilhão.

O orgulho tinha-me levantado do chão do pavilhão, mas, assim que me vi lá fora, sentei-me.

– Estou confuso – declarei, inteiramente seguro do meu autodiagnóstico.

– Estás ótimo – disse Takumi, enquanto voltava para trás, em passo de corrida, na minha direção. – Vamos sair daqui, antes que nos matem.

– Desculpa – disse eu. – Mas não consigo levantar-me. Sofri um ligeiro traumatismo craniano.

Lara veio a correr e sentou-se ao meu lado.

– Estás bem?

– Fiz um traumatismo craniano – disse eu.

Takumi sentou-se comigo e olhou-me nos olhos. – Sabes o que te aconteceu?

– Fui apanhado pela Besta.

– Sabes onde estás?

– Estou numa saída a três casais e meio.

– Estás ótimo – disse Takumi. – Vamos embora.

E foi então que me debrucei e vomitei nas calças de Lara. Não sei dizer por que razão não me inclinei para trás ou para o lado. Inclinei-me para a frente e a minha boca fez pontaria às calças de ganga dela – um belo par de calças de ganga, daqueles que realça o rabo, o tipo de calças que uma rapariga veste quando quer parecer gira sem dar a ideia de que está a tentar parecer gira – e sujei-as todas de vomitado.

A maior parte era manteiga de amendoim, mas era evidente a presença de algum milho também.

– Oh! – disse ela, surpreendida e ligeiramente horrorizada.

– Oh, meu Deus! – disse eu. – Peço imensa desculpa.

– Acho que podes ter um traumatismo craniano – disse Takumi, como se a ideia nunca tivesse sido sugerida.

– Estou a sofrer da náusea e tontura tipicamente associadas a um traumatismo craniano ligeiro – recitei. Enquanto Takumi ia buscar o Águia e Lara mudava de calças, eu fiquei deitado no passadiço de cimento. O Águia regressou com a enfermeira escolar, que me diagnosticou – vejam só – um traumatismo craniano, e depois Takumi levou-me de carro para o hospital, com Lara a conduzir na brasa. Ao que parece, eu ia deitado na parte de trás e repetia lentamente as palavras: – Os. Sintomas geralmente. Associados. Com. Traumatismo craniano.

Portanto, passei a minha saída no hospital com Lara e Takumi. O médico disse-me que fosse para casa e dormisse muito, mas certificando-me de que teria alguém a acordar-me de quatro em quatro horas, mais coisa menos coisa.

Lembro-me vagamente de Lara parada à porta, do quarto às escuras e do lado de fora às escuras e de tudo estar ameno e confortável mas algo rodopiante, com o

mundo a pulsar como um ritmo pesado de viola-baixo. E lembro-me vagamente de Lara a sorrir para mim à soleira da porta, da reluzente ambiguidade do sorriso de uma rapariga, que parece prometer uma resposta à pergunta mas nunca a dá. A pergunta, aquela que todos andamos a fazer desde que as miúdas deixaram de ser nojentas, a pergunta que é demasiado simples para ser descomplicada: será que ela gosta de mim ou *gosta* de mim? E depois caí num sono profundo e interminável e dormi até às três da manhã, hora a que o Coronel me acordou.

– Ela deixou-me – disse ele.

– Fiz um traumatismo craniano – respondi eu.

– Ouvi dizer. Daí estar a acordar-te. Jogo de vídeo?

– Tudo bem. Mas deixa ficar sem som. Dói-me a cabeça.

– Pois. Ouvi dizer que vomitaste para cima da Lara. Muito refinado.

– Deixou-te? – perguntei, levantando-me.

– Pois. A Sara disse ao Jake que eu tinha tesão pela Alaska. Por estas palavras.

Por esta ordem. E eu fiquei tipo: “Bem, não tenho tesão por *nada* neste preciso momento. Podes verificar, se quiseres.” E a Sara achou que eu estava demasiado à vontade, penso eu, porque nessa altura disse que sabia, com toda a certeza, que eu tinha curtido com a Alaska. O que, a propósito, é ridículo. Eu. Não. Traio – disse ele, e finalmente o jogo acabou de carregar e eu passei a ouvir só metade, enquanto conduzia um carro em círculos à volta de um circuito silencioso em Talladega. Os círculos deixavam-me enjoado, mas eu continuei.

– Então, basicamente, a Alaska ficou furiosa. – Depois, simulou a voz de Alaska, tornando-a mais estridente e indutora de dor de cabeça do que na verdade era. – “Nenhuma mulher devia mentir acerca de outra mulher! Violaste o pacto sagrado entre mulheres! Como é que dar facadas nas costas umas das outras vai ajudar as mulheres a suplantar a opressão patriarcal?!” E por aí em diante. E depois o Jake veio em defesa da Alaska, dizendo que ela nunca o trairia, porque o amava, e então eu disse: “Não te rales com a Sara. Ela gosta de intimidar as pessoas.” E depois a Sara perguntou-me porque é que nunca ficava do lado dela e, algures por aí, eu chamei-lhe cabra maluca, o que não correu particularmente bem. E então a empregada pediu-nos que saíssemos, por isso estávamos parados no parque de estacionamento quando ela disse “Para mim chega”, e eu limitei-me a fitá-la e ela disse: “A nossa relação acabou.”

Foi então que ele parou de falar. – A nossa relação acabou? – repeti eu. Sentia-me muito avoado, por isso achei que era melhor repetir a última frase do que o Coronel dizia, fosse lá o que fosse, para ele poder continuar a falar.

– Pois. Portanto, é isto. Sabes o que é que é ridículo, Badocha? É que eu gosto mesmo dela. Quer dizer, não havia nada a fazer por nós. Não combinávamos. Mas ainda assim. Quer dizer, eu disse-lhe que a amava. Perdi a virgindade com ela.

– Perdeste a virgindade com ela?

– Pois foi. Nunca te contei? Foi a única miúda com quem dormi. Não sei. Embora passássemos noventa e quatro por cento do tempo a discutir, estou mesmo triste.

– Estás mesmo triste?

– Mais triste do que pensava que iria ficar, pelo menos. Quer dizer, eu sabia que era inevitável. Não tivemos um momento agradável o ano inteiro. Desde que aqui cheguei, atirámo-nos um ao outro de modo implacável. Eu devia tê-la tratado melhor. Não sei. É triste.

– É triste – repeti eu.

– Quer dizer, é uma parvoíce sentir a falta de alguém com quem nem sequer nos dávamos bem. Mas, não sei, era agradável, sabes, ter alguém com quem podia sempre discutir.

– Discutir – disse eu, e depois, confuso, mal conseguindo conduzir, acrescentei – é agradável.

– Pois é. Não sei o que irei fazer agora. Quer dizer, foi bom tê-la. Eu sou maluco, Badocha. O que é que faço com isso?

– Podes discutir comigo – disse eu. Pousei o comando, recostei-me no nosso sofá de espuma e adormeci.

Enquanto ia adormecendo, ouvi o Coronel dizer: – Não consigo zangar-me contigo, seu sacana escanzelado inofensivo.

Oitenta e Quatro Dias Antes

TRÊS DIAS DEPOIS, começou a chuva. Ainda me doía a cabeça, e o galo de tamanho considerável sobre a minha têmpora esquerda parecia, de acordo com o Coronel, um mapa topográfico em miniatura da Macedónia, que eu dantes nem sabia que era um lugar, quanto mais um país. E, enquanto eu e o Coronel caminhávamos sobre a relva ressequida e meio morta nessa segunda-feira, eu disse:

– Acho que estamos a precisar de chuva. – E o Coronel olhou para cima, para as nuvens baixas que se aproximavam com rapidez e de modo ameaçador, e depois disse: – Bem, quer precisemos ou não, é certinho que ela vai cair.

E caiu mesmo. Vinte minutos depois do início da aula de Francês, a Madame O'Malley conjugava o verbo “acreditar” no conjuntivo. *Je croie. Tu croies. Il ou elle croie.* Disse-o vezes sem conta, como se fosse mais um mantra budista do que um verbo. *Que je croie; Que tu croies; Qu' il ou elle croie.* Que coisa tão engraçada para se dizer sem parar: Que eu acredite; que tu acredites; que ele ou ela acredite. *Acredite em quê?*, pensei eu, e, nesse preciso instante, chegou a chuva.

Surgiu de repente e numa torrente furiosa, como se Deus estivesse zangado e nos quisesse levar dali com a enxurrada.

Choveu dias e noites seguidos. Choveu tanto, que eu deixei de ver para lá do círculo dos dormitórios, que o lago inchou e transbordou para o baloiço, engolindo metade da praia falsa. Ao terceiro dia, abandonei o guarda-chuva por completo e passei a andar por ali num perpétuo estado molhado. No refeitório, tudo tinha o ligeiro sabor a ácido da água da chuva e tudo tresandava a mofo, e os duches tornaram-se ridiculamente desadequados, porque pressão de água era muito melhor em todo o maldito mundo do que nos chuveiros.

E a chuva transformou-nos a todos em eremitas. O Coronel passava todos os

momentos sem aulas sentado no sofá, a ler o almanaque e a jogar jogos de vídeo, e eu não sabia bem se ele queria conversar ou se queria apenas estar sentado na espuma branca a beber a sua ambrósia em paz.

Depois do desastre que foi a nossa “saída”, achei que era melhor não falar com Lara em nenhuma circunstância, com medo de sofrer um traumatismo craniano e/ou um ataque de vômitos, apesar de ela me ter dito na aula de Pré-Cálculo do dia seguinte que não tinha sido “nada de *ispecial*”.

E só via Alaska nas aulas e nunca podia falar com ela, porque chegava atrasada a todas as aulas e saía assim que dava o toque, antes mesmo que eu conseguisse tapar a caneta e fechar o caderno. Na quinta noite de chuva, entrei no refeitório totalmente preparado para voltar para o meu quarto e comer um *bufrito* requeentado ao jantar se Alaska e/ou Takumi não estivessem a comer (sabia muito bem que o Coronel estava no Quarto 43 a jantar leite com vodca). Mas fiquei, porque vi Alaska sentada sozinha, de costas para a janela riscada pela chuva. Agarrei num prato cheio de quiabo frito e sentei-me ao lado dela.

– Céus, parece que nunca mais vai acabar – disse eu, referindo-me à chuva.

– Verdade – disse ela. O cabelo molhado pendia-lhe da cabeça e tapava-lhe a maior parte da cara. Comi um bocado. Ela comeu um bocado.

– Como é que tens passado? – perguntei, por fim.

– Na verdade, não me apetece responder a perguntas que comecem por como, quando, onde, porquê ou o quê.

– O que é que se passa?

– Isso é um *o quê*. Neste momento não respondo a *o quês*. Muito bem, tenho de ir. – Franziu os lábios e expirou lentamente, como o Coronel fazia quando exalava o fumo.

– O que... – e então parei e reformulei a pergunta. – Eu fiz alguma coisa? – perguntei.

Ela recolheu o tabuleiro e levantou-se, antes de responder. – Claro que não, meu querido.

Meu querido soou a condescendente, nada romântico, como se um rapaz que estava a passar pelo seu primeiro dilúvio bíblico não pudesse de maneira nenhuma entender os problemas dela, fossem eles quais fossem. Tive de fazer um esforço sincero para não lhe revirar os olhos, embora ela nem sequer tenha reparado, quando saiu do refeitório com o cabelo a pingar-lhe para a cara.

Setenta e Seis Dias Antes

– SINTO-ME MELHOR – disse-me o Coronel no nono dia de temporal, quando se sentou ao meu lado na aula de Religião. – Tive uma epifania. Lembras-te daquela noite em que ela veio ao quarto e foi uma cabra completa?

– Sim. A ópera. A gravata dos flamingos.

– Certo.

– O que é que tem? – perguntei eu.

O Coronel tirou um caderno de argolas, que tinha a metade de cima encharcada, e foi rasgando as páginas até encontrar o seu lugar. – Foi essa a

epifania. Ela é uma cabra completa.

Hyde entrou a mancar, muito encostado a uma bengala preta. Ao encaminhar-se para a sua cadeira, realçou, com secura: – O meu joelho mais fraco está a avisar-me de que poderemos ter alguma chuva. Portanto, preparem-se. – Pôs-se diante da cadeira, inclinou-se para trás com cautela, agarrou nela com as duas mãos e deixou-se cair na cadeira com uma série de arquezos rápidos e superficiais – como uma mulher em trabalho de parto.

– Embora só precisem de o entregar daqui a mais de dois meses, vão receber hoje o tema para o trabalho deste semestre. Ora, tenho quase a certeza de que todos vocês leram o sumário desta aula com tal frequência e seriedade que já devem sabê-lo de cor. – Sorriu com alguma malícia. – Mas lembrem-se: Este trabalho representa cinquenta por cento da vossa nota. Aconselho-vos a levá-lo a sério. Agora, em relação a este tal de Jesus.

Hyde falou do Evangelho de São Marcos, que eu só tinha lido no dia anterior, apesar de ser cristão. Acho eu. Tinha ido à igreja, hã... umas quatro vezes. Mais vezes do que fui a uma mesquita.

Ele disse-nos que, no século I, por volta da época de Jesus, algumas das moedas romanas tinham gravada uma imagem do Imperador Augusto, e que por debaixo desta gravura estavam inscritas as palavras *FILIUS DEI*. O Filho de Deus.

– Estamos a falar – disse ele – de uma época em que os deuses tinham filhos. Não era assim tão invulgar ser-se filho de um deus. O milagre, pelo menos naquela época e naquele local, foi o de *Jesus* – um plebeu, um judeu, um zé-ninguém num império governado em exclusivo por aqueles que eram alguém – ser um filho *desse* Deus, o Deus todo-poderoso de Abraão e Moisés. O filho desse Deus não era imperador. Nem sequer um rabi treinado. Um plebeu e um judeu. Um zé-ninguém como os outros. Enquanto o Buda era especial por ter abandonado a sua riqueza e berço nobre para ir em busca de iluminação, Jesus era especial porque lhe faltava riqueza e berço nobre, mas tinha herdado a derradeira nobreza: Rei dos Reis. Acabou a aula. À saída, podem levar uma cópia do vosso trabalho final. Mantenham-se secos. – Só quando me levantei para sair é que reparei que Alaska faltara à aula. Como podia ela faltar à única aula a que valia a pena assistir? Levei uma cópia do trabalho final para ela.

O trabalho final: *Qual é a pergunta mais importante a que os seres humanos têm de responder? Escolham a vossa pergunta com sensatez e depois analisem o modo como o islão, o budismo e o cristianismo tentam responder-lhe.*

– Espero que aquele pobre coitado sobreviva ao resto do ano letivo – disse o Coronel, enquanto voltávamos para casa à chuva, em passo de corrida –, porque estou mesmo a começar de gostar daquela aula. Qual é a tua pergunta mais importante?

Depois de trinta segundos a correr, eu já estava sem fôlego.

– O que é que nos acontece... quando morremos?

– Credo, Badocha, se não parares de correr, vais descobrir. – Abrandou para ir a passo. – A minha pergunta é: Porque é que as pessoas boas passam por

momentos tão maus na vida? C’um caraças, aquela é a Alaska?

Ela vinha a correr para nós a toda a velocidade e aos gritos, mas eu não conseguia ouvi-la por cima da chuva ruidosa, até que ela se aproximou tanto que até dava para ver o cuspo dela a voar.

– Aqueles cabrões inundaram o meu quarto. Estragaram-me aí uns cem livros! Maldita merda insignificante dos Guerreiros do Fim de Semana. Coronel, fizeram um buraco no algeroz e ligaram um tubo de plástico pelo algeroz abaixo desde a minha janela dos fundos até ao meu quarto! Está tudo encharcado! O meu exemplar de *O General no Seu Labirinto* está completamente *arruinado*.

– Isso é muito bom – disse o Coronel, como um artista a admirar a obra de outro.

– Então?! – gritou ela.

– Desculpa. Não te preocupes, bacana – disse ele. – Deus há de castigar os maus. E antes que Ele o faça, faço-o eu.

Sessenta e Seis Dias Antes

ENTÃO FOI ASSIM QUE O NOÉ SE SENTIU. Acordamos certa manhã e Deus já nos perdoou e nós andamos por aí a esforçar a vista o dia todo porque já nos esquecemos da sensação calorosa e forte da luz do sol contra a nossa pele como um beijo na cara que o nosso pai nos dá, e o mundo inteiro é mais brilhante e mais límpido do que antes, como se o centro do Alabama tivesse sido metido na máquina de lavar durante duas semanas e limpo com detergente extra-poderoso com abrillantador de cores e agora a relva estivesse mais verde e os *bufritos* mais estaladiços.

Nessa tarde, fiquei perto das salas de aula, deitado de barriga para baixo na recente relva seca e a estudar História Americana – a Guerra Civil, ou, como era chamada por estas bandas, a Guerra Entre os Estados. Para mim, foi a guerra que gerou um milhar de boas últimas palavras. Como as do general Albert Sidney Johnston, que, quando lhe perguntaram se estava ferido, respondeu: “Sim, e temo que com gravidade.” Ou Robert E Lee, que, muitos anos depois da guerra, num delírio de morte, anunciou: “Ataquem a tenda!”

Estava eu a meditar sobre a razão de os generais da Confederação terem melhores últimas palavras do que os da União (a última palavra de Ulysses S Grant, “Água” era um bocado fraco), quando reparei numa sombra que me tapava o Sol. Já há algum tempo que não via uma sombra, o que me assustou um pouco. Olhei para cima.

– Trouxe-te um petisco – disse Takumi, deixando cair uma tarte de aveia recheada em cima do meu livro.

– Muito nutritivo. – Sorri.

– Tens aveia. Tens tarte. E tens recheio. É uma pirâmide alimentar do caraças.

– Ah, lá isso é.

E depois fiquei sem saber o que dizer. Takumi sabia muito de *hip hop*; eu sabia muito de últimas palavras e jogos de vídeo. Por fim, eu disse: – Não posso crer que aqueles gajos tenham inundado o quarto da Alaska.

– Pois é – disse Takumi, sem olhar para mim. – Bem, lá tiveram as suas razões. Tens de perceber que, para toda a gente, até para os Guerreiros do Fim de Semana, a Alaska é famosa pelas partidas que prega. Só para veres, no ano passado pusemos um *Volkswagen* Carocha na biblioteca. Portanto, se tiverem um motivo para tentar levar vantagem sobre ela, eles tentam. E desviar a água do algeroz para o quarto dela é bastante engenhoso. Quer dizer, eu não *quero* admirar a coisa...

Comecei a rir-me. – Sim. Vai ser difícil de superar. – Desembrulhei a tarte recheada e dei-lhe uma trincadela. Mmm... centenas de deliciosas calorias por dentada.

– Ela há de lembrar-se de alguma coisa – disse ele. – Badocha – continuou. – Hmm. Badocha, precisas de um cigarro. Vamos dar uma volta.

Senti-me nervoso, como invariavelmente me acontece quando alguém diz o meu nome duas vezes com um *hmm* pelo meio. Mas levantei-me, deixando os meus livros para trás, e caminhei em direção ao Recanto do Fumo. Mas, assim que chegámos à orla do bosque, Takumi desviou-se da estrada de terra. – Não estou certo de que o Recanto seja seguro – disse ele. *Não é seguro?*, pensei eu. *É o lugar mais seguro em todo o universo conhecido para se fumar um cigarro.* Mas limitei-me a segui-lo pela vegetação espessa, ziguezagueando por entre pinheiros e arbustos cheios de silvas pela altura do peito. Passado um bocado, ele sentou-se. Pus a mão em concha em torno do isqueiro para proteger a chama da brisa ligeira e acendi o cigarro.

– Foi a Alaska que chibou a Marya – disse ele. – Portanto o Águia também pode ter conhecimento do Recanto do Fumo. Não sei. Nunca o tinha visto a descer por aquele caminho, mas sabe-se lá o que ela lhe terá dito.

– Espera aí, como é que sabes? – perguntei, com dúvidas.

– Bem, primeiro, percebi sozinho. Depois, a Alaska admitiu. Contou-me pelo menos parte da verdade, que, no ano passado, mesmo no fim das aulas, ela tentou escapular-se da escola certa noite depois de as luzes se apagarem para ir visitar o Jake e foi apanhada. Disse que foi cuidadosa – não acendeu os faróis nem nada –, mas o Águia apanhou-a e ela levava uma garrafa de vinho no carro, portanto estava tramada. E o Águia levou-a para casa dele e fez-lhe a mesma oferta que faz a toda a gente que é apanhada. “Ou me contas tudo o que sabes, ou vais para o teu quarto embalar a tua tralha.” Por isso a Alaska cedeu e contou-lhe que a Marya e o Paul estavam bêbedos no quarto dela naquele momento. E depois contou-lhe sabe Deus que mais. E então o Águia soltou-a, porque precisa de chibos para fazer o trabalho dele. Na verdade, ela foi esperta ao chibar uma amiga, porque nunca ninguém pensa em acusar os amigos. É por isso que o Coronel tem tanta certeza de que foi o Kevin e os seus lacaios. Eu também não acreditava que pudesse ter sido a Alaska, até que percebi que ela era a única pessoa da escola que poderia saber o que a Marya estava a fazer. Desconfiei do colega de quarto do Paul, o Longwell – um dos tipos que te armou a cena da sereia sem braços. Mas afinal ele estava em casa nessa noite. Tinha-lhe morrido a tia. Verifiquei o óbito no jornal. Hollis Burnis Chase – que raio de nome para uma mulher.

– Então o Coronel não sabe? – perguntei, espantado. Apaguei o cigarro, apesar de ainda não estar bem acabado, porque me senti amedrontado. Nunca suspeitara que Alaska pudesse ser desleal. Temperamental, sim. Mas chiba, não.

– Não, e não pode saber, porque vai enlouquecer e fazer com que ela seja expulsa. O Coronel leva esta cena toda da honra e da lealdade muito a sério, se é que ainda não reparaste.

– Já reparei.

Takumi abanou a cabeça, afastando folhas com as mãos para escavar na terra ainda molhada por baixo. – Só não percebo porque é que ela haveria de ter tanto medo de ser expulsa. Eu detestaria ser expulso, mas é preciso acarretar com as consequências dos nossos atos. Não percebo.

– Bem, é óbvio que ela não gosta da casa dela.

– É verdade. Ela só vai a casa no Natal e no verão, quando lá está o Jake. Mas pronto. Eu também não gosto de ir a casa. Mas nunca daria essa satisfação ao Águia. – Takumi apanhou um galho e enterrou-o na terra vermelha e macia. – Escuta, Badocha. Não sei que tipo de partida é que a Alaska e o Coronel vão engendrar para o fim do ano, mas tenho a certeza de que nós os dois seremos envolvidos. Estou a contar-te isto tudo para saberes no que estás a meter-te, porque, se fores apanhado, é melhor que o aceites.

Pensei na Florida e nos meus “amigos da escola” e, pela primeira vez, apercebi-me de como iria sentir a falta do Creek se alguma vez tivesse de o deixar. Fitei o galho de Takumi que estava espetado ereto na lama e disse: – Juro por Deus que não me vou chibar.

Finalmente entendi aquele dia no Júri. Alaska queria mostrar-nos que podíamos confiar nela. A sobrevivência em Culver Creek significava lealdade, e ela ignorara isso. Mas depois mostrara-me o caminho a seguir. Ela e o Coronel tinham assumido a culpa por mim para me mostrarem como se fazia, para que eu soubesse o que fazer quando chegasse a altura.

Cinquenta e Oito Dias Antes

CERCA DE UMA SEMANA DEPOIS, acordei às 6h30 – 6h30 de sábado! – ao som da doce melodia do *Decapitation*: tiros de metralhadora a estrondear sobre a ameaçadora música de fundo de sons graves do jogo de vídeo. Virei-me para o lado e vi Alaska a puxar o comando para cima e para a direita, como se isso a fosse ajudar a escapar a uma morte certa. Eu tinha o mesmo mau hábito.

– Podes ao menos tirar o som?

– Badocha – disse ela, com falsa condescendência. – O som é parte integrante da experiência artística deste jogo de vídeo. Tirar o som ao *Decapitation* seria como ler palavras salteadas do *Jane Eyre*. O Coronel acordou há cerca de meia hora. Parecia um bocado irritado, por isso disse-lhe que fosse dormir para o meu quarto.

– Se calhar vou juntar-me a ele – disse eu, meio zozinho.

Em vez de me responder, ela comentou: – Então, ouvi dizer que o Takumi te contou. Pois é, fui eu que chibei a Marya, e estou arrependida e nunca mais o farei.

Mudando de assunto, vais ficar cá para o Dia de Ação de Graças? É que eu vou.

Virei-me de novo para a parede e puxei o edredão para cima da cabeça. Não sabia se havia de confiar em Alaska ou não, e a verdade é que já estava farto da sua imprevisibilidade – um dia fria, no outro dia doce; irresistivelmente insinuante num momento, desprezível a ponto de se lhe resistir no outro. Eu preferia o Coronel: pelo menos, quando estava rabugento, tinha um *motivo* para isso.

Numa demonstração do poder da fadiga, consegui cair rapidamente no sono, convencido de que os guinchos dos monstros moribundos e os gritos de alegria de Alaska quando os matava não passavam de uma banda sonora agradável e com a qual podia sonhar. Acordei meia hora mais tarde, quando ela se sentou na minha cama, com o rabo encostado à minha anca. *A sua roupa interior, as suas calças de ganga, o edredão, as minhas calças de bombazina e os meus boxers entre nós*, pensei eu. Cinco camadas, e ainda assim eu sentia-o, o calor nervoso do toque – um pálido reflexo do fogo de artifício de uma boca na outra, mas não deixava de ser um reflexo. E, na proximidade do momento, dei-lhe alguma importância. Não tinha a certeza de gostar dela, e tinha dúvidas de que pudesse confiar nela, mas dava-lhe a importância suficiente para tentar descobrir. Ela na minha cama, de olhos verdes arregalados a olhar de cima para mim. O persistente mistério do seu sorriso velhaco e quase afetado. Cinco camadas entre nós.

Ela continuou como se eu não estivesse a dormir. – O Jake tem de estudar. Por isso não me quer em Nashville. Diz que não consegue prestar atenção à musicologia se estiver a olhar para mim. Eu disse que usava uma burka, mas ele não ficou convencido, portanto vou ficar cá.

– Lamento – disse eu.

– Oh, não lamentos. Vou ter montes de coisas para fazer. Há uma partida para planear. Mas estava a pensar que também devias cá ficar. Na verdade, redigi uma lista.

– Uma lista?

Porque é Que o Badocha Devia Ficar no Creek no Dia de Ação de Graças: Uma Lista, por Alaska Young.

– (1) Por ser um aluno muito consciencioso, o Badocha viu-se privado de muitas experiências maravilhosas em Culver Creek, incluindo, mas não apenas a) beber vinho comigo no bosque e b) levantar-se cedo a um sábado para tomar o pequeno-almoço no McIntragável e depois atravessar de carro a área metropolitana de Birmingham a fumar cigarros e a falar do quão pateticamente entediante é a área metropolitana de Birmingham, bem como c) sair à noite até tarde e ficar deitado no campo de futebol cheio de orvalho e ler um livro de Kurt Vonnegut ao luar.

– (2) Embora seja certo que ela não se supera em tarefas como o ensino da língua francesa, a Madame O'Malley faz um recheio do caraças e convida para o jantar de Ação de Graças todos os alunos que ficam na escola. Que normalmente sou só eu e o aluno de intercâmbio sul-coreano, mas pronto. O Badocha seria bem-vindo.

– (3) Na verdade, não tenho nenhum *Três*, mas o *Um* e o *Dois* são

extremamente bons.

É verdade que o *Um* e o *Dois* me agradavam, mas do que eu mais gostava era da ideia de estar sozinho com ela nas instalações da escola. – Vou falar com os meus pais. Assim que eles acordarem – disse. Ela convenceu-me a ir para o sofá e jogámos juntos ao *Decapitation* até ela deixar cair o comando de modo abrupto.

– Não estou a insinuar-me. Estou só cansada – disse ela, escoiceando os chinelos. Pôs os pés em cima do sofá de espuma, aconchegando-os atrás de uma almofada, e chegou-se para cima, para deitar a cabeça no meu colo. Nas minhas calças de bombazina. Nos meus boxers. Duas camadas. Dava para sentir o calor da face dela na minha coxa.

Há alturas em que é apropriado, até mesmo preferível, ter uma ereção quando o rosto de alguém se encontra numa grande proximidade do nosso pénis.

Esta não era uma dessas situações.

Como tal, parei de pensar nas camadas e no calor, tirei o som à televisão e concentrei-me no *Decapitation*.

Às 8h30, desliguei o jogo e escapuli-me de debaixo de Alaska. Ela virou-se de barriga para cima, ainda a dormir, com os vincos das minhas calças de bombazina marcados na cara.

Só costumo telefonar aos meus pais ao domingo à tarde, por isso, quando a minha mãe ouviu a minha voz, reagiu logo de modo exagerado. – O que é que se passa, Miles? Estás bem?

– Estou ótimo, mãe. Acho que, se não te importares, acho que sou capaz de cá ficar para a Ação de Graças. Muitos dos meus amigos vão ficar... – mentira – ...e eu tenho muitos trabalhos para fazer... – dupla mentira – ...eu não fazia ideia de como as aulas iam ser difíceis, mãe – verdade.

– Oh, meu amor. Temos tantas saudades tuas. E há um grande peru de Ação de Graças à tua espera. E todo o molho de arando que conseguires comer.

Eu detestava molho de arando, mas, por qualquer motivo obscuro, a minha mãe insistia na sua crença de uma vida de que essa era a minha refeição preferida, apesar de em todos os Dias de Ação de Graças eu educadamente recusar a sua inclusão no meu prato.

– Eu sei, mãe. Eu também tenho saudades vossas. Mas quero mesmo sair-me bem aqui... – verdade – ...e, além disso, é muito agradável ter, tipo, *amigos*... – verdade.

Eu sabia que jogar o trunfo dos amigos iria convencê-la, o que de facto aconteceu. Recebi então a sua bênção para ficar na escola, depois de prometer passar com eles todos os minutos das férias de Natal (como se eu tivesse outros planos).

Passei a manhã ao computador, folheando de maneira alternada os meus trabalhos de Religião e Inglês. Havia apenas duas semanas de aulas antes dos exames – a que estava a começar e a que se seguia à Ação de Graças – e, até então, a melhor resposta pessoal que eu tinha à pergunta “O que é que acontece às

peessoas quando morrem?” era: “Bem, alguma coisa. Talvez.”

O Coronel chegou ao meio-dia, com o livro grosso de super-matemática nos braços.

– Estive agora mesmo com a Sara – disse ele.

– Como é que te sentiste?

– Mal. Ela disse que ainda me amava. Meu Deus, “eu amo-te” é mesmo a droga de entrada para a separação. Dizer “eu amo-te” enquanto se atravessa o círculo dos dormitórios leva a que inevitavelmente se diga “eu amo-te” ao fazer-se a coisa. Por isso fugi disparado. – Eu ri-me. Ele sacou de um caderno e sentou-se à secretária.

– Pois. Ah-ha. Então, a Alaska disse-me que vais ficar cá.

– Sim. Mas sinto-me um bocado culpado por abandonar os meus pais.

– Pois, bem. Se vais ficar cá na esperança de curtir com a Alaska, oxalá não o fizesses. Se a desatracares da rocha que é o Jake, que Deus tenha piedade de nós todos. Seria caso para algum drama. E, por regra, eu gosto de evitar o drama.

– Não é por querer curtir com ela.

– Espera aí. – Pegou num lápis e escreveu com entusiasmo no papel, como se tivesse feito uma descoberta matemática, e depois ergueu os olhos para mim. – Acabei de fazer uns cálculos e consegui determinar que és um tangaço do caraças.

E ele tinha razão. Como é que eu podia abandonar os meus pais, que tinham a amabilidade de me pagar os estudos em Culver Creek, os meus pais, que sempre me amaram, só porque talvez eu gostasse de uma rapariga que tinha namorado? Como é que podia deixá-los sozinhos com um peru gigante e montes de molho de arando intragável? Por isso, durante o terceiro período de aulas, telefonei para o trabalho da minha mãe. Acho que queria que ela dissesse que não havia problema em que eu ficasse no Creek para a Ação de Graças, mas não estava propriamente à espera que ela me contasse com todo o entusiasmo que ela e o meu pai tinham comprado bilhetes de avião para Inglaterra logo depois de eu lhe ter ligado e que estavam a planear passar o Dia de Ação de Graças num castelo, na segunda lua-de-mel deles.

– Oh, isso... é espetacular – disse eu, desligando rapidamente o telefone porque não queria que ela me ouvisse a chorar. Acho que, do seu quarto, Alaska me ouviu a pousar o auscultador com estrondo, pois abriu a porta quando eu virei costas, mas não disse nada. Atravessei o círculo dos dormitórios e passei diretamente pelo campo de futebol, abrindo caminho pelo bosque, até acabar nas margens do regato de Culver Creek, mesmo por baixo da ponte. Sentei-me com o rabo numa rocha e os pés na terra escura do leito do regato e arremessei seixos para a água límpida e rasa, que aterraram com um *plop* vazio, praticamente inaudível por cima do rugido do regato a correr em direção a sul. A luz foi filtrada pelas folhas e agulhas dos pinheiros por cima de mim como se estivesse a atravessar renda, com manchas sombrias no chão.

Pensei na única coisa de que tinha saudades em casa, o escritório do meu pai, com as suas prateleiras embutidas desde o chão até ao teto abauladas pelas

espessas biografias, e a cadeira de pele preta que me mantinha desconfortável o suficiente para me impedir de dormir enquanto lia. Era uma parvoíce sentir-me tão transtornado como me sentia. Eu é que os abandonei *a eles*, mas tinha a sensação contrária. Ainda assim, sentia umas inconfundíveis saudades de casa.

Olhei para cima, na direção da ponte, e vi Alaska sentada numa das cadeiras azuis do Recanto do Fumo, e, embora pensasse que queria estar sozinho, dei por mim a dizer: – Olá. – Então, como ela não se virou para mim, gritei: – Alaska! – Ela veio ter comigo.

– Andava à tua procura – disse ela, juntando-se a mim na rocha.

– Olá.

– Lamento muito, Badocha – disse ela, pondo em seguida os braços à minha volta e descansando a cabeça no meu ombro. Ocorreu-me que ela nem sequer soubesse o que tinha acontecido, mas soava sincera na mesma.

– O que é que eu vou fazer?

– Vais passar o Dia de Ação de Graças comigo, tonto. Aqui.

– E porque é que não vais a casa nas férias? – perguntei-lhe.

– Tenho medo de fantasmas, Badocha. E a minha casa está cheia deles.

Cinquenta e Dois Dias Antes

DEPOIS DE TODA A GENTE SE IR EMBORA; depois de a mãe do Coronel aparecer com um carro de três portas delapidado e de ele atirar com o gigantesco saco de viagem para o banco de trás; depois de ele dizer “Não gosto muito de despedidas. Vemo-nos daqui a uma semana. Não faças nada que eu não fizesse.”; depois de chegar um carro ecológico de luxo para ir buscar Lara, cujo pai era o único médico numa vilazita qualquer no sul do Alabama; depois de eu me juntar a Alaska numa alucinante viagem de afirmação da não necessidade da porcaria dos travões para ir deixar Takumi ao aeroporto; e depois de na escola se instalar um sossego sinistro, sem portas a bater nem música a tocar e sem ninguém a rir-se nem ninguém aos gritos; depois de tudo isso...

Descemos o campo de futebol e ela levou-me até à beira do campo onde começa o bosque, os mesmos degraus que eu transpusera quando ia a caminho de ser atirado para o lago. Sob a lua cheia, ela lançava uma sombra, onde dava para ver a curva da sua cintura até às ancas, e, passado um bocado, ela parou e disse: – Escava.

E eu respondi: – Escavo?

E ela disse: – Escava. – E assim estivemos durante um bocado, até eu me pôr de joelhos a escavar a terra preta macia na orla do bosque, e, antes que eu conseguisse ir muito longe, os meus dedos esgaravatarem em vidro e eu escavei em torno do vidro até retirar uma garrafa de vinho rosado – chamava-se *Strawberry Hill*, e suponho que, se não soubesse a vinagre com um toque de melaço, poderia mesmo saber a morango.

– Tenho um BI falso – disse ela – mas não é grande espingarda. Por isso, sempre que vou à loja de bebidas, tento comprar dez garrafas destas e algum vodca para o Coronel. Portanto, quando finalmente dá resultado, fico com bebida que

chegue para um semestre. E depois dou a vodca ao Coronel e ele guarda-a lá onde ele quer, e eu agarro no meu vinho e enterro-o.

– Porque és uma pirata – disse eu.

– Afirmativo, companheiro. Precisamente. Se bem que o consumo de vinho tenha subido um bocado neste semestre, portanto teremos de fazer uma viagem amanhã. Esta é a última garrafa. – Desatarraxou a tampa – aqui não havia rolhas –, deu um gole e passou-ma. – Esta noite não te preocupes com o Águia – disse ela.

– Está contente por quase toda a gente se ter ido embora. Provavelmente, está a masturbar-se pela primeira vez num mês.

Preocupe-me com isso por um instante, enquanto segurava a garrafa pelo gargalo, mas queria confiar nela, por isso confiei. Dei um golinho e, assim que engoli, senti o meu corpo a rejeitar o seu melaço pungente. Fez refluxo no meu esófago, mas eu engoli com força e, pronto, consegui. Estava a beber nas instalações da escola.

Então ficámos deitados na relva alta entre o campo de futebol, passando a garrafa para a frente e para trás e inclinando as cabeças para cima para bebericar o vinho indutor de tremores. Tal como prometido na lista, ela trouxe um livro de Kurt Vonnegut, *Cat's Cradle*, e leu para mim em voz alta, com a voz amena a misturar-se com o coaxar das rãs e as aterragens suaves dos gafanhotos à nossa volta. Eu ouvia mais a cadência da voz dela do que as suas palavras. Era evidente que ela já tinha lido o livro muitas vezes, por isso leu sem falhas e de modo confiante, de modo a que eu conseguisse ouvir-lhe o sorriso durante a leitura, e o som desse sorriso fez-me pensar que talvez eu gostasse mais de romances se Alaska Young os lesse para mim. Passado um bocado, ela pousou o livro e eu senti-me quente, mas não bêbedo, com a garrafa a repousar no meio de nós – o meu peito a tocar na garrafa e o peito dela a tocar na garrafa, mas sem que nós tocássemos um no outro. E foi então que ela pôs a mão na minha perna.

A mão dela mesmo acima do meu joelho, com a palma da mão espalmada e macia contra as minhas calças de ganga e o dedo indicador a desenhar círculos lentos e ociosos que trepavam em direção ao interior da minha coxa, e, com uma camada entre nós, meu Deus, como eu a desejava. E ali deitado, no meio da relva alta e queda e debaixo do céu embriagado de estrelas, a ouvir apenas este lado do som inaudível da sua respiração ritmada e o silêncio barulhento das rãs-touro, dos gafanhotos, dos carros distantes a acelerar de modo interminável na I-65, pensei que seria boa altura para dizer as Duas Palavrinhas. E mentalizei-me para as dizer quando ergui os olhos para aquela noite estrelada, convencendo-me a mim próprio de que ela sentia o mesmo, de que a sua mão tão viva e animada contra a minha perna era mais do que uma brincadeira, e que se lixasse a Lara e que se lixasse o Jake, porque é verdade, Alaska Young, eu amo-te e nada mais importa, e os meus lábios apartaram-se para falar, mas, antes que eu começasse a murmurar as palavras, ela disse: – Não é uma questão de vida ou morte, o labirinto.

– Hã, OK. Então é de quê?

– De sofrimento – disse ela. – Fazer coisas más e ter coisas más a acontecer-

nos. Esse é que é o problema. Bolívar estava a falar da dor, não de viver ou morrer. Como é que se sai do labirinto do sofrimento?

– O que é que se passa? – perguntei. E senti a falta dela no meu corpo.

– Não se passa nada. Mas há sempre sofrimento, Badocha. Trabalhos de casa, ou malária, ou ter um namorado que mora longe, quando temos um rapaz bem parecido a viver ao nosso lado. O sofrimento é universal. É a única coisa em comum que preocupa budistas, cristãos e muçulmanos.

Virei-me para ela. – Ah, então se calhar a aula do Dr. Hyde não é uma tanga assim tão grande. – E, estando os dois deitados de lado, ela sorriu, com os nossos narizes quase a tocar-se, os meus olhos fixos nos dela, a face corada por causa do vinho, e eu abri de novo a boca, mas desta vez não foi para falar, e ela chegou-se para cima, levou um dedo aos meus lábios e disse: – *Chh. Chh.* Não estragues.

Cinquenta e Um Dias Antes

NA MANHÃ SEGUINTE, não ouvi bater, se é que ela bateu.

Só ouvi: – ACORDA! Sabes que horas são?

Olhei para o relógio e balbuciei, meio grogue. – São sete e trinta e seis.

– Não, Badocha. São horas de festa! Só nos restam sete dias até toda a gente regressar. Oh, Deus, nem consigo explicar-te como é bom ter-te cá. No Dia de Ação de Graças do ano passado, passei o tempo todo a construir uma vela enorme com a cera de todas as minhas velinhas. Céus, foi tão chato. Conte os azulejos do teto. Sessenta e sete verticais, oitenta e quatro horizontais. Aquilo é que foi sofrimento! Uma tortura absoluta.

– Estou mesmo cansado. Eu... – disse eu, mas ela interrompeu-me.

– Coitadinho do Badocha. Oh, coitadinho do Badocha. Queres que me meta na cama contigo e me aninhe?

– Bem, se estás a oferecer...

– NÃO! LEVANTA-TE! JÁ!

Levou-me por detrás de uma ala de quartos dos Guerreiros do Fim de Semana – do 50 ao 59 – e parou diante de uma janela, espalmou a palma das mãos contra o vidro e fez força para cima até abrir a janela até meio, para depois gatinhar lá para dentro. Eu fui atrás.

– O que é que vês, Badocha?

Eu via um quarto de dormitório – as mesmas paredes de blocos de cimento, as mesmas dimensões, até a mesma configuração do meu. O sofá deles era mais agradável, e tinham uma mesa de centro a sério, ao invés de uma MESA DE CENTRO. Tinham dois posters na parede. Um exibia uma enorme pilha de notas de cem dólares com a seguinte legenda: O QUE CUSTA MAIS É O PRIMEIRO MILHÃO. Na parede oposta, um poster de um Ferrari vermelho. – Hã, vejo um quarto de dormitório.

– Não estás a olhar, Badocha. Quando eu entro no teu quarto, vejo dois rapazes que adoram jogos de vídeo. Quando olho para o meu quarto, vejo uma rapariga que adora livros. – Encaminhou-se para o sofá e pegou numa garrafa de plástico de refrigerante. – Olha para isto – disse ela, e eu vi que estava cheia até meio com um

líquido castanho salobro. Escarro de tabaco de mascar. – Com que então, eles mascam tabaco. E é evidente que não são higiénicos em relação a isso. Como tal, será que irão importar-se se fizermos chichi nas escovas de dentes deles? Não vão importar-se muito, isso é certo. Diz-me o que é que estes tipos adoram.

– Adoram dinheiro – disse eu, apontando para o poster. Ela atirou as mãos ao ar, exasperada.

– *Todos* eles adoram dinheiro, Badocha. Muito bem, vai lá dentro à casa de banho. Diz-me o que lá vês.

O jogo estava a irritar-me um bocadinho, mas eu entrei na casa de banho enquanto ela se sentava naquele sofá convidativo. Dentro da cabine do chuveiro, encontrei uma dúzia de frascos de champô e amaciador. No armário dos medicamentos, encontrei um frasco cilíndrico de qualquer coisa chamada *Rewind*. Abri-o – o gel azulado cheirava a flores e a álcool etílico, como um salão de cabeleireiro elegante. (Debaixo do lavatório, encontrei também uma bisnaga de vaselina tão grande que só podia ter tido um propósito, que não me interessava desenvolver.) Voltei ao quarto e disse, com entusiasmo: – Adoram o cabelo!

– *Precisamente!* – gritou ela. – Olha para o beliche de cima. – Empoleirado de modo periclitante na fina cabeceira de madeira da cama, estava um frasco de *STA-WET* gel. – O Kevin não *acorda* simplesmente com aquele visual de cabelo espetado com aspeto de quem acabou de sair da cama. Ele *trabalha-o*. Adora aquele cabelo. Deixam cá os produtos do cabelo, Badocha, porque têm *duplicados* em casa. Todos estes rapazes o fazem. E sabes porquê?

– Porque estão a compensar os pénis minúsculos? – perguntei.

– Ah-ha. Não. Essa é a razão para serem uns cretinos machistas. Eles adoram o seu cabelo porque não têm inteligência suficiente para adorar outra coisa mais interessante. Portanto, atingimo-los onde lhes dói mais: no couro cabeludo.

– Aaaahh! – disse eu, sem saber ao certo de que modo se poderia pregar uma partida ao couro cabeludo de alguém.

Ela pôs-se de pé e encaminhou-se para a janela, debruçando-se para se contorcer lá para fora. – Não olhes para o meu rabo! – disse ela, portanto eu olhei para o rabo, que se projetava para fora da sua cintura fina. Deu uma cambalhota sem esforço para fora da janela semi-aberta. Eu optei pela abordagem de primeiro os pés, e, assim que pus os pés no chão, fiz sair o tronco instável pela janela.

– Bem – disse ela. – Isso foi estranho. Vamos para o Recanto do Fumo.

Arrastou os pés para dar um pontapé na terra cor de laranja na estrada que ia dar à ponte, parecendo mais que ia a fazer corta-mato do que a caminhar. Enquanto seguíamos o semitrilho desde a ponte até ao Recanto, ela parou para se virar para trás e olhar para mim. – Como é que uma pessoa conseguirá arranjar tinta azul super-resistente? – perguntou ela, segurando depois num ramo de árvore para eu passar.

Quarenta e Nove Dias Antes

DOIS DIAS DEPOIS – na segunda-feira, o meu primeiro verdadeiro dia de férias –, passei a manhã dedicado ao meu trabalho final de Religião e fui até ao quarto de

Alaska à tarde. Ela estava a ler na cama.

– Auden – anunciou ela. – Quais foram as últimas palavras dele?

– Não sei. Nunca ouvi falar nele.

– Nunca *ouviste falar* nele? Coitadinho, és tão iletrado! Toma, lê este verso. – Cheguei-me ao pé dela e baixei os olhos para o seu dedo indicador.

– “Deves amar o teu vizinho tortuoso / Com o teu coração tortuoso” – li em voz alta. – Sim. É bastante bom – disse eu.

– Bastante bom? Claro que sim, e os *bufritos* também são bastante bons. O sexo é bastante divertido. O Sol é bastante quente. Meu Deus, isto diz tanto acerca do amor e da separação – é perfeito.

– Mm-hmm – assenti de modo entusiasta com a cabeça.

– Tu não tens remédio. Queres ir à caça de pornografia?

– Hã?

– Não podemos amar os nossos vizinhos até sabermos até que ponto os seus corações são tortuosos. Não gostas de pornografia?

– perguntou ela, a sorrir.

– Hmm – foi a minha resposta. A verdade é que eu nunca tinha visto muita pornografia, mas a ideia de a ver na companhia de Alaska tinha um certo encanto.

Começámos pela ala dos quartos começados por 50 e fomos andando para trás, em torno do hexágono. Ela abria as janelas dos fundos com um empurrão enquanto eu olhava para ver se não havia ninguém a passar por ali.

Eu nunca tinha estado nos quartos da maior parte das pessoas. Passados três meses, já conhecia quase toda a gente, mas eram poucos aqueles com quem falava regularmente. Na verdade, era só com o Coronel, Alaska e Takumi. Mas, no período de poucas horas, pude ficar a conhecer os meus colegas bastante bem.

Wilson Carbod, um dos bases dos Nadas de Culver Creek, tinha hemorróidas, ou pelo menos tinha creme para o hemorroidal escondido na gaveta de baixo da secretária. Chandra Kilers, uma miúda gira que gostava um bocadinho demais de matemática, e que Alaska acreditava que viria a ser a futura namorada do Coronel, fazia coleção de Cabbage Patch Kids². E não estou a dizer que os colecionava quando tinha aí uns cinco anos de idade. Colecionava-os agora – dezenas deles – pretos, brancos, latinos e asiáticos, rapazes e raparigas, bebés vestidos de agricultores e potenciais empresários. Uma finalista Guerreira do Fim de Semana chamada Holly Moser desenhava auto-retratos de nus com lápis de carvão, representando a sua forma rotunda em todo o seu esplendor.

Fiquei perplexo com a quantidade de gente que tinha bebidas alcoólicas. Até os Guerreiros do Fim de Semana, que iam a casa todos os fins de semana, tinham cerveja e bebidas brancas escondidas por toda a parte, desde os autoclismos ao fundo dos cestos de roupa suja.

– Meu Deus, podia ter chibado um qualquer – disse Alaska, com calma na voz, enquanto desenterrava uma garrafa de um litro de licor de malte *Magnum* do roupeiro de Longwell Chase. Nessa altura, indaguei-me sobre porque teria ela escolhido Paul e Marya.

Alaska descobriu tão depressa os segredos de toda a gente, que eu desconfiei que ela já o tinha feito antes, mas não havia nenhuma hipótese de ela ter um conhecimento antecipado dos segredos de Ruth e Margot Blowker, duas irmãs gémeas do nono ano que eram caloiras e pareciam conviver ainda menos do que eu. Depois de gatinhar para dentro do quarto delas, Alaska olhou em redor por um instante e encaminhou-se para a estante. Fitou-a, tirou de lá a Bíblia do Rei Jaime, e lá estava ela: uma garrafa roxa de refresco de marijuana com álcool.

– Que espertas – disse ela, enquanto desenroscava a tampa. Bebeu-a em dois longos goles e depois proclamou: – Bem potente!

– Assim vão saber que aqui estiveste! – gritei.

Ela arregalou os olhos. – Oh não! Tens razão, Badocha! – disse ela. – São capazes de ir contar ao Águia que alguém lhes roubou a bebida! – Riu-se e debruçou-se para fora da janela, atirando a garrafa vazia para a relva.

E encontrámos imensas revistas pornográficas enfiadas ao acaso por entre colchões e bases de camas. Afinal, Hank Walsten gostava de mais coisas além de basquetebol e ganzas: gostava da *Juggs*. Mas não encontrámos nenhum *filme* até ao Quarto 32, ocupado por dois tipos do Mississípi chamados Joe e Marcus. Eram da nossa turma de Religião e, ao almoço, às vezes sentavam-se à mesa comigo e com o Coronel, mas eu não os conhecia bem.

Alaska leu o autocolante na parte de cima do vídeo. *As Cabras de Madison County*. – Ora, se não é simplesmente delicioso.

Fomos a correr com ele para a sala da televisão, fechámos as cortinas, trancámos a porta e vimos o filme. Começava com uma mulher parada numa ponte com as pernas escancaradas, enquanto um tipo se ajoelhava à sua frente, fazendo-lhe sexo oral. Não havia tempo para diálogos, suponho. Quando passaram ao ato, Alaska começou com a sua indignação de integridade. – Eles não tornam o sexo divertido para as mulheres. A rapariga não passa de um objeto. Olha! Olha para aquilo!

Escusado será dizer que eu já estava a olhar. Uma mulher agachada sobre mãos e joelhos enquanto um tipo se ajoelhava atrás dela. Ela não parava de gemer e dizer “Dá-me” e, embora os seus olhos castanhos e vagos traíssem o seu desinteresse, eu não pude deixar de tirar notas mentais. *Mãos nos ombros dela*, reparei. *Rápido, mas não em demasia, senão acaba depressa. Manter os gemidos ao mínimo.*

Como se estivesse a ler-me a mente, ela disse: – Credo, Badocha. Nunca o faças com tanta força. Vai *doer*. Aquilo parece tortura. E a única coisa que lhe resta é ficar ali sentada a aguentar? Isto não é um *homem* e uma *mulher*. É um pénis e uma vagina. O que é que há de erótico nisso? Onde estão os beijos?

– Dada a posição deles, não me parece que consigam beijar-se neste momento – realcei.

– É aí que eu quero chegar. Só pela maneira como estão a fazê-lo, já é objetificação. Ele nem lhe consegue ver a cara! Isto é o que pode acontecer às mulheres, Badocha. Aquela mulher é a filha de alguém. Isto é o que vocês nos obrigam a fazer por dinheiro.

– Bem, *eu* não – disse eu, na defensiva. – Quer dizer, pelo menos em termos técnicos. Não sou produtor de filmes pornográficos.

– Olha-me nos olhos e diz-me que isto não te excita, Badocha. Não podia dizê-lo. Ela riu-se. Não faz mal, disse ela. É saudável.

E depois levantou-se, parou a gravação, deitou-se de barriga para baixo em cima do sofá e murmurou qualquer coisa.

– O que é que disseste? – perguntei, pondo-lhe a mão no fundo das costas.

– Chiu – disse ela. – Estou a dormir.

Sem mais nem menos. De cento e sessenta quilómetros por hora a adormecida num nanossegundo. Eu queria tanto deitar-me ao lado dela no sofá, envolvê-la com os meus braços e adormecer. Não foder, como naqueles filmes. Nem sequer fazer sexo. Só dormir com ela, no sentido mais inocente da expressão. Mas faltava-me a coragem, e ela tinha namorado, e eu era desajeitado e ela era linda, e eu era irremediavelmente entediante e ela era infinitamente fascinante. Por isso voltei para o meu quarto e deixei-me cair no beliche de baixo, pensando que, se as pessoas fossem chuva, eu seria um chuveiro e ela um furacão.

Quarenta e Seis Dias Antes

NA QUARTA-FEIRA DE MANHÃ, acordei com o nariz entupido para um Alabama completamente novo, seco e frio. Conforme me encaminhava para o quarto de Alaska nessa manhã, a relva gelada no círculo dos dormitórios estalava debaixo dos meus sapatos. Na Florida não se encontra muito gelo – e eu andava aos pulinhos como se estivesse a pisar plásticos de bolhas. *Crunch. Crunch. Crunch.*

Alaska segurava numa vela verde acesa virada para baixo, que pingava a cera para dentro de um vulcão maior e caseiro que se assemelhava um pouco a um vulcão feito em *Technicolor* num trabalho de Ciências do Ensino Básico.

– Não te queimes! – disse eu, à medida que a chama lhe subia pela mão acima.

– A noite cai depressa. O hoje já faz parte do passado – disse ela, sem levantar os olhos.

– Espera, eu já li isso. O que é? – perguntei.

Com a mão que tinha livre, agarrou num livro e atirou-o contra mim. Aterrou aos meus pés. – Poema – respondeu ela. – Edna St Vincent Millay. Já leste? Estou espantada.

– Oh, li a biografia dela! Mas não vinham lá as suas últimas palavras. Fiquei um bocado chateado. Só me lembro de que ela fazia imenso sexo.

– Eu sei. Ela é a minha heroína – disse Alaska, sem uma pontinha de ironia. Ri-me, mas ela não reparou. – Não te parece estranho gostares mais das biografias dos grandes escritores do que da escrita em si?

– Não! – declarei. – Lá por serem pessoas interessantes, isso não significa que me interesse ouvir as suas meditações acerca da neve.

– É sobre a depressão, imbecil.

– Aaaah! A sério? Bem, nesse caso, *é brilhante!* – respondi.

Ela suspirou. – Tudo bem. A neve pode estar a cair no inverno do meu descontentamento, mas, pelo menos, tenho uma companhia sarcástica. Senta-te,

sim?

Sentei-me ao lado dela, de pernas cruzadas e com os nossos joelhos a tocar-se. Ela tirou de debaixo da cama um caixote de plástico transparente com dezenas de velas lá dentro. Olhou para ele por um momento e depois entregou-me uma vela branca e um isqueiro.

Passámos a manhã inteira a queimar velas – bem, e de vez em quando a acender cigarros com as velas acesas, depois de termos enfiado uma toalha na nesga do fundo da porta. No decurso de duas horas, acrescentámos trinta centímetros ao pico do seu vulcão de cera policromático.

– O Monte Santa Helena a dar nos ácidos – disse ela.

Ao meio-dia e meia, depois de duas horas comigo a implorar uma ida ao McDonald's, Alaska decidiu que eram horas de almoçar. Quando começámos a encaminhar-nos para o parque de estacionamento dos alunos, vi um carro estranho. Um carro verde pequeno. Um carro de três portas. *Já vi aquele carro*, pensei eu. *Onde é que já vi aquele carro?* E foi então que o Coronel saltou de lá para fora e veio a correr ter connosco.

Em vez de dizer, sei lá, “olá”, ou coisa parecida, o Coronel começou: – Fui incumbido de vos convidar para o jantar de Ação de Graças *Chez Martín*.

Alaska sussurrou qualquer coisa ao meu ouvido, fazendo-me rir e depois disse: – Fomos incumbidos de aceitar o teu convite. – Então, dirigimo-nos para a casa do Águia, dissemos-lhe que íamos comer peru à moda do parque de rulotes e partimos a toda a brida.

O Coronel explicou-nos tudo na viagem de duas horas rumo a sul. Eu ia espalmado no banco de trás porque Alaska decidiu ir no lugar do pendura. Normalmente, era ela que conduzia, mas, quando não era ela a condutora, tornava-se na rainha das penduras. A mãe do Coronel ouvira dizer que tínhamos ficado na escola e não suportou a ideia de nos deixar desprovidos de família no Dia de Ação de Graças. O Coronel não parecia muito satisfeito com a situação. – Vou ter de dormir numa tenda – disse ele, e eu ri-me.

Mas, afinal, ele teve mesmo de dormir numa tenda. Um belo equipamento verde para quatro pessoas em forma de metade de um ovo, mas que não deixava de ser uma tenda. A mãe do Coronel vivia numa rulote, o tipo de coisa que se pode ver atrelada a uma grande carrinha de caixa aberta, mas esta em particular era velha e estava a desfazer-se sobre blocos de cimento, e é provável que não pudesse ser presa a uma carrinha sem se desintegrar. Nem sequer era uma rulote particularmente grande. Eu quase não conseguia estar direito, de pé, sem roçar no teto. Agora já percebia porque é que o Coronel era baixinho – não podia dar-se ao luxo de ser mais alto. Na verdade, a casa era uma única sala comprida, com uma cama de tamanho padronizado na parte da frente, uma *kitchenette* e uma zona de estar na parte de trás, com um televisor e uma pequena casa de banho – tão pequena que, para se tomar um duche, quase que era preciso a pessoa sentar-se na

sanita.

– Não é muito – disse-nos a mãe do Coronel (“Tratem-me por Dolores, não por senhora Martin”). – Mas vão todos comer um peru do tamanho da cozinha. – Ela riu-se. O Coronel conduziu-nos para o exterior da rulote logo após a nossa breve visita guiada e depois passeámos pelo bairro, com uma série de rulotes e casas pré-fabricadas em estradas de terra.

– Bem, agora já percebes porque é que eu odeio gente rica. – E percebia. Não conseguia imaginar como é que o Coronel tinha crescido num lugar tão pequeno. A rulote inteira era mais pequena do que o nosso quarto de dormitório. Eu não sabia o que havia de lhe dizer, como haveria de o fazer sentir-se menos constrangido.

– Peço desculpa se isso te deixa desconfortável – disse ele. – Sei que é uma coisa que te deve ser estranha.

– A mim não – interpôs Alaska.

– Bem, tu não vives numa rulote – disse-lhe ele.

– Pobre é pobre.

– Suponho que sim – disse o Coronel.

Alaska decidiu ir ajudar Dolores com o jantar. Disse que era machista deixar a cozinha para as mulheres, mas era melhor ter boa comida machista do que comida manhosa confeccionada por rapazes. Por isso, eu e o Coronel sentámo-nos no sofá-cama da sala de estar, a jogar jogos de vídeo e a conversar sobre a escola.

– Já acabei o trabalho de Religião. Mas tenho de o digitar no teu computador quando voltarmos. Acho que estou pronto para os exames finais, o que é bom, já que temos uma par-pa-ti-pi-da-pa para pre-pe-gar-par.

– A tua mãe não conhece a língua dos pês? – perguntei, com um sorriso afetado.

– Se eu falar depressa, não. Credo, está calado.

A comida – quiabo frito, maçaroca de milho cozida a vapor e uma carne estufada tão tenra que até caía do garfo de plástico – convenceu-me de que Dolores era ainda melhor cozinheira do que Maureen. O quiabo de Dolores tinha menos gordura, era mais estaladiço. E Dolores era a mãe mais divertida que eu alguma vez conhecera. Quando Alaska lhe perguntou o que é que ela fazia na vida, ela sorriu e respondeu: – Sou engenheira de culinária. Para vocês, sou cozinheira na Casa de Waffles.

– A melhor Casa de Waffles do Alabama – disse o Coronel, a sorrir. E foi então que percebi que ele não tinha vergonha nenhuma da mãe. Só estava com medo de que agíssemos como miúdos arrogantes do colégio interno. Eu sempre achara o ódio do Coronel pelos ricos um pouco exagerado, até o ver com a mãe. Era o mesmo Coronel, mas num contexto completamente diferente, e deixou-me com esperança de um dia eu poder vir a conhecer também a família de Alaska.

Dolores insistiu para que eu e Alaska partilhássemos a cama, enquanto ela dormia no sofá-cama e o Coronel ficava lá fora na tenda. Fiquei preocupado por ele

poder apanhar frio, mas, para ser sincero, eu não estava disposto a abdicar da minha cama com Alaska. Tínhamos cobertores separados, e nunca havia menos de três camadas entre nós, mas as possibilidades deixaram-me acordado durante metade da noite.

Quarenta e Cinco Dias Antes

A MELHOR REFEIÇÃO DE AÇÃO DE GRAÇAS de sempre. Nada de molho manhoso de arando. Apenas enormes fatias de carne branca húmida, milho, feijão verde cozinhado em gordura de bacon suficiente para os fazer ganhar um sabor de comida pouco saudável, biscoitos com molho, tarte de abóbora para a sobremesa e um copo de vinho tinto para cada um de nós. – Creio que – disse Dolores – a ideia é acompanhar o peru com vinho branco, mas – não sei o que vocês pensam – acho que me estou a marimbar para isso!

Rimo-nos e bebemos o nosso vinho, e, depois da refeição, cada um de nós enumerou aquilo a que estava grato. A minha família fazia sempre isso antes da refeição, e todos nós apressávamos o processo para chegarmos à comida. Por isso, nós os quatro sentámo-nos à volta da mesa e partilhámos as nossas bênçãos. Eu estava grato pela boa comida e pela boa companhia, por ter uma casa no Dia de Ação de Graças. – Nem que seja uma rulote – brincou Dolores.

– Muito bem. Agora sou eu – disse Alaska. – Estou grata pelo melhor Dia de Ação de Graças que tive numa década.

Então, o Coronel disse: – Eu só me sinto grato por ti, mãe. Dolores riu-se e disse: – Desse mato não sai coelho, rapaz.

Eu não sabia exatamente o que significava aquela expressão, mas, ao que parece, significava “isso foi despropositado”, porque depois o Coronel expandiu a sua lista para reconhecer que estava grato por ser “o ser humano mais inteligente deste parque de rulotes”. Dolores riu-se e disse: – Assim está bem.

E Dolores? Ela estava grata por o telefone ter voltado a funcionar, por ter o filho em casa, por Alaska a ter ajudado a cozinhar e por eu ter entretido o Coronel, que entretanto a largou da mão, por ter um emprego estável e colegas simpáticos, por ter um sítio onde dormir e um filho que a amava.

Sentei-me na parte de trás do carro de três portas na viagem para casa – e era assim que pensava nela: casa – e adormeci com o embalo monótono da estrada nacional.

Quarenta e Três Dias Antes

– TODO O MODELO DE NEGÓCIO do Bebidas Coosa está construído em torno da venda de cigarros a menores e álcool a adultos. – Alaska olhava para mim com uma frequência desconcertante enquanto conduzia, sobretudo desde que íamos a serpentear por uma estrada nacional estreita e sinuosa a sul da escola, em direção ao supramencionado Bebidas Coosa. Era sábado, o nosso último dia de férias a sério. – O que é ótimo, se só precisares de cigarros. Mas nós precisamos de bebida. E eles pedem a identificação para vender bebida. E o meu BI não vale nada. Mas eu insinuo-me até conseguir. – Fez uma curva súbita e não assinalada para a esquerda, virando para uma estrada que descia de forma vertiginosa por uma colina

abaixo, com campos de ambos os lados, e agarrou-se com força ao volante enquanto acelerávamos, esperando até ao último instante para travar, mesmo antes de chegarmos ao fundo da colina. Aí ficava uma estação de serviço em contraplacado que já não vendia gasolina e que tinha uma placa desbotada aparafusada ao telhado: BEBIDAS COOSA: TRATAMOS DAS VOSSAS NECESSIDADES ESPIRITUAIS.

Alaska entrou sozinha e saiu porta fora cinco minutos depois, carregada com dois sacos de papel cheios de contrabando: três volumes de tabaco, cinco garrafas de vinho e um quinto de galão de vodca para o Coronel. No caminho para casa, Alaska disse: – Gostas de piadas de truz-truz?

– Piadas de truz-truz? – perguntei. – Referes-te a “Truz-truz...”

– Quem é?

– Quem.

– Quem quem?

– És gaga ou quê? – Terminei. Foi foleira.

– Foi altamente – disse Alaska. – Eu sei uma. Começa tu.

– OK. Truz-truz.

– Quem está aí? – disse Alaska.

Olhei para ela com uma expressão vaga. Passado cerca de um minuto, percebi e ri-me.

– A minha mãe contou-me essa piada quando eu tinha seis anos. Continua a ter graça.

Por isso, eu não podia ter ficado mais surpreendido quando ela me apareceu num pranto no Quarto 43, estava eu a dar os últimos retoques ao meu trabalho final de Inglês. Sentou-se no sofá, com cada inspiração num misto de lamúria e grito.

– Desculpa – disse ela, ofegando. Do queixo pingava-lhe monco.

– O que é que se passa? – perguntei. Ela tirou um lenço de papel da MESA DE CENTRO e limpou a cara.

– Eu não... – começou ela, mas depois um soluço surgiu como um tsunami, com o choro tão sonoro e pueril que me assustou, e eu levantei-me, sentei-me ao lado dela e envolvi-a com o meu braço. Ela virou-me costas, empurrando a cabeça para dentro da espuma do sofá. – Eu não percebo porque é que estrago sempre tudo – disse ela.

– Estás a falar de quê? Da Marya? Talvez estivesses apenas assustada.

– Estar assustada não é uma boa desculpa! – gritou ela para o sofá. – Estar assustada é a desculpa que toda a gente sempre usou!

– Eu não sabia quem era “toda a gente”, nem a que época se referia o “sempre”, e, por mais que eu quisesse entender as suas ambiguidades, a astúcia começava a tornar-se irritante.

– Porque é que estás irritada com isso *agora*?

– Não é só isso. É tudo. Mas já contei tudo ao Coronel no carro.

– Fungou, mas parecia ter parado com o choro convulsivo. – Enquanto vinhas a

dormir. E ele disse que nunca me perderia de vista durante as partidas. Que não podia confiar em mim quando eu estivesse sozinha. E eu não o censuro. Nem eu confio em mim.

– Foi preciso coragem para lhe contares – disse eu.

– Eu tenho coragem, só que não é na altura certa. Importas-te se eu... hmm... – Sentou-se direita e chegou-se para mim, e eu levantei o braço enquanto ela se deixava cair no meu peito esquelético e chorava. Senti pena dela, mas ela é que provocara aquilo. Ela não *precisava* de os ter chibado.

– Não quero transtornar-te, mas se calhar só precisas de nos dizer a todos porque é que denunciaste a Marya. Estavas com medo de ir para casa, ou assim?

Ela desviou-se de mim e fez-me um Olhar da Sentença que haveria de encher o Águia de orgulho, e eu senti que ela me odiava ou que odiava a minha pergunta, ou as duas coisas, e depois ela desviou o olhar, para a janela, para o campo de futebol, e disse: – Não tenho casa.

– Bem, tu *tens* uma família – recuei. Ela tinha-me falado da mãe nessa mesma manhã. Como é que a rapariga que contara aquela piada três horas antes se tornara nesta lástima soluçante?

Ainda a fitar-me, ela disse: – Eu tento não me assustar, sabes? Mas, mesmo assim, estrago tudo. Mesmo assim, faço asneira.

– Tudo bem – disse-lhe eu. – Está tudo bem. – Eu já nem sequer sabia do que é que ela estava a falar. Uma ideia vaga atrás da outra.

– Não sabes quem adoras, Badocha? Adoras a rapariga que te faz rir e que te mostra pornografia e que bebe vinho contigo. Não adoras a cabra maluca e amuada.

E havia algum fundo de verdade nisso, há que reconhecer.

Natal

TODOS FOMOS A CASA nas férias de Natal – até a supostamente sem-abrigo Alaska.

Recebi um belo relógio e uma carteira nova – “prendas de gente crescida”, como lhes chamava o meu pai. Mas, durante essas duas semanas, o que mais fiz foi estudar. As férias de Natal não eram propriamente férias, uma vez que era a nossa última oportunidade de estudar para os exames, que começavam no dia a seguir ao nosso regresso. Concentrei-me em Pré-Cálculo e Biologia, as duas disciplinas que mais ameaçavam o meu objetivo de obter uma média de 3,4. Quem me dera poder dizer que o fazia pelo entusiasmo que tinha por aprender, mas eu fazia-o sobretudo pelo entusiasmo de poder entrar numa faculdade decente.

Por isso, sim, passei muito tempo em casa a estudar matemática e a decorar vocabulário em francês, tal como fizera antes de ir para Culver Creek. Na verdade, estar em casa durante duas semanas assemelhava-se muito ao que tinha sido a minha vida antes de Culver Creek, tirando o facto de os meus pais estarem agora mais emotivos. Falaram muito pouco da viagem a Londres. Acho que se sentiam culpados. É uma coisa engraçada que os pais têm. Apesar de eu ter ficado em Culver Creek no Dia de Ação de Graças em grande parte por querer, os meus pais

continuavam a sentir-se culpados. É simpático ter pessoas que se sentem culpadas por nossa causa, embora eu pudesse ter passado sem a minha mãe a chorar durante todos os jantares de família. Ela dizia: “Sou uma má mãe.” E eu e o meu pai respondíamos de imediato: “Não és nada.”

Até o meu pai, que é afetuoso mas não, tipo, *sentimental*, disse, sem mais nem menos, enquanto víamos *Os Simpsons*, que tinha saudades minhas. Eu disse que também tinha saudades deles, e tinha. Mais ou menos. São pessoas tão porreiras. Fomos ao cinema e jogámos às cartas, e eu contei-lhes as histórias que lhes podia contar sem os horrorizar, e eles ouviram. O meu pai, que ganhava a vida a vender imóveis mas lia mais livros do que qualquer outra pessoa que eu conheço, falava comigo acerca dos livros que eu estava a ler para a aula de Inglês, e a minha mãe insistia em que eu me sentasse com ela na cozinha para aprender a fazer pratos simples – macarrão, ovos mexidos –, agora que “vivía sozinho”. Não importava que eu não tivesse, nem quisesse ter, uma cozinha. Não importava que eu não gostasse de ovos, *nem* de macarrão com queijo. Fosse como fosse, na véspera de Ano Novo já ia saber cozinhá-los.

Quando me fui embora, choraram os dois, com a minha mãe a explicar que era apenas a síndrome do ninho vazio, que eles estavam tão orgulhosos de mim, que me amavam tanto. Fiquei com um nó na garganta e deixei de me importar com o Dia de Ação de Graças. Eu tinha uma família.

Oito Dias Antes

NO PRIMEIRO DIA a seguir às férias de Natal, Alaska entrou e sentou-se ao lado do Coronel no sofá. O Coronel estava a trabalhar no duro, batendo um recorde de velocidade na *PlayStation*.

Não disse que tinha tido saudades nossas nem que estava contente por nos ver. Limitou-se a olhar para o sofá e dizer: – Vocês precisam mesmo de um sofá novo.

– Por favor, não te dirijas a mim quando estou a correr – disse o Coronel. – Credo. Será que o Jeff Gordon tem de aturar esta merda?

– Tenho uma ideia – disse ela. – É altamente. Do que precisamos é de uma partida antecipada que coincida com um ataque do Kevin e dos seus lacaios – disse ela.

Eu estava sentado na cama, a ler o manual para me preparar para o exame de História Americana que ia ter no dia seguinte.

– Uma partida antecipada? – perguntei.

– Uma partida concebida para conferir à direção da escola uma falsa sensação de segurança – respondeu o Coronel, irritado pela distração. – Depois da partida antecipada, o Águia irá pensar que a turma do 11.º ano já pregou a sua partida e não estará à espera dela quando de facto acontecer. – Todos os anos, as turmas dos últimos dois anos pregavam uma partida a determinada altura do ano – geralmente era uma coisa foleira, como foguetes no dormitório num domingo às cinco da manhã.

– Há sempre uma partida antecipada? – perguntei.

– Não, idiota – disse o Coronel. – Se houvesse sempre uma partida antecipada,

o Águia haveria de *estar à espera* de duas partidas. A última vez que se usou uma partida antecipada... hmm. Ah, já sei: 1987. Quando a partida antecipada foi cortar a eletricidade da escola mas a partida verdadeira foi colocar quinhentos grilos vivos nas condutas de aquecimento das salas de aula. Às vezes ainda se consegue ouvir o estridor.

– A tua capacidade de memorizar é, tipo, *tão* impressionante – disse eu.

– Vocês parecem um casal casado há muito tempo – disse Alaska, a sorrir. – De uma maneira sinistra.

– Não sabes da missa metade – disse o Coronel. – Havias de ver este puto a tentar meter-se comigo na cama à noite.

– Então?!

– Vamos concentrar-nos no assunto! – disse Alaska. – Partida antecipada. Este fim de semana, uma vez que é lua nova. Vamos ficar no celeiro. Tu, eu, o Coronel, o Takumi e, como prenda especial para ti, Badocha, a Lara Buterskaya.

– A Lara Buterskaya em quem eu vomitei?

– Ela é tímida, é só isso. Ela ainda gosta de ti – riu-se Alaska.

– O facto de teres vomitado deu-te um ar... vulnerável.

– Maminhas muito empertigadas – disse o Coronel. – Vais levar o Takumi para mim?

– Precisas de estar solteiro por uns tempos.

– É verdade – disse o Coronel.

– Passa mais uns meses a jogar jogos de vídeo – disse ela. – Essa coordenação mão-olho vai dar jeito quando chegares à linha da meta.

– Céus, já não oiço falar da linha da meta há tanto tempo, que acho que já me esqueci de como lá se chega – respondeu o Coronel.

– Eu até te revirava os olhos, mas não posso dar-me ao luxo de desviar os olhos do ecrã.

– Francês, Toque, Dedo, Foda. É como se tivesses saltado o terceiro ano – disse Alaska.

– Eu saltei *mesmo* o terceiro ano – respondeu o Coronel.

– Então – disse eu –, qual é a nossa partida antecipada?

– Eu e o Coronel vamos pensar nisso. Não há necessidade de te meter em sarilhos – por enquanto.

– Ah. Tudo bem. Nesse caso, vou fumar um cigarro.

Saí. É verdade que não era a primeira vez que Alaska me deixava de fora, mas, depois de termos passado tanto tempo juntos na Ação de Graças, parecia ridículo planear a partida com o Coronel e sem mim. A quem pertenciam as *T-shirts* que estavam molhadas com as lágrimas dela? A mim. Quem a tinha ouvido a ler Vonnegut? Eu. Quem tinha sido a cobaia da pior piada de truz-truz do mundo? Eu. Fui fumar para perto do Quiosque Sunny Convenience do lado de lá da escola. Isto nunca me acontecia na Florida, esta angústia tão liceal em relação a quem gosta mais de quem, e odiava-me por permitir que isso me acontecesse agora. *Não tens de gostar dela*, disse a mim próprio. *Ela que se lixe.*

Quatro Dias Antes

O CORONEL NÃO ME DIZIA uma palavra acerca da partida antecipada, a não ser que se chamava Noite do Celeiro e que, quando eu fizesse a mala, devia fazê-la para dois dias. Segunda, terça e quarta-feira foram uma tortura. O Coronel estava sempre com Alaska e eu nunca era convidado. Por isso passei uma exagerada quantidade de tempo a estudar para os exames finais, o que ajudava bastante a minha média. E finalmente terminei o meu trabalho de Religião.

Na verdade, a minha resposta à pergunta foi suficientemente direta. A maioria dos cristãos e muçulmanos acredita num Céu e num Inferno, embora exista um grande desentendimento por parte de ambas as religiões em relação ao que é que se ganha ao certo numa das vidas no Além ou na outra. Os budistas são mais complicados – devido à doutrina de *anatta*, de Buda, que basicamente diz que as pessoas não têm almas eternas. Ao invés, têm um feixe de energia, e esse feixe de energia é transitório, migrando de um corpo para outro, reincarnando de modo interminável até acabar por chegar à iluminação.

Nunca gostei de escrever os parágrafos de conclusão nos trabalhos – onde apenas se repete aquilo que já se disse com expressões como “em suma” e “em conclusão”. Eu não fiz isso – ao invés, dissertei sobre porque é que considerava que esta era uma pergunta importante. Eu pensava que as pessoas queriam segurança. Não suportavam a ideia de a morte ser um grande nada negro, não suportavam a ideia de os seus entes queridos não existirem e nem sequer conseguiam *imaginar-se* a não existir. Por fim, concluí que as pessoas acreditavam numa vida após a morte porque não suportavam a ideia de não acreditar.

Três Dias Antes

NA SEXTA-FEIRA, depois de um surpreendentemente bem-sucedido exame de Pré-Cálculo que pôs fim ao primeiro conjunto dos meus exames finais em Culver Creek, enfiei alguma roupa (“Pensa em elegância de Nova Iorque”, aconselhou o Coronel. “Pensa preto. Pensa sensato. Confortável, mas quente.”) e o saco-cama numa mochila, fomos buscar Takumi ao quarto dele e encaminhámo-nos para a casa do Águia. O Águia tinha vestida a sua única indumentária, e eu pus-me a pensar se ele só teria trinta camisas brancas e trinta gravatas pretas idênticas no seu roupeiro. Imaginei-o a acordar de manhã, olhar para o roupeiro e pensar: “Hmm... hmm... e que tal uma camisa branca com uma gravata preta?” Aquilo é que era um homem que precisava de se casar!

– Vou levar o Miles e o Takumi para passarem o fim de semana em New Hope, na minha casa – disse-lhe o Coronel.

– O Miles gostou assim tanto de New Hope? – perguntou o Águia, olhando para mim.

– Iiih haaa! Vai haver festa da grande no parque das rulotes!

– disse o Coronel. Quando queria, conseguia mesmo ter sotaque do Sul, se bem que não costumasse usá-lo quando falava, tal como quase toda a gente em Culver Creek.

– Espera um momento, enquanto eu ligo à tua mãe – disse o Águia ao Coronel. Takumi olhou para mim com um pânico mal disfarçado e eu senti o almoço – frango frito – a subir-me no estômago. Mas o Coronel apenas sorriu. – Claro que sim.

– O Chip, o Miles e o Takumi vão estar na sua casa este fim de semana? ... Sim, senhora. ... Ah! ... Muito bem. Então, adeus. – O Águia levantou os olhos para o Coronel. – A tua mãe é uma mulher maravilhosa. – O Águia sorriu.

– A quem o diz – disse o Coronel, a sorrir. – Até domingo.

Enquanto caminhávamos em direção ao parque de estacionamento do pavilhão gimnodesportivo, o Coronel disse: – Telefonei-lhe ontem a pedir que me desse cobertura, e ela nem sequer perguntou porquê. Disse apenas: “Eu confio em ti, meu filho.” E a verdade é que confia. – Assim que saímos fora do alcance do campo de visão da casa do Águia, fizemos uma curva apertada à direita para o interior do bosque.

Passámos pela estrada de terra sobre a ponte e voltámos para o celeiro da escola, uma estrutura delapidada e propensa a infiltrações que mais parecia uma cabana abandonada há muito tempo do que um celeiro. Ainda lá armazenavam feno, embora eu não percebesse para quê. A verdade é que não tínhamos nenhum programa equestre, nem nada do género. Eu, o Coronel e Takumi chegámos lá primeiro e instalámos os nossos sacos-cama nos fardos de feno mais macios. Eram 6h30.

Alaska chegou pouco depois, depois de ter dito ao Águia que ia passar o fim de semana com Jake. O Águia não confirmou a história porque Alaska ia lá passar pelo menos um fim de semana por mês, e ele sabia que os pais dela nunca se ralavam. Lara apareceu meia hora depois. Dissera ao Águia que ia a Atlanta visitar uma velha amiga da Roménia. O Águia telefonou aos pais de Lara para garantir que eles sabiam que ela ia passar um fim de semana fora, mas eles não se importaram.

– Eles confiam em mim. – Ela sorriu.

– Às vezes nem parece que tens sotaque – disse eu, o que foi bastante parvo, mas ainda assim muito melhor do que vomitar para cima dela.

– É só nos is arrastados.

– Não há is arrastados em russo? – perguntei.

– Romeno – corrigiu-me ela. Afinal, romeno é língua. Quem havia de dizer? O meu coeficiente de sensibilidade cultural teria de aumentar de maneira drástica, se eu quera partilhar um saco-cama com Lara em breve.

Estava toda a gente sentada em sacos-cama, com Alaska a fumar com um flagrante desrespeito pelo avassalador carácter inflamável da estrutura, quando o Coronel sacou de uma única folha de papel de impressão e leu-a.

– O propósito das festividades desta noite é provar de uma vez por todas que nós estamos para as partidas como os Guerreiros do Fim de Semana estão para a manhosidade. Mas também teremos a oportunidade de tornar a vida desagradável

ao Águia, o que é sempre um prazer que nos agrada. E assim – disse ele, fazendo uma pausa como se para o rufar de tambores –, esta noite travamos uma batalha em três frentes:

– Frente Um: A partida antecipada. Ao que parece, vamos acender uma fogueira debaixo do rabo do Águia.

– Frente Dois: Operação Careca. Em que a Lara trabalha a solo numa missão retaliatória tão elegante e cruel que só podia ter saído... da minha cabecinha.

– Então?! – interrompeu Alaska. – Isso foi ideia *minha*.

– Pronto, está bem. Foi ideia da Alaska – riu-se ele. – E, finalmente, Frente Três: Os Relatórios de Avaliação: vamos piratear a rede informática do corpo docente e usar a base de dados com as classificações para enviarmos as nossas cartas às famílias do Kevin e companhia limitada, a dizer que eles irão chumbar a algumas disciplinas.

– Vamos ser expulsos, de certeza – disse eu.

– Espero que não tenhas metido o puto asiático nisto achando que ele é um génio informático. Porque não sou – disse Takumi.

– Não vamos ser expulsos e *eu* é que sou o génio informático. Vocês são só força de trabalho e distração. Mesmo que sejamos apanhados, não vamos ser expulsos, porque aqui não há nenhum delito sujeito a expulsão – bem, a não ser as cinco garrafas de *Strawberry Hill* que estão na mochila da Alaska e que irão ser bem escondidas. Estamos apenas a criar um pouco de caos, estão a ver?

O plano foi traçado e não deixava espaço para erros. O Coronel confiava de tal maneira na sincronia perfeita, que, se um de nós fizesse alguma asneira, ainda que ligeira, toda a iniciativa iria por água abaixo.

Imprimira itinerários individuais para cada um de nós, onde estavam incluídos horários exatos ao segundo. Com os relógios sincronizados, as roupas pretas, as mochilas às costas, a nossa respiração visível no frio, as nossas mentes preenchidas com os pormenores minuciosos do plano, com os corações acelerados, saímos juntos do celeiro mal a noite escureceu por completo. Vendo-nos aos cinco a caminhar em fila de modo confiante, eu nunca me tinha sentido com tanto estilo. A Grande Incógnita pendia sobre nós e nós éramos invencíveis. O plano tinha falhas, mas nós não.

Passados cinco minutos, dividimo-nos e partimos para os nossos destinos. Eu fiquei com Takumi. Éramos a distração.

– Somos os Marines, caraças! – disse ele.

– Primeiros a lutar. Primeiros a morrer – concordei, com nervosismo.

– Ah pois é!

Parou e abriu a mochila.

– Aqui não, bacano – disse eu. – Temos de ir para a casa do Águia.

– Eu sei. Eu sei. Mas, espera aí. – Tirou da mochila uma fita larga para o cabelo. Era castanha, com uma cabeça peluda de raposa na parte da frente. Pô-la na cabeça.

Ri-me. – Que diabo é isso?

– É o meu chapéu de raposa.
– O teu chapéu de raposa?
– Sim, Badocha. O meu chapéu de *raposa*.
– Porque é que estás a usar o teu chapéu de *raposa*? – perguntei.
– Porque ninguém consegue apanhar a sacana da raposa. Passados dois minutos, estávamos agachados atrás das árvores e a quinze metros de distância da porta dos fundos do Águia. O meu coração ressoava como uma batida de música *techno*.

– Trinta segundos – sussurrou Takumi, fazendo-me sentir o nervosismo sinistro que tivera naquela primeira noite com Alaska, quando ela me agarrou na mão e sussurrou: *Corre, corre, corre, corre, corre*. Mas eu fiquei quieto.

Pensei: *Não estamos perto o suficiente.*

Pensei: *Ele não vai ouvir.*

Pensei: *Ele vai ouvir e sair cá para fora tão depressa, que nós não vamos ter hipótese.*

Pensei: *Vinte segundos*. A minha respiração era pesada e rápida.

– Ó Badocha – sussurrou Takumi –, tu consegues fazer isto, bacano. É só correr.

– Certo. – *Só correr. Os meus joelhos estão bons. Os meus pulmões estão limpos. É só correr.*

– Cinco – disse ele. – Quatro. Três. Dois. Um. Acende. Acende. Acende.

Acendeu-se com um fervilhar que me fez lembrar todos os 4 de Julho com a minha família. Ficámos imóveis por uma fração de segundo, fitando o rastilho, para nos assegurarmos de que estava aceso. *E agora*, pensei eu. *Agora. Corre, corre, corre, corre, corre*. Mas o meu corpo não se mexeu, até que eu ouvi Takumi a gritar em tom de sussurro: – Vai, vai, vai, vai, caraças!

E nós fomos.

Passados três segundos, uma enorme rajada de estouros. A mim, soou-me como os tiros de metralhadora do *Decapitation*, só que ainda mais barulhento. Já estávamos a vinte passos de distância, e eu achei que os meus tímpanos iam rebentar.

Pensei: *Bem, ele vai ouvir, de certeza.*

Passámos a correr pelo campo de futebol e adentrámos o bosque, correndo colina acima apenas com um vago sentido de orientação. Na escuridão, galhos caídos e pedras cobertas de musgo apareciam no último instante possível, e eu escorreguei e caí repetidas vezes e tive receio de que o Águia nos apanhasse, mas continuei a levantar-me e a correr ao lado de Takumi, para longe das salas de aula e da zona dos dormitórios. Corremos como se tivéssemos asas nos pés. Eu corri como uma chita – bem, como uma chita que fumava demais. E então, depois de precisamente um minuto a correr, Takumi parou e abriu a mochila com um puxão.

Era a minha vez de fazer a contagem decrescente. De olhar para o relógio. Aterrorizado. Por esta altura, ele já tinha saído, de certeza. Vinha aí a correr, de

certeza. Perguntei-me se ele seria veloz. Era velho, mas era maluco para isso.

– Cinco, quatro, três, dois, um – e depois, a chiadeira. Dessa vez, não fizemos nenhuma pausa e limitámo-nos a correr, ainda em direção a leste. Ofegantes. Indaguei-me sobre se conseguiria fazer aquilo durante trinta minutos. As bombinhas explodiram.

Os estouros terminaram e uma voz gritou: – ACABEM JÁ COM ISSO! – Mas nós não parámos. Parar não fazia parte do plano.

– Sou a raposa, caracas! – sussurrou Takumi, tanto para consigo como para mim. – Ninguém apanha a raposa.

Passado um minuto, eu estava no chão. Takumi fez a contagem decrescente. O rastilho foi aceso. Fugimos.

Mas foi um fracasso. Tínhamo-nos preparado para que uma delas não explodisse, por isso leváramos mais uma fileira de bombinhas. Contudo, mais um rebentamento iria custar um minuto ao Coronel, a Takumi e a Alaska. Takumi agachou-se no chão, acendeu o rastilho e fugiu. Começaram os estouros. As bombinhas rebentaram em sincronia com o meu ritmo cardíaco.

Quando as bombinhas pararam, ouvi: – PAREM COM ISSO, SENÃO CHAMO A POLÍCIA! – E, embora a voz estivesse distante, conseguia sentir o seu Olhar da Sentença pousado sobre mim.

– Os porcos não param a raposa; sou rápido demais – disse Takumi a si mesmo. – Consigo rimar enquanto corro; não é astúcia a mais.

O Coronel avisou-nos acerca da ameaça da polícia, disse-nos que não nos preocupássemos. O Águia não gostava de trazer a polícia para as instalações da escola. Má publicidade. Como tal, fugimos a correr. Por cima e por baixo e por entre todos os tipos de árvores e arbustos e ramos. Caímos. Levantámo-nos. Corremos. Se não conseguia seguir-nos com as bombinhas, conseguia decerto seguir o som dos “merdas” que sussurrávamos à medida que íamos tropeçando em troncos mortos e caindo para cima de urzes.

Um minuto. Ajoelhei-me, acendi o rastilho, fugi a correr. *Pum!* Depois, virámo-nos para norte, pensando que já tínhamos passado o lago. Era crucial para o plano. Quanto mais nos afastássemos ainda no perímetro da escola, até mais longe o Águia haveria de nos seguir. Até quanto mais longe ele nos seguisse, mais se afastaria das salas de aula, onde o Coronel e Alaska produziam a sua magia. E depois tencionávamos dar a volta perto das salas de aula, virar para leste ao longo do regato até chegarmos à ponte sobre o nosso Recanto do Fumo, onde voltaríamos à estrada e caminharíamos de volta ao celeiro, em triunfo.

Mas o que aconteceu foi isto: cometemos um ligeiro erro de navegação. Não estávamos para lá do lago; ao invés, fitávamos um campo e depois o lago. Como estávamos demasiado próximos das salas de aula para correr para onde quer que fosse a não ser ao longo da frente do lago, olhei para Takumi, que me acompanhava passo a passo, e ele disse apenas: – Larga uma agora.

Então, larguei-a, acendi o rastilho e fugimos. Corríamos agora por uma clareira, portanto, se o Águia viesse atrás de nós, conseguiria ver-nos. Chegámos à

parte sul do lago e começámos a correr pela margem. O lago não era assim tão grande – talvez tivesse uns quatrocentos metros de comprimento, logo, quando o vi, não podíamos fugir para muito longe.

O cisne.

A nadar na nossa direção como um cisne possuído. Com as asas a adejar furiosamente à medida que se aproximava, não tardou a chegar à margem à nossa frente, produzindo um ruído que a única coisa que parecia era a junção das partes piores da morte de um coelho com as partes piores do choro de um bebé, portanto, não havendo outra saída, limitámo-nos a correr. Embati no cisne a toda a velocidade e senti-o a dar-me uma dentada no rabo. E depois comecei a correr com um mancar bem evidente, porque tinha o rabo em brasa, e pensei com os meus botões: *O que raio haverá na saliva do cisne que faça arder tanto?*

A vigésima terceira fileira de bombinhas não explodiu, o que nos custou um minuto. Naquele ponto, eu já queria um minuto. Estava morto. A sensação de ardor na minha nádega esquerda transformara-se numa dor intensa, que aumentava de cada vez que eu caía em cima da minha perna esquerda, por isso eu corria como uma gazela ferida que tentava escapar a uma alcateia de leões. Escusado será dizer que a nossa velocidade abrandara de modo considerável. Não ouvíamos o Águia desde que tínhamos passado para o outro lado do lago, mas não me parecia que ele tivesse voltado para trás. Estava a tentar dar-nos uma falsa sensação de complacência, mas não iria resultar. Naquela noite, éramos invencíveis.

Exaustos, parámos quando nos restavam três fileiras de bombinhas, na esperança de termos dado tempo suficiente ao Coronel. Corremos durante mais alguns minutos, até encontrarmos a margem do regato. Estava tão escura e tão queda, que o minúsculo curso de água parecia rugir, mas, quando nos deixámos cair sobre a argila molhada e os seixos ao lado do regato, eu ainda conseguia ouvir as nossas respirações pesadas e aceleradas. Só quando parámos é que olhei para Takumi. Tinha a cara e os braços arranhados, e a cabeça da raposa estava agora mesmo em cima da orelha esquerda dele. Ao olhar para os meus próprios braços, reparei que me pingava sangue dos cortes mais profundos. Lembra-me agora de que havia umas urzes perniciosas, mas não estava a sentir nenhuma dor.

Takumi depenicava espinhos da perna. – A raposa está cansada como o caraças – disse ele, rindo-se.

– O cisne mordeu-me o rabo – disse-lhe eu.

– Eu vi. – Ele sorriu. – Está a deitar sangue? – Meti a mão nas calças para verificar. Como não havia sangue, fumei um cigarro para comemorar.

– Missão cumprida – disse eu.

– Badocha, meu amigo, somos indestrutíveis, caraças!

Não conseguíamos perceber onde estávamos porque o regato volta para trás imensas vezes no seu curso pela escola, por isso seguimos o regato durante mais uns dez minutos, calculando que caminhávamos a metade da velocidade do que corríamos, e depois virámos à esquerda.

– À esquerda? Achas que sim? – perguntou Takumi.

– Estou um bocado perdido – disse eu.
– A raposa está a apontar para a esquerda. Portanto, esquerda.
– E a verdade é que a raposa nos levou logo de volta ao celeiro.
– Estás bem! – disse Lara, quando entrámos. – Estava preocupada. Vi o Águia a *saiir* a correr da casa dele. Estava de *piijama*. *Pareciia* que estava doido.

Eu disse: – Bem, se estava doido nessa altura, nem o quero ver agora.
– Porque é que demoraram tanto tempo? – perguntou-me ela.
– Fizemos o caminho mais comprido para casa – disse Takumi.
– Além do mais, o Badocha está a andar como uma velhinha com hemorroidas porque o cisne o mordeu no rabo. Onde está a Alaska e o Coronel?

– Não sei – respondeu Lara, e depois ouvimos passos à distância, sussurros e galhos a estalar. Num instante, Takumi agarrou nos sacos-cama e nas mochilas e escondeu-os atrás de fardos de feno. Nós os três corremos pelas traseiras do celeiro, fomos para a erva que nos dava pela cintura e deitámo-nos. *Ele seguiu-nos o rasto até ao celeiro*, pensei. *Estragámos tudo*.

Mas foi então que ouvi a voz do Coronel, distinta e muito irritada, a dizer: – Porque isso reduz a lista de possíveis suspeitos em vinte e três! Porque é que não podias limitar-te a seguir o plano? Credo, onde é que está toda a gente?

Regressámos ao celeiro, um pouco envergonhados por termos tido uma reação exagerada. O Coronel sentou-se num fardo de feno, com os cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça curvada, as palmas das mãos na testa. A pensar.

– Bem, afinal, ainda não fomos apanhados. Muito bem, primeiro – disse ele, sem levantar os olhos – digam-me que tudo o resto correu bem. Lara?

Ela começou a falar. – Sim. Bem.

– Podes dar-me mais pormenores, por favor?

– Fiz como *diizia* o teu papel. *Fiiquei* por detrás da casa do Águia até o ver a correr atrás do Miles e do Takumi, e depois *fugii* para a parte de trás dos *dormiitórios*. E depois entrei no quarto do Kevin, pus a cena no gel e no *amaciidador* e depois fiz a mesma coisa no quarto do Jeff e do Longwell.

– A cena? – perguntei.

– Tinta para cabelo super-resistente n.º 5 azul, não diluída – disse Alaska. – Que comprei com o teu dinheiro dos cigarros. Se a aplicares em cabelo molhado, não sai durante meses.

– Pintámos o cabelo deles de azul?

– Bem, em termos técnicos – disse o Coronel, ainda a falar para o seu colo –, eles é que vão pintar o seu próprio cabelo de azul. Mas é verdade que lhes facilitámos a tarefa. Sei que tu e o Takumi se saíram bem, porque estamos aqui e vocês estão aqui, portanto cumpriram a vossa missão. E a boa notícia é que os três cretinos que tiveram a lata de nos pregar uma partida têm relatórios de avaliação a sair que dizem que eles vão chumbar a três disciplinas.

– Oh-ho. Qual é a má notícia? – perguntou Lara.

– Ora, então? – disse Alaska. – A *outra* boa notícia é que, enquanto o Coronel estava com medo de ter ouvido alguma coisa e fugia para o interior do bosque, eu

tratei de assegurar que mais vinte Guerreiros do Fim de Semana tivessem *também* relatórios de avaliação fresquinhos. Imprimi relatórios para eles todos, meti-os em envelopes da escola já selados e coloquei-os no marco de correio. – Virou-se para o Coronel. – Na verdade, demoraste imenso tempo – disse ela. – O *piqueno* Coronel: com tanto medo de ser expulso.

O Coronel pôs-se de pé, ficando mais alto do que todos nós, que estávamos sentados. – Isso não é uma boa notícia! Não fazia parte do plano! Isso significa que há vinte e três pessoas que o Águia pode eliminar enquanto suspeitos. Vinte e três pessoas que poderão perceber que fomos nós e depois chibar-nos!

– Se isso acontecer – disse Alaska, com um tom muito sério –, eu assumo a culpa.

– Pois, sim. – O Coronel suspirou. – Como assumiste a culpa pelo Paul e a Marya. Vais dizer que, enquanto perambulavas pelo bosque a acender bombinhas, estavas ao mesmo tempo a piratear a rede informática do corpo docente e a imprimir relatórios falsos em material de escritório da escola? É que tenho a certeza de que isso fará o Águia voar!

– Descontraí, bacano – disse Takumi. – Em primeiro lugar, não vamos ser apanhados. Segundo, se formos, eu assumo a culpa com a Alaska. Tu tens mais a perder do que qualquer um de nós. – O Coronel limitou-se a assentir com a cabeça. Era um facto inegável: o Coronel não teria hipótese de conseguir uma bolsa de estudo para uma boa escola se fosse expulso do Creek.

Sabendo que nada animava tanto o Coronel como o reconhecimento do seu brilhantismo, perguntei: – Então, como é que pirateaste a rede?

– Trepei à janela do gabinete do Dr. Hyde, iniciei-lhe o computador e digitei a palavra-passe dele – disse, a sorrir.

– Adivinhaste-a?

– Não. Na terça-feira, fui ao gabinete dele pedir-lhe que me imprimisse uma cópia da lista de leituras recomendadas. E foi então que o vi a digitar a palavra-passe: *J3ckylnhyd3*.

– Bela merda – disse Takumi. – Eu podia ter feito isso.

– Claro que sim, mas assim não podias usar aquele chapéu sensual – disse o Coronel, a rir-se. Takumi tirou a fita da cabeça e guardou-a na mochila.

– O Kevin vai ficar lixado por causa do cabelo – disse eu.

– Pois, olha, eu estou muito lixada por causa da minha biblioteca alagada. O Kevin é uma boneca insuflável – disse Alaska. – Se nos picar, nós deitamos sangue. Se o picarmos a ele, ele estoura.

– É verdade – disse Takumi. – Aquele tipo é um parvalhão. Afinal de contas, quase tentou matar-nos.

– Pois, acho que sim – reconheci.

– Aqui há imensa gente assim, estás a ver? – prosseguiu Alaska, ainda enraivecida. – Meninos ricos que não passam de umas bonecas insufláveis de merda!

Mas, apesar de Kevin ter quase tentado matar-me e tudo, não me parecia que

valesse a pena odiá-lo. Odiar os miúdos populares consome imensa energia, e eu já tinha desistido de o fazer há muito tempo. Para mim, a partida era apenas a resposta a uma partida anterior, apenas uma oportunidade de ouro de, como dizia o Coronel, criar um pouco de caos. Mas, para Alaska, parecia ser outra coisa, algo mais.

Eu queria perguntar-lhe acerca disso, mas ela deitou-se para trás dos fardos de feno, novamente invisível. Alaska estava farta de falar, e, quando ela se fartava de falar, acabava-se. Não conseguimos convencê-la a sair dali durante duas horas, até o Coronel desenroscar uma garrafa de vinho. Rodámos a garrafa entre nós até eu sentir o vinho no estômago, amargo e quente.

Quería gostar mais de bebida do que realmente gostava (que é mais ou menos o oposto do que sentia em relação a Alaska). Mas naquela noite a bebida soube-me muito bem, com o calor do vinho no meu estômago a espalhar-se-me pelo corpo. Não gostava de me sentir estúpido ou descontrolado, mas gostava da maneira como tornava tudo (o riso, o choro, o fazer chichi à frente dos amigos) mais fácil. Porque é que bebíamos? Para mim, era apenas diversão, sobretudo porque nos arriscávamos a ser expulsos. O que há de bom na ameaça constante de expulsão em Culver Creek é o facto de emprestar entusiasmo a todos os momentos de prazer ilícito. O mau, claro está, é haver sempre o risco de uma expulsão a sério.

Dois Dias Antes

NA MANHÃ SEGUINTE, acordei bem cedo, com os lábios secos e o hálito visível no ar fresco. Takumi trouxera um fogão de campismo na mochila e o Coronel estava debruçado sobre ele, a aquecer café instantâneo. O Sol brilhava mas não conseguia combater o frio, portanto, sentei-me ao lado do Coronel a bebericar café (“O que acontece com o café instantâneo é que cheira muito bem mas sabe a bÍlis estomacal”, dizia o Coronel), e então, um a um, Takumi e Lara e Alaska acordaram e nós passámos o dia escondidos, mas com barulho. Escondidos na barulheira.

Nessa tarde, no celeiro, Takumi decidiu que precisávamos de fazer um concurso de *freestyle*.

– Começa tu, Badocha – disse Takumi. – Coronel Catástrofe, tu és a nossa caixa de ritmos.

– Bacano, eu não sei *rappar* – lamentei-me.

– Não faz mal. O Coronel também não sabe fazer ritmos. Tenta só rimar uma beca e depois atira-me a rima.

Com a mão em concha à frente da boca, o Coronel começou a fazer barulhos absurdos que soavam mais a traques do que a ritmos de baixo, e eu, bem... eu *rappei*.

– “Hmm, sentados no celeiro com o sol a descer /quando eu era puto, só no *Burger King* é que eu queria comer / bacano, eu não consigo rimar / o puto Takumi é que vai continuar.”

Takumi assumiu o controlo sem sequer fazer uma pausa. – “Ora, bolas, Badocha, não sei se estou preparado / mas, tal como o Freddy, que é marado /

sempre tive fama de as cenas desfazer / ontem à noite, fiquei com soluços por estar a beber / os ritmos do Coronel têm pouca sincronia / quando balanço o micro, as miúdas entram em histeria / tanto represento Birmingham como represento o Japão / já me chamaram de amarelo, mas agora já não / nunca fiquei envergonhado com a minha cor / nem eu nem as inúmeras damas que já me chamaram amor.”

Foi a vez de Alaska entrar.

– “Não te quero a desrespeitar o género feminino por si só / senão pego em ti e desfaço-te em pó / pensas que lá por gostar da Tori e da Ani já não sei rimar / mas safo-me tão bem como os Caça-Fantasmas a caçar / não objetifiques as mulheres, meu desgraçado / senão vais acabar morto e enterrado.”

Takumi retomou novamente.

– “Se o meu olho te ofende, posso arrancá-lo, garota / tenho mais adereços para as miúdas do que os velhos têm gota / olha que merda, tenho as rimas a marar / ó Lara, ajuda-me aqui e põe-te a rimar.”

Lara rimou com calma e nervosismo – e com um desrespeito pelo ritmo ainda mais flagrante do que o meu. – Chamo-me Lara e sou da *Roméniia* / isto é muito difícil, uma vez fui à *Albânia* / adoro andar no carro da Alaska / com o inglês já não me vejo à rasca / com os is arrastados não me safo tão bem / mas ser *cosmopolita* também é isso, hein? / Oh, Takumi, acho que já está / acaba com a *diiversão*, enquanto ainda a há.”

– “Largo bombas como Hiroshima, ou melhor ainda, Nagasaki / quando as miúdas me ouvem, pensam que eu sou o *Rocky* / ainda bebo *sake* para que saibam a minha origem / há quem troce das minhas rimas, mas não são esses que me atingem / não sou pequenote, mas também não sou musculado / ao contrário do Badocha, não sou muito desajeitado / sou a raposa e esta é a minha equipa, ah pois é!

/ o nosso *freestyle* tem tanto ritmo como o sapato que trago no pé.” E acabámos.

O Coronel rematou com um ritmo em *freestyle* e nós brindámo-nos com uma salva de palmas.

– Partiste tudo, Alaska – disse Takumi, a rir-se.

– Faço o que posso para representar as damas. A Lara tinha o meu apoio.

– Pois *tiinha*.

E foi então que Alaska decidiu que, embora ainda nem sequer estivesse escuro, estava na hora de apanhar uma bebedeira.

– Duas noites seguidas é capaz de ser abusar da sorte – disse Takumi, enquanto Alaska abria o vinho.

– A sorte é para os trolhas – sorriu ela, levando a garrafa aos lábios. Para o jantar, tivemos bolachas salgadas e um naco de queijo de cabra fornecido pelo Coronel, e bebericar da garrafa o vinho rosado quente a acompanhar o queijo e as bolachas fez as vezes de um belo jantar. E, quando se nos acabou o queijo, bem, mais espaço sobrou para o *Strawberry Hill*.

– Temos de abrandar, senão vomito – comentei, depois de acabarmos a

primeira garrafa.

– Desculpa, Badocha. Não me apercebi de que estava alguém a abrir-te a goela e a deitar vinho lá para dentro – respondeu o Coronel, arremessando-me uma garrafa de *Mountain Dew*.

– Chamar vinho a esta merda é um bocadinho favor – retorquiu Takumi.

E então, como se vindo do nada, Alaska anunciou: – Melhor Dia / Pior Dia!

– Hã? – perguntei.

– Se só bebermos, vamos todos vomitar. Portanto, vamos abrandar a coisa com um jogo de bebida. Melhor Dia / Pior Dia.

– Nunca ouvi falar – disse o Coronel.

– Isso é porque acabei de o inventar. – Ela sorriu. Estava deitada de lado, no meio de dois fardos de feno, com a luz da tarde a iluminar-lhe o verde dos olhos, a pele bronzada como a última recordação do outono. Com a boca semi-aberta, ocorreu-me que ela já devia estar bêbeda, quando reparei no olhar distante dela. *O fito de mil metros da embriaguez*, pensei eu, e, enquanto a observava com um fascínio ocioso, ocorreu-me que, pois é, eu também já estava um bocadinho bêbedo.

– Que *diivertido*! Quais são as regras? – perguntou Lara.

– Toda a gente conta a história do seu melhor dia. O que contar a melhor história, não precisa de beber. Depois, toda a gente conta a história do seu pior dia, e quem contar a melhor história, não precisa de beber. E depois continuamos, segundo melhor dia, segundo pior dia, até que um de vocês desista.

– Como é que sabes que vai ser um de nós? – perguntou Takumi.

– Porque eu sou quem bebe melhor *e* conta as melhores histórias – respondeu. Era difícil discordar daquela lógica. – Começa tu, Badocha. O melhor dia da tua vida.

– Hmm. Dás-me um minuto para pensar nisso?

– Se tens de pensar nele, não pode ter sido assim tão bom – disse o Coronel.

– Vai-te lixar, bacano.

– És tão sensível!

– O melhor dia da minha vida foi hoje – disse eu. – E a história é que eu acordei ao lado de uma miúda húngara muito bonita e estava frio, mas não em demasia, e eu bebi uma chávena de café instantâneo morno e comi *Cheerios* sem leite e depois atravessei o bosque com a Alaska e o Takumi. Saltámos pelas pedras do regato, o que parece parvoíce, mas não foi. Não sei. Como quando o Sol está como está agora, com as longas sombras e aquela luz brilhante e suave que se vê quando o Sol ainda está a pôr-se? É essa luz que torna tudo melhor, tudo mais bonito, e hoje tudo parecia estar sob essa luz. Quer dizer, na verdade não fiz nada. A não ser estar aqui sentado, mesmo que fosse apenas a ver o Coronel a cortar ou seja o que for. Seja o que for. Grande dia o de hoje. O melhor dia da minha vida.

– Achas que eu sou bonita? – perguntou Lara, fazendo-me rir, de modo tímido. Pensei: *Seria bom estabelecer contacto visual com ela agora*, mas não consegui. – E eu sou *romena*!

– Essa história acabou por ser muito melhor do que eu imaginava – disse Alaska –, mas, ainda assim, vou-te bater.

– Dá-lhe, miúda! – disse eu. Levantou-se uma aragem, com a erva alta do lado de fora do celeiro a inclinar-se para se desviar dela, e eu puxei o saco-cama para cima dos ombros para me manter quente.

– O melhor dia da minha vida foi a 9 de janeiro de 1997. Eu tinha oito anos e fui com a minha mãe ao jardim zoológico, numa visita de estudo. Eu gostei dos ursos. Ela gostou dos macacos. O melhor dia de sempre. Fim da história.

– É só isso?! – comentou o Coronel. – É esse o melhor dia de toda a tua vida?!

– Sim.

– Eu gosto – disse Lara. – Também gosto dos macacos.

– Que lamechice – disse o Coronel. Eu não achei tanto que fosse uma lamechice, mas sim uma imprecisão intencional de Alaska, mais um exemplo do seu carácter misterioso levado ao extremo. Mas, ainda assim, mesmo sabendo que era intencional, não pude deixar de me indagar: *O que haverá assim de tão especial na porcaria do jardim zoológico?* Mas, antes que eu pudesse perguntar, Lara falou.

– ‘Tá bem, é a *miinha* vez – disse Lara. – É fácil. O dia em que aqui cheguei. Eu sabia inglês, mas os meus pais não, e quando saímos do avião estavam cá no aeroporto os meus familiares, tias e tios que eu nunca *tiinha* visto, e os meus pais estavam tão contentes. Eu tinha doze anos e sempre tinha sido a menina *pequeniina*, mas esse foi o primeiro dia em que os meus pais precisaram de mim e me trataram como adulta. Porque não sabiam a língua, certo? Precisam de mim para encomendar *comiida* e para lhes traduzir formulários de *iimpostos* e *iimigração* e tudo o mais, e foi nesse dia que deixaram de me tratar como criança. Além disso, na Roménia éramos pobres. E aqui somos quase ricos. – Riu-se.

– Tudo bem. – Takumi sorriu, agarrando na garrafa de vinho.

– Perdi. Porque o melhor dia da minha vida foi o dia em que perdi a virgindade. E se pensam que vos vou contar essa história, vão ter de me embebedar mais do que isto.

– Nada mal – disse o Coronel. – Nada mal. Querem saber o meu melhor dia?

– O jogo é esse, Chip – disse Alaska, claramente irritada.

– O melhor dia da minha vida ainda não aconteceu. Mas eu sei como é. Vejo-o todos os dias. O melhor dia da minha vida é o dia em que compro uma casa gigantesca à minha mãe. E não há de ser apenas no bosque, mas sim no meio de Mountain Brook, com os pais de todos os Guerreiros do Fim de Semana. Com os pais de vocês todos. E não a vou comprar com um empréstimo. Vou comprá-la com dinheiro vivo, e vou lá levar a minha mãe e abrir-lhe a porta do carro e ela vai sair e olhar para a tal casa – uma casa com cerca e dois pisos e tudo o mais, estão a ver? – e eu vou entregar-lhe as chaves da casa dela e dizer: “Obrigado.” Bacanos, ela ajudou a preencher a minha candidatura a esta escola. E deixou-me vir para cá, e isso não é fácil, quando se vem de onde nós vimos, deixar o filho sair de casa para ir para a escola. Portanto, esse é o melhor dia da minha vida.

Takumi emborcou a garrafa e deu alguns goles, depois passou-ma a mim. Eu bebi, e Lara também bebeu, e depois Alaska deitou a cabeça para trás e virou a garrafa ao contrário, bebendo rapidamente o último quarto da garrafa.

Enquanto desenroscava a garrafa seguinte, Alaska sorriu ao Coronel. – Venceste esta ronda. Agora, qual é o teu pior dia?

– O pior dia foi quando o meu pai se foi embora. Ele é velho – tem agora uns setenta anos – e já era velho quando casou com a minha mãe, mas, *mesmo assim*, enganava-a. E ela apanhou-o e ficou muito irritada, por isso ele bateu-lhe. E depois ela pô-lo na rua e ele foi-se embora. Eu estava aqui e a minha mãe telefonou, e só mais tarde é que me contou a história toda, acerca da traição e da sova e tudo o mais. Disse-me apenas que ele tinha partido e não iria voltar. E eu não o vejo desde então. Durante todo esse dia, fiquei à espera de que ele me ligasse a explicar, mas nunca o fez. Nunca ligou. Eu pensava que ele pelo menos se despedisse, ou coisa parecida. Foi o pior dia.

– Merda, batestes-me outra vez – disse eu. – O meu pior dia foi no sétimo ano, quando o Tommy Hewitt mijou na minha roupa de ginástica e depois o meu professor disse que eu tinha de usar a farda, senão chumbava a essa disciplina. Ginástica do sétimo ano, estão a ver? Há coisas pior a que chumbar. Mas, nessa altura, era um grande problema, e eu chorava e tentava explicar ao professor o que tinha acontecido, mas era tão constrangedor, e ele gritava, gritava, gritava, até que vesti os calções e a *T-shirt* ensopados de mijo. Foi nesse dia que deixei de me ralar com o que as pessoas faziam. Nunca mais me ralei com o facto de ser um falhado ou de não ter amigos, nem nada do género. Portanto, acho que, por um lado, foi bom para mim, mas esse momento foi horrível. Quer dizer, imaginem-me a jogar voleibol ou fosse lá o que fosse com roupas de ginástica ensopadas em mijo, enquanto o Tommy Hewitt conta a toda a gente o que fez. Esse foi o pior dia.

Lara ria-se. – Desculpa, Miles.

– Tudo bem – disse eu. – Conta-me lá o teu, para eu poder rir-me da *tua* dor. – Sorri e nós rimo-nos juntos.

– O meu pior dia foi provavelmente o mesmo que o melhor. Porque eu larguei tudo. Quer dizer, parece *parvoíce*, mas também larguei a minha *meniínice*, porque a maioria das crianças de doze anos não tem de interpretar formulários W-2, estás a ver?

– O que é um formulário W-2? – perguntei.

– Lá está o que eu digo. É para os *iimpostos*. Portanto. O mesmo dia.

Lara sempre tivera de falar pelos pais, pensei eu, e portanto talvez nunca tenha aprendido a falar por si mesma. E eu também não era grande espingarda a falar por mim mesmo. Como tal, tínhamos algo importante em comum, um traço de personalidade que eu não partilhava com Alaska nem com mais ninguém, embora, quase por definição, eu e Lara não pudéssemos expressá-lo um ao outro. Portanto, talvez fosse apenas a maneira como o Sol ainda por se pôr brilhava sobre os seus ociosos caracóis escuros, mas, naquele momento, apeteceu-me beijá-la, e não precisávamos de falar para nos beijarmos, e o vômito nas calças de ganga dela,

bem como os meses de evitação mútua, desvaneceram-se.

– É a tua vez, Takumi.

– Pior dia da minha vida – disse Takumi. – 9 de junho de 2000. A minha avó morreu no Japão. Morreu num acidente de viação e eu devia ir-me embora para ir vê-la dois dias depois. Ia passar o verão inteiro com ela e o meu avô, mas, em vez disso, apanhei o avião para ir ao funeral dela, e a única vez que vi de facto a aparência dela, sem ser em fotografias, quero eu dizer, foi no funeral dela. Teve um funeral budista e foi cremada, mas, antes disso, estava numa espécie de... bem, não é mesmo budista a sério. Quer dizer, lá a religião é complicada, portanto é um bocadinho budista e um bocadinho xintoísta, mas isso não vos interessa – a questão é que ela estava numa espécie de pira funerária, ou assim. E essa foi a única ocasião em que a vi, antes de lhe deitarem fogo. Esse foi o pior dia.

O Coronel acendeu um cigarro, atirou-mo e acendeu outro para ele. O facto de ele conseguir perceber quando é que me apetecia um cigarro era arrepiante. Éramos *mesmo* como um casal casado há muito tempo. Por um instante, pensei: *é extremamente insensato atirar cigarros acesos num celeiro cheio de feno*, mas depois o momento de cautela dissipou-se e eu limitei-me a fazer um esforço sincero para não deixar cair cinza em nenhum feno.

– Ainda não há um claro vencedor – disse o Coronel. – Está tudo em aberto. É a tua vez, amiga.

Alaska estava deitada de costas, com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça. Falava de modo suave e rápido, mas o dia tranquilo estava a transformar-se numa noite mais tranquila – com os insetos já desaparecidos com a chegada do inverno –, e nós conseguíamos ouvi-la com clareza.

– O dia a seguir à minha mãe me levar ao jardim zoológico, onde ela gostou dos macacos e eu gostei dos ursos, foi uma sexta-feira. Cheguei a casa vinda da escola. Ela deu-me um abraço e disse-me que fosse para o meu quarto fazer os trabalhos de casa, para depois poder ver televisão. Fui para o meu quarto e ela sentou-se à mesa da cozinha, acho eu, e depois gritou e eu saí do quarto a correr e ela tinha caído para o lado. Estava deitada no chão, agarrada à cabeça e com convulsões. E eu apanhei um susto de morte. Devia ter ligado para o número de emergência, mas comecei a gritar e a chorar, até que, por fim, ela parou de estremecer e eu pensei que ela tinha adormecido e que, fosse lá o que fosse que lhe tinha feito doer já não estava a fazer doer. Por isso fiquei ali sentada no chão com ela até o meu pai chegar a casa, passada uma hora, e começar a gritar “Porque é que não ligaste para o número de emergência?” e a tentar reanimá-la, mas, por essa altura, ela já estava bastante morta. Aneurisma. Pior dia. Ganhei. São vocês a beber.

E assim fizemos.

Ninguém falou por um minuto, e depois Takumi perguntou:

– O teu pai culpou-te?

– Bem, depois daquele primeiro momento, não. Mas sim. Como poderia não culpar?

– Ora, tu eras uma miúda pequena – argumentou Takumi. Eu estava demasiado surpreso e desconfortável para falar, tentando encaixar aquilo no que sabia acerca da família de Alaska. A mãe dela contou-lhe a piada do truz-truz quando Alaska tinha seis anos. A mãe dela dantes fumava – mas agora já não, como é óbvio.

– Pois. Eu era uma miúda pequena. Os miúdos pequenos conseguem ligar para o número de emergência. Estão sempre a fazer isso. Passa-me o vinho – disse ela, sem expressividade nem emoção. Bebeu sem levantar a cabeça do feno.

– Lamento – disse Takumi.

– Porque é que nunca me contaste? – perguntou o Coronel, com uma voz suave.

– Nunca se proporcionou. – E foi então que parámos de fazer perguntas. *O que diabo se diz nestas alturas?*

No longo silêncio que se seguiu, enquanto rodávamos o vinho e lentamente nos embebedávamos cada vez mais, dei por mim a pensar no presidente William McKinley, o terceiro presidente americano a ser assassinado. Sobreviveu durante vários dias depois de ser alvejado, e, já quase no fim, a mulher dele começou a chorar e a gritar: “Eu também quero ir! Eu também quero ir!” E, com a última réstia de forças, McKinley virou-se para ela e proferiu as suas últimas palavras: “Vamos todos.”

Foi o momento central da vida de Alaska. Agora eu percebia o que ela quis dizer quando chorou e me disse que tinha lixado tudo. E, quando disse que dececionava toda a gente, percebi a quem se referia. Era o tudo e o toda a gente da vida dela, portanto não pude deixar de imaginar a cena: imaginei uma menina escanzelada de oito anos com dedos sujos, a olhar para a sua mãe com convulsões no chão. Então, ela sentou-se junto da mãe morta, ou talvez não, que eu imagino que naquela altura não estivesse a respirar mas que também não estava fria. E, no período entre a mãe estar moribunda e morta, uma pequena Alaska sentou-se junto a ela em silêncio. E então, através do silêncio e da minha embriaguez, tive um vislumbre de como ela devia estar. Deve ter-se sentido tão impotente, pensei eu, que a única coisa que podia ter feito – pegar no telefone e chamar uma ambulância – nunca sequer lhe ocorreu. Chega uma altura em que nos apercebemos de que os nossos pais não se podem salvar a eles nem a nós, que toda a gente que atravessa o tempo acaba por ser arrastada para o mar pelo recuo das ondas – que, em suma, todos vamos.

Por isso tornou-se impulsiva, assustada pela sua inação, que se transformou em ação perpétua. Quando o Águia a confrontou com a expulsão, ela deixou sair o nome de Marya porque foi a primeira que lhe veio à cabeça, porque naquele momento ela não queria ser expulsa e não conseguia pensar para além desse momento. Estava assustada, é certo. Mas, mais importante do que isso, talvez tenha ficado com receio de que o medo tornasse a paralisá-la.

Vamos todos, disse McKinley à sua mulher, e isso é certo. Tomem lá o vosso labirinto de sofrimento. Vamos todos. Encontrem a maneira de sair desse labirinto.

Não lhe disse nada disto em voz alta. Nem nessa altura nem nunca. Nunca mais trocámos uma palavra acerca do assunto. Ao invés, esse tornou-se apenas mais um pior dia, embora o pior do grupo, e, à medida que a noite caía rapidamente, continuámos a beber e a dizer piadas.

Nessa noite, mais tarde, depois de Alaska ter enfiado o dedo pela garganta abaixo para forçar o vômito à frente de todos nós porque estava demasiado bêbada para caminhar pelo bosque, eu deitei-me no meu saco-cama. Lara estava deitada ao meu lado, no saco-cama dela, que quase tocava no meu. Movimentei o braço para a ponta do meu saco-cama e puxei-o, para que se sobrepusesse ligeiramente ao dela. Pressionei a minha mão sobre a dela. Conseguia sentir-lhe a mão, apesar dos dois sacos-camas que tínhamos entre nós. O meu plano, que me parecia muito engenhoso, era tirar o braço de dentro do meu saco-cama e metê-lo no dela, para depois lhe dar a mão. Era um bom plano, mas, quando tentei de facto tirar o braço do saco-cama múmia, contorci-me como um peixe fora de água e quase desloquei o ombro. Ela estava a rir-se – e não era comigo, era de mim –, mas, mesmo assim, não falámos. Tendo já ultrapassado o ponto de não retorno, enfiei a mão no saco-cama dela na mesma, e ela abafou uma risadinha quando os meus dedos percorreram uma linha desde o seu cotovelo até ao pulso.

– Isso faz cócegas – sussurrou ela. Lá se ia a minha tentativa de ser sensual.

– Desculpa – murmurei.

– Não, são cócegas boas – disse ela, pegando-me na mão. Entrelaçou os dedos nos meus e apertou. E depois rebolou sobre si mesma e beijou-me. Tenho a certeza de que ela sabia a bebida morta, mas não reparei, e tenho a certeza de que eu sabia a bebida morta e tabaco, mas ela não reparou. Estávamos aos beijos.

Pensei: *Isto é bom.*

Pensei: *Não sou mau nesta cena dos beijos. Mesmo nada mau.*

Pensei: *Sou claramente o melhor beijoqueiro da História do Universo.*

De repente, ela riu-se e afastou-se de mim. Meneou a mão do lado de fora do seu saco-cama e limpou a cara. – Babaste-me o nariz – disse ela, a rir-se.

Eu também me ri, tentando dar-lhe a impressão de que o meu estilo de beijo que baba narizes tinha a intenção de ser engraçado.

– Desculpa. – Usando a metáfora do baseball de Alaska, na minha vida não acertei mais de cinco tacadas, por isso tentei pôr as culpas na in experiência.

– Sou um bocadinho novo nisto – disse eu.

– Foi uma baba agradável – disse ela, rindo-se e beijando-me de novo. Não tardou a que estivéssemos completamente de fora dos sacos-cama, a curtir em silêncio. Ela deitou-se em cima de mim e eu amparei-lhe a cintura estreita. Sentia os seios dela contra o meu peito enquanto ela se movia devagar sobre mim, usando-me como sela para as suas pernas. – Gosto do teu toque – disse ela.

– És linda – disse eu, sorrindo-lhe. Na escuridão, conseguia distinguir a silhueta dos seus traços e os seus olhos grandes e arredondados a pestanejar para mim, com as pestanas quase a adejar na minha testa.

– Será que as duas pessoas que estão na marmelada podem não fazer barulho, por favor? – pediu o Coronel em voz alta, a partir do seu saco-cama. – Aqueles de nós que não estão na marmelada estão bêbedos e cansados.

– Sobretudo. Bêbedos – disse Alaska, lentamente, como se a articulação exigisse um grande esforço.

Eu e Lara quase nunca tínhamos falado, e não tivemos hipótese de falar mais por causa do Coronel. Portanto, beijámo-nos em silêncio e rimo-nos de modo suave com as bocas e os olhos. Depois de tantos beijos que a coisa já começava a tornar-se aborrecida, sussurrei: – Queres ser minha namorada?

E ela disse: – Sim, por favor. – E sorriu. Dormimos juntos no saco-cama dela, que, para ser sincero, me pareceu um bocado acanhado, mas não deixou de ser bom. Nunca tinha sentido outra pessoa encostada a mim enquanto dormia. Foi um belo final para o melhor dia da minha vida.

Um Dia Antes

NA MANHÃ SEGUINTE, uma expressão que uso de modo indiscriminado uma vez que ainda não tinha nascido o dia, o Coronel acordou-me com um safanão. Lara estava embrulhada nos meus braços, dobrada sobre o meu corpo.

– Temos de ir, Badocha. Está na hora de nos pormos a andar.

– Bacano. Estou a dormir.

– Podes dormir quando lá chegarmos. **ESTÁ NA HOR A DE BAZAR!** – gritou ele.

– Está bem. Está bem. Não grites. Dói-me a cabeça. – E doía. Sentia o vinho da noite anterior na minha garganta e a cabeça latejava-me como na manhã a seguir ao meu traumatismo craniano.

Parecia que uma doninha se tinha enfiado na minha garganta e morrido lá – era a isso que me sabia a boca. Fiz um esforço para não expirar perto de Lara enquanto ela se desenhava, ainda gogue, do saco-cama.

Guardámos tudo rapidamente nas mochilas, atirámos as garrafas vazias para a erva alta do campo – fazer lixo era uma infeliz necessidade no Creek, uma vez que ninguém queria atirar uma garrafa de bebida vazia para um caixote de lixo da escola – e afastámo-nos do celeiro. Lara agarrou-me na mão e depois largou-a timidamente. Alaska estava uma lástima, mas insistiu em deitar as últimas poucas gotas de *Strawberry Hill* para dentro do seu café instantâneo frio, antes de deitar fora a garrafa que tinha atrás de si.

– Continuar a beber para não ficar maldisposta – disse ela.

– Como é que estás? – perguntou-lhe o Coronel.

– Já tive manhãs melhores.

– De ressaca?

– Como um sacerdote alcoólico ao domingo de manhã.

– Se calhar não devias beber tanto – sugeriu.

– Badocha. – Ela abanou a cabeça e bebericou o café frio e o vinho. – Badocha, o que tens de perceber em relação a mim é que eu sou uma pessoa profundamente infeliz.

A caminho das instalações da escola, caminhámos lado a lado pela estrada de terra erodida pela água. Logo depois de chegarmos à ponte, Takumi parou, disse “oh-ho”, pôs-se de gatas e vomitou um vulcão de amarelo e cor-de-rosa.

– Deita tudo fora – disse Alaska. – Vais ficar bem.

Ele terminou, levantou-se e disse: – Finalmente encontrei alguma coisa capaz de parar a raposa. A raposa não suplanta o *Strawberry Hill*.

Alaska e Lara dirigiram-se para os seus quartos, tencionando anunciar mais tarde a sua chegada ao Águia, e eu e Takumi pusemo-nos atrás do Coronel enquanto ele batia à porta do Águia às 9 da manhã.

– Chegaram cedo a casa. Divertiram-se?

– Sim, senhor – disse o Coronel.

– Como está a tua mãe, Chip?

– Vai andando, senhor. Está em boa forma.

– Alimentou-vos bem?

– Ah, sim, senhor – respondi. – Tentou engordar-me.

– Bem precisas. Tenham uma boa noite.

– Bem, não me parece que ele tenha desconfiado de nada – disse o Coronel, quando regressávamos ao Quarto 43. – Portanto, talvez tenhamos conseguido safar-nos.

Pensei em ir ver Lara, mas estava muito cansado, por isso fui para a cama dormir, para ver se me passava a ressaca.

Não foi um dia memorável. Eu devia ter feito coisas extraordinárias. Devia ter sugado o tutano da vida. Mas, nesse dia, dormi dezoito horas em vinte e quatro possíveis.

O Último Dia

NA MANHÃ SEGUINTE, a primeira segunda-feira do novo semestre, o Coronel saiu do chuveiro no preciso instante em que o meu despertador disparou.

Quando eu estava a calçar os sapatos, Kevin bateu uma vez e abriu a porta, entrando no quarto.

– Estás com bom aspeto – disse o Coronel, de modo descontraído. Kevin exibia agora um corte à escovinha, com um pequeno retalho de cabelo curto azul de cada lado da cabeça, mesmo acima da orelha. O seu lábio inferior projetava-se para fora – o primeiro mergulho da manhã. Encaminhou-se para a nossa MESA DE CENTRO, agarrou numa lata de *Coca-Cola* e cuspiu lá para dentro.

– Quase não me apanhavam. Reparei na tinta dentro do meu amaciador e voltei de imediato para o duche. Mas não a vi no meu gel. No cabelo do Jeff nem sequer se nota, mas eu e o Longwell tivemos de apostar no visual de *marine*. Graças a Deus que eu tenho máquina para cortar o cabelo.

– Fica-te bem – disse eu, embora não fosse verdade. O cabelo curto acentuava-lhe os traços faciais, sobretudo os olhos redondos demasiado juntos, que não se opunham bem àquela ênfase. O Coronel esforçava-se por se mostrar teso –

preparado para qualquer ação de Kevin – mas é difícil ter um ar teso quando se tem apenas uma toalha cor de laranja por cima do corpo.

– Tréguas?

– Bem, temo que os teus problemas ainda não tenham terminado – disse o Coronel, referindo-se aos relatórios de avaliação colocados no correio mas ainda não recebidos.

– Tudo bem. Se assim o dizes. Suponho que haveremos de falar quando terminarem.

– Suponho que sim – disse o Coronel. Com Kevin a preparar-se para sair, o Coronel disse: – Leva a lata em que cuspiste, seu merdas anti-higiénico. – Kevin limitou-se a fechar a porta atrás de si. O Coronel pegou na lata, abriu a porta e atirou-a a Kevin – não lhe acertando por uma boa margem.

– Credo, tem lá calma com o gajo.

– Ainda não há tréguas, Badocha.

Passei essa tarde com Lara. Estivemos muito amorosos, apesar de não sabermos nada acerca um do outro e de quase não falarmos. Mas estivemos na marmelada. A certa altura, ela agarrou-me no rabo e eu dei um salto. Estava deitado, mas dei a melhor versão de salto que uma pessoa pode dar estando deitada, e ela disse “Desculpa” e eu respondi: “Oh, não faz mal. Está só um bocadinho dorido por causa do cisne.”

Fomos os dois juntos para a sala da televisão e eu tranquei a porta. Estávamos a ver a série *The Brady Bunch*, que ela nunca tinha visto. O episódio, em que a família Brady está de visita a uma cidade-fantasma mineira e acaba fechada na prisão onde só há uma cela por um qualquer velho garimpeiro maluco de barba branca emaranhada, era particularmente horrível e valeu-nos muitas gargalhadas. O que foi bom, já que não tínhamos muito sobre o que *falar*.

No momento em que os Bradys eram fechados na prisão, Lara perguntou-me, ao acaso: – Alguma vez te *fizeram* um broche?

– Hã, isso agora saiu do nada – disse eu.

– Do nada?

– Sim, veio a despropósito.

– A despropósito?

– Ou seja, não vem a propósito de nada, e eu não estava à espera. De onde é que te veio essa ideia?

– É que nunca fiz nenhum a ninguém – respondeu ela, com a voz fininha a transbordar de sedução. Era tão descarado. Achei que ia explodir. Nunca pensei. Quer dizer, ouvir Alaska dizer uma cena daquelas era uma coisa. Mas ouvir aquela doce vozinha romena a tornar-se tão sensual assim de repente...

– Não – respondi eu. – Nunca me fizeram nenhum.

– Achas que seria divertido?

O QUE É QUE ACHAS?!?!?!?!?! – Humm. Sim. Quer dizer, não precisas de o fazer.

– Acho que quero – disse ela. Depois beijámo-nos um pouco, e então... E então, enquanto eu estava sentado a assistir ao *The Brady Bunch*, a ver as palhaçadas de Marcia, Lara desabotoou-me as calças, baixou-me um bocadinho os boxers e tirou-me o pénis para fora.

– Uau – disse ela.

– O que foi?

Ela ergueu os olhos para mim, mas não se mexeu, com o rosto a milímetros da minha pila. – É *istranho*.

– *Estranho* como?

– É grande. Acho eu.

Eu podia viver com esse tipo de estranho. E foi então que ela o envolveu com a mão e o meteu na boca.

E esperou.

Ficámos os dois muito quietos. Ela não mexeu um músculo do corpo e eu também não. Eu sabia que, por esta altura, deveria acontecer mais qualquer coisa, mas não sabia bem o quê.

Ela manteve-se quieta. Eu sentia-lhe a respiração enervada. Durante minutos, o tempo que os Bradys demoraram a roubar a chave e a destrancar-se da cadeia da cidade-fantasma, ela ali ficou, imóvel, com o meu pénis na boca, comigo sentado, à espera.

E depois tirou-o da boca e levantou os olhos para mim de modo inquiridor.

– É para eu fazer alguma coisa?

– Humm. Não sei – disse eu. O meu cérebro foi subitamente estimulado por tudo o que eu aprendera a ver pornografia com Alaska. Pensei que talvez ela pudesse mexer a cabeça para cima e para baixo, mas será que isso não iria sufocá-la? Portanto, limitei-me a ficar calado.

– Achas que devia, tipo, morder?

– Não mordas! Quer dizer, acho que não. Acho que... quer dizer, isso soube bem. Foi agradável. Não sei se haverá mais alguma coisa.

– Mas, tu não...

– Humm. Talvez seja melhor perguntar à Alaska.

Portanto fomos ao quarto de Alaska perguntar-lhe. Ficou perdida de riso. Sentada na cama, riu até às lágrimas. Entrou na casa de banho, regressou com um tubo de pasta de dentes e demonstrou-nos. Ao pormenor. Eu nunca quis tanto ser um tubo de pasta de dentes.

Eu e Lara voltámos para o quarto dela, onde ela fez exatamente o que Alaska lhe ensinara e eu fiz exatamente o que Alaska dissera que eu faria, que foi passar por cem pequenas mortes de êxtase, de punhos cerrados e o corpo a tremer. Foi o meu primeiro orgasmo com uma rapariga, e, depois disso, senti-me envergonhado e nervoso, tal como Lara também estava, claramente. Por fim, quebrou o silêncio e perguntou: – Então, queres fazer uns trabalhos de casa?

Havia pouco que fazer no primeiro dia do semestre, mas ela pôs-se a ler para a aula de Inglês. Eu peguei numa biografia do revolucionário argentino Che Guevara

– cujo rosto enfeitava um poster na parede – que a colega de quarto de Lara tinha na estante, e depois deitei-me ao lado de Lara no beliche de baixo. Comecei pelas últimas páginas, como fazia por vezes com as biografias que não tencionava ler até ao fim, e encontrei as últimas palavras dele sem ter de procurar muito. Capturado pelo exército boliviano, Guevara disse: “Dispara, covarde. Vais apenas matar um homem.” Pensei de novo nas últimas palavras de Simón Bolívar no romance de García Márquez: “Como é que alguma vez haverei de sair deste labirinto?” Ao que parece, os revolucionários sul-americanos morriam com estilo. Li as últimas palavras em voz alta a Lara. Ela virou-se de lado, pousando as mãos no meu peito.

– Porque é que gostas tanto de últimas palavras?

Por mais estranho que pareça, na verdade nunca pensei na razão. – Não sei – disse eu, colocando a mão sobre o fundo das suas costas. – Às vezes, é só por terem piada. Como aquelas do Sedgwick, um general da Guerra Civil que disse: “Nem num elefante eles conseguiam acertar a esta dist...” e depois levou um tiro. – Ela riu-se. – Mas, muitas vezes, as pessoas morrem como vivem. E, por isso, as últimas palavras dizem-me muito acerca daquilo que as pessoas foram, e da razão por que se tornaram no tipo de pessoas sobre as quais se escrevem biografias. Faz sentido?

– Sim – disse ela.

– Sim? Só sim?

– Sim – disse ela, voltando depois à leitura.

Não sabia como falar com ela. E estava frustrado com a tentativa, portanto, passado um bocado, levantei-me para me ir embora.

Despedi-me com um beijo. Pelo menos isso podia fazer.

Fui buscar Alaska e o Coronel ao nosso quarto e dirigimo-nos a pé até à ponte, onde repeti o pormenor constrangedor do fiasco do *fellatio*.

– Não posso crer que ela te tenha feito dois broches no mesmo dia – disse o Coronel.

– Só em termos técnicos. Na verdade, foi só um – corrigiu Alaska.

– Ainda assim. Vamos lá ver. Ainda assim. O Badocha tirou a barriga das misérias.

– Pobre Coronel – disse Alaska, com um sorriso lamentoso. – Eu fazia-te uma mamada misericordiosa, mas estou mesmo ligada ao Jake.

– Isso é sinistro – disse o Coronel. – Só devias insinuar-te ao Badocha.

– Mas o Badocha já tem uma *miúda*. – Ela riu-se.

Nessa noite, eu e o Coronel fomos até ao quarto de Alaska comemorar o sucesso da nossa Noite do Celeiro. Ela e o Coronel tinham andado a comemorar muito nos últimos dois dias, e a mim não me apetecia atacar o *Strawberry Hill*, portanto sentei-me a petiscar salgadinhos enquanto Alaska e o Coronel bebiam vinho em copos de cartão floridos.

– Hoje à noite não bebemos da garrafa – disse o Coronel. – Estamos a ficar

com classe!

– É um concurso de bebida à velha moda do Sul – respondeu Alaska. – Vamos dar ao Badocha um serão de verdadeira vivência sulista: vamos igualar-nos copo de cartão a copo de cartão, até que o bebedor mais fraco tombe.

E foi basicamente isso que fizeram, parando apenas para apagar as luzes às onze da noite, para que o Águia não aparecesse por ali. Conversaram um bocadinho, mas sobretudo beberam, e eu desliguei-me da conversa e acabei a esforçar a vista às escuras, a olhar para as lombadas da Biblioteca da Vida de Alaska. Mesmo sem os livros que ela perdera na mini-inundação, eu poderia ficar ali até de manhã a examinar as pilhas aleatórias de títulos. Havia uma dúzia de túlipas brancas numa jarra de plástico, empoleirada de modo periclitante no cimo de uma das pilhas de livros, e, quando lhe perguntei acerca delas, ela limitou-se a dizer: – O meu aniversário com o Jake. – E eu não quis continuar aquela linha de diálogo, por isso voltei a observar os títulos, e estava mesmo a indagar-me sobre como poderia saber mais acerca das últimas palavras de Edgar Allan Poe (para que conste: “Que o Senhor ajude a minha pobre alma.”), quando ouvi Alaska a dizer: – O Badocha nem nos está a ouvir.

E eu disse: – Estou a ouvir.

– Estávamos a falar do Verdade ou Consequência. Ficou fora de moda no sétimo ano ou ainda é fixe?

– Nunca joguei – disse eu. – No sétimo ano não tinha amigos.

– Bem, então é isso! – gritou ela, um bocadinho alto demais, dado o adiantado da hora e dado o facto de ela estar a beber vinho às claras no quarto. – Verdade ou Consequência!

– Tudo bem – concordei. – Mas eu não vou curtir com o Coronel.

O Coronel deixou-se cair a um canto. – Não consigo curtir. Demasiado bêbedo.

Alaska começou. – Verdade ou Consequência, Badocha.

– Consequência.

– Enrola-te comigo.

E assim fiz.

Foi com esta rapidez. Ri-me, com um ar nervoso, e ela debruçou-se sobre mim, inclinou a cabeça para o lado e beijámo-nos.

Nenhuma camada entre nós. As nossas línguas a dançar para a frente e para trás na boca um do outro até deixar de haver a boca dela e a minha boca e haver apenas as nossas bocas interligadas. Ela sabia a tabaco e a *Mountain Dew* e a vinho e a batom para o cieiro. Levou a mão à minha cara e eu senti os seus dedos macios a contornar a linha do meu maxilar. Beijámo-nos deitados, com ela em cima de mim, e eu comecei a mover-me debaixo dela. Afastei-me por um momento, para perguntar “O que é que se passa aqui?”, e ela levou um dedo aos lábios e tornámos a beijar-nos. Uma mão agarrou uma das minhas, que ela colocou sobre a barriga. Desloquei-me lentamente para cima dela e senti-a a arquear as costas debaixo de mim.

Tornei a afastar-me. – Então e a Lara? O Jake? – Mais uma vez, mandou-me calar.

– Menos língua e mais lábios – disse ela, e eu esforcei-me ao máximo. Pensava que a língua era o mais importante, mas a especialista era ela.

– Credo – disse o Coronel, num tom de voz bastante alto. – Aproxima-se o drama, essa besta vil.

Mas não lhe prestámos atenção. Ela levou a minha mão da sua cintura ao seio e eu apalpei com cautela, os meus dedos a deslocar-se lentamente debaixo da sua *T-shirt* mas por cima do sutiã, percorrendo o contorno dos seus seios e depois envolvendo um deles com a mão em concha, apertando-o com suavidade. – Tens jeito para isso – sussurrou ela. Enquanto falava, os seus lábios nunca soltaram os meus. Movimentávamo-nos juntos, com o meu corpo entre as pernas dela.

– Isto é muito divertido – murmurou ela –, mas eu tenho tanto sono... Continuamos depois? – Beijou-me por mais um instante, com a minha boca a esforçar-se por permanecer junto da dela, e depois saiu de debaixo de mim, deitou a cabeça no meu peito e adormeceu de imediato.

Não fizemos sexo. Não chegámos a ficar nus. Nunca lhe toquei no seio despido e as mãos dela nunca foram mais abaixo do que a minha anca. Não tinha importância. Enquanto ela dormia, sussurrei: – Eu amo-te, Alaska Young.

Quando eu estava mesmo a adormecer, o Coronel falou. – Bacano, estiveste a curtir com a Alaska?

– Sim.

– Isto vai acabar mal – disse ele aos seus botões.

E depois eu adormeci. Aquele sono profundo em que ainda a sinto na minha boca, aquele sono que não descansa propriamente mas do qual não deixa de ser difícil acordar. E foi então que ouvi o telefone a tocar. Acho eu. E, embora não o possa saber, acho que senti Alaska levantar-se. Acho que a ouvi a sair. Acho eu. Quanto tempo lá estive fora, é impossível saber.

Mas tanto eu como o Coronel acordámos quando ela regressou, fossem lá as horas que fossem, porque ela bateu com a porta. Chorava convulsivamente, como naquela manhã a seguir à Ação de Graças, mas pior.

– Tenho de sair daqui! – gritou.

– O que é que aconteceu? – perguntei.

– Meu Deus, quantas vezes conseguirei eu lixar as coisas? – disse ela, com uma voz suave. Nem sequer tive tempo para me indagar sobre o que teria ela esquecido antes de ela se pôr aos gritos:

– TENHO DE IR. AJUDEM-ME A SAIR DAQUI!

– Onde é que precisas de ir?

Ela sentou-se e pôs a cabeça entre as pernas, chorando convulsivamente. – Por favor, distraiam o Águia agora para eu poder ir. Por favor.

Ao mesmo tempo, eu e o Coronel, iguais na nossa culpa, dissemos: – Tudo bem.

– Não lighes as tuas luzes – disse o Coronel. – Conduz devagar e não lighes os

faróis. Tens a certeza de que estás bem?

– Foda-se! – disse ela. – Livrem-se só do Águia por mim – disse, com os soluços transformados em gritos quase pueris. – Oh, meu Deus, lamento tanto.

– Está bem – disse o Coronel. – Liga o carro quando ouvires o segundo estouro.

Fomos embora.

Não dissemos: *Não conduzas. Estás bêbeda.*

Não dissemos: *Não te deixamos entrar nesse carro assim tão transtornada.*

Não dissemos: *Insistimos em ir contigo.*

Não dissemos: *Isso pode esperar até amanhã. Tudo – seja o que for – pode esperar.*

Fomos até à nossa casa de banho, tirámos as três fileiras de bombinhas que tinham sobrado de debaixo do lavatório e fomos a correr para a casa do Águia. Não tínhamos a certeza de que fosse resultar de novo.

Mas deu para o gasto. O Águia saiu disparado de casa logo que a primeira fileira de bombinhas começou a estourar – estava à nossa espera, suponho – e nós encaminhámo-nos para o bosque e fizemo-lo adentrá-lo o suficiente para ele não a ouvir sair com o carro. Eu e o Coronel voltámos para trás, passando a vau o regato para poupar tempo, enfiámo-nos pela janela das traseiras do Quarto 43 e dormimos como uns bebés.

1 “Miles to go before I sleep” é o título de um poema de Robert Frost, um poeta norte-americano da primeira metade do século x x. A tradução à letra deste título seria “Milhas a percorrer antes de dormir”. (*N. da T.*)

2 Coleção de bonecos criada em 1978 e que esteve muito em voga na década de 1980, nos EUA. (*N. da T.*)

3 Revista pornográfica norte-americana conhecida pelas fotos de mulheres com seios grandes.

O Dia Seguinte

O CORONEL DORMIA o sono não descansado dos bêbedos e eu estava deitado de costas no beliche de baixo, com um formigueiro e uma energia na boca como se ainda estivéssemos a beijar-nos, e é provável que não tivéssemos acordado para as aulas da manhã se o Águia não nos tivesse chamado às oito horas com três batidas rápidas na porta. Quando ele abriu a porta e a luz da manhã invadiu o quarto, virei-me para o outro lado.

– Preciso que vão todos ao pavilhão gimnodesportivo – disse ele. Semicerrei os olhos na direção dele, pois o próprio Águia estava em contra-luz e mal se via devido ao sol demasiado brilhante. – Agora – acrescentou ele, e eu percebi. Estávamos feitos. Apanhados. Demasiados relatórios de avaliação. Demasiada bebida num espaço de tempo tão curto. Porque é que eles tiveram de beber ontem à noite? E foi então que consegui sentir de novo o sabor dela, o vinho e o fumo do tabaco e o batom do cieiro e Alaska, e pus-me a pensar se ela me teria beijado por estar bêbeda. *Não me expulse*, pensei. *Não. Ainda agora comecei a beijá-la.*

E, como se respondesse às minhas preces, o Águia disse: – Vocês não estão metidos em sarilhos. Mas precisam de ir ao pavilhão agora.

Ouvi o Coronel a virar-se por cima de mim. – O que é que se passa?

– Aconteceu uma coisa terrível – disse o Águia, fechando depois a porta.

Ao agarrar num par de calças de ganga caídas no chão, o Coronel disse: – Isto já aconteceu há uns dois anos. Quando morreu a mulher do Hyde. Cheira-me que agora é o próprio Velhote. O pobre coitado *não tinha* de facto muitos fôlegos de sobra. – Ergueu o olhar para mim, com os olhos semi-abertos raiados de sangue, e bocejou.

– Parece um bocado ressacado – observei.

Ele fechou os olhos. – Bem, se assim é, estou com muito bom aspeto, Badocha, porque, na verdade, estou muito ressacado.

– Beije a Alaska.

– Pois. Eu não estava assim *tão* bêbedo. Vamos embora. Atravessámos o círculo dos dormitórios até ao pavilhão gimnodesportivo. Eu exibia umas calças de ganga muito folgadas, uma camisola sem *T-shirt* por baixo e um caso sério de cabelo acabado de sair da cama. Todos os professores andavam a bater às portas na zona dos dormitórios, mas não vi o Dr. Hyde. Imaginei-o deitado e morto na sua casa, perguntei-me quem o teria encontrado, como é que sequer teriam dado pela falta dele antes de ele ter faltado à aula.

– Não vejo o Dr. Hyde – disse eu ao Coronel.

– Pobre coitado.

Quando chegámos, o pavilhão estava a metade da sua capacidade. Tinha sido montado um estrado no meio do campo de basquetebol, perto das bancadas. Sentei-me na segunda fila, com o Coronel mesmo à minha frente. Os meus pensamentos dividiam-se entre a tristeza pelo Dr. Hyde e o entusiasmo por Alaska, ao lembrar-me da visão bem próxima da sua boca a sussurrar “Continuamos depois?”

E não me passou pela cabeça – nem mesmo quando o Dr. Hyde entrou no pavilhão a arrastar os pés, dando passos curtos e lentos em direção a mim e ao Coronel.

Dei uma palmadinha no ombro do Coronel e disse: – Está ali o Hyde.

E o Coronel disse: – Merda!

E eu disse: – O que foi?

E ele disse: – Onde está a Alaska? E eu disse: – Não!

E ele disse: – Badocha, ela está cá ou não?

E foi então que nos levantámos os dois, a perscrutar os rostos no pavilhão.

O Águia subiu ao estrado e perguntou: – Está cá toda a gente?

– Não – disse-lhe eu. – A Alaska não está cá.

O Águia baixou os olhos. – Todos os outros estão cá?

– A Alaska não está cá!

– Está bem, Miles. Obrigado.

– Não podemos começar sem a Alaska.

O Águia olhou para mim. Estava a chorar, sem fazer barulho. As lágrimas escorriam-lhe dos olhos para o queixo e depois caíam-lhe sobre as calças de bombazina. Olhou-me fixamente, mas não era o Olhar da Sentença. Com os olhos a pestanejar as lágrimas pela cara abaixo, o Águia parecia, aos olhos de todo o mundo, pesaroso.

– Por favor, senhor – disse eu. – Podemos, por favor, esperar pela Alaska? – Senti-os a todos a fitar-nos, tentando compreender o que eu já sabia, mas em que ainda não acreditava.

O Águia baixou os olhos e mordeu o lábio inferior. – Ontem à noite, a Alaska Young sofreu um acidente terrível. – As lágrimas começaram a correr-lhe mais depressa. – E morreu. A Alaska faleceu.

Por um momento, fez-se silêncio no pavilhão, e aquele sítio nunca estivera tão sossegado, nem sequer nos instantes antes de o Coronel ridicularizar os adversários na linha do lançamento livre. Olhei para baixo, fitando a nuca do Coronel. Limitei-me a fitá-la, olhando para o seu cabelo espesso e áspero. Por um momento, estava tudo tão calado, que se conseguia ouvir o som da não respiração, o vácuo criado por 190 alunos chocados e com falta de ar.

Pensei: *A culpa é toda minha.*

Pensei: *Não me sinto lá muito bem.*

Pensei: *Vou vomitar.*

Levantei-me e fui a correr lá para fora. Consegui chegar a um caixote do lixo no exterior do pavilhão, a um metro e meio das portas duplas, e tentei vomitar para cima de garrafas de bebidas energéticas e McDonald's semi-comidos. Mas não saiu grande coisa. Estava apenas com ânsias, com os músculos do meu estômago a contrair-se e a garganta a abrir-se e a arquejar, num gutural *blech*, passando ininterruptamente pelos movimentos do vômito. Por entre ânsias e tosses, esforcei-me por sugar ar. A boca dela. Ela morta, de boca fria. Não continuamos depois. Eu

sabia que ela estava bêbeda. Transtornada. Como é óbvio, não se deixa uma pessoa conduzir bêbeda e irritada. *Como é óbvio*. E, credo, Miles, o que diabo se passa contigo? E é então que finalmente chega o vômito, que se esparrama sobre o lixo. E aqui está seja o que for que restou dela na minha boca, aqui neste caixote do lixo. E depois lá vem mais outra vez – e depois, pronto, acalma-te, pronto, a sério, ela não está morta.

Não está morta. Está viva. Está viva, algures. Está no bosque. Alaska está escondida no bosque e não está morta, está apenas escondida. Está só a pregar-nos uma partida. Esta é apenas uma Extraordinária Partida de Alaska Young. É Alaska a ser Alaska, engraçada e divertida e sem saber quando nem como carregar nos travões.

E então senti-me muito melhor, porque ela não tinha nada morrido.

Regressei ao pavilhão, onde toda a gente parecia estar em variadas fases de desintegração. Parecia uma coisa que se via na televisão, como um programa especial do *National Geographic* dedicado a rituais fúnebres. Vi Takumi de pé, por cima de Lara, com as mãos nos ombros dela. Vi Kevin com o seu corte à escovinha, de cabeça enterrada entre os joelhos. Uma rapariga chamada Molly Tan, que tinha estudado connosco para Pré-Cálculo, lamuriava-se, batendo com os punhos cerrados contra as coxas. Todas estas pessoas que eu conhecia mais ou menos e que mais ou menos não conhecia, e todas elas a desintegrar-se. E foi então que vi o Coronel, com os joelhos aconchegados ao peito, deitado de lado nas bancadas, com a Madame O'Malley sentada ao lado dele, tentando chegar-lhe ao ombro mas sem lhe tocar efetivamente. O Coronel estava a gritar. Inalava e depois gritava. Inalava. Gritava. Inalava. Gritava.

De início, pensei que fossem apenas berros. Mas, passados alguns fôlegos, reparei num ritmo. E, passados mais alguns, apercebi-me de que o Coronel estava a pronunciar palavras. Estava a gritar: – Estou tão arrependido!

A Madame O'Malley agarrou-lhe na mão. – Não tens nada de que te arrepender, Chip. Não podias ter feito nada. – Se ela soubesse...

E eu limitei-me a ficar ali parado, a observar a cena, a pensar nela não morta, e senti uma mão no meu ombro, virei-me para trás, vi o Águia e disse: – Acho que ela está a pregar uma partida parva.

E ele disse: – Não, Miles, não está. Lamento.

E eu senti o calor nas minhas faces e disse: – Ela é muito boa. Ela conseguia fazer uma coisa destas.

E ele disse: – Eu vi-a. Lamento.

– O que é que aconteceu?

– Havia alguém a rebentar bombinhas no bosque – disse ele, e eu fechei os olhos com força, com o facto inevitável à minha frente: eu tinha-a matado. – Sai para ir atrás deles e suponho que ela tenha saído de carro das instalações da escola. Era tarde. Ela estava na I-65, a sul da baixa. Um camião tinha-se despistado e estava a bloquear as duas faixas. Tinha acabado de chegar um carro da polícia. Ela embateu no carro-patrolha sem sequer guinar. Creio que estaria muito embriagada.

O polícia disse que lhe tinha cheirado a álcool.

– Como é que sabe? – perguntei.

– Eu vi-a, Miles. Falei com a polícia. Foi morte imediata. O volante bateu-lhe no peito. Lamento tanto.

E eu perguntei-lhe se ele a tinha visto e ele disse que sim, e perguntei-lhe qual era o aspeto dela e ele disse que só tinha um bocadinho de sangue a sair-lhe do nariz, e eu sentei-me no chão do pavilhão. Ouvia o Coronel ainda aos gritos, e senti mãos nas minhas costas quando me curvei para a frente, mas só conseguia vê-la deitada nua numa mesa metálica, com um pequeno fio de sangue a cair-lhe do nariz em forma de lágrima, com os olhos verdes abertos, fitando à distância, a boca virada para cima o suficiente para sugerir a ideia de um sorriso, e ela sentira-se tão quentinha encostada a mim, com a boca suave e calorosa na minha.

Eu e o Coronel caminhamos de regresso ao nosso quarto em silêncio. Eu não tiro os olhos do chão. Não consigo parar de pensar que ela está morta, e não consigo parar de pensar que não é possível que ela esteja morta. As pessoas não morrem assim e pronto. Não consigo respirar. Sinto-me assustado, como se alguém me tivesse dito que me ia dar uma sova quando acabasse a escola e agora estou no último período e sei muito bem o que me espera. Hoje está tanto frio – está, literalmente, um gelo –, e eu imagino-me a correr para o regato e a mergulhar de cabeça, e o regato está tão pouco profundo que arranho as mãos nas rochas e o meu corpo desliza para dentro da água fria, com o choque do frio a dar lugar à dormência, e eu ficava ali, a flutuar naquela água, primeiro até ao rio Cahaba, depois até ao rio Alabama, e depois para a baía de Mobile e o golfo do México.

Quero fundir-me na relva castanha e estaladiça que eu e o Coronel pisamos enquanto percorremos o caminho de volta ao nosso quarto em silêncio. Ele tem uns pés tão grandes, grandes demais para o corpo baixinho, e os ténis novos de marca branca que agora usa, uma vez que lhe mijaram nos antigos, parecem quase sapatos de palhaço. Enquanto nos balançamos no baloiço à beira do lago, penso nos chinelos de Alaska a agarrar-se aos seus dedos dos pés azuis. Será que o caixão vai estar aberto? Conseguirá o agente funerário recriar o seu sorriso? Ainda conseguia ouvi-la a dizer: “Isto é muito divertido, mas eu tenho tanto sono... Continuamos depois?”

As últimas palavras do pregador oitocentista Henry Ward Beecher foram: “Agora vem aí o mistério.” O poeta Dylan Thomas, que gostava tanto de uma boa bebida como Alaska, pelo menos, disse, antes de morrer: “Bebi dezoito uísques de seguida. Creio que é um recorde.” O favorito de Alaska era o dramaturgo Eugene O’Neill: “Nascido num quarto de hotel e – que diabo – falecido num quarto de hotel.” Até as vítimas de acidentes de viagem tinham, por vezes, tempo para últimas palavras. A princesa Diana disse: “Oh, meu Deus. O que é que aconteceu?” A estrela de cinema James Dean disse “Eles estão a ver-nos, de certeza”, antes de embater com o seu *Porsche* num outro carro. Conheço tantas últimas palavras. Mas

nunca saberei quais foram as dela.

Já vou vários passos à frente dele quando me apercebo de que o Coronel caiu. Viro-me e ele está deitado com a cara no chão. – Temos de nos levantar, Chip. Temos de nos levantar. Temos de chegar ao quarto.

O Coronel vira a cara do chão para olhar para mim, olha-me nos olhos e diz: – Não. Consigo. Respirar.

Mas ele *consegue* respirar, e eu sei disso porque ele está a hiperventilar, a respirar como se tentasse insuflar ar de volta nos mortos. Levanto-o do chão e ele agarra-se a mim e começa a chorar convulsivamente, dizendo mais uma vez “Estou tão arrependido”, uma e outra vez. Nunca nos tínhamos abraçado, eu e o Coronel, e não há muito para dizer, porque ele tem razões para estar arrependido, e eu limito-me a levar a minha mão à sua nuca e dizer a única coisa que é verdade.

– Eu também estou arrependido.

Dois Dias Depois

NESSA NOITE, NÃO DORMI. A alvorada tardava em chegar e, mesmo quando chegou, com o sol a raiar pelas persianas, o instável aquecedor não conseguiu manter-nos quentes, portanto, eu e o Coronel sentámo-nos no sofá sem dizer uma palavra. Ele lia o almanaque.

Na noite anterior, eu enfrentara o frio para telefonar aos meus pais, e, desta vez, quando eu disse “Olá, é o Miles” e a minha mãe respondeu “O que é que se passa? Está tudo bem?”, eu pude dizer-lhe com segurança que não, não está tudo bem. Foi então que o meu pai pegou no telefone.

– O que é que se passa? – perguntou ele.

– Não grites – disse a minha mãe.

– Não estou a gritar; é do telefone.

– Então fala mais baixinho – disse ela, por isso demorei algum tempo até conseguir dizer alguma coisa, e depois, quando já conseguia, demorei algum tempo até proferir as palavras de modo adequado – a minha amiga Alaska morreu num acidente de carro. Fiquei a olhar para os números e mensagens garatujados na parede ao lado do telefone.

– Oh, Miles – disse a minha mãe. – Lamento tanto, Miles. Queres vir para casa?

– Não – disse eu. – Quero estar aqui... Não consigo acreditar – o que ainda era em parte verdade.

– Isso é horrível – disse o meu pai. – Pobres pais. – *Pobre pai*, pensei eu, pensando no pai dela. Nem conseguia imaginar o que fariam os meus pais, se eu morresse. A conduzir embriagada. Céus!

Se o pai dela viesse a descobrir, haveria de me esventrar a mim e ao Coronel.

– O que é que podemos fazer por ti neste momento? – perguntou a minha mãe.

– Só precisava que atendessem. Só precisava que atendessem o telefone, e atenderam. – Ouvi uma fungadela atrás de mim – devido a uma constipação ou a sofrimento, não sabia – e disse aos meus pais: – Há gente à espera do telefone.

Tenho de ir.

Toda a noite me senti paralisado no silêncio, aterrorizado. Afinal, de que é que eu tinha tanto medo? Aquilo tinha acontecido. Ela estava morta. Estava quente e macia, encostada à minha pele, a minha língua na sua boca, e estava a rir-se, tentando ensinar-me, aprimorar-me, prometendo que haveríamos de continuar. E agora.

E agora estava cada vez mais fria, mais morta, a cada inspiração que eu fazia. Pensei: *É o medo. Perdi uma coisa importante e não consigo encontrá-la, e preciso dela. É um medo como o de alguém que perdeu os óculos e foi ao oculista e aí disseram-lhe que já não havia óculos no mundo e que ele teria de viver sem eles.*

Eram quase oito da manhã quando o Coronel anunciou a ninguém em particular: – Acho que hoje há *bufritos* para o almoço.

– Pois é – disse eu. – Estás com fome?

– Credo, não. Mas foi ela que lhes deu o nome, sabes? Quando viemos para cá, chamavam-se *burritos* fritos, e a Alaska começou a chamar-lhes *bufritos*, e depois toda a gente fez o mesmo, até que a Maureen acabou por lhes mudar oficialmente o nome. – Fez uma pausa. – Não sei o que fazer, Miles.

– Pois. Eu sei.

– Já acabei de decorar as capitais – disse ele.

– Dos estados?

– Não. Isso foi no quinto ano. Dos países. Diz o nome de um país.

– Canadá – respondi.

– Um que seja difícil.

– Hmm. Uzbequistão?

– Tashkent. – Nem sequer precisou de um momento para pensar. Estava ali, na ponta da língua, como se tivesse sempre esperado que eu dissesse Uzbequistão. – Vamos fumar.

Fomos para a casa de banho e ligámos o chuveiro, e o Coronel tirou uma carteira de fósforos das calças de ganga e raspou um fósforo na lixa. Não se acendeu. Tentou de novo e falhou, e tentou mais uma vez, amarfanhando a carteira de fósforos com uma fúria crescente, até acabar por atirar os fósforos para o chão e gritar: – QUE CAR AÇAS!

– Está tudo bem – disse eu, levando a mão ao bolso em busca de um isqueiro.

– Não, Badocha, não está – disse ele, atirando o cigarro para o chão e pondo-se de pé, subitamente irritado. – Que caracas! Meu Deus, como é que isto aconteceu? Como é que ela pôde ser tão estúpida?! Nunca pensava antes de fazer alguma coisa. Era impulsiva como o caracas. Céus. Não está tudo bem. Não posso acreditar que ela tenha sido tão *estúpida*!

– Devíamos tê-la impedido – disse eu.

Ele esticou-se para dentro da cabine para desligar o chuveiro que pingava e depois bateu com a mão aberta na parede de azulejos. – Pois, eu sei que a devíamos

ter impedido, que diabo! Estou ciente como a merda de que a devíamos ter impedido. Mas não devíamos *ter de* o fazer. Tínhamos de a vigiar como se fosse uma criança de *três anos*. Fazemos uma coisa mal e ela morre. Credo! Estou-me a passar! Vou dar uma volta.

– Está bem – respondi, tentando manter a calma na voz.

– Desculpa – disse ele. – Sinto-me todo lixado. Sinto que posso morrer.

– E podes – disse eu.

– Pois, pois. Posso, sim. Nunca se sabe. É só assim. É tipo *puf*.

E a pessoa vai-se.

Fui atrás dele para o quarto. Agarrou no almanaque que tinha no beliche, correu o fecho do blusão, fechou a porta e *puf*. Foi-se.

Com a manhã chegaram as visitas. Uma hora depois de o Coronel sair, o pedrado residente Hank Walsten apareceu por lá para me oferecer erva, que eu graciosamente recusei. Hank abraçou-me e disse: – Pelo menos teve morte instantânea. Pelo menos não houve sofrimento.

Sabia que ele estava apenas a tentar ajudar, mas ele não percebia. Houve sofrimento. Um sofrimento dormente e interminável nas minhas entranhas que não se ia embora nem quando eu me ajoelhava nos azulejos gelados da casa de banho, a vomitar em seco.

E afinal o que é uma morte “instantânea”? Quanto tempo demora um instante? É um segundo? Dez? O sofrimento daqueles segundos deve ter sido horrível, quando o coração dela estourou e os pulmões sucumbiram e deixou de haver ar e sangue no seu cérebro, apenas puro pânico. O que diabo é *instantâneo*? Nada é instantâneo. O arroz instantâneo demora cinco minutos, o pudim instantâneo uma hora. Duvido que um instante de dor pungente dê uma *sensação* particularmente instantânea.

Terá tido tempo para que a vida lhe passasse à frente dos olhos? Estaria eu lá? Estaria o Jake? E ela prometeu, lembrei-me, ela prometeu que iríamos continuar, mas eu também sabia que ela ia para norte quando morreu, para norte, em direção a Nashville, em direção a Jake. Talvez não tenha significado nada para ela, não tenha sido mais do que outro grande impulso. E, com Hank parado à soleira da porta, limitei-me a olhar para trás dele, atravessando com o olhar o círculo dos dormitórios demasiado calmo, indagando-me sobre se teria tido importância para ela, e só consigo dizer a mim mesmo que sim, claro que sim, ela tinha prometido. Iria continuar.

Lara veio a seguir, com os olhos pesados e inchados. – O que é que aconteceu? – perguntou-me quando a abracei, pondo-me em bicos de pés para conseguir pousar o queixo no cimo da cabeça dela.

– Não sei – respondi.

– Viste-a nessa noite? – perguntou ela, falando para o meu colarinho.

– Ela embebedou-se – disse-lhe eu. – Eu e o Coronel fomos dormir e ela deve

ter saído de carro das instalações da escola. – E essa passou a ser a mentira padrão.

Senti os dedos de Lara, molhados com as suas lágrimas, a pressionar-me a palma da mão, e, antes de poder pensar melhor, tirei a mão. – Desculpa – disse eu.

– Não faz mal – disse ela. – Se quiseres passar por lá, vou estar no meu quarto.

Eu não passei por lá. Não sabia o que havia de lhe dizer – fui apanhado num triângulo amoroso com um lado rombo.

Nessa tarde, entrámos todos de novo em fila no pavilhão gimnodesportivo para uma assembleia. O Águia anunciou que a escola iria fretar um autocarro no domingo para ir ao funeral em Vine Station. Quando nos levantámos para sair, reparei que Lara e Takumi se dirigiam para mim. Lara chamou-me a atenção e sorriu de modo lânguido. Eu devolvi o sorriso, mas virei-me rapidamente e escondi-me no meio da massa de pessoas em luto que enchiam o pavilhão.

Estou a dormir e Alaska entra disparada no quarto. Está nua e imaculada. Os seus seios, que apenas senti de modo muito breve e às escuras, estão luminosamente cheios ao penderem-lhe do corpo. Paira a centímetros de mim, com o hálito quente e doce contra o meu rosto, como uma aragem a atravessar a relva alta.

– Olá – digo. – Senti a tua falta.

– Estás com bom aspeto, Badocha.

– Tu também.

– Estou tão nua – diz ela, rindo-se. – Como é que fiquei tão *nua*?

– Só quero que fiques – digo.

– Não – diz ela, deixando cair o peso morto do seu corpo sobre mim, esmagando-me o peito, roubando-me o fôlego. E ela está fria e molhada, como o gelo a derreter. Tem a cabeça dividida ao meio e um bocado de sangue coagulado rosa-acinzentado verte da fratura que tem no crânio e pinga sobre o meu rosto, e ela deita um fedor a formaldeído e carne podre. Sinto vontade de vomitar e empurro-a para longe de mim, horrorizado.

Acordei a cair e aterrei com um baque no chão. Graças a Deus que sou homem de beliche de baixo. Tinha dormido durante catorze horas. Era de manhã. Quarta-feira, pensei eu. O funeral dela é no domingo. Pus-me a pensar se o Coronel regressaria por essa altura, estivesse lá onde estivesse. Ele *tinha* de voltar para o funeral, porque eu não podia ir sozinho, e ir com alguém que não o Coronel era o mesmo que ir sozinho.

O vento frio fustigava a porta, e as árvores do lado de fora da janela das traseiras abanavam com tanta força que eu ouvia do nosso quarto. Sentei-me na minha cama e pensei no Coronel algures lá fora, de cabeça baixa, dentes cerrados, caminhando contra o vento.

Quatro Dias Depois

ERAM CINCO DA MANHÃ e eu estava a ler uma biografia do explorador Meriwether

Lewis (companheiro de William Clark) e a tentar manter-me acordado quando a porta se abriu e o Coronel entrou.

As suas mãos pálidas abanavam e o almanaque que segurava parecia uma marioneta a dançar sem cordelinhos.

– Tens frio? – perguntei.

Ele assentiu com a cabeça, descalçou os ténis e meteu-se na cama no beliche de baixo, tapando-se com as cobertas. Os dentes batiam-lhe como se em código morse.

– Credo. Tu estás bem?

– Agora estou melhor. Mais quentinho – disse ele. Uma mãozinha branca fantasmagórica apareceu por debaixo do edredão. – Pega-me na mão, pegas?

– Tudo bem, mas é só isso. Nada de beijos. – A colcha abanou com o riso dele.

– Onde é que estiveste?

– Fui a pé até Montevallo.

– Sessenta e cinco quilómetros?

– Sessenta e sete – corrigiu-me ele. – Bem, sessenta e sete para lá. Sessenta e sete para cá. Cento e trinta quilómetros. Não. Cento e trinta e quatro. Sim. Cento e trinta e quatro quilómetros em quarenta e cinco horas.

– Que diabo há em Montevallo? – perguntei.

– Nada de especial. Limitei-me a andar até sentir demasiado frio, e depois voltei para trás.

– Não dormiste?

– Não! Os sonhos são terríveis. Nos meus sonhos, ela já nem sequer parece ela. Nem sequer me lembro do aspeto que ela tinha.

Larguei-lhe a mão, agarrei no livro de curso do ano transacto e encontrei a foto dela. Na fotografia a preto e branco, ela tem vestido o top de alças cor de laranja e umas calças de ganga cortadas que lhe chegam a meio das coxas magrinhas, e a sua boca está aberta numa gargalhada imóvel, enquanto o seu braço esquerdo faz um gancho a Takumi. O cabelo cai-lhe o suficiente sobre o rosto para lhe obscurecer as faces.

– Certo – disse o Coronel. – Pois é. Eu estava tão farto de que ela se irritasse sem razão. A maneira como amuava e fazia referências ao maldito peso opressivo da tragédia ou algo assim, mas depois nunca dizia o que é que se passava, nunca tinha a porcaria de um *motivo* para estar triste. E eu acho que é preciso ter-se um *motivo*. Estou triste porque a minha namorada me deixou. Estou irritado porque fui apanhado a fumar. Estou rabugento porque me dói a cabeça. Ela nunca tinha um *motivo*, Badocha. Eu estava tão farto de lhe aturar os dramas. E deixei-a ir. Valha-me Deus.

A má-disposição dela também me irritava às vezes, mas não naquela noite. Naquela noite, deixei-a ir porque ela me pediu. Foi tão simples como isso, e tão estúpido.

A mão do Coronel era tão pequenina, que a agarrei com força, com o frio dele a passar para mim e o meu calor para ele. – Decorei as populações – disse ele.

– Uzbequistão.
– Vinte e quatro milhões setecentos e cinquenta e cinco mil quinhentos e dezanove habitantes.
– Camarões – disse eu, mas já era tarde demais. Ele estava a dormir, com a mão flácida na minha. Coloquei-a de novo debaixo da colcha e subi para a cama dele, armado em homem de beliche de cima pelo menos por uma noite. Adormeci a ouvir a sua respiração lenta e regular, a sua teimosia a esvaír-se por fim diante de uma intransponível fadiga.

Seis Dias Depois

NESSE DOMINGO, levantei-me depois de três horas de sono e tomei o primeiro duche em muito tempo. Vesti o meu único fato. Quase que não o trazia, mas a minha mãe insistira em que nunca se sabe quando é que um fato fará falta, e tinha razão.

O Coronel não tinha nenhum fato, e, devido à sua estatura, não podia pedir um emprestado a ninguém no Creek, por isso vestiu umas calças pretas e uma camisa cinzenta.

– Não me parece que possa usar a gravata dos flamingos – disse ele, enquanto calçava umas peúgas pretas.

– É um bocadinho festiva, dada a ocasião – respondi.

– Não posso levá-la à ópera – disse o Coronel, quase a sorrir. – Não posso levá-la a um funeral. Não posso enforcar-me com ela. No que respeita a gravatas, é um bocadinho inútil. – Dei-lhe uma gravata.

A escola tinha fretado autocarros para transportar alunos para norte, para Vine Station, a cidade-natal de Alaska, mas eu, Lara, o Coronel e Takumi fomos no jipe de Takumi, apanhando as estradas secundárias para não termos de passar pelo local do acidente na estrada nacional. Eu ia a olhar pela janela, observando a extensão suburbana que rodeava Birmingham a esbater-se nas colinas pouco inclinadas e nos campos do Norte do Alabama.

Lá à frente, Takumi contava a Lara acerca daquela vez no verão em que tinham buzinado na mama de Alaska e Lara ria-se. Foi a primeira vez que a vi, e agora íamos a caminho da última. Mais do que tudo, eu sentia a injustiça da coisa, a incontestável injustiça de amar alguém que também me podia ter amado, mas que não pôde devido à morte, e depois inclinei-me para a frente, com a testa encostada à parte de trás do encosto de cabeça de Takumi, e chorei, soluçando, sentindo mais dor do que tristeza. Doía, e não era um eufemismo. Doía como se me tivessem dado uma surra.

As últimas palavras de Meriwether Lewis foram: “Não sou covarde, mas sou tão forte. Custa tanto morrer.” Não duvido que custe, mas não pode custar mais do que ser deixado para trás. Pensei em Lewis enquanto seguia Lara para dentro da capela triangular anexa à casa funerária de um só piso em Vine Station, Alabama, uma cidade tão deprimida e deprimente como Alaska sempre descrevera. A casa cheirava a mofo e desinfetante, e o papel de parede amarelo no átrio de entrada

estava a descascar nos cantos.

– Estão cá todos pela Menina Young? – perguntou um fulano ao Coronel. O Coronel assentiu com a cabeça. Fomos conduzidos para uma sala grande com filas de cadeiras articuladas e onde estava apenas um homem. Estava ajoelhado diante de um caixão na parte da frente da capela. O caixão estava fechado. Fechado. Nunca mais vou tornar a vê-la. Não posso beijar-lhe a testa. Não posso vê-la uma última vez.

Mas eu precisava, precisava de a *ver*, e, numa voz demasiado alta, perguntei: – Porque é que está fechado? – E o homem, cuja barriga proeminente saía para fora do fato demasiado justo, virou-se e encaminhou-se para mim.

– A mãe dela – disse ele. – A mãe dela teve um caixão aberto, e a Alaska pediu-me: “Nunca deixes que me vejam morta, papá.” E é por isso. Seja como for, meu filho, ela não está ali dentro. Está na companhia do Senhor.

Pôs as mãos sobre os meus ombros, este homem que engordara desde a última vez que teve de usar um fato, e eu não pude acreditar no que lhe tinha feito, com os seus olhos a emitir um brilho verde como os de Alaska, mas bem enterrados em órbitas escuras, como um fantasma de olhos verdes que ainda respirava, e não, não morras, Alaska. Não morras. Libertei-me do seu abraço, passei por Lara e Takumi e dirigi-me ao caixão dela, para me ajoelhar diante dele e colocar as mãos sobre a madeira acabada, o mogno escuro, da cor do cabelo dela. Senti as pequenas mãos do Coronel sobre os meus ombros e uma lágrima pingou sobre a minha cabeça, e, por alguns instantes, éramos só nós os três – os autocarros de alunos ainda não tinham chegado e Takumi e Lara tinham-se desvanecido, e éramos só nós os três – três corpos e duas pessoas – os três que sabiam o que tinha acontecido e demasiadas camadas entre todos nós a afastar-nos em demasia uns dos outros.

O Coronel disse: – Quero tanto salvá-la. E eu disse: – Chip, ela morreu.

E ele disse: – Pensei que iria senti-la a olhar para nós lá de cima, mas tens razão. Ela simplesmente morreu.

E eu disse: – Oh, meu Deus, Alaska, eu amo-te. Eu amo-te.

E o Coronel sussurrou: – Lamento tanto, Badocha. Sei que a amavas.

E eu disse: – Não. O verbo não é no passado.

Ela já nem sequer era uma pessoa, apenas carne a apodrecer, mas eu amava-a no pretérito presente. O Coronel ajoelhou-se ao meu lado, levou os lábios ao caixão e sussurrou: – Desculpa, Alaska. Merecias um amigo melhor.

Custa assim tanto morrer, Sr. Lewis? Será que esse labirinto é mesmo pior do que este?

Sete Dias Depois

PASSEI O DIA SEGUINTE NO NOSSO QUARTO, a jogar futebol sem som, ao mesmo tempo incapaz de fazer nada e incapaz de fazer grande coisa. Era Dia de Martin Luther King, o último dia de descanso antes do recomeço das aulas, e eu não conseguia pensar em mais nada a não ser que a tinha matado. O Coronel passou a manhã comigo, mas depois decidiu ir para o refeitório comer rolo de carne.

– Vamos embora – disse ele.

– Não tenho fome.
– Tens de comer.
– Queres uma aposta? – perguntei, sem levantar os olhos do jogo.
– Credo. Como queiras. – Suspirou e saiu, batendo com a porta atrás de si. *Ele ainda está com muita raiva*, dei por mim a pensar, com um pouco de pena. Não há razão para estar com raiva. A raiva apenas distrai da tristeza abrangente, da franca noção de que a matámos e lhe roubámos um futuro e a vida. Ficar irritado não remediava isso. Bolas!

– Como é que está o rolo de carne? – perguntei ao Coronel, quando ele regressou.

– Mais ou menos como te lembras dele. Nem sabe a carne nem parece um rolo.
– O Coronel sentou-se ao meu lado. – O Águia comeu comigo. Queria saber se tínhamos rebentado o fogo de artifício. – Pus o jogo em pausa e virei-me para ele. Com uma mão, ele depenicou um dos pedaços de vinil azul que restavam no nosso sofá de espuma.

– E tu respondeste? – perguntei.

– Não me chibei. Seja como for, ele disse que a tia dela, ou coisa parecida, vem cá amanhã limpar-lhe o quarto. Portanto, se houver lá alguma coisa nossa, ou alguma coisa que a tia não haveria de querer encontrar...

Voltei-me de novo para o jogo e disse: – Hoje não estou com disposição para isso.

– Então, eu faço as coisas sozinho – respondeu ele. Virou-se e encaminhou-se lá para fora, deixando a porta aberta, e os restos amargos da vaga de frio avassalaram rapidamente o aquecedor, por isso pus o jogo em pausa e levantei-me para ir fechar a porta, e, quando espreitei para a esquina para ver se o Coronel tinha entrado no quarto dela, ele estava ali parado, do lado de fora da nossa porta, para depois se agarrar à minha camisola, e dizer, sorrindo: – *Eu sabia* que não ias deixar-me fazer isto sozinho. *Eu sabia*. – Abanei a cabeça e revirei os olhos, mas segui-o pelo passadiço, passámos pela cabine telefónica e entrámos no quarto dela.

Não pensava no cheiro dela desde que tinha morrido. Mas, quando o Coronel abriu a porta, senti logo o seu aroma: terra molhada e erva e fumo de tabaco, e, por baixo disso tudo, os vestígios do creme corporal com cheiro a baunilha. Ela inundou o meu presente, e apenas o tato me impediu de enterrar a cara na roupa suja que transbordava do cesto ao lado da sua cómoda. Tinha o aspeto que eu recordava: centenas de livros empilhados contra as paredes, o edredão cor de alfazema amarfanhado aos pés da cama, uma pilha periclitante de livros na mesinha de cabeceira, a vela vulcânica a espreitar de debaixo da cama. Tinha o aspeto de que eu estava à espera, mas o cheiro inconfundível dela chocou-me. Fiquei parado no meio do quarto, de olhos fechados, a inalar lentamente pelo nariz a baunilha e a relva de outono por cortar, mas, a cada inalação lenta, o cheiro esbatia-se, à medida que eu me habituava a ele, e não tardou a que ela

desaparecesse de novo.

– Isto é insuportável – disse eu, sem rodeios, porque era mesmo.

– Meu Deus. Estes livros que ela nunca irá ler. A Biblioteca da Vida dela.

– Comprados em vendas de garagem e agora provavelmente destinados a outra pessoa.

– Das cinzas às cinzas. Da venda de garagem à venda de garagem – disse eu.

– Pois. Muito bem, voltemos ao que interessa. Apanha tudo aquilo que a tia dela não haveria de querer encontrar – disse o Coronel, e eu vi-o ajoelhado à secretária, com a gaveta debaixo do computador aberta, de onde os seus pequenos dedos tiravam molhos de papéis agrafados. – Credo, ela guardava os papéis todos em que escrevia. *Moby Dick*. *Ethan Frome*.

Meti a mão entre o colchão e a base da cama, à procura dos preservativos que eu sabia que ela escondia para as visitas de Jake. Guardei-os no bolso e dirigi-me à cómoda dela, para lhe vasculhar a roupa interior, à procura de garrafas de bebidas alcoólicas ou brinquedos sexuais, ou sabe Deus que mais. Não encontrei nada. E depois dediquei-me aos livros, fitando-os empilhados de lado, de lombadas viradas para fora, a aleatória coleção de literatura que era Alaska. Havia um livro que eu queria levar comigo, mas não conseguia encontrá-lo.

O Coronel estava sentado no chão, ao lado da cama dela, com a cabeça curvada para o chão, olhando para debaixo da estrutura da cama. – Tens a certeza de que ela não deixou bebida por aí? – perguntou ele.

E eu quase respondi “Escondeu-a no bosque, ao lado do campo de futebol”, mas apercebi-me de que o Coronel não sabia, de que ela nunca o tinha levado para a orla do bosque para lhe pedir que escavasse pelo tesouro enterrado, de que eu e ela éramos os únicos a partilhar isso, por isso guardei-o para mim mesmo como recordação, como se partilhar essa lembrança pudesse conduzir ao seu desaparecimento.

– Estás a ver *O General no Seu Labirinto* em algum lado? – perguntei, enquanto perscrutava os títulos nas lombadas dos livros. – Tem muito verde na capa, parece-me. É um livro de capa mole e apanhou água na inundação, portanto as páginas devem estar borradas, mas não creio que ela... – E então ele interrompeu-me com um “Sim, está aqui mesmo”, e eu virei-me e ele tinha-o na mão, com as páginas abertas em leque como um acordeão, por causa da partida de Longwell, Jeff e Kevin, e então encaminhei-me para ele, peguei no livro e sentei-me na cama. As passagens que ela sublinhara e as pequenas notas que escrevera estavam manchadas pelo ensopamento, mas, na sua maioria, o livro ainda estava legível, e eu pensava em levá-lo de volta para o meu quarto para tentar lê-lo, apesar de não ser uma biografia, quando virei para a tal página, mais para o fim:

Ele ficou abalado pela avassaladora revelação de que a corrida impetuosa entre os seus azares e os seus sonhos estava nesse momento a atingir a linha da meta. O resto era escuridão. – Que diabo – suspirou ele. – Como é que alguma vez haverei de sair deste labirinto?!

Toda a passagem estava sublinhada com uma tinta preta intensa e ensopada. Mas havia uma outra tinta, desta feita azul e nítida, posterior à inundação, e uma seta partia de *Como é que alguma vez haverei de sair deste labirinto?! para uma nota na margem escrita na sua caligrafia redondinha: Depressa e a direito.*

– Olha, ela escreveu aqui qualquer coisa depois da inundação – disse eu. – Mas é estranho. Vê só. Página 192.

Atirei o livro ao Coronel e ele folheou-o até essa página e depois levantou os olhos para mim. – Depressa e a direito – disse ele.

– Pois. Esquisito, não é? A maneira de sair do labirinto, suponho.

– Espera aí, como é que aquilo aconteceu? O que é que aconteceu?

E porque só havia um *aquilo*, percebi ao que estava a referir-se.

– Já te contei o que o Águia me disse. Um camião despistou-se na estrada. Apareceu um carro da bófia para parar o trânsito e ela foi contra o carro da bófia. Estava tão bêbeda que nem se desviou.

– Tão *bêbeda*? Tão *bêbeda*? O carro da bófia havia de ter as luzes acesas. Badocha, ela foi contra um carro da bófia que tinha as luzes acesas – disse ele, apressadamente. – Depressa e a direito. Depressa e a direito. Para fora do labirinto.

– Não – disse eu, mas, no momento em que o disse, consegui visualizar a cena. Consegui vê-la suficientemente bêbeda e suficientemente irritada. (Porquê? Por ter traído Jake? Por me ter magoado? Por me querer a mim e não a ele? Por ainda estar lixada por ter denunciado Marya?) Consegui vê-la a fitar o carro da polícia e a fazer pontaria para ele, estando-se positivamente nas tintas para quem quer que fosse, sem pensar na promessa que me fizera, sem pensar no seu pai nem em mais ninguém, e aquela cabra, aquela cabra matou-se. Mas não. Não. Essa não era ela. Não. Ela disse *Continuamos depois*. Claro que sim. – Não.

– Pois, deves ter razão – disse o Coronel. Largou o livro, sentou-se na cama ao meu lado e levou a testa às mãos. – Quem é que conduz quase dez quilómetros para fora das instalações da escola para se matar? Não faz sentido nenhum. Mas “depressa e a direito”. É uma premonição um bocado estranha, não é? E, se virmos bem as coisas, ainda não sabemos o que aconteceu ao certo. Para onde ia e porquê. Quem lhe telefonou. Alguém *telefonou*, certo? Ou será que eu fiz...

E o Coronel continuou a falar, tentando clarificar, enquanto eu pegava no livro e encontrava a tal página onde a corrida impetuosa do general chegava ao fim, e ambos ficámos encurralados nas nossas cabeças, com uma distância inultrapassável entre nós, e eu não conseguia ouvir o Coronel, porque estava ocupado a tentar obter os últimos vestígios do cheiro dela, ocupado a convencer-me a mim próprio de que ela obviamente não o tinha feito. Tinha sido eu – eu é que o tinha feito, e o Coronel também. Ele podia tentar arranjar maneira de se libertar, mas eu já sabia que nunca poderíamos ser outra coisa que não total e indesculpavelmente culpados.

Oito Dias Depois

TERÇA-FEIRA. Tivemos aulas pela primeira vez. A Madame O'Malley fez um

minuto de silêncio no início da aula de Francês, uma aula que sempre foi pontuada por longos momentos de silêncio, e depois perguntou-nos como nos sentíamos.

– Horrível – respondeu uma rapariga.

– *En français* – disse a Madame O'Malley. – *En français*.

Tudo parecia estar na mesma, mas mais quieto: os Guerreiros do Fim de Semana continuavam a sentar-se nos bancos do lado de fora da biblioteca, mas a sua bisbilhotice era calada, velada. O refeitório clamava com os sons dos tabuleiros de plástico contra as mesas de madeira e dos garfos a raspar os pratos, mas todas as conversas estavam emudecidas. Mas, mais do que a falta de barulho de toda a gente, havia o silêncio no sítio onde ela deveria estar, a Alaska borbulhante, explosiva e contadora de histórias, mas, ao invés, parecia aquelas ocasiões em que ela se recolhera consigo mesma, como se estivesse a recusar-se a responder a perguntas começadas por como ou porquê, só que desta vez era para sempre.

O Coronel sentou-se ao meu lado na aula de Religião, suspirou e disse: – Tresandas a tabaco, Badocha.

– Pergunta-me lá se eu me ralo com isso.

Foi então que o Dr. Hyde entrou na sala a arrastar os pés, com os nossos exames finais empilhados debaixo de um braço. Sentou-se, fez uma série de respirações com esforço e começou a falar. – Há uma lei que diz que os pais não deveriam ter de enterrar os filhos – disse ele. – E alguém devia fazê-la entrar em vigor. Neste semestre, vamos continuar a estudar as tradições religiosas a que foram apresentados este outono. Mas não há dúvida de que as perguntas que iremos fazer são agora mais prementes do que acontecia há poucos dias. O que nos acontece depois de morrermos, por exemplo, já não é uma questão com um mero interesse filosófico. É uma questão que temos de colocar em relação à nossa colega de turma. E a forma de viver na sombra do sofrimento não é coisa que budistas, cristãos e muçulmanos anónimos tenham de explorar. Suspeito que as questões de cariz religioso se tenham tornado pessoais.

Baralhou os nossos exames e, da pilha que tinha diante de si, tirou um. – Tenho aqui o trabalho final da Alaska. Decerto se recordam de vos ter sido perguntado qual era a pergunta mais importante que as pessoas enfrentavam, e de que modo as três tradições que estamos a estudar este ano abordam essa questão. Esta foi a pergunta da Alaska.

Com um suspiro, amparou-se na cadeira e ergueu-se, para depois escrever no quadro: *Como é que alguma vez haveremos de sair deste labirinto de sofrimento?*
– A. Y.

– Vou deixá-la para o resto do semestre – disse ele. – Porque todos os que alguma vez perderam o seu caminho na vida já sentiram a persistente insistência dessa pergunta. A determinada altura, todos levantamos os olhos e percebemos que estamos perdidos num labirinto, e eu não quero que esqueçamos a Alaska, e não quero esquecer que, mesmo quando a matéria que estudamos parece entediante, estamos a tentar compreender de que forma as pessoas responderam a essa

pergunta e às perguntas que cada um de vós formulou nos vossos trabalhos – de que modo as diferentes tradições se reconciliaram com aquilo a que, no seu trabalho final, o Chip chamou de “os jazigos apodrecidos das pessoas em vida”.

Hyde sentou-se. – E então, como é que vocês estão?

Eu e o Coronel não dissemos nada, enquanto uma data de pessoas que não conheciam Alaska exaltavam as suas virtudes e confessavam estar arrasadas, o que, ao início, me incomodou. Eu não queria que as pessoas que ela não conhecia – e as pessoas de quem não gostava – estivessem tristes. Nunca se tinham preocupado com ela e agora comportavam-se como se ela fosse uma irmã. Mas acho que eu também não a conhecia por inteiro. Se assim fosse, teria percebido o que ela quisera dizer com “Continuamos depois?”, e, se eu me preocupasse com ela como devia, como achava que preocupava, como podia tê-la deixado ir?

Por isso, eles não me incomodavam propriamente. Mas, ao meu lado, o Coronel respirava pelo nariz de modo lento e profundo, como um touro pronto a atacar.

Chegou mesmo a revirar os olhos quando a Guerreira do Fim de Semana Brooke Blakely, cujos pais haviam recebido um relatório de avaliação cortesia de Alaska, disse: – Estou triste por nunca lhe ter dito que a adorava. Não consigo perceber *porque*.

– Que grande tanga – disse o Coronel, quando nos encaminhávamos para o almoço. – Como se a Brooke Blakely se ralasse alguma coisa com a Alaska.

– Se a Brooke Blakely morresse, não ficavas triste? – perguntei.

– Acho que sim, mas não iria lamentar o facto de nunca lhe ter dito que a adorava. Não a adoro. Ela é uma idiota.

Pensei que toda a gente tinha uma melhor desculpa para estar a sofrer do que nós – afinal de contas, os outros não a tinham matado –, mas sabia que não era aconselhável tentar conversar com o Coronel quando ele estava furioso.

Nove Dias Depois

– TENHO UMA TEORIA – disse o Coronel, quando eu entrei pela porta depois de um miserável segundo dia de aulas. O frio começara a abrandar, mas a notícia ainda não tinha chegado a fosse lá quem fosse que tratava do aquecimento, por isso as salas de aula estavam todas abafadas e exageradamente aquecidas, e eu só queria enfiar-me na cama e dormir até chegar a hora de fazer tudo de novo.

– Hoje senti a tua falta na aula – comentei, enquanto me sentava na cama. O Coronel estava sentado à secretária, curvado sobre um caderno de apontamentos. Deitei-me de costas e puxei as cobertas por cima da cabeça, mas o Coronel estava animado.

– Pois é, bem, estava ocupado a formular a teoria, que não é assim tão provável, admito, mas é plausível. Portanto, escuta. Ela beija-te. Nessa noite, alguém telefona. O Jake, imagino eu. Têm uma discussão – por causa da traição ou de outra coisa qualquer, quem sabe. Então, ela está transtornada e quer ir ter com ele. Volta ao quarto a chorar e pede-nos que a ajudemos a sair das instalações da

escola. E está passada dos carros, porque, sei lá, vamos dizer que é porque, se não conseguir ir ter com ele, o Jake acaba com ela. É apenas uma razão hipotética. Então, ela sai da escola, bêbeda e muito irritada, e está furiosa consigo mesma por causa de qualquer coisa, e vai a conduzir e vê o carro da bôfia, e então, de repente, tudo se encaixa e a solução do seu mistério labiríntico está ali à sua frente e ela lança-se, depressa e a direito, faz pontaria ao carro da bôfia e nem sequer se desvia, não por estar bêbeda, mas porque se matou.

– Isso é ridículo. Ela não estava a pensar no Jake nem a discutir com o Jake. *Estava a curtir comigo.* Eu tentei puxar o assunto do Jake, mas ela mandou-me calar.

– Então, quem é que lhe telefonou?

Dei um coice no edredão e, de punho cerrado, esmaguei a mão contra a parede a cada sílaba que dizia: – NÃO! SEI! E sabes que mais? Não tem importância. Ela está morta. Será que o brilhante Coronel vai descobrir alguma coisa que a vá deixar menos morta?

Mas é óbvio que tinha importância, e foi por isso que continuei a esmurrar as nossas paredes de blocos de cimento e que as perguntas se haviam mantido à tona durante uma semana. Quem tinha telefonado? O que se passou? Porque é que ela se foi embora? Jake não tinha ido ao funeral dela. Nem nos tinha telefonado a dar os pêsames nem a perguntar-nos o que tinha acontecido. Ele desaparecera simplesmente, e eu ficara na dúvida, claro está. Ficara na dúvida sobre se ela teria alguma intenção de manter a promessa de que continuaríamos depois. Ficara na dúvida sobre quem teria telefonado e porquê, e o que a teria transtornado tanto. Mas preferia ficar na dúvida do que obter respostas com as quais não conseguiria viver.

– Então, talvez ela fosse a caminho de ir acabar com o Jake – disse o Coronel, com a voz subitamente vaga. Sentou-se ao canto da minha cama.

– Não sei. Na verdade, não quero saber.

– Pois, bem... – disse ele. – Eu quero saber. Porque, se ela sabia o que estava a fazer, Badocha, tornou-nos seus cúmplices. E eu odeio-a por isso. Céus, olha bem para nós. Já nem podemos falar com ninguém. Por isso, escuta, estabeleci um plano estratégico: (1) Falar com testemunhas oculares. (2) Perceber o grau de embriaguez dela. (3) Descobrir para onde ia e porquê.

– Não quero falar com o Jake – disse eu, sem entusiasmo, já resignado com o incessante planeamento do Coronel. – Se ele souber, não quero falar com ele, decididamente. Se não souber, não quero fingir que não aconteceu.

O Coronel levantou-se e suspirou. – Sabes que mais, Badocha? Sinto pena de ti. A sério. Sei que a beijaste, e sei que estás arrasado com isto. Mas, francamente, cala-te. Se o Jake souber, não vais piorar as coisas em nada. E se não souber, não vai descobrir. Portanto, deixa lá de te preocupares com o teu maldito ego por um instante e pensa na tua amiga que morreu. Desculpa. Foi um dia longo.

– Tudo bem – disse eu, tornando a puxar as cobertas para cima da cabeça. – Tudo bem – repeti. E tanto se me dava. *Estava mesmo* tudo bem. Tinha de estar.

Não podia dar-me ao luxo de perder o Coronel.

Treze Dias Depois

UMA VEZ QUE A NOSSA PRINCIPAL FONTE de transporte estava enterrada em Vine Station, Alabama, eu e o Coronel vimo-nos obrigados a ir a pé até à Esquadra de Pelham à procura de testemunhas oculares. Partimos depois de jantarmos no refeitório, já a noite caía depressa e adiantada, e calcorreámos a Estrada Nacional 119 por dois quilómetros e meio até chegarmos a um edifício de estuque de um só piso entre uma Casa de Waffles e uma estação de serviço.

Lá dentro, um balcão comprido que dava pela altura do plexo solar do Coronel separava-nos da esquadra de polícia propriamente dita, que parecia consistir em três agentes fardados sentados a três secretárias, todos eles a falar ao telefone.

– Sou irmão da Alaska Young – anunciou o Coronel, com descaramento. – E quero falar com o polícia que a viu morrer.

Um homem pálido e magrinho, com uma barba loura arruivada, acabou de falar rapidamente ao telefone e desligou.

– Eu vi-a – disse ele. – Foi no meu carro que ela bateu.

– Podemos falar consigo lá fora? – perguntou o Coronel.

– Sim.

O polícia agarrou num casaco e encaminhou-se para nós, e, à medida que se aproximava, consegui ver-lhe as veias azuis através da pele translúcida do seu rosto. Para polícia, não parecia sair muito. Ao chegar à rua, o Coronel acendeu um cigarro.

– Tens dezanove anos? – perguntou o polícia. No Alabama, podemos casar-nos aos dezoito anos (até aos catorze, se a mamã e o papá derem autorização), mas, para fumar, precisamos de ter dezanove.

– Multe-me. Só preciso de saber o que viu.

– Eu costumo trabalhar das seis à meia-noite, mas estava a fazer o turno do cemitério. Recebemos uma chamada por causa de um camião capotado, e, como eu estava apenas a cerca de um quilómetro e meio, dirigi-me para lá. Tinha acabado de encostar e ainda estava dentro do carro quando vi os faróis pelo canto do olho. Eu tinha as luzes acesas e liguei a sirene, mas os faróis continuavam a vir direitos a mim, meu filho, e eu saí depressa do carro e fugi, e ela abalroou-me. Já vi muita coisa, mas nunca tinha visto uma coisa daquelas. Ela não guinou. Não travou. Só bateu. Eu não estava a mais de três metros do carro-patrolha quando ela lhe bateu. Pensei que ia morrer, mas cá estou eu.

Pela primeira vez, a teoria do Coronel pareceu-me plausível. Ela não ouviu *a sirene*? Não viu *as luzes*? Estava sóbria o suficiente para beijar bem, pensei eu. Decerto estaria sóbria o suficiente para guinar.

– Viu a cara dela antes de ela bater no carro? Estava a dormir?

– perguntou o Coronel.

– Isso não te sei dizer. Não a vi. Não houve muito tempo.

– Compreendo. Quando chegou ao carro, ela já estava morta?

– perguntou ele.

– Eu... eu fiz tudo o que podia. Fui a correr ter com ela, mas o volante – bem, estiquei-me lá para dentro, pensei que conseguia soltar o volante, mas não havia maneira de a tirar daquele carro com vida. Esmagou-lhe o peito, percebes?

Estremeci ao pensar na imagem. – Ela disse alguma coisa?

– perguntei.

– Estava inconsciente, meu filho – respondeu ele, abanando a cabeça, fazendo desvanecer a minha última esperança de haver últimas palavras.

– Acha que foi um acidente? – perguntou o Coronel, quando me pus ao seu lado, com os ombros descaídos, com vontade de fumar um cigarro mas nervoso demais para ter a mesma audácia que ele.

– Sou agente aqui há vinte e seis anos, e já vi mais bebedeiras do que conseguem contar, e nunca tinha visto ninguém tão bêbedo a ponto de não conseguir guinar. Mas não sei. O médico legista disse que foi um acidente, e talvez tenha sido. Essa não é a minha área, sabem? Suponho que agora seja entre ela e o Senhor.

– Ela estava muito bêbeda? – perguntei. – Quer dizer, fizeram-lhe o teste?

– Sim. O nível de álcool no sangue era de 0,24. Isso é decerto embriaguez. É uma grande bebedeira.

– Havia alguma coisa no carro? – perguntou o Coronel. – Tipo, alguma coisa invulgar de que se lembre?

– Lembro-me de brochuras de faculdades – no Maine e no Ohio e no Texas. Pensei para mim mesmo que aquela rapariga devia ser de Culver Creek e que era extremamente triste ver uma rapariga assim, que estava a tentar entrar para a faculdade. É uma pena do caraças. E havia flores. Havia flores no banco de trás. daquelas da florista. Túlipas.

Túlipas? Pensei logo nas túlipas que Jake lhe enviara. – Eram brancas? – perguntei.

– Eram, sim – respondeu o polícia. Porque haveria ela de levar consigo as túlipas? Mas o polícia não tinha resposta para isso.

– Espero que encontrem aquilo que procuram. Eu perdi algum tempo a pensar nisso, porque nunca tinha visto nada assim. Pensei muito nisso, perguntei-me se ela poderia agora estar bem se eu tivesse ligado o motor do carro muito depressa e saído dali. Podia ter havido tempo para isso. Agora não há maneira de saber. Mas, na minha cabeça, não importa se foi acidente ou não. De qualquer das formas, é uma pena do caraças.

– Não podia ter feito nada – disse o Coronel, com doçura na voz. – Fez o seu trabalho, e nós agradecemos-lhe.

– Ora. Obrigado. Agora metam-se a caminho e portem-se bem, e falem comigo se tiverem mais perguntas. Fiquem com o meu cartão, caso precisem de alguma coisa.

Chip guardou o cartão na carteira de imitação de pele e nós pusemo-nos a caminho de casa.

– Túlipas brancas – disse eu. – As túlipas do Jake. Porquê?

– Certo dia, no ano passado, eu, ela e o Takumi estávamos no Recanto do Fumo e vimos um pequeno malmequer branco na margem do regato, e, de repente, ela saltou lá para dentro, com água pela cintura, e passou o regato a vau para ir buscá-lo. Pô-lo atrás da orelha, e, quando lhe perguntei porque o tinha feito, disse-me que os seus pais lhe punham sempre flores brancas no cabelo quando ela era pequena. Talvez ela quisesse morrer com flores brancas.

– Talvez fosse devolvê-las ao Jake – disse eu.

– Talvez. Mas aquele bófia convenceu-me mesmo de que pode ter sido suicídio.

– Talvez devêssemos deixá-la apenas estar morta – disse eu, frustrado. Parecia-me a mim que nada do que pudéssemos descobrir iria melhorar as coisas, e eu não conseguia tirar da cabeça a imagem do volante a precipitar-se para o peito dela, para um peito “bastante bem esmagado”, enquanto ela arquejava por um último fôlego que nunca chegava, e não, isto não estava a melhorar nada as coisas. – E se ela se *matou* mesmo? – perguntei ao Coronel. – Não faz de nós menos culpados. Só a transforma numa cabra horrível e egoísta.

– Credo, Badocha. Lembras-te sequer da pessoa que ela *era* de facto? Lembras-te de como *podia* ser uma cabra egoísta? Isso fazia parte dela, e tu dantes sabias disso. Parece que agora só ligas à Alaska que inventaste.

Acelerei o passo, caminhando à frente do Coronel, em silêncio. E ele não podia saber, porque não foi a última pessoa que ela beijou, porque não tinha sido deixado com uma promessa impossível de cumprir, porque ele não era eu. Que se lixe, pensei eu, e, pela primeira vez, imaginei-me a voltar para casa, a trocar a Grande Incógnita pelo velho conforto dos amigos da escola. Fossem quais fossem os seus defeitos, os meus amigos da escola na Florida nunca me morreram.

Quando já havia uma distância considerável, o Coronel foi ter comigo em passo de corrida. – Só quero que as coisas voltem a ser normais – disse ele. – Eu e tu. Normais. Divertidas. Apenas normais. E sinto que, se soubéssemos...

– OK. Tudo bem – interrompi-o. – Tudo bem. Vamos continuar à procura.

O Coronel abanou a cabeça, mas depois sorriu. – Sempre apreciei o teu entusiasmo, Badocha. E vou seguir em frente e fingir que ainda o tens, até que ele volte. Agora vamos para casa descobrir porque é que as pessoas se matam.

Catorze Dias Depois

SINAIS DE ALERTA DE SUICÍDIO que eu e o Coronel encontrámos na Internet:

Anteriores tentativas de suicídio

Ameaças verbais de suicídio

Doação de pertences estimados

Recolha e discussão de métodos de suicídio

Expressões de impotência e revolta em relação a si próprio e/ou ao mundo

Hábito de escrever, falar, ler e desenhar acerca da morte e/ou da depressão

Sugestão de que a falta da pessoa não seria sentida em caso de morte

Autoflagelação

Perda recente de um amigo ou familiar por morte ou suicídio
Declínio repentino e dramático do aproveitamento escolar
Distúrbios alimentares, insónias, excesso de horas de sono, dores de cabeça crónicas
Uso (ou aumento do uso) de substâncias psicotrópicas
Perda de interesse pelo sexo, passatempos ou outras atividades anteriormente apreciadas

Alaska apresentava dois daqueles sinais de alerta. Perdera a mãe, embora não recentemente. E o seu consumo de álcool, sempre bastante estável, tinha decididamente aumentado no último mês da sua vida. Na verdade, ela falava em morrer, mas parecia sempre estar meio a brincar.

– Eu estou sempre a fazer piadas com a morte – disse o Coronel.

– Na semana passada, fiz uma piada acerca de me enforcar com a minha gravata. E não é por isso que me vou matar. Portanto, essa não conta. E ela não se desfez de nada, e é certinho que não perdeu o interesse pelo sexo. É preciso gostar-se imenso de sexo para se curtir com um escanzelado como tu.

– Que engraçado – disse eu.

– Eu sei. Meu Deus, sou um génio. E ela tinha boas notas. E não me lembro de falar em matar-se.

– Uma vez, com os cigarros, lembras-te? “Vocês fumam por prazer. Eu fumo para morrer.” – disse eu.

– Isso era uma *piada*.

Mas, picado pelo Coronel, talvez para lhe provar que conseguia lembrar-me de Alaska como ela era de facto e não apenas como eu queria que ela fosse, continuei a levar a conversa de volta àqueles tempos em que ela era mazinha e temperamental, em que não lhe apetecia responder a perguntas começadas por *como, quando, porquê, quem* ou *o quê*. – Ela conseguia parecer muito revoltada – pensei, em voz alta.

– Então e eu não consigo? – retorquiu o Coronel. – Eu estou muito revoltado, Badocha. E, ultimamente, tu também não tens sido a imagem da placidez, mas não te vais matar. Espera lá... vais?

– Não – disse eu. E talvez fosse apenas porque Alaska não conseguia chegar aos travões e eu não conseguia chegar ao acelerador. Talvez ela só tivesse uma estranha espécie de coragem que a mim me faltava, mas não.

– É bom saber. Mas, sim, ela tinha altos e baixos – do fogo e enxofre ao fumo e às cinzas. Mas, em parte, pelo menos este ano, foi aquela cena toda da Marya. Badocha, é óbvio que ela não estava a pensar em matar-se quando curtiu contigo. Depois disso, adormeceu até o telefone tocar. Portanto, ela decidiu matar-se a determinada altura entre esse telefone a tocar e a colisão, ou então foi um acidente.

– Mas porquê esperar até se estar a quase dez quilómetros das instalações da escola para se morrer? – perguntei.

Ele suspirou e abanou a cabeça. – Ela gostava de ser misteriosa. Talvez

quisesse as coisas feitas assim. – Dito isto, eu ri-me, e o Coronel perguntou: – O que foi?

– Estava só aqui a pensar: Porque é que se vai contra um carro da bófia com as luzes acesas? E depois lembrei-me que ela odiava figuras de autoridade.

O Coronel riu-se. – Ora, vejam só. O Badocha disse uma graça! Quase senti uma sensação de normalidade, mas depois a minha distância do acontecimento pareceu evaporar-se e eu dei comigo de volta ao pavilhão gimnodesportivo, a ouvir a notícia pela primeira vez, com as lágrimas do Águia a pingarem-lhe para as calças, e olhei para o Coronel e pensei em todas as horas que tínhamos passado naquele sofá de espuma nas últimas duas semanas – tudo o que ela tinha destruído. Demasiado irritado para chorar, eu disse:

– Isto só está a fazer-me odiá-la. Eu não quero odiá-la. E de que serve isto tudo, se só está a fazer-me odiá-la? – Ainda a recusar responder a perguntas começadas por *como* e por *porquê*. Ainda a insistir numa aura de mistério.

Inclinei-me para a frente, com a cabeça entre os joelhos, e o Coronel pousou a mão nas minhas costas. – A questão é que existem sempre respostas, Badocha. – E então ele forçou o ar a sair dos seus lábios curvados e eu ouvi o tremor revoltado na sua voz, enquanto repetia: – Existem *sempre* respostas. Só temos de ser espertos o suficiente. A Internet diz que, regra geral, os suicídios envolvem planos cuidadosamente desenvolvidos. Portanto, é evidente que ela não cometeu suicídio. – Senti-me envergonhado por, passadas duas semanas, eu ainda estar a cair aos pedaços, quando o Coronel conseguia tomar o seu remédio de modo tão estóico, por isso sentei-me.

– OK. Tudo bem – respondi. – Não foi suicídio.

– Se bem que, na verdade, não faça sentido enquanto acidente – disse o Coronel.

Ri-me. – É óbvio que estamos a fazer progressos.

Fomos interrompidos por Holly Moser, a finalista que eu conhecia principalmente por causa dos auto-retratos que eu tinha visto na companhia de Alaska, no Dia de Ação de Graças. Holly convivia com os Guerreiros do Fim de Semana, o que explica porque é que eu só lhe dirigira umas duas palavras na vida, mas entrou por ali adentro sem bater à porta, dizendo que tivera um indicador místico da presença de Alaska.

– Estava na Casa de Waffles e, de repente, as luzes desligaram-se todas, à exceção da luz da minha mesa, que começou a piscar. Ficava ligada, tipo, um segundo, e depois desligava-se um bocado, e depois ligava-se por uns dois segundos e desligava-se. E eu percebi, estás a ver, que era a Alaska. Acho que estava a tentar falar comigo em código morse. Mas, tipo, eu não sei código morse. É provável que ela não soubesse disso. Bem, seja como for, achei que vocês deviam saber.

– Obrigado – disse eu, de modo abrupto, e ela ficou ali parada um bocado, a olhar para nós, com a boca a abrir-se como se fosse falar, mas o Coronel fitava os seus olhos semicerrados, com o maxilar projetado para fora em desagrado

incontido. Eu percebia como ele se sentia: eu não acreditava em fantasmas que usavam código morse para comunicar com pessoas de quem nunca tinham gostado. E não me agradava a possibilidade de Alaska poder dar paz a alguém que não fosse eu.

– Céus, pessoas destas não deviam ter o direito de viver – disse ele, depois de ela sair.

– Aquilo foi muito estúpido.

– Não é só estúpido, Badocha. Quer dizer, como se a Alaska fosse falar com a Holly Moser. Meu Deus! Não suporto estas carpideiras falsas. Cabra estúpida!

Quase lhe disse que Alaska não haveria de querer que ele chamasse *cabra* a qualquer mulher que fosse, mas não valia a pena discutir com o Coronel.

Vinte Dias Depois

ERA DOMINGO, e eu e o Coronel decidimos não ir jantar ao refeitório e saímos das instalações da escola para nos metermos a caminho pela Estrada Nacional 119 até ao Quiosque Sunny Konvenience, onde nos presenteámos com uma refeição bem equilibrada de duas tartes de aveia recheadas cada um. Setecentas calorias. Energia suficiente para sustentar um homem durante metade de um dia. Sentámo-nos no passeio à frente da loja e eu terminei o jantar em quatro dentadas.

– Amanhã vou ligar ao Jake, só para que saibas. O Takumi deu-me o número dele.

– Tudo bem – disse eu.

Ouvi uma campainha a tinir atrás de mim e virei-me para a porta que se abria.

– Vocês estão a moinar – disse a mulher que acabara de nos vender o jantar.

– Estamos a comer – respondeu o Coronel.

A mulher abanou a cabeça e ordenou, como se estivesse a falar com um cão: – Rua!

Por isso fomos para a parte de trás da loja e sentámo-nos ao lado do contentor fedorendo e fétido.

– Já chega de “tudo bem”, Badocha. É ridículo. Vou ligar ao Jake e vou tomar nota de tudo o que ele disser, e depois vamos sentar-nos os dois para tentarmos perceber o que aconteceu.

– Não. Nesse assunto, estás por tua conta. Não quero saber o que aconteceu entre ela e o Jake.

O Coronel suspirou e tirou um maço de cigarros do Fundo do Badocha do bolso das calças de ganga. – Porque não?

– Porque não quero! Tenho de te fazer uma análise aprofundada de todas as decisões que tomo?

O Coronel acendeu o cigarro com um isqueiro pago por mim e deu uma passa. – Como queiras. É preciso perceber o que aconteceu, e eu preciso da tua ajuda para isso, porque, entre os dois, conhecíamos-la muito bem. Portanto, é assim.

Levantei-me e olhei para ele de cima, sentado com um ar arrogante e a soprar-me um fino feixe de fumo para cara. Já chegava.

– Estou farto de seguir ordens, seu cretino! Não vou sentar-me contigo a

debater os melhores pontos da relação dela com o Jake, que diabo! Não consigo ser mais claro do que isto: *Não quero saber* nada acerca deles. *Já sei* o que ela me contou, e isso é tudo o que preciso de saber, e tu podes ser um sacana condescendente enquanto quiseses, mas eu não vou sentar-me a conversar contigo acerca do quanto ela amava o Jake, caraças! Agora dá-me os meus cigarros.

– O Coronel atirou o maço para o chão e levantou-se num pulo, com um punhado da minha camisola na mão, tentando, mas não conseguindo, puxar-me para baixo para eu ficar da sua altura.

– Nem sequer te preocupas com ela! – gritou ele. – Tudo o que te importa és tu e a tua preciosa fantasia de merda de que tu e a Alaska tinham um caso amoroso secreto e que ela ia largar o Jake por tua causa e que iriam viver felizes para sempre. Mas ela beijou muitos gajos, Badocha. E, se ela aqui estivesse, ambos sabemos que continuaria a ser a namorada do Jake, e que entre vocês os dois não haveria nada a não ser teatro – não haveria amor, nem sexo, apenas tu a andar atrás dela e ela tipo: “Tu és giro, Badocha, mas eu amo o Jake.” Se ela te amava assim tanto, porque é que te deixou naquela noite? E se tu a amavas assim tanto, porque é que a ajudaste a ir? Eu estava bêbedo. Qual é a tua desculpa?

O Coronel largou-me a camisola e eu baixei-me para apanhar os cigarros. Sem gritar, sem cerrar os dentes, sem as veias a latejar-me na testa, mas com calma. Com calma. Olhei de cima para o Coronel e disse: – Vai-te foder.

Os gritos com veias a latejar vieram depois, depois de eu ter feito a Estrada Nacional 119 em passo de corrida, atravessado o círculo dos dormitórios e o campo de futebol e descido a estrada de terra até à ponte, onde dei por mim no Recanto do Fumo. Agarrei numa cadeira azul e atirei-a contra o muro de cimento, e o baque do plástico no cimento ecoou por debaixo da ponte quando a cadeira caiu de lado de modo instável, e depois deitei-me de costas, com os joelhos a pender para o precipício, e gritei. Gritei porque o Coronel era um sacana condescendente e convencido e gritei porque ele tinha razão, pois eu queria mesmo acreditar que tivera um caso amoroso secreto com Alaska. Será que ela me amava? Deixaria Jake por minha causa? Ou teria sido apenas mais um momento impulsivo de Alaska? Não me bastava ser o último tipo que ela tinha beijado.

Queria ser o último a quem tinha amado. E sabia que não era. Sabia-o e odiava-a por isso. Odiava-a por não gostar de mim. Odiava-a por me ter deixado naquela noite, e odiava-me também a mim, não só por a ter deixado ir, mas também porque, se eu tivesse sido suficiente para ela, ela nem sequer teria querido ir-se embora. Teria ficado ali deitada comigo a falar e a chorar, e eu teria ouvido e ter-lhe-ia beijado as lágrimas à medida que lhe marejavam os olhos.

Voltei a cabeça e olhei para a sua pequena cadeira azul virada de lado. Pus-me a pensar se haveria de chegar o dia em que eu não pensasse em Alaska, se deveria esperar por uma época em que ela seria uma recordação distante – lembrada apenas no aniversário da sua morte, ou talvez umas semanas depois, recordando apenas depois de ter esquecido.

Sabia que iria conhecer mais pessoas mortas. Os corpos amontoam-se. Será que poderia haver espaço na minha memória para cada uma delas, ou iria esquecer um bocadinho de Alaska a cada dia do resto da minha vida?

Uma vez, no início do ano, eu e ela fomos até ao Recanto do Fumo e ela saltou para dentro do regato com os chinelos ainda calçados. Atravessou o regato a andar, dando passos cuidadosos sobre as rochas cheias de musgo, e agarrou numa cana alagada na margem do regato. Enquanto eu estava sentado no cimento, com os pés a dar a dar na direção da água, ela virava as rochas ao contrário com a cana e apontava para os lagostins fugidios.

– Cozem-se e depois chupa-se-lhes as cabeças – disse ela, com entusiasmo. – É onde está o melhor – nas cabeças.

Ela ensinou-me tudo o que sei acerca de lagostins e beijos e vinho rosé e poesia. Ela tornou-me diferente.

Acendi um cigarro e cuspi para o regato. – Não podes tornar-me diferente e depois ires-te embora – disse em voz alta para ela. – Porque eu estava bem antes, Alaska. Estava bem só comigo mesmo e as últimas palavras e os amigos da escola, e tu não podes tornar-me diferente e depois morreres. – Pois ela tinha encarnado a Grande Incógnita – tinha-me provado que valia a pena deixar para trás a minha vida insignificante em prol de maiores incógnitas, e agora ela tinha morrido e levado consigo a minha fé na incógnita. Podia responder a tudo o que o Coronel dizia e fazia com “tudo bem”. Podia tentar fingir que já não me ralava, mas isso podia nunca mais ser verdade. Não podes tornar-te importante e depois morreres, Alaska, porque agora eu estou irremediavelmente diferente, e estou arrependido por te ter deixado ir, sim, mas a escolha foi tua. Deixaste-me sem Incógnita, encurralado no teu maldito labirinto. E agora nem sequer sei se escolheste a saída rápida e a direito, se me deixaste assim de propósito. Portanto, nunca te conheci, pois não?

Não consigo lembrar-me porque nunca soube.

E, enquanto me levantava para me meter ao caminho para casa e fazer as pazes com o Coronel, tentei imaginá-la naquela cadeira, mas não conseguia lembrar-me se ela cruzava ou não as pernas. Ainda conseguia vê-la a sorrir para mim com metade do sorriso da *Mona Lisa*, mas não conseguia visualizar as suas mãos o suficiente para a ver a segurar num cigarro. Decidi que precisava de a conhecer mesmo, porque precisava de mais para recordar. Porque, antes de poder dar início ao vergonhoso processo de esquecer o como e o porquê da sua vida e morte, precisava de o conhecer: *Como. Porquê. Quando. Onde. O quê.*

No Quarto 43, depois de ter pedido e aceitado desculpas com rapidez, o Coronel disse: – Tomámos uma decisão tática de adiar o telefonema ao Jake. Vamos seguir outros caminhos primeiro.

Vinte e Um Dias Depois

ENQUANTO O DR. HYDE entrava na sala de aula a arrastar os pés, Takumi sentou-se ao meu lado e escreveu uma nota na margem do caderno. Dizia: *Almoço no McIntragável.*

Garatujei *OK* no meu caderno e depois virei para uma folha em branco, quando o Sr. Hyde começou a falar do sufismo, a seita mística do islão. Eu só o analisara através da leitura – andava a estudar apenas o suficiente para não reprovar – mas, na minha análise, tinha encontrado ótimas últimas palavras. Um certo sufi pobre vestido com andrajos entrou numa joalheria que pertencia a um mercador rico e perguntou-lhe: “Sabes como vamos morrer?” O mercador respondeu: “Não. Ninguém sabe como vai morrer.” E o sufi disse: “Eu sei.” “Como?”, perguntou o mercador. E o sufi deitou-se no chão, cruzou os braços e disse: “Assim.” E depois morreu. Em resultado disso, o mercador abdicou de imediato da sua loja para viver uma vida de pobreza em busca do tipo de riqueza espiritual que o sufi falecido tinha adquirido.

Mas o Dr. Hyde contava uma história diferente, uma que eu tinha ignorado. – É sabido que Karl Marx chamava à religião “o ópio do povo”. O budismo, sobretudo como é popularmente praticado, promete aperfeiçoamento através do karma. O islamismo e o cristianismo prometem aos crentes o paraíso eterno. E esse é certamente um ópio poderoso, a esperança na chegada de uma vida melhor. Mas há uma história sufi que põe em causa a ideia de que as pessoas só acreditam porque precisam de um ópio. Rabe’a al-Adiwiyah, uma grande mulher santa do sufismo, foi vista a correr pelas ruas de Basra, a sua terra-natal, com um archote numa mão e um balde com água na outra. Quando alguém lhe perguntou o que estava a fazer, respondeu: “Vou pegar neste balde com água e despejá-lo sobre as chamas do Inferno, e depois vou usar este archote para incendiar os portões do paraíso, para que as pessoas não amem a Deus por quererem o Céu ou temerem o Inferno, mas sim por Ele ser Deus.

Uma mulher tão forte que incendeia o Céu e encharca o Inferno. *Alaska teria gostado desta tal de Rabe’a*, escrevi no meu caderno. Mas, mesmo assim, a vida no Além tinha importância para mim. O Céu e o Inferno e a reencarnação. Por mais que eu quisesse saber como é que Alaska tinha morrido, queria saber onde estava ela agora, se é que estava em algum lado. Gostava de a imaginar a olhar para nós lá de cima, ainda ciente da nossa existência, mas parecia-me uma fantasia que eu nunca *sentira* de facto – tal como o Coronel dissera no funeral que ela não estava ali, não estava em parte nenhuma. Para ser franco, não conseguia imaginá-la de outra forma que não morta, com o corpo a apodrecer em Vine Station, sendo o que restava dela apenas um fantasma que só vivia na nossa lembrança. Tal como Rabe’a, eu não achava que as pessoas devessem acreditar em Deus por causa do Céu e do Inferno. Mas não sentia necessidade de andar por aí a correr com um archote. Não se pode incendiar um lugar imaginário.

Depois da aula, enquanto Takumi revolia as suas batatas fritas no McIntragável, comendo apenas as mais estaladiças, senti a total falta dela, ainda a recuperar da ideia de que ela não só partira deste mundo mas também de todos os outros.

– Tens passado bem? – perguntei.

– Humm – disse ele, com a boca cheia de batatas. – Nem por isso. E tu?

– Nem por isso. – Dei uma dentada no cheeseburger. O carrinho de rali em plástico que eu ganhara com a minha *Happy Meal* estava virado ao contrário sobre a mesa. Girei-lhe as rodas.

– Tenho saudades dela – disse Takumi, empurrando o tabuleiro, desinteressado das batatas oleosas que tinham sobrado.

– Pois. Eu também. Lamento, Takumi. – E isto era sentido da forma mais lata possível. Eu lamentava termos acabado assim, a girar rodas no McDonald's. Lamentava que a pessoa que nos tinha juntado jazesse agora morta entre nós. Lamentava tê-la deixado morrer. *Lamento não ter falado contigo, porque não podias saber a verdade acerca de mim e do Coronel, e eu detestava estar contigo e ter de fingir que o meu sofrimento é esta coisa descomplicada – fingir que ela morreu e eu tenho saudades dela, em vez de ela ter morrido por minha causa.*

– Eu também. Já não andas com a Lara, pois não?

– Acho que não.

– Tudo bem. Ela estava na dúvida.

Eu tinha andado a ignorá-la, mas, por esta altura, ela também começara a ignorar-me, portanto calculei que tivéssemos acabado, mas se calhar não. – Bem – disse eu a Takumi. – Eu não consigo... não sei, meu. É muito complicado.

– Claro. Ela há de compreender. Claro. É na boa.

– OK.

– Escuta, Badocha. Eu... ah, sei lá. É uma merda, não é?

– É.

Vinte e Sete Dias Depois

SEIS DIAS DEPOIS, quatro domingos depois do último domingo, eu e o Coronel estávamos a tentar atingir-nos um ao outro com pistolas de *paintball* enquanto fazíamos manobras de 90 graus num *half pipe*. – Precisamos de bebida. E precisamos de pedir emprestado o alcoolímetro do Águia.

– *Pedir emprestado?* Sabes onde está?

– Sim. Ele nunca te obrigou a fazer o teste?

– Hmm. Não. Ele acha que eu sou um totó.

– Tu és um totó, Badocha. Mas não vais deixar que um pormenor desses te impeça de beber. – Na verdade, eu não bebia desde aquela noite, e não me sentia particularmente inclinado a retomar o hábito.

Então, quase dei uma cotovelada na cara do Coronel, ao balançar os meus braços de modo violento, como se contorcer o corpo da maneira certa tivesse tanta importância como premir os botões certos nos momentos certos – a mesma ilusão relativa à maneira de jogar jogos de vídeo que sempre agarrara Alaska. Mas o Coronel estava tão concentrado no jogo que nem sequer reparou. – Tens algum plano para o modo exato como vamos roubar o alcoolímetro de *dentro da casa do Águia*?

O Coronel olhou para mim e disse: – És uma merda neste jogo?

– E depois, sem se virar de novo para o ecrã, atingiu o meu *skater* nos tomates

com um tiro de tinta azul. – Mas, primeiro, temos de arranjar bebida, porque a ambrósia está azeda e o meu conhecimento no mundo do álcool está...

– *PUF*. Morto – concluí.

Quando abri a porta, Takumi estava sentado à sua secretária, com uns auscultadores bojudos a rodear-lhe toda a cara, abanando a cabeça ao som do ritmo. Parecia abstraído da nossa presença. – Olá – disse eu. Nada. – Takumi! – Nada. – TAKUMI! – Ele virou-se e tirou os auscultadores. Fechei a porta atrás de mim e disse: – Tens álcool?

– Porquê? – perguntou ele.

– Hmm, porque queremos embebedar-nos? – respondeu o Coronel.

– Ótimo. Junto-me a vocês.

– Takumi – começou o Coronel. – Isto é... precisamos de fazer isto sozinhos.

– Não. Já estou farto dessa merda! – Takumi levantou-se, entrou na sua casa de banho e saiu de lá com uma garrafa de *Gatorade* cheia de um líquido transparente. – Está guardada no armário dos remédios – disse Takumi. – Porque de certo modo é um remédio.

– Meteu a garrafa no bolso e depois saiu do quarto, deixando a porta aberta atrás de si. Passado um instante, enfiou de novo a cabeça para dentro e, imitando de modo brilhante a voz grave e mandona do Coronel, disse: – Credo! Vocês vêm ou não?

– Takumi – disse o Coronel. – Tudo bem. Escuta, o que estamos a fazer é um bocadinho perigoso e eu não quero que te metas nisso. A sério. Mas, ouve, a partir de amanhã, passamos a contar-te tudo.

– Estou farto desta merda toda dos segredos. Ela também era minha amiga.

– Amanhã. A sério.

Tirou a garrafa do bolso e atirou-ma. – Amanhã – disse ele.

– Na verdade, eu não quero que ele saiba – disse eu, enquanto regressávamos ao quarto, com a garrafa de *Gatorade* enfiada no bolso da minha camisola. – Ele vai odiar-nos.

– Pois, bem, vai odiar-nos mais se continuarmos a fingir que ele não existe – respondeu o Coronel.

Quinze minutos depois, eu estava à porta do Águia.

Ele abriu a porta com uma espátula na mão, sorriu e disse: – Entra, Miles. Estava agora mesmo a fazer uma sandes de ovo. Queres uma?

– Não, obrigado – disse eu, seguindo o Águia até à cozinha.

A minha tarefa era mantê-lo afastado da sua sala de estar durante trinta segundos, para que o Coronel conseguisse ir buscar o alcoólímetro sem ser detetado. Tossi em voz alta para fazer saber ao Coronel que a costa estava livre. O Águia pegou na sua sandes de ovo e deu-lhe uma dentada. – A que devo o prazer da tua visita?

– perguntou.

– Só queria dizer-lhe que o Coronel – o Chip Martin, quero eu dizer –, o meu colega de quarto, sabe?, está a ter dificuldades a Latim.

– Pelo que sei, ele não está a frequentar a aula, o que pode dificultar em muito a aprendizagem da língua. – Encaminhou-se para mim. Tossi de novo e recuei, com o Águia e eu próprio a fazermos passos de tango em direção à sua sala de estar.

– Certo, bem, todas as noites ele fica acordado a noite toda a pensar na Alaska – disse eu, endireitando-me e esticando-me, tentando bloquear a visão do Águia para a sala de estar com os meus ombros pouco largos. – Sabe que eles eram muito chegados.

– Eu sei que sim... – disse ele, e, na sala de estar, os ténis do Coronel chiaram no soalho de madeira, fazendo o Águia olhar-me de modo inquiridor e desviar-se de mim. Eu disse rapidamente: Aquele bico está aceso? – E aponte para a frigideira.

O Águia virou-se, olhou para o bico do fogão claramente não aceso e depois entrou de rompante na sala de estar.

Vazia. Tornou a virar-se para mim. – Estás a tramar alguma, Miles?

– Não, senhor. A sério. Só queria falar do Chip.

Ele arqueou as sobrancelhas, de modo cético. – Bem, eu compreendo que seja uma perda avassaladora para os amigos mais próximos da Alaska. É simplesmente horrível. Nada consola este sofrimento, pois não?

– Não, senhor.

– Estou solidário com os problemas do Chip. Mas a escola é importante. Tenho a certeza de que a Alaska haveria de querer que os estudos do Chip continuassem imaculados.

Tenho a certeza, pensei eu. Agradei ao Águia e ele prometeu-me uma sandes de ovo a dada altura no futuro, o que me deixou nervoso a pensar que ele pudesse simplesmente aparecer no nosso quarto uma tarde destas com uma sandes de ovo numa mão e nos encontrasse a) a fumar de modo ilegal, enquanto o Coronel b) bebia, de modo ilegal, leite com vodca de um jarro de três litros e meio.

Depois de percorrida metade do círculo dos dormitórios, o Coronel foi a correr ter comigo. – Foste discreto com aquela do “Aquele bico está aceso?”. Se não te tivesses lembrado dessa, eu estava feito. Se bem que agora acho que tenho de começar a ir às aulas de Latim. Porcaria de Latim.

– Conseguiu encontrá-lo? – perguntei.

– Sim – disse ele. – Sim. Céus, espero que não vá à procura daquilo hoje à noite. Embora, na verdade, nunca pudesse desconfiar de nada. Porque é que alguém haveria de *roubar um alcoolímetro*?

Às duas da manhã, o Coronel bebeu o sexto *shot* de vodca, fez uma careta e abanou freneticamente a mão em direção à garrafa de *Mountain Dew* que eu estava a beber. Entreguei-lha e ele deu-lhe um longo gole.

– Acho que não consigo ir a Latim amanhã – disse ele. As palavras saíam-lhe ligeiramente enroladas, como se tivesse a língua inchada.

– Mais um – implorei.

– Está bem. Mas já chega. – Serviu um gole de vodca num copo de cartão, engoliu, curvou os lábios e apertou as mãos em punhos cerrados. – *Oh, meu Deus*, isto é tão mau. É tão melhor com leite. É bom que dê 0,24.

– Depois da tua última bebida, temos de esperar quinze minutos antes de fazermos o teste – disse eu, tendo descarregado da Internet as instruções do alcoolímetro. – Sentes-te bêbedo?

– Se a bebedeira fossem bolachas, eu era a *Famous Amos*⁴. Rimo-nos. – *Chips Ahoy!* teria mais piada – disse eu.

– Desculpa. Não estou no meu melhor.

Segurei no alcoolímetro, uma engenhoca lustrosa e prateada mais ou menos do tamanho de um controlo remoto. Tinha um pequeno buraco por baixo de um monitor LCD. Soprei para o testar. 0:00, lia-se. Calculei que estivesse a funcionar.

Passados quinze minutos, passei-o ao Coronel. – Chupa e sopra com muita força durante pelo menos dois segundos – disse eu.

Ele ergueu os olhos para mim. – Foi isso que disste à Lara na sala da televisão? É que a ideia não é soprar, sabes, Badocha?

– Cala-te e sopra – disse eu.

Com as bochechas distendidas, o Coronel soprou para o buraco com força e demoradamente, até ficar com a cara vermelha.

0,16. – Oh não! – disse o Coronel. – Oh, meu Deus.

– Já conseguiste dois terços – disse eu, incentivando-o.

– Sim, mas falta-me para aí um quarto para vomitar.

– Bem, é óbvio que é possível. *Ela* conseguiu. Vá lá! Consegues beber mais do que uma rapariga, não consegues?

– Dá-me o *Mountain Dew* – disse ele, com estoicismo.

E foi então que ouvi passos lá fora. Passos. Tínhamos esperado pela uma da manhã para acendermos as luzes, calculando que toda a gente já estivesse a dormir há muito tempo – afinal de contas, era noite de dia de escola – mas passos, que merda! E, enquanto o Coronel olhava para mim confundido, tirei-lhe o alcoolímetro e enfiei-o no meio das almofadas de espuma do sofá, agarrei no copo de cartão e na garrafa de *Gatorade* com vodca e escondi tudo atrás da MESA DE CENTRO, e, num só movimento, tirei um cigarro de um maço e acendi-o, na esperança de que o cheiro a tabaco disfarçasse o cheiro a álcool. Dei um bafo no cigarro sem inalar, tentando encher o quarto de fumo, e estava quase de volta ao sofá quando as três batidas rápidas soaram na porta e o Coronel olhou para mim, de olhos arregalados, com o futuro subitamente não prometedor a passar-lhe de repente diante dos olhos, e eu sussurrei “Chora”, quando o Águia girou a maçaneta da porta.

O Coronel curvou-se para a frente, com a cabeça entre os joelhos e os ombros a tremer, e eu pus-lhe a mão à volta do corpo quando o Águia entrou.

– Peço desculpa – disse eu, antes que o Águia pudesse dizer alguma coisa. –

Ele está a ter uma noite difícil.

– Estás a *fumar*? – perguntou o Águia. – No *teu quarto*? *Quatro horas depois de se apagarem as luzes*?

Deixei cair o cigarro para dentro de uma lata de *Coca-Cola* semi-vazia. – Peço desculpa. Estou só a tentar manter-me acordado com ele.

O Águia encaminhou-se para o sofá e eu senti o Coronel a começar a erguer-se, mas baixei-lhe os ombros com firmeza, porque, se o Águia sentisse o cheiro do hálito do Coronel, estávamos feitos, na certa. – Miles – disse o Águia. – Percebo que este seja um período difícil para ti. Mas tens de respeitar as regras desta escola, senão terás de te matricular noutro sítio qualquer. Encontramo-nos amanhã no Júri. Posso fazer alguma coisa por ti, Chip?

Sem levantar os olhos, o Coronel respondeu com uma voz trémula e encharcada em lágrimas. – Não, senhor. Estou contente por ter o Miles.

– Bem, eu também – disse o Águia. – Talvez o devas incentivar a viver dentro dos limites das nossas regras, senão arrisca a perder o lugar nesta escola.

– Sim, senhor – disse o Coronel.

– Podem deixar as luzes acesas até estarem prontos para ir para a cama. Até amanhã, Miles.

– Boa noite, senhor – disse eu, imaginando o Coronel a esgueirar-se de novo para a casa do Águia para devolver o alcoolímetro enquanto eu arengava no Júri.

Quando o Águia fechou a porta atrás de si, o Coronel levantou-se de um pulo, a sorrir para mim, e, ainda nervoso por o Águia poder estar lá fora, sussurrou: – Foi uma cena de beleza.

– Aprendi com o melhor – disse eu. – Agora bebe.

Uma hora depois, com a garrafa de *Gatorade* quase vazia, o Coronel chegou aos 0,24.

– Obrigado, Jesus! – exclamou ele, acrescentando depois: – Isto é horrível. Assim não é divertido beber.

Levantei-me e tirei a MESA DE CENTRO do caminho, para que o Coronel conseguisse atravessar o quarto a todo o comprimento sem embater contra nenhum obstáculo, e disse: – Muito bem. Consegues ter-te em pé?

O Coronel empurrou os braços contra a espuma do sofá e começou a erguer-se, mas depois caiu para trás no sofá, deitado de costas. – Quarto a andar à roda – observou ele. – Vou vomitar.

– Não vomites. Assim vais estragar tudo.

Decidi fazer-lhe um teste de sobriedade, como os polícias fazem.

– Muito bem. Vem até aqui e tenta caminhar em linha reta. – Rebolou para fora do sofá e caiu no chão, e eu apanhei-o pelas axilas e levantei-o. Coloquei-o entre dois ladrilhos do chão de linóleo. – Segue aquela fileira de ladrilhos. Caminha a direito, com o pé colado ao calcanhar da frente. – Levantou uma perna e inclinou-se logo para a esquerda, com os braços a rodar. Deu um único passo instável, uma espécie de bamboleio, enquanto os seus pés estavam aparentemente incapazes de

aterrear a direito à frente um do outro. Recuperou o equilíbrio por instantes, depois deu um passo atrás e aterrou no sofá.

– Chumbei – disse ele, sem rodeios.

– OK. Como é que está a tua perceção de profundidade?

– A minha *precheção* de quê?

– Olha para mim. Eu sou só um? Há dois de mim? Podias chocar contra mim por acidente se eu estivesse num carro da bófia?

– Está tudo a andar à roda, mas não me parece. Isto é mau. Ela estava mesmo assim?

– Ao que parece. Conseguias conduzir assim?

– Oh, meu Deus, não. Não. Não. Ela estava mesmo bêbeda, hã?

– Pois.

– Fomos muito estúpidos.

– Pois.

– Estou a andar à roda. Mas não. Nada de carro da bófia. Eu consigo *ver*.

– Aí tens a tua prova.

– Talvez ela tenha adormecido. Eu sinto-me terrivelmente ensonado.

– Vamos descobrir – disse eu, tentando desempenhar o papel que o Coronel sempre desempenhara para mim.

– Não esta noite – respondeu ele. – Esta noite, vamos vomitar um bocadinho e depois vamos curar a ressaca a dormir.

– Não te esqueças do Latim.

– Pois é. Maldito Latim.

Vinte e Oito Dias Depois

O CORONEL CONSEGUIU ir à aula de Latim na manhã seguinte – “Neste momento sinto-me altamente, porque ainda estou bêbedo. Mas, daqui a umas horas, Deus me ajude.” – e eu fiz um teste de Francês para o qual tinha estudado *un petit peu*. Safiei-me bem nas perguntas de escolha múltipla (do género que tempo verbal faz sentido aqui), mas a pergunta de desenvolvimento – “No *Le Petit Prince*, o que significa a rosa?” – deixou-me um pouco baralhado.

Se eu tivesse lido *O Príncipezinho* em inglês ou francês, suspeito que esta pergunta pudesse ter sido bastante fácil. Infelizmente, eu passara a noite a embebedar o Coronel. Por isso, respondi: *Elle symbolise l’amour* (simboliza o amor). A Madame O’Malley tinha-nos deixado uma página inteira para responder à pergunta, mas eu supus que a abrangera lindamente em três palavras.

Tinha-me aguentado suficientemente bem para ter positivas e não preocupar os meus pais, mas, na verdade, já não me ralava muito com isso. *O significado da rosa?*, pensei eu. *A quem é que isso interessa? Qual é o significado das tulipas brancas?* Essa é que era uma pergunta que merecia resposta.

Depois de o Júri me ter dado um sermão e dez horas de trabalho, regresssei ao Quarto 43 e encontrei o Coronel a contar tudo a Takumi – bem, tudo menos o beijo. Apanhei o Coronel a dizer: – Por isso, deixámo-la ir.

– Foste tu que lançaste o fogo de artifício – disse ele.
– Como é que soubeste do fogo de artifício?
– Tenho andado a fazer alguma investigação – respondeu Takumi. – Bem, seja como for, foi uma parvoíce. Não o devias ter feito. Mas, na verdade, todos nós a deixámos ir – disse ele, e eu pus-me a pensar no que diabo queria ele dizer com aquilo, mas não tive tempo de perguntar antes de ele me perguntar: – Então, achas que foi suicídio?

– Talvez – disse ele. – Não estou a ver como é que ela poderia ter batido no carro da bófia, a menos que estivesse a dormir.

– Talvez fosse visitar o pai – disse Takumi. – Vine Station fica em caminho.

– Talvez – disse eu. – É tudo um talvez, não é?

O Coronel tirou um maço de tabaco do bolso. – Bem, toma lá mais outro: *talvez* o Jake tenha as respostas – disse ele. – Já esgotámos as outras estratégias, por isso vou telefonar-lhe amanhã, está bem?

Eu agora também queria respostas, mas não a certas perguntas.

– Sim, está bem – disse eu. – Mas escuta, não me contes nada que não seja relevante. Não quero saber de nada, a não ser que me vá ajudar a perceber para onde é que ela ia e porquê.

– Para dizer a verdade, eu também não – disse Takumi. – Acho que algumas dessas merdas devem manter-se privadas.

O Coronel encaixou uma toalha debaixo da porta, acendeu um cigarro e disse: – É justo, putos. Vamos trabalhar numa base de saber apenas o que é necessário.

Vinte e Nove Dias Depois

ENQUANTO ME ENCAMINHAVA das aulas para casa no dia seguinte, vi o Coronel sentado num banco do lado de fora da cabine telefónica, a escrever num caderno equilibrado nos seus joelhos enquanto aconchegava o telefone entre a orelha e o ombro.

Apressei-me a entrar no Quarto 43, onde encontrei Takumi a jogar ao jogo de corridas sem som. – Há quanto tempo está ele ao telefone? – perguntei.

– Não sei. Já lá estava quando eu aqui cheguei, há vinte minutos. Deve ter faltado à aula de Matemática do Sabichão. Porquê? Estás com medo de que o Jake venha até cá dar-te uma sova por a teres deixado ir?

– Como queiras – disse eu, pensativo. *É precisamente por isto que não lhe devíamos ter contado.* Entrei na casa de banho, liguei o chuveiro e acendi um cigarro. Takumi entrou pouco tempo depois.

– O que é que se passa? – perguntou ele.

– Nada. Só quero saber o que lhe aconteceu.

– Como se quisesse saber a verdade? Ou como se quisesse descobrir que ela discutiu com ele e ia a caminho da casa dele para acabar tudo para depois voltar para aqui e te cair nos braços e vocês fazerem amor terno e ardente e ter bebés geniais que decoram últimas palavras e poesia?

– Se estás chateado comigo, diz e pronto.

– Não estou chateado contigo por a teres deixado ir. Mas estou farto de te ver a

agir como se fosses o único gajo que alguma vez a desejou. Como se tivesses algum monopólio sobre o facto de gostares dela – respondeu Takumi. Pus-me de pé, levantei a tampa da sanita e liguei o autoclismo para escoar o meu cigarro inacabado.

Fitei-o por um momento, e depois disse: – Eu beije-a nessa noite e tenho monopólio sobre isso.

– O quê? – balbuciou.

– Eu beije-a.

Abriu a boca como se fosse falar, mas não disse nada. Fitámo-nos um ao outro por instantes e eu senti-me envergonhado pela dose de gabarolice e disse, por fim: – Eu... Olha, tu sabes como ela era. Quando queria fazer alguma coisa, fazia. Provavelmente, eu fui apenas o gajo que por acaso ali estava.

– Pois. Bem, eu nunca fui esse gajo – disse ele. – Eu... Bem, Badocha, Deus sabe que eu não posso censurar-te.

– Não contes à Lara.

Ele estava a anuir com a cabeça quando ouvimos as três batidas rápidas na porta da frente que significavam o Águia, e eu pensei: “Merda, apanhado duas vezes numa semana.” Takumi apontou para a cabina do duche e nós saltámos juntos lá para dentro e corremos a cortina, com o chuveiro demasiado baixo a derramar água sobre nós da coluna para baixo. Obrigados a manter-nos mais juntos do que seria necessário, ali ficámos, em silêncio, com o chuveiro que pingava a ensopar lentamente as nossas *T-shirts* e calças de ganga por mais alguns longos minutos, enquanto esperávamos que o vapor levantasse o fumo para as saídas de ventilação. Mas o Águia não chegou a bater à porta da casa de banho e Takumi acabou por desligar o chuveiro. Abri uma nesga da porta da casa de banho, espreitei lá para fora e vi o Coronel sentado no sofá de espuma, com os pés apoiados na MESA DE CENTRO, a terminar a corrida de NASCAR de Takumi. Abri a porta e saí com Takumi, completamente vestidos e a pingar.

– Ora aí está uma coisa que não se vê todos os dias – disse o Coronel, com um ar despreocupado.

– Mas que diabo? – perguntei eu.

– Bati à porta como o Águia para vos assustar. – Sorriu. – Mas, bolas, se precisam de privacidade, para a próxima deixem um bilhete na porta.

Eu e Takumi rimo-nos, e depois Takumi disse: – Pois é, eu e o Badocha estávamos a ficar um bocadinho impacientes, mas, bacano, desde que tomámos duche juntos, Badocha, sinto-me mesmo próximo de ti.

– Então, como é que correu? – perguntei. Eu sentei-me na MESA DE CENTRO e Takumi deixou-se cair no sofá ao lado do Coronel, ambos molhados e algo frios, mas mais preocupados com a conversa do Coronel com Jake do que com secarmo-nos.

– Foi interessante. Eis o que precisam de saber: foi ele que lhe deu aquelas flores, tal como pensávamos. Eles não discutiram. Ele só lhe telefonou porque lhe prometera ligar no exato momento em que faziam oito meses de namoro, o que

aconteceu às 3h02 da manhã, o que – convenhamos – é um bocadinho ridículo, e acho que, de alguma maneira, ela ouviu o telefone tocar. Então, falaram acerca de nada durante uns cinco minutos, e depois, completamente do nada, ela passou-se dos carretos.

– Completamente do nada? – perguntou Takumi.

– Permite-me que consulte as minhas notas. – O Coronel folheou o seu caderno. – Muito bem. O Jake diz “Tiveste um bom aniversário?” e a Alaska responde: “Tive um aniversário *esplêndido*”

– e eu consegui ouvir na leitura do Coronel o entusiasmo na voz dela, a maneira como enfatizava certas palavras, como *esplêndido* e *fantástico* e *absolutamente*. – Depois faz-se silêncio e o Jake diz: “O que é que estás a fazer?” E a Alaska diz: “Nada. Estou para aqui a gatafunhar.” E então ela diz: “Oh, meu Deus!”, e depois diz “merda, merda, merda” e começa a chorar de modo convulsivo e diz-lhe que tem de ir mas que fala com ele mais tarde, mas não disse que ia ter com ele de carro, e o Jake não acha que era para lá que ela ia. Ele não sabe para onde ela se dirigia, mas diz que ela perguntava sempre se podia ir lá ter com ele, e desta vez não perguntou, por isso não devia ir para lá. Esperem, deixem-me encontrar a citação. – Virou a página do caderno. – OK, cá está: “Ela disse que falava comigo mais tarde, não que *viria* ter comigo.”

– A mim diz-me que “continuamos depois” e a ele que fala com ele mais tarde – observei.

– Sim. Anotado. Planos para o futuro. Em nítida contradição com o suicídio. Então, depois disso, ela regressa ao quarto a gritar que se esqueceu de alguma coisa. E depois a sua corrida impetuosa chega ao fim. Portanto, nada de respostas, na verdade.

– Bem, sabemos para onde ela não ia.

– A menos que estivesse a sentir-se particularmente impulsiva – disse Takumi. Olhou para mim. – E, ao que parece, nessa noite ela estava a sentir-se bastante impulsiva. – O Coronel fez-me um olhar curioso e eu assenti com a cabeça. – Sim – disse Takumi. – Eu já sei.

– Então está bem. E ficaste lixado, mas depois tomaste um duche com o Badocha e ficou tudo bem. Excelente. Então, então, nessa noite... – continuou o Coronel.

E tentámos ressuscitar a conversa dessa última noite o melhor que pudemos para Takumi, mas nenhum de nós se lembrava dela particularmente bem, em parte porque o Coronel estava bêbedo e eu só comecei a prestar atenção quando ela puxou o assunto do Verdade ou Consequência. E a verdade é que não sabíamos se tinha muito ou pouco significado. As últimas palavras são sempre mais difíceis de recordar quando ninguém sabe que alguém está prestes a morrer.

– Quer dizer – disse o Coronel –, acho que eu e ela estávamos a falar acerca do quanto eu adorava andar de skate no computador mas que nunca sequer me ocorreria tentar pôr o pé em cima de uma prancha na vida real, e então ela disse “Vamos jogar ao Verdade ou Consequência” e depois tu fodeste com ela.

– Espera aí, tu *fodeste* com ela? À *frente do Coronel*? – gritou o Takumi.
– Eu não fodi com ela.
– Calma lá, rapazes – disse o Coronel, atirando as mãos ao ar.
– É um eufemismo.
– Para quê? – perguntou Takumi.
– Beijos.
– Que belo eufemismo! – Takumi revirou os olhos. – Serei eu o único a achar que isso pode ser relevante?
– Pois, isso nunca me tinha ocorrido – disse eu, de modo inexpressivo. – Mas agora já não sei. Ela não contou ao Jake. Não pode ter sido assim tão importante.
– Talvez estivesse atormentada pela culpa – disse ele.
– O Jake disse que ela parecia normal ao telefone, até se passar dos carretos – disse o Coronel. – Mas deve ter sido aquela chamada telefónica. Aconteceu alguma coisa que nos está a escapar. – O Coronel passou as mãos pelo cabelo espesso, com frustração. –
Céus, alguma coisa. Alguma coisa dentro dela. E agora só temos de descobrir o que foi.
– Portanto, só temos de ler a mente de uma pessoa morta – disse Takumi. – É fácil.
– Precisamente. Querem apanhar uma bebedeira de caixão à cova? – perguntou o Coronel.
– Não me apetece beber – disse eu.

O Coronel meteu a mão nos rebordos de espuma do colchão e tirou de lá a garrafa de *Gatorade* de Takumi. Takumi também não queria, mas o Coronel fez um sorriso malicioso e disse: – Mais sobra. – E emborcou.

Trinta e Sete Dias Depois

NA QUARTA-FEIRA A SEGUINTE, dei de caras com Lara depois da aula de Religião – literalmente. Já a tinha visto, claro está. Via-a quase todos os dias, na aula de Inglês ou sentada na biblioteca a bichanar a Katie, a sua colega de quarto. Via-a ao almoço e ao jantar no refeitório, e, se alguma vez acordasse a horas, é provável que a visse também ao pequeno-almoço. E o mais certo é que ela também me visse a mim, mas, até essa manhã, nunca mais nos tínhamos olhado em simultâneo.

Por esta altura, eu partia do princípio de que ela me tinha esquecido. Afinal de contas, só namorámos por um dia, mais ou menos, embora tenha sido um dia em cheio. Mas, quando ia à pressa para Pré-Cálculo e esbarrei contra o ombro esquerdo dela, ela deu meia volta e ergueu os olhos para mim. Zangada, e não por causa do encontrão. – Desculpa – disse eu, de modo atabalhoado, e ela limitou-se a semicerrar-me os olhos como se estivesse prestes ou a discutir ou a chorar, desaparecendo depois em silêncio para dentro de uma sala de aula. A primeira palavra que eu lhe dizia num mês.

Eu queria querer falar com ela. Sabia que tinha sido horrível – *imagina*, dizia eu sempre a mim mesmo, *que eras a Lara, com uma amiga morta e um ex-namorado em silêncio* – mas eu só tinha espaço para um desejo verdadeiro, e ela

estava morta, e eu queria saber como e porque é que isso tinha acontecido, e Lara não mo podia dizer, e era só isso que importava.

Quarenta e Cinco Dias Depois

DURANTE SEMANAS, eu e o Coronel tínhamos confiado na caridade para sustentar o nosso hábito tabágico – conseguíramos maços de borla ou mais baratos de toda a gente, desde Molly Tan ao em tempos vítima de um corte à escovinha, Longwell Chase. Era como se as pessoas quisessem ajudar e não se lembrassem de maneira melhor. Mas, em finais de fevereiro, esgotou-se-nos a caridade. Na verdade, até foi bom. Nunca me senti bem a aceitar as ofertas das pessoas, porque elas não sabiam que tínhamos sido nós a carregar as balas e a colocar-lhe a arma na mão.

Portanto, depois das aulas, Takumi levou-nos de carro às Bebidas “Tratamos das Vossas Necessidades Espirituais” Coosa. Nessa tarde, eu e Takumi tínhamos conhecido os resultados desanimadores do nosso primeiro grande teste de Pré-Cálculo do semestre. Talvez por Alaska já não estar disponível para nos ensinar pré-cálculo diante de uma pilha de batatas fritas do McIntragável, ou talvez por nenhum de nós ter de facto estudado, ambos corríamos o risco de receber relatórios de avaliação em casa.

– O problema é que já não acho isto muito interessante – disse Takumi, sem rodeios.

– Isso é capaz de ser difícil de explicar ao diretor de admissões de Harvard – respondeu o Coronel.

– Não sei – disse eu. – Eu acho que é bastante premente.

Rimo-nos, mas as gargalhadas esmoreceram num silêncio pesado e penetrante e eu percebi que estávamos todos a pensar nela, morta e sem se rir, fria, já sem ser Alaska. A ideia de que Alaska não existia ainda me atordoava, sempre que eu pensava nisso. Ela está a apodrecer em Vine Station, Alabama, pensei eu, mas nem era bem isso. O corpo estava lá, mas ela não estava em lado nenhum, não era nada, *PUF*.

As ocasiões que dantes eram as mais divertidas pareciam agora seguir-se sempre de tristeza, porque era quando a vida se começava a parecer com o que era quando ela estava connosco que nos apercebíamos do carácter derradeiro e definitivo da sua perda.

Comprei os cigarros. Nunca tinha entrado nas Bebidas Coosa, mas foi tão desolador como Alaska tinha descrito. O soalho poeirento de madeira rangeu quando eu me dirigi ao balcão, e eu vi um grande barril cheio de água salobra cujo propósito era conter ISCO VIVO mas que na verdade continha um verdadeiro cardume de pardelhas mortas a flutuar. A mulher atrás do balcão sorriu-me com todos os seus quatro dentes quando lhe pedi um volume de *Marlboro Lights*.

– Andas em Culver Creek? – perguntou-me ela, e eu não sabia se havia de responder com sinceridade, uma vez que não era provável que um aluno de liceu já tivesse dezanove anos, mas, como ela agarrou no volume de tabaco que tinha atrás de si e o colocou sobre o balcão sem pedir identificação, eu respondi: – Sim, senhora.

- Como é a escola? – perguntou ela.
- Bastante boa – respondi.
- Ouvi dizer que tiveram lá uma morte.
- Sim – disse eu.
- Lamento isso.
- Sim, senhora.

A mulher, cujo nome eu não sabia porque aquele não era o tipo de estabelecimento comercial onde se desperdiçava dinheiro em etiquetas com o nome, tinha um pelo branco comprido a nascer-lhe de um sinal na bochecha direita. Não era propriamente nojento, mas eu não consegui deixar de olhar de relance para lá e depois desviar o olhar.

De volta ao carro, entreguei um maço de cigarros ao Coronel. Baixámos os vidros, embora o frio cortante de fevereiro no meu rosto e o vento sonoro impossibilitasse a conversa. Sentei-me na minha quarta parte do carro a fumar, indagando-me sobre o porquê de a velhota das Bebidas Coosa não arrancar o pelo do sinal. O vento soprava através do vidro puxado para baixo de Takumi à minha frente e batia-me na cara. Cheguei-me para o meio do banco de trás e levantei os olhos para o Coronel, que estava sentado no lugar do pendura, a sorrir, com a cara virada para o vento que lhe entrava pela janela do carro.

Quarenta e Seis Dias Depois

EU NÃO QUERIA FALAR COM LARA, mas, no dia seguinte ao almoço, Takumi fez a derradeira cena dos remorsos. – O que é que te parece que a Alaska iria achar desta merda? – perguntou ele, enquanto olhava para Lara, do outro lado do refeitório. Estava sentada a três mesas de distância de nós, na companhia de Katie, a sua colega de quarto, que contava uma história qualquer, e Lara sorria sempre que Katie se ria de uma das suas próprias piadas. Lara encheu uma garfada de milho enlatado e segurou-a sobre o prato, levando a boca até lá e curvando a cabeça na direção do colo enquanto dava a dentada no garfo – uma comensal silenciosa.

– Ela podia falar *comigo* – disse eu a Takumi.

Takumi abanou a cabeça. Com a boca aberta e cheia de puré de batata viscoso, ele disse: – Tu é que tens de falar. – Engoliu o que tinha na boca. – Deixa-me fazer-te uma pergunta, Badocha. Quando fores velho e grisalho e os teus netos estiverem sentados ao teu colo e olharem para ti e te perguntarem “Avozinho, quem é que te fez a primeira mamada?”, queres ser obrigado a responder-lhes que foi uma miúda qualquer que passaste o resto do Secundário a ignorar? Não! – Ele sorriu. – Vais querer dizer: “A minha querida amiga Lara Buterskaya. Uma rapariga amorosa. Muito mais bonita do que a vossa avó.” – Eu ri-me. Pronto, sim, tudo bem. Eu tinha de falar com Lara.

Depois das aulas, fui até ao quarto de Lara e bati, e ela ficou parada à porta, com ar de quem diz *O que é? O que é que foi agora? Já fizeste os estragos que conseguiste, Badocha*, e eu olhei para trás dela, para dentro do quarto onde só entrara uma vez, onde percebi que, com beijos ou sem eles, não conseguia falar com ela – e, antes que o silêncio se tornasse demasiado incómodo, falei. –

Desculpa – disse eu.

– Pelo quê? – perguntou ela, ainda a olhar na minha direção mas não propriamente para mim.

– Por te ignorar. Por tudo – disse eu.

– Não precisavas de ser meu namorado. – Ela estava tão bonita, com os grandes olhos a pestanejar com rapidez, as faces macias e arredondadas, e, ainda assim, o arredondado só me fazia lembrar o rosto fino de Alaska e as suas maçã-do-rostro sobressaídas. Mas eu podia viver com isso – e, fosse como fosse, tinha de ser. – *Podias* ter sido só meu *amiigo*.

– Eu sei. Estraguei tudo. Desculpa.

– Não perdoes esse cretino – gritou Katie do interior do quarto.

– Eu desculpo. – Lara sorriu e abraçou-me, apertando as mãos ao fundo das minhas costas. Eu envolvi-lhe os ombros com os braços e senti o cheiro a violetas no seu cabelo.

– *Eu* não te desculpo – disse Katie, aparecendo à soleira da porta. E, embora eu e Katie não nos conhecêssemos bem, ela sentiu à-vontade suficiente para me dar uma joelhada nos tomates. Depois sorriu e, enquanto eu me contorcia, Katie disse: – *Agora* já te desculpo.

Eu e Lara fomos dar um passeio até ao lago – sem Katie – e conversámos. Conversámos – acerca de Alaska e do mês que tinha passado, acerca de ela ter de sentir a minha falta e a de Alaska, enquanto eu só tinha de sentir a falta de Alaska (o que era verdade). contei-lhe o máximo da verdade que podia, desde as bombinhas até à Esquadra da Polícia de Pelham e as túlipas brancas.

– Eu adorava-a – disse eu, e Lara disse que também a adorava, e eu acrescentei: – Eu sei, mas é esta a razão. Eu adorava-a e, depois da morte dela, não consegui pensar em mais nada. Parecia-me, tipo, desonesto. Como uma traição.

– Não é uma boa razão – disse ela.

– Eu sei – respondi eu.

Ela riu-se com meiguice. – Então, ainda bem. Desde que saibas.

– Eu sabia que não ia apagar aquela raiva, mas, pelo menos, estávamos a conversar.

À medida que a escuridão se espalhava nessa noite, as rãs coaxavam e alguns insetos acabados de ressuscitar zumbiam pelas instalações da escola, e nós os quatro – eu, Takumi, Lara e o Coronel – caminhávamos pela luz fria e cinzenta da lua cheia a caminho do Recanto do Fumo.

– Ó Coronel, porque é que lhe chamas o Recanto do Fumo? – perguntou Lara. – Parece mais um túnel.

– É como um recanto para a pesca – disse o Coronel. – Tipo, se pescássemos, era aqui que pescávamos. Mas fumamos. Não sei. Acho que foi a Alaska que lhe deu o nome. – O Coronel tirou um cigarro do maço e atirou-o para a água.

– Então, meu? – perguntei eu.

– Para ela – disse ele.

Fiz um sorriso amarelo e imitei-o, atirando para dentro de água um dos meus cigarros. Entreguei cigarros a Takumi e a Lara, para eles fazerem o mesmo. Os cigarros ressaltaram e dançaram na corrente por alguns momentos e depois flutuaram para longe do alcance da vista.

Eu não era religioso, mas gostava de rituais. Gostava de ideia de ligar um ato a uma recordação. Na China, contou-nos o Velhote, há dias reservados à limpeza das campas, em que se fazem oferendas aos mortos. E eu imaginei que Alaska quisesse um cigarro, por isso parecia-me que o Coronel tinha dado início a um excelente ritual.

O Coronel cuspiu para a corrente e quebrou o silêncio. – Falar com fantasmas é uma coisa engraçada – disse ele. – Não dá para perceber se estamos a inventar as respostas deles ou se eles estão mesmo a falar connosco.

– Eu proponho fazermos uma lista – disse Takumi, afastando-se da conversa introspectiva. – Que tipo de provas temos para o suicídio? – O Coronel sacou do seu omnipresente caderno de apontamentos.

– Ela não chegou a travar – disse eu, e o Coronel começou a escrever.

E estava terrivelmente transtornada com qualquer coisa, embora ela já tivesse estado terrivelmente transtornada muitas vezes antes sem ter cometido suicídio. Considerámos a hipótese de as flores serem uma espécie de memorial para si própria – como um preparativo para o funeral, ou assim. Mas isso não nos parecia muito típico de Alaska. É certo que ela era críptica, mas, quando se planeia um suicídio até ao pormenor das flores, é provável que exista um plano relativo ao modo da morte em si, e Alaska não tinha maneira de saber que um carro da polícia se iria apresentar na I-65 para essa ocasião.

E as provas que sugeriam acidente?

– Ela estava muito bêbeda, portanto podia ter pensado que não ia bater no bôfia, se bem que eu não saiba como – disse Takumi.

– Pode ter adormecido – sugeriu Lara.

– Sim, também pensámos nisso – disse eu. – Mas, quando se adormece, não me parece que se continue a conduzir a direito.

– Não me ocorre nenhuma maneira de descobrir que não ponha as nossas vidas num perigo considerável – disse o Coronel, sem rodeios. – Seja como for, ela não demonstrava sinais de alerta de suicídio. Ou seja, não falava em querer morrer nem em oferecer as cenas dela, nem nada.

– Já são duas. Bêbeda e sem planos para morrer – disse Takumi. Aquilo não ia a lado nenhum. Apenas uma dança diferente com a mesma pergunta. Do que precisávamos não era de mais reflexão. Precisávamos de mais provas.

– Temos de descobrir para onde ela ia – disse o Coronel.

– As últimas pessoas com quem falou fui eu, tu e o Jake – disse-lhe eu. – E nós não sabemos. Então, como raio é que vamos descobrir?

Takumi olhou para o Coronel e suspirou. – Não me parece que fosse ajudar, saber para onde ela ia. Acho que ia piorar as coisas para nós. É só uma impressão que eu tenho cá no fundo.

– Bem, o *meu* fundo quer saber – disse Lara, e só então é que eu percebi o que Takumi quis dizer no dia em que tomámos duche juntos – eu posso tê-la beijado, mas *não tinha* de facto um monopólio sobre Alaska; eu e o Coronel não éramos os únicos que gostávamos dela e não estávamos sozinhos na tentativa de descobrir como é que ela tinha morrido e porquê.

– Bem, seja como for – disse o Coronel –, estamos num beco sem saída. Por isso, um de vocês que pense em alguma coisa para fazer. Porque a mim esgotaram-se-me as ferramentas de investigação.

Deu um piparote na beata do seu cigarro para dentro do regato, levantou-se e foi-se embora. Nós seguimo-lo. Mesmo na derrota, continuava a ser o Coronel.

Cinquenta e Um Dias Depois

COM A INVESTIGAÇÃO EMPANCADA, retomei as leituras para a aula de Religião, o que pareceu agradar ao Velhote, a cujos testes eu andava a faltar constantemente há umas boas seis semanas. Nessa quarta-feira de manhã: “Deem um exemplo de um *koan* budista.” Um *koan* é uma espécie de enigma que supostamente nos ajuda a alcançar a iluminação no budismo zen. Como resposta, escrevi acerca de um tipo chamado Banzan. Certo dia, ia ele a passear pelo mercado, quando ouviu alguém a perguntar ao talhante pela sua melhor peça de carne. O talhante respondeu: “Tudo o que tenho na loja é o melhor.” Ao ouvir isto, Banzan percebeu que não existe melhor nem pior, que esses juízos de valor não têm um verdadeiro significado, porque o que existe é apenas o que há, e *puf*, alcançou a iluminação. Ao lê-la na noite anterior, pus-me a pensar se comigo se passaria o mesmo – se, a dado momento, eu acabaria por compreendê-la, conhecê-la e perceber o papel que eu tivera na sua morte. Mas não estava convencido de que a iluminação me atingisse como um raio.

Depois de entregarmos os nossos testes, o Velhote, sentado, pegou na bengala e fez sinal para a pergunta de Alaska que se desvanecia no quadro. – Olhemos para uma frase na página noventa e quatro desta introdução tão divertida ao zen que esta semana vos dei a ler. “Tudo o que se une, desmorona-se” – disse o Velhote. – Tudo. A cadeira em que estou sentado. Foi construída, por isso irá desmoronar-se. Eu vou desmoronar-me, provavelmente antes desta cadeira. E vocês vão desmoronar-se. As células e órgãos e sistemas que vos compõem surgiram juntos, desenvolveram-se juntos e, como tal, terão de desmoronar-se. O Buda sabia uma coisa que a ciência só provou um milénio depois da sua morte: a entropia aumenta. As coisas desmoronam-se.

Vamos todos, pensei eu, e isso aplica-se a jardins e jardineiros, a Alaska, a rapariga, e Alasca, o local, porque nada pode permanecer, nem mesmo a Terra. Tínhamos aprendido que o Buda dizia que o sofrimento era provocado pelo desejo, e que o cessar do desejo significava o cessar do sofrimento. Quando se parava de desejar que as coisas não se desmoronassem, parava-se de sofrer quando isso acontecia.

Um dia, ninguém irá lembrar-se de que ela sequer existiu, escrevi no meu caderno de apontamentos, seguido de, *ou de que eu existi*. Porque as lembranças

também se desmoronam. E depois ficamos sem nada, sem um fantasma sequer, mas com a sua sombra. No início, ela assombrara-me, assombrara os meus sonhos, mas agora, passadas apenas semanas, ela estava a escapar-se, a desmoronar-se na minha memória e na de todos os outros, a morrer de novo.

O Coronel, que conduzira a Investigação desde o início, que se preocupava com o que lhe tinha acontecido, quando eu só me preocupava em saber se ela me amava, tinha desistido, sem respostas. E eu não gostava das respostas que tinha: ela nem sequer dera suficiente importância ao que se passara entre nós para contar a Jake; ao invés, limitara-se a falar com ele com meiguice, não lhe dando motivos para pensar que, minutos antes, eu saboreara o seu hálito embriagado. E depois, alguma coisa invisível se desencadeou dentro dela, e aquilo que se tinha unido começou a desmoronar-se.

E essa talvez fosse a única resposta que alguma vez teríamos. Ela desmoronou-se porque é isso que acontece. O Coronel parecia conformado com isso, mas, se em tempos a Investigação tinha sido ideia dele, ela era agora o que me mantinha coeso, e eu continuava na esperança da iluminação.

Sessenta e Dois Dias Depois

NO DOMINGO SEGUINTE, dormi até a luz do sol do final da manhã raiar pelas persianas e se dirigir ao meu rosto. Puxei o edredão para cima da cabeça, mas o ar tornou-se quente e abafado, por isso levantei-me para ir telefonar aos meus pais.

– Miles! – disse a minha mãe, antes mesmo de eu dizer alô. – Já temos identificador de chamadas.

– E sabe por magia que sou eu que estou a ligar da cabine telefónica?

Ela riu-se. – Não, diz apenas “cabine telefónica” e o código da área. Portanto, deduzi. Como estás? – perguntou ela, com uma preocupação meiga na voz.

– Cá vou andando. Desleixei-me nalgumas disciplinas durante uns tempos, mas agora já voltei a estudar, portanto não deve haver problema – disse eu, e era maioritariamente verdade.

– Sei que tem sido difícil para ti, companheiro – disse ela. – Ah! Adivinha quem é que eu e o teu pai vimos numa festa ontem à noite! A Sra. Forrester. A tua professora do quarto ano! Lembras-te? Ela lembrava-se de ti *na perfeição* e disse muito bem de ti, e nós conversámos... – E, embora eu ficasse satisfeito por saber que a Sra. Forrester tinha a minha pessoa do quarto ano em grande estima, só ouvi metade do que a minha mãe dizia, enquanto lia as notas garatujadas na parede de pinho pintada de branco em cada lado do telefone, à procura de novidades que eu pudesse decodificar (*Na Lacy – sexta-feira, 10*, era a data e o local de uma festa dos Guerreiros do Fim de Semana, calculei eu). – E ontem à noite jantámos com os Johnston, e eu receio que o Pai tenha bebido vinho a mais. Jogámos às charadas e ele foi *péssimo*.

Ela ria-se, e eu sentia-me tão cansado, mas alguém tinha arrastado o banco para longe da cabine, por isso sentei o meu rabo escanzelado no cimento rijo, esticando o cordão prateado do telefone e preparando-me para um sério solilóquio da minha mãe, e então, bem abaixo de todas as outras notas e rabiscos, vi o desenho de uma

flor. Doze pétalas oblongas à volta de um círculo preenchido sobre a tinta branca como um malmequer, e malmequeres, malmequeres brancos, e eu consegui ouvi-la a dizer “O que é que vês, Badocha? Olha!” e consegui vê-la bêbeda, sentada ao telefone a falar com Jake sobre nada e “O que é que estás a fazer?”, e ela diz: “Nada. Estou para aqui a gatafunhar, só a gatafunhar”, e depois “Oh, meu Deus!”.

– Miles?

– Sim. Desculpa, mãe. Desculpa. Está aqui o Chip. Temos de ir estudar. Tenho de ir.

– Ligas-nos mais tarde, então? De certeza que o Pai quer falar contigo.

– Sim, mãe. Sim, claro que sim. Eu adoro-te, sim? Vá, tenho de ir.

– Acho que descobri qualquer coisa! – gritei para o Coronel, invisível debaixo do seu cobertor, mas a urgência na minha voz e a promessa de ter encontrado alguma coisa, qualquer coisa, acordou de imediato o Coronel, que deu um salto do beliche para o linóleo. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, apanhou do chão as calças de ganga e a camisola do dia anterior, vestiu-as e seguiu-me até lá fora.

– Olha!

Apontei e ele agachou-se ao lado do telefone e disse: – Sim. Foi ela que desenhou isso. Estava sempre a gatafunhar essas flores.

– E estava “para aqui a gatafunhar”, lembras-te? O Jake perguntou-lhe o que ela estava a fazer e ela disse “estou para aqui a gatafunhar”, e *depois* ela disse “Oh, meu Deus!” e passou-se. Olhou para o gatafunho e lembrou-se de alguma coisa.

– Boa memória, Badocha – reconheceu ele, e eu indaguei-me por que razão não estaria o Coronel entusiasmado com aquilo.

– E depois passou-se – repeti – e foi buscar as túlipas, enquanto nós íamos buscar o fogo de artifício. Ela viu o gatafunho, lembrou-se do que se tinha esquecido, seja lá o que for, e depois passou-se da cabeça.

– Talvez – repetiu ele, ainda a fitar a flor, tentando, talvez, vê-la como ela a vira. Por fim, levantou-se e disse: – É uma teoria consistente, Badocha. – Esticou-se para cima e deu-me uma palmadinha no ombro, como um treinador a cumprimentar um jogador. – Mas ainda não sabemos do que se esqueceu.

Sessenta e Nove Dias Depois

UMA SEMANA DEPOIS DA DESCOBERTA da flor gatafunhada, eu já me conformara com a sua insignificância – afinal, eu não era Bazan no mercado da carne – e, enquanto os bordos em redor da escola começavam a ressuscitar e a equipa de manutenção começava a aparar de novo a relva no círculo dos dormitórios, pareceu-me que finalmente a tínhamos perdido.

Nessa tarde, eu e o Coronel fomos a pé até ao bosque perto do lago e fumámos um cigarro no local exato em que o Águia nos tinha apanhado tantos meses antes. Acabávamos de chegar de uma reunião onde o Águia anunciara que a escola iria construir um parque infantil ao lado do lago em memória de Alaska. Ela gostava de baloiços, é verdade, mas um *parque infantil*? Lara levantou-se na reunião – decerto pela primeira vez na vida – e disse que eles deviam fazer uma coisa mais

engraçada, algo que a própria Alaska tivesse feito.

Agora, à beira do lago, sentado num toco musgoso e semi-apodrecido, o Coronel dizia-me: – A Lara tem razão. Devíamos fazer alguma coisa por ela. Uma partida. Uma coisa que ela fosse adorar.

– Tipo, um memorial em forma de partida?

– Exato. A Partida Memorial Alaska Young. Podemos torná-la um evento anual. Bem, ela teve esta ideia no ano passado. Mas queria guardá-la para que fosse a nossa partida de finalistas. Mas é boa. É muito boa. É histórica.

– Vais contar-me? – perguntei, pensando de novo nos tempos em que ele e Alaska me tinham deixado de fora dos planos para a partida da Noite do Celeiro.

– Claro que sim – disse ele. – A partida chama-se “Subversão do Paradigma Patriarcal”. Ele contou-me, e eu tenho de dizer que Alaska nos deixou com a joia da coroa das partidas, a *Mona Lisa* da hilaridade do Secundário, o culminar de gerações de execuções de partidas em Culver Creek. E, se o Coronel conseguisse pô-la em prática, ela ficaria gravada na memória de todos no Creek, e Alaska não merecia menos do que isso. E o melhor de tudo era que, em termos técnicos, não envolvia nenhum delito punível com expulsão.

O Coronel pôs-se de pé e sacudiu a terra e o musgo das calças.

– Acho que lhe devemos isso.

Eu concordava, mas, mesmo assim, ela devia-nos uma explicação. Se ela estava lá em cima, lá em baixo ou por aí, algures, talvez estivesse a rir-se. E talvez – quem sabe – nos desse a pista de que precisávamos.

Oitenta e Três Dias Depois

DUAS SEMANAS DEPOIS, o Coronel regressou da pausa do segundo período com dois cadernos de apontamentos repletos de planos minuciosos para a partida, esboços de vários cenários e uma lista de duas colunas em quarenta e duas páginas com os problemas que poderiam surgir e as respetivas resoluções. Calculou todos os tempos ao décimo de segundo e todas as distâncias ao centímetro, e depois tornou a calcular, como se não suportasse a ideia de a deixar ficar mal de novo. E então, nesse domingo, o Coronel acordou tarde e virou-se para o outro lado. Eu estava a ler *O Som e a Fúria*, que devia ter lido em meados de fevereiro, e levantei os olhos quando ouvi o restolhar na cama e o Coronel a dizer: – Vamos lá voltar a reunir as tropas. – E assim me aventurei na primavera encoberta para ir acordar Lara e Takumi e depois tornar a trazê-los para o Quarto 43. A equipa da Noite do Celeiro estava intacta – ou o mais próximo que era possível – para a Partida Memorial Alaska Young.

Sentámo-nos os três no sofá, com o Coronel em pé diante de nós, delineando o plano e os papéis que desempenhávamos nele com um entusiasmo que não lhe via desde o Antes. Quando terminou, perguntou: – Alguém tem perguntas?

– Sim – disse Takumi. – Isso vai mesmo dar resultado?

– Bem, primeiro temos de arranjar um *stripper*. E depois o Badocha tem de mexer uns cordelinhos com o pai.

– Então, está bem – disse Takumi. – Vamos lá meter mãos à obra.

Oitenta e Quatro Dias Depois

TODOS OS ANOS, na primavera, Culver Creek tirava uma sexta-feira de folga das aulas e todos os alunos, professores e funcionários eram convocados para o pavilhão gimnodesportivo para o Dia do Orador. O Dia do Orador tinha dois protagonistas – regra geral, celebridades menores, ou políticos menores, ou académicos menores, o tipo de pessoas que aceitam vir falar a uma escola pelos míseros trezentos dólares que o orçamento comporta. Os alunos do 11.º ano escolhiam o primeiro orador e os finalistas o segundo, e qualquer pessoa que alguma vez tenha assistido a um Dia do Orador concordava que eram torturantemente entediantes. Nós tínhamos planos para agitar um bocadinho o Dia do Orador.

Só precisávamos de convencer o Águia a permitir que o “Dr. William Morse”, um “amigo do meu pai” e “proeminente erudito em sexualidade desviante nos adolescentes”, fosse o orador dos alunos do 11.º ano.

Por isso liguei ao meu pai no trabalho e o secretário dele, Paul, perguntou-me se estava tudo bem, e eu indaguei-me sobre porque é que toda a gente, *toda a gente*, me perguntava se estava tudo bem quando eu telefonava noutra altura que não fosse domingo de manhã.

– Sim, estou bem.

– Olá, Miles – atendeu o meu pai. – Está tudo bem?

Ri-me e falei baixinho ao telefone, porque havia pessoas a andar por ali. – Sim, pai. Está tudo bem. Olha, lembras-te de quando roubaste a sineta da escola e a enterraste no cemitério?

– A maior partida de sempre em Culver Creek – respondeu, com orgulho.

– Pois foi, pai. Foi *mesmo*. Então, ouve, estava aqui a pensar se nos podias ajudar com a nova maior partida de sempre em Culver Creek.

– Ah, não sei, Miles. Não quero que te metas em sarilhos.

– Não me vou meter. É a turma toda do 11.º ano que a está a planear. E ninguém se vai magoar, nem nada. Porque, bem, lembras-te do Dia do Orador?

– *Meu Deus*, isso era tão chato. Era quase pior do que as aulas.

– Pois, bem, preciso que finjas que és o nosso orador. O Dr. William Morse, professor de Psicologia da Universidade da Florida Central e especialista na compreensão da sexualidade na adolescência.

Ele ficou calado durante muito tempo e eu baixei os olhos para o último malmequer de Alaska, à espera que ele perguntasse o que era a partida, e eu ter-lhe-ia dito, mas apenas o ouvi a respirar lentamente ao telefone, para depois dizer: – Nem vou perguntar. Hmm. – Suspirou. – Jura por Deus que nunca irás contar à tua mãe.

– Juro por Deus. – Fiz uma pausa. Demorei um segundo a lembrar-me do nome verdadeiro do Águia. – O Sr. Starnes vai ligar-te daqui a cerca de dez minutos.

– Muito bem, o meu nome é Dr. William Morse e sou professor de Psicologia e de... sexualidade na adolescência?

– Isso. És o maior, pai!

– Só quero ver se consegues fazer melhor do que eu – disse ele, a rir-se.

Embora isso matasse o Coronel, a partida não poderia funcionar sem o auxílio dos Guerreiros do Fim de Semana – em particular, do diretor de turma do 11.º ano, Longwell Chase, que por esta altura já tinha deixado crescer o tonto cabelo espetado. Mas os Guerreiros adoraram a ideia, por isso encontrei-me com Longwell no quarto dele e disse: – Vamos a isto!

Eu e Longwell Chase não tínhamos nada sobre o que falar e nenhum desejo de fingir o contrário, por isso dirigimo-nos em silêncio para a casa do Águia. O Águia veio à porta antes mesmo de batermos. Inclinou um pouco a cabeça quando nos viu, com um ar confuso – e, de facto, nós fazíamos um par estranho, com as calças caqui engomadas e pregueadas de Longwell e as minhas calças de ganga que eu há tanto tempo tencionava lavar.

– O orador que escolhemos é amigo do pai do Miles – disse Longwell. – Dr. William Morse. É professor numa universidade da Florida e estuda a sexualidade na adolescência.

– Estamos à procura de controvérsia, é?

– Oh, não – disse eu. – Eu conheço o Dr. Morse. É interessante mas não é controverso. Apenas estuda, hã, a maneira como o entendimento dos adolescentes em relação ao sexo continua a mudar e a desenvolver-se. Quer dizer, ele é contra o sexo antes do casamento.

– Bem. Qual é o número de telefone dele? – Dei um pedaço de papel ao Águia e ele encaminhou-se para um telefone numa parede e ligou. – Sim, está lá? Estou a ligar para falar com o Dr. Morse. ... OK, obrigado... Olá, Dr. Morse. Tenho o Miles Halter aqui na minha casa a dizer-me que... Ótimo, fantástico. Bem, estava aqui a pensar... – O Águia fez uma pausa, enrolando o cordão à volta do dedo. – ... Estava aqui a pensar, se o senhor... desde que compreenda que se trata de jovens impressionáveis. Não iríamos querer debates *explícitos*... Excelente. Excelente. Ainda bem que compreende... Para si também. Vemo-nos em breve! – O Águia desligou o telefone a sorrir e disse: – Boa escolha! Parece ser um homem muito interessante.

– Ah, sim – disse Longwell, num tom muito sério. – Acho que vai ser extraordinariamente interessante.

Cento e Dois Dias Depois

O MEU PAI FEZ de Dr. William Morse ao telefone, mas o homem que desempenhava o seu papel na vida real dava pelo nome de Maxx, com dois x, apesar de o seu nome ser, na verdade, Stan, mas no Dia do Orador o seu nome era, como é óbvio, Dr. William Morse. Ele era uma verdadeira crise de identidade existencial, um *stripper* masculino com mais pseudónimos do que um agente da CIA sob disfarce.

As primeiras quatro “agências” a que o Coronel ligou recusaram-nos. Só quando chegámos à letra B na secção de “Entretenimento” das Páginas Amarelas é que encontramos a *Bachelorette Parties R Us*. O proprietário do estabelecimento suprarreferido gostou muito da ideia, mas disse: – O Maxx vai adorar. Mas nada de

nudez. Em frente dos miúdos, não. – Concordámos – com alguma relutância.

Para garantir que nenhum de nós fosse expulso, eu e Takumi pedimos cinco dólares a cada aluno do 11.º ano de Culver Creek para cobrir os honorários de apresentação do “Dr. William Morse”, uma vez que tínhamos dúvidas de que o Águia lhe quisesse pagar depois de testemunhar o, humm, discurso. Paguei os cinco dólares do Coronel. – Sinto que mereci a tua caridade – disse ele, fazendo sinal para os cadernos de argolas que enchera com planos.

Enquanto assistia às minhas aulas nessa manhã, não consegui pensar em mais nada. Todos os alunos do 11.º ano já sabiam há duas semanas e, até agora, nem o mínimo rumor escapara cá para fora. Mas o Creek era profícuo em bisbilhotices – sobretudo os Guerreiros do Fim de Semana, e, se uma só pessoa contasse a um amigo que contasse a um amigo que contasse a um amigo que contasse ao Águia, tudo se desmoronaria.

O sistema de valores de não difamação do Creek aguentou bem o teste, mas, quando, às 11h50 dessa manhã, Maxx/Stan/Dr. Morse ainda não tinha aparecido, pensei que o Coronel fosse passar-se dos carros. Sentou-se no parachoques de um carro no parque de estacionamento dos alunos, de cabeça baixa, as mãos sempre a percorrer o espesso volume de cabelo escuro, como se estivesse a tentar encontrar lá alguma coisa. Maxx prometera chegar por volta das 11h40, vinte minutos antes do início oficial do Dia do Orador, para lhe dar tempo de aprender o discurso e tudo. Eu estava em pé ao lado do Coronel, preocupado mas calado, à espera. Tínhamos pedido a Takumi que fosse ligar “à agência” para saber do paradeiro do “artista”.

– De todas as coisas que pensei que pudessem correr mal, esta não era uma delas. Não temos solução para isto.

Takumi correu até nós, tendo o cuidado de não falar connosco até se aproximar. Os miúdos começavam a fazer fila para entrar no pavilhão gimnodesportivo. Atrasado, atrasado, atrasado, atrasado. Na verdade, pedíamos tão pouco do nosso artista. Tínhamos-lhe escrito o discurso. Tínhamos-lhe planeado tudo. Tudo o que Maxx tinha de fazer era aparecer com o fato vestido. E, mesmo assim...

– A agência – disse Takumi – diz que o artista vem a caminho.

– A caminho? – disse o Coronel, esgaravando o cabelo com um novo vigor. – A caminho? Ele *já está* atrasado!

– Eles dizem que ele deve estar... – e então, de súbito, as nossas preocupações desapareceram, quando uma carrinha azul contornou a esquina em direção ao parque de estacionamento e eu vi no seu interior um homem vestido de fato.

– É bom que seja o Maxx – disse o Coronel, quando o carro estacionou. Dirigiu-se para a porta de entrada em passo de corrida.

– Sou o Maxx – disse o fulano, ao abrir a porta.

– Eu sou um representante anónimo e sem rosto da turma do 11.º ano – respondeu o Coronel, dando um aperto de mão a Maxx. Andava pela casa dos

trinta, estava bronzeado e era largo de ombros, com um maxilar forte e uma barbicha escura e cortada rente.

Demos uma cópia do discurso a Maxx, que o leu com rapidez.

– Tem alguma pergunta? – perguntei.

– Hã, sim. Dada a natureza deste evento, penso que será melhor pagarem-me antecipadamente.

Pareceu-me muito articulado, até mesmo professoral, e eu senti uma confiança suprema, como se Alaska tivesse encontrado o melhor *stripper* masculino do Alabama central e nos tivesse conduzido direito a ele.

Takumi abriu o porta-bagagem do seu jipe e agarrou num saco de papel de mercearias com 320 dólares lá dentro. – Aqui está, Maxx – disse ele. – Muito bem, aqui o Badocha vai sentar-se lá em baixo consigo, porque você é amigo do pai do Badocha. Isso está no discurso. Mas, hmm, temos esperança de que, se for interrogado no final de tudo isto, consiga ter a hombridade de dizer que toda a turma do 11.º ano lhe fez uma chamada coletiva para o contratar, porque não iríamos querer que aqui o Badocha se metesse em sarilhos.

Ele riu-se. – A mim parece-me bem. Aceitei este trabalho porque achei que era hilariante. Quem me dera ter pensado numa coisa destas quando andava no Secundário.

Ao entrar no pavilhão, com Maxx/Dr. William Morse ao meu lado e Takumi e o Coronel a seguir-me bem mais atrás, sabia que tinha mais probabilidades de ser apanhado do que qualquer outro.

Mas eu andara a ler o Manual de Culver Creek com muita atenção nas últimas duas semanas e relembra agora a minha defesa bifurcada, para o caso de me meter em sarilhos: (1) Em termos técnicos, não há nenhuma regra contra pagar-se a um *stripper* para dançar diante da escola. (2) A minha responsabilidade no incidente não pode ser provada. O que pode ser provado é que eu trouxe para as instalações da escola uma pessoa que eu pensava ser um especialista em comportamentos sexuais desviantes na adolescência e que afinal sofria, ele próprio, de um desvio sexual.

Sentei-me com o Dr. William Morse a meio da primeira fila da bancada. Alguns alunos do 9.º ano sentaram-se atrás de mim, mas, quando o Coronel chegou com Lara instantes depois, ele disse-lhes educadamente “Obrigado por nos guardarem os lugares” e enxotou-os. Quanto ao plano, Takumi estava no segundo andar, na sala dos quadros elétricos, a ligar a sua aparelhagem às colunas do pavilhão ginnodesportivo.

Virei-me para o Dr. Morse e disse: – Devemos olhar um para o outro com grande interesse e conversar como se você fosse amigo dos meus pais.

Ele sorriu e assentiu com a cabeça. – É um grande homem, o teu pai. E a tua mãe, tão bonita. – Revirei os olhos, um bocado enojado. Mesmo assim, gostava deste *stripper*.

O Águia entrou ao meio-dia em ponto, cumprimentou o orador da turma de

finalistas – um antigo procurador-geral estadual do Alabama – e dirigiu-se para o Dr. Morse, que se levantou com grande confiança e semi-curvado, enquanto lhe dava um aperto de mão – talvez *demasiado* formal. O Águia disse: – Estamos muito satisfeitos por recebê-lo cá.

E Maxx respondeu: – Obrigado. Espero não o desapontar.

O facto de poder ser expulso não me preocupava. Nem sequer me preocupava o facto de poder levar à expulsão do Coronel, embora talvez me devesse preocupar. O que me preocupava era que aquilo não funcionasse porque Alaska não o tinha planeado.

Talvez nenhuma partida digna dela pudesse ser executada sem ela.

O Águia ficou de pé atrás do estrado.

– Este é um dia de significado histórico em Culver Creek. Foi o nosso fundador Philip Garden que imaginou que vocês, alunos, e nós, enquanto corpo docente, púdessemos usar uma tarde por ano para tirar proveito da sabedoria de vozes exteriores à escola, e é por isso que nos reunimos aqui anualmente para aprender com elas, para vermos o mundo como outros o veem. Hoje, o orador da nossa turma do 11.º ano é o Dr. William Morse, professor de Psicologia na Universidade da Florida Central e um académico altamente conceituado. Está aqui hoje para falar acerca dos adolescentes e da sexualidade, um tema que decerto acharão bastante interessante. Por isso, ajudem-me por favor a receber o Dr. Morse no palanque.

Aplaudimos. O meu coração batia-me no peito como se também ele quisesse aplaudir. Enquanto nos encaminhávamos para o estrado, Lara debruçou-se para mim e sussurrou: – Ele é mesmo uma brasa.

– Obrigado, Sr. Starnes. – Maxx sorriu e acenou com a cabeça ao Águia, depois endireitou os papéis e colocou-os sobre o estrado. Até *eu* quase acreditei que ele era professor de Psicologia. Indaguei-me sobre se ele seria um ator a complementar os seus rendimentos.

Leu diretamente do discurso sem levantar os olhos, mas leu com o tom confiante e airoso de um académico algo empertigado.

– Estou aqui hoje para vos falar do fascinante tema da sexualidade na adolescência. A minha investigação centra-se no campo da linguística sexual, em particular na forma como os jovens discutem o sexo e as questões relacionadas. Estou, portanto, interessado em saber, por exemplo, porque é que, se eu disser a palavra “braço” não vos provocarei risos, mas, se disser a palavra “vagina”, isso já poderá acontecer. – E, de facto, ouviram-se algumas risadinhas nervosas na plateia. – O modo como os jovens se referem aos corpos uns dos outros diz muito acerca da nossa sociedade. No mundo de hoje, é muito mais provável que os rapazes vejam os corpos das raparigas como objetos do que o contrário. Os rapazes dirão entre eles que fulana de tal tem uma bela prateleira, enquanto as raparigas mais provavelmente dirão que determinado rapaz é querido, um termo que descreve características tanto físicas como emocionais. Isto tem o efeito de transformar as raparigas em meros objetos, ao passo que os rapazes são vistos pelas raparigas

como pessoas num todo...

E foi então que Lara se levantou e, com o seu sotaque delicado e inocente, interrompeu o Dr. William Morse. – És uma *autêntica* brasa! Quem me dera que te calasses e despisses a roupa!

Os alunos riram-se, mas todos os professores se viraram para trás para olhar para ela, num silêncio aturdido. Ela sentou-se.

– Como te chamas, minha querida?

– Lara – disse ela.

– Ora bem, Lara – disse Maxx, baixando os olhos para o seu papel, para se lembrar da deixa –, o que aqui temos é um caso de estudo muito interessante – uma fêmea a ver-me a mim, um macho, como um objeto. É tão invulgar, que eu só posso depreender que estejas a tentar ter piada.

Lara levantou-se de novo e gritou: – Não estou a *briincar*! Tira a roupa!

Ele olhou para o papel com nervosismo e depois levantou os olhos para nós todos, a sorrir. – Bem, é decerto importante subverter o paradigma patriarcal, e suponho que esta seja uma maneira de o fazer. Muito bem, então – disse ele, avançando para o lado esquerdo do estrado. E depois gritou, alto o suficiente para Takumi o conseguir ouvir no piso de cima. – Esta é pela Alaska Young.

Quando o baixo tonitruante do tema “Get Off”, de Prince, se começou a ouvir nas colunas, o Dr. William Morse agarrou na perna das calças com uma mão e na lapela do casaco com a outra e o velcro abriu-se para desfazer o seu fato de palco, revelando Maxx com dois x, um homem espantosamente musculado com abdominais bem definidos e peitorais salientes, e Maxx ali estava diante de nós, a sorrir, vestindo apenas uma tanga justa, seguramente – mas não branca –, de cabedal preto.

Com os pés a postos, Maxx balançou os braços ao som da música, fazendo a multidão explodir em gargalhadas e num aplauso ensurdecedor e contínuo – de longe, a maior ovação da história do Dia do Orador. O Águia levantou-se de um pulo e, assim que ele se pôs de pé, Maxx parou de dançar, mas fletiu os músculos peitorais de modo a que saltassem rapidamente para cima e para baixo ao ritmo da música, antes de o Águia, sem sorrir mas sugando os lábios como se o facto de não sorrir exigisse algum esforço, indicou com um polegar que Maxx deveria ir para casa, e Maxx assim fez.

Os meus olhos seguiram Maxx a sair pela porta e eu vi Takumi à entrada, de punhos erguidos no ar em sinal de triunfo, antes de correr lá para cima para parar a música. Fiquei contente por ele ter conseguido ver, pelo menos, um bocadinho do espetáculo.

Takumi tinha imenso tempo para tirar de lá o seu equipamento, porque as gargalhadas e as conversas prosseguiram durante vários minutos, enquanto o Águia não parava de repetir:

– OK. OK. Agora vamos lá acalmar. Acalmem-se lá todos. Vamos lá acalmar.

O orador da turma de finalistas falou a seguir. Foi uma treta. E, enquanto saíamos do pavilhão, os restantes alunos aglomeraram-se à nossa volta, a perguntar

“Foram vocês?”, e eu limitei-me a sorrir e a dizer que não, porque não tinha sido eu, nem o Coronel, nem Takumi, nem Lara, nem Longwell Chase, nem mais ninguém naquele pavilhão. Tinha sido a partida de Alaska do princípio ao fim. A parte mais difícil de se pregar uma partida, dissera-me Alaska uma vez, é não se poder confessar. Mas eu agora podia confessar em nome dela. E, enquanto me encaminhava lentamente para a saída do pavilhão, disse para toda a gente que quisesse ouvir:

– Não. Não fomos nós. Foi a Alaska.

Nós os quatro regressámos ao Quarto 43, entusiasmados com o sucesso, convencidos de que o Creek nunca mais voltaria a ver uma partida assim, e só quando o Águia abriu a porta do nosso quarto e ficou parado sobre nós, abanando a cabeça com desdém, é que me ocorreu sequer que podia estar metido em sarilhos.

– Eu sei que foram vocês – disse o Águia.

Olhámos para ele em silêncio. Ele fazia *bluff* muitas vezes. Talvez estivesse a fazer *bluff*.

– Nunca mais façam uma coisa destas – disse ele. – Mas, valha-me Deus, “subverter o paradigma patriarcal”... parecia mesmo que tinha sido ela a escrever o discurso. – Sorriu e fechou a porta.

Cento e Catorze Dias Depois

UMA SEMANA E MEIA DEPOIS, eu regressava a pé das aulas da tarde, com o sol a incidir-me na pele como um lembrete constante de que, no Alabama, a primavera tinha chegado e partido numa questão de horas, e agora, no início de maio, o verão regressara para uma visita de seis meses e eu sentia o suor a escorrer-me pelas costas e ansiava pelos ventos cortantes de janeiro. Quando cheguei ao meu quarto, encontrei Takumi sentado no meu sofá, a ler a minha biografia de Tolstoi.

– Hmm, olá – disse eu.

Ele fechou o livro, pousou-o ao seu lado e disse: – 10 de janeiro.

– O quê? – perguntei.

– 10 de janeiro. Essa data diz-te alguma coisa?

– Sim, é o dia em que a Alaska morreu. – Tecnicamente, já passavam três horas do dia 11 de janeiro quando ela morreu, mas não deixava de ser, pelo menos para nós, segunda-feira à noite, dia 10 de janeiro.

– Sim, mas há mais uma coisa, Badocha. 9 de janeiro. A mãe da Alaska levou-a ao jardim zoológico.

– Espera. Não. Como é que sabes disso?

– Ela contou-nos na Noite do Celeiro, lembrás-te?

É claro que não me lembrava. Se eu conseguisse lembrar-me de números, não andava a esforçar-me por ter uma nota decente a Pré-Cálculo.

– C’um caraças! – disse eu, quando o Coronel entrou.

– O que foi? – perguntou o Coronel.

– 9 de janeiro de 1997 – disse-lhe eu. – A Alaska gostou dos ursos. A mãe dela gostou dos macacos. – O Coronel lançou-me um olhar vago por um instante e depois tirou a mochila das costas e fê-la atravessar o quarto com balanço com um

único movimento.

– C’um caraças! – disse ele. – POR QUE DIABO NÃO PENSEI EU NISSO?

No espaço de um minuto, o Coronel já tinha a melhor solução que alguma vez algum de nós poderia arranjar. – Muito bem. Ela está a dormir. O Jake telefona e ela fala com ele. Ela está a gatafunhar, olha para a sua flor branca e... Oh, meu Deus, a minha mãe gostava de flores brancas e punha-mas no cabelo quando eu era pequena. E depois passa-se da cabeça. Volta para o quarto dela e começa a gritar-nos que se esqueceu – esqueceu-se da mãe, claro está – por isso pega nas flores, sai de carro das instalações da escola, a caminho de... quê? – Olhou para mim. – De quê? Da campa da mãe?

E eu respondi: – Sim, é provável. Sim. Então ela mete-se no carro e tudo o que quer é chegar à campa da mãe, mas há lá um camião capotado e estão lá os polícias, e ela está bêbeda e irritada e vai com pressa, por isso acha que consegue espremer-se por entre o carro da bófia, mas nem está a pensar com clareza, mas tem de chegar à sua mãe e pensa que há de haver maneira de passar por ali e PUF.

Takumi anui lentamente com a cabeça, a refletir, e depois diz:

– Ou então, mete-se no carro com as flores. Mas já deixou passar o aniversário. É provável que esteja a pensar que tornou a estragar tudo com a mãe – primeiro, não telefona para o número de emergência, e agora nem sequer consegue lembrar-se do maldito aniversário. E está furiosa e odeia-se a si própria e decide: “É isso mesmo. Vou em frente.” E vê o carro da bófia – lá está a sua oportunidade – e leva o pé ao acelerador.

O Coronel meteu a mão do bolso e tirou de lá um maço de tabaco, batendo-o de pernas para o ar na MESA DE CENTRO. – Bem – disse o Coronel. – Isso elucida bem as coisas.

Cento e Dezoito Dias Depois

ACABÁMOS POR DESISTIR. Eu fartara-me finalmente de perseguir um fantasma que não queria ser visto. Talvez tivéssemos falhado, mas há mistérios que não são para ser resolvidos. Eu ainda não a conhecia como queria, mas nunca tive essa possibilidade. Ela tornou isso impossível para mim. E o acidídio, o suidente, nunca seria outra coisa diferente, e eu fui deixado com a pergunta: *Será que te ajudei a ires de encontro a um destino que não querias, Alaska, ou limitei-me a auxiliar-te na tua autodestruição consciente?* É que são crimes diferentes, e eu não sabia se havia de me sentir revoltado com ela por me fazer tomar parte no seu suicídio ou revoltado comigo mesmo por tê-la deixado ir.

Mas nós sabíamos o que podia ser encontrado e, ao encontrá-lo, ela aproximara-nos mais – pelo menos a mim, ao Coronel e a Takumi. E foi isso. Ela não me deixou com o suficiente para a descobrir, mas deixou-me com o suficiente para redescobrir a Grande Incógnita.

– Há uma coisa que devíamos fazer – disse o Coronel, enquanto jogávamos juntos um jogo de vídeo com o som ligado; só nós os dois, como nos primeiros

dias da Investigação.

– Não podemos fazer mais nada.

– Quero passar por lá de carro – disse ele. – Como ela fez.

Não podíamos arriscar-nos a sair da escola a meio da noite, como ela tinha feito, por isso arrancámos cerca de doze horas mais cedo, às três da tarde, com o Coronel ao volante do jipe de Takumi. Convidámos Lara e Takumi para virem connosco, mas eles estavam cansados de perseguir fantasmas, e, além disso, os exames finais estavam a aproximar-se.

A tarde estava luminosa e o sol incidia de tal modo no asfalto, que a faixa de estrada diante de nós tremulava com o calor. Conduzimos durante um quilómetro e meio pela Estrada Nacional 119 e depois saímos para a I-65, em direção a norte, a caminho do local do acidente e de Vine Station.

O Coronel conduzia depressa e nós íamos calados, a olhar em frente. Tentei imaginar o que ela poderia ter estado a pensar, mais uma vez tentando ver através do tempo e do espaço, entrar na cabeça dela por um momento. Uma ambulância, com luzes e sirenes ligadas, passou por nós a grande velocidade na direção oposta, na direção da escola, e, por um instante, senti uma excitação nervosa e pensei: *Podia ser alguém que eu conheça*. Quase desejei que *fosse* alguém que eu conhecia, para dar uma nova forma e profundidade à tristeza que eu ainda sentia.

Quebrou-se o silêncio. – Às vezes gostei – disse eu. – Houve vezes em que gostei que ela estivesse morta.

– Pareceu-te bem, queres tu dizer?

– Não. Não sei. Pareceu-me... puro.

– Pois – disse ele, abandonando a habitual eloquência. – Pois. Eu percebo. Eu também. É natural. Quer dizer, deve ser natural.

Sentia-me sempre chocado quando me apercebia de que não era a única pessoa no mundo a pensar e sentir coisas assim tão estranhas e horríveis.

Oito quilómetros a norte da escola, o Coronel passou para a faixa da esquerda da interestadual e começou a acelerar. Cerrei os dentes, e foi então que surgiram diante de nós vidros partidos a reluzir ao sol, como se a estrada estivesse a usar joias. Devia ser aquele o local. Ele continuava a acelerar.

Pensei: *Esta não seria uma má maneira de partir*.

Pensei: *Depressa e a direito. Talvez ela só tenha decidido no último segundo*.

E, *PUF*, estamos a atravessar o momento da morte dela. Estamos a passar o local pelo qual ela não conseguiu passar, cruzando o asfalto que ela nunca viu, e não estamos mortos. Não estamos mortos! Estamos a respirar e estamos a chorar e agora a abrandar e a regressar à faixa correta.

Saímos na saída seguinte com tranquilidade e, para trocarmos de condutor, passámos à frente do carro. Quando nos encontrámos, eu abracei-o, com as mãos cerradas em punhos apertados à volta dos seus ombros, e ele envolveu-me com os seus braços curtos e apertou-me com força, de modo a que eu lhe sentisse as

palpitações do peito enquanto nos apercebíamos uma e outra vez que ainda estávamos vivos. Eu fui-me apercebendo aos poucos, e nós agarrámo-nos um ao outro a chorar e eu pensei: “Meu Deus, devemos parecer tão lamechas.” Mas isso não interessa muito, quando uma pessoa acabou de perceber, tanto tempo depois, que ainda está viva.

Cento e Dezanove Dias Depois

DEPOIS DE TERMOS DESISTIDO, eu e o Coronel atirámo-nos ao estudo, sabendo que ambos precisávamos de ter boas notas nos exames finais para alcançarmos os nossos objetivos em termos de média (eu queria um 3,0 e o Coronel não se contentava com menos de 3,98). O nosso quarto transformou-se no Centro de Estudos para nós os quatro, com Takumi e Lara a falar acerca de *O Som e a Fúria* e de meiose e da Batalha do Bulge até altas horas da noite. O Coronel ensinou-nos o equivalente a um semestre de Pré-Cálculo, embora ele fosse bom demais a Matemática para o ensinar muito bem – “É claro que faz sentido. Confia em mim. Por amor de Deus, não é assim tão difícil!” –, e eu sentia a falta de Alaska.

E, quando eu não conseguia acompanhar, cabulava. Eu e Takumi partilhávamos exemplares de guias de leitura para *Quando Tudo se Desmorona* e *O Adeus às Armas* (“Estas coisas são longas demais!”, exclamou ele a dada altura).

Não falávamos muito. Mas também não precisávamos.

Cento e Vinte e Dois Dias Depois

UMA BRISA FRESCA travara a investida do verão e, na manhã em que o Velhote nos entregou os exames finais, ele sugeriu que tivéssemos a aula lá fora. Indaguei-me sobre por que razão podíamos ter uma *aula inteira* lá fora, quando, no semestre passado, eu tinha sido expulso da aula só por ter olhado *de relance* lá para fora, mas o Velhote queria dar a aula lá fora, portanto assim foi. O Velhote sentou-se numa cadeira que Kevin Richman lhe levou e nós sentámo-nos na relva, com o meu caderno inicialmente empoleirado de modo estranho no meu colo e depois na espessa relva verde, mas o terreno acidentado não era adequado para a escrita e havia mosquitos a pairar. Na verdade, estávamos demasiado perto do lago para nos podermos sentar de modo confortável, mas o Velhote parecia contente.

– Tenho aqui o vosso exame final. No semestre passado, dei-vos quase dois meses para terminarem o vosso trabalho final. Desta vez, têm duas semanas. – Fez uma pausa. – Bem, quanto a isso, suponho que não há nada a fazer. – Riu-se. – Para ser sincero, só ontem à noite é que me decidi em definitivo a usar este tema. Isso vai bastante contra a minha natureza. Seja como for, vão passando.

– Quando a pilha chegou a mim, li a pergunta:

Como é que – pessoalmente – alguma vez sairá deste labirinto de sofrimento? Agora que já combateu com três grandes tradições religiosas, aplique a sua mente recém-iluminada à pergunta de Alaska.

Depois de distribuídos os exames, o Velhote disse: – Não precisam de discutir especificamente as perspetivas das diferentes religiões na vossa exposição, logo

não é necessária pesquisa. Os vossos conhecimentos, ou a falta deles, já foram demonstrados nos testes que fizeram neste semestre. Estou interessado no modo como são capazes de encaixar o facto incontestável do sofrimento na ideia que têm do mundo, e, apesar disso, de que maneira esperam atravessar a vida.

– No ano que vem, partindo do princípio de que os meus pulmões aguentam, vamos estudar o taoísmo, o hinduísmo e o judaísmo, em conjunto. – O Velhote tossiu e depois começou a rir-se, o que o fez tossir de novo. – Meu Deus, se calhar não duro até lá. Mas, em relação às três tradições que estudámos este ano, gostaria de dizer uma coisa. O islamismo, o cristianismo e o budismo têm todos figuras fundadoras – Maomé, Jesus e Buda, respetivamente. E, ao pensarmos nestes fundadores, creio que, por fim, temos de concluir que cada um deles trouxe uma mensagem de esperança radical. À Arábia do século VII, Maomé levou a promessa de que qualquer pessoa poderia encontrar realização e vida eterna através da aliança ao único Deus verdadeiro. O Buda apresentou a esperança de que o sofrimento poderia ser transposto. Jesus trouxe a mensagem de que os últimos devem ser os primeiros, que até mesmo os cobradores de impostos e os leprosos – os marginais – tinham razões para ter esperança. E portanto, esta é a pergunta que vos deixo neste exame final: Qual é a vossa razão para ter esperança?

De volta ao Quarto 43, o Coronel fumava no quarto. Embora ainda me faltasse uma noite de lavagem de pratos no refeitório para cumprir a minha pena por fumar, não tínhamos muito medo do Águia. Faltavam-nos dezasseis dias, portanto, se fôssemos apanhados, só teríamos de começar o último ano com algumas horas de trabalho. – Então, como é que alguma vez sairemos deste labirinto, Coronel? – perguntei.

– Se eu soubesse... – disse ele.

– Não deve ser assim que vais conseguir tirar um Excelente.

– E também não me dá grande descanso à alma.

– Nem à dela – disse eu.

– Pois. Tinha-me esquecido dela. – Ele abana a cabeça. – Está-me sempre a acontecer.

– Bem, tens de escrever *qualquer coisa* – argumento eu.

– Passado este tempo todo, ainda me parece que depressa e a direito é a única saída – mas eu escolho o labirinto. O labirinto é uma merda, mas é o que eu escolho.

Cento e Trinta e Seis Dias Depois

DUAS SEMANAS DEPOIS, eu ainda não terminara o meu trabalho final para o Velhote e o semestre estava a apenas vinte e quatro horas de acabar. Ia eu a caminho de casa, vindo do meu teste final, uma batalha difícil mas, em última análise, bem-sucedida (assim eu esperava) contra o Pré-Cálculo, que me daria a positiva que eu tanto desejava. Lá fora estava de novo um calor genuíno, aconchegante, como ela era. E eu sentia-me bem. No dia seguinte, os meus pais chegariam para carregar as minhas tralhas, assistiríamos à cerimónia do final de

ano e depois regressaríamos à Florida. O Coronel ia para casa ter com a mãe, para passar o verão a ver os feijões de soja a crescer, mas eu podia fazer chamadas interurbanas, por isso iríamos estar muitas vezes em contacto. Takumi ia passar o verão ao Japão e Lara ia voltar a casa mais uma vez num carro ecológico de luxo. Estava eu a pensar que não fazia mal eu não saber bem onde estava Alaska nem para onde se dirigia naquela noite, quando abri a porta do meu quarto e reparei num pedaço de papel dobrado no chão de linóleo. Era um pedacinho de papel verde lima. No topo, lia-se, em letra manuscrita:

Da Secretária de... Takumi Hikohito

Badocha/Coronel:

Peço desculpa por não ter falado convosco antes. Não vou ficar para a cerimónia do final de ano. Parto para o Japão amanhã de manhã. Durante muito tempo, estive zangado convosco. O modo como me excluíram de tudo magoou-me, e por isso guardei para mim o que sabia. Mas, mesmo depois de já não estar zangado, continuei a não dizer nada, e, na verdade, não sei bem porquê. O Badocha tinha aquele beijo, acho eu. Eu tinha este segredo.

Vocês quase o intuíram, mas a verdade é que eu a vi naquela noite. Tinha ficado acordado até tarde com a Lara e outras pessoas, e estava a cair no sono quando a ouvi a chorar do lado de fora da minha janela dos fundos. Deviam ser umas 3h15 da manhã, e eu fui até lá fora e vi-a a caminhar pelo campo de futebol. Tentei falar com ela, mas ela estava com pressa. Disse-me que naquele dia fazia oito anos que a mãe tinha morrido e que, no aniversário, ela punha sempre flores na campa da mãe, mas que naquele ano se tinha esquecido. Andava lá fora à procura de flores, mas era demasiado cedo – demasiado invernos.

Foi assim que soube do 10 de janeiro. Continuo sem fazer ideia se foi ou não suicídio.

Ela estava tão triste, e eu não sabia o que dizer ou fazer. Acho que ela contava comigo para ser a única pessoa que sempre iria dizer e fazer as coisas certas para a ajudar, mas eu não consegui fazê-lo. Achei apenas que ela andava à procura de flores. Não sabia que ela ia partir. Estava bêbeda que nem um cacho, e eu nunca pensei que ela fosse conduzir, nem nada que se parecesse. Pensei que iria apenas chorar até adormecer, para depois ir de carro visitar a mãe no dia seguinte, ou assim. Ela afastou-se e, depois, ouvi o motor de um carro. Não sei em que é que eu estava a pensar.

Portanto, também eu a deixei ir. E estou arrependido. Sei que a amavam. Era difícil não a amar.

Takumi

Saí do quarto a correr, como se nunca tivesse fumado um cigarro, como corri com Takumi na Noite do Celeiro, para atravessar o círculo dos dormitórios em direção ao quarto dele, mas Takumi já se tinha ido embora. O seu beliche era apenas vinil, a secretária estava vazia, um contorno de pó no sítio onde estivera a sua aparelhagem. Ele tinha partido e eu não tive tempo de lhe dizer aquilo que acabara de perceber: que lhe perdoava, e que ela nos perdoava, e que nós precisávamos de perdoar para sobrevivermos ao labirinto. Éramos tantos a ter de viver com as coisas que foram feitas e as que ficaram por fazer nesse dia. Coisas que não correram bem, coisas que na altura pareceram bem, porque não podíamos ver o futuro. Se ao menos conseguíssemos ver a interminável cadeia de consequências que resultam dos nossos mais pequenos atos. Mas só aprendemos a lição quando aprender a lição se torna escusado.

E, enquanto voltava para trás para dar o bilhete de Takumi ao Coronel, percebi que nunca iria saber. Nunca iria conhecê-la suficientemente bem para saber quais foram os seus pensamentos naqueles últimos minutos, nunca iria saber se ela nos deixou de propósito. Mas o facto de não saber não iria impedir-me de gostar, e eu amaria para sempre Alaska Young, a minha vizinha pantomineira, do fundo do coração.

Regressei ao Quarto 43, mas o Coronel ainda não tinha chegado, por isso deixei o bilhete no beliche de cima e sentei-me ao computador, a escrever a minha própria escapatória do labirinto.

Antes de aqui chegar, pensei durante muito tempo que a escapatória do labirinto era fingir que ele não existia, construir um mundo pequeno e autossuficiente num canto obscuro do interminável labirinto e fingir que não me encontrava perdido, mas sim em casa. Mas isso só levou a uma vida solitária, acompanhada apenas pelas últimas palavras dos já falecidos, por isso vim para cá à procura da uma Grande Incógnita, de amigos verdadeiros e de uma vida que fosse mais do que insignificante. E depois fiz asneira, e o Coronel fez asneira e Takumi também fez asneira, e ela escapou-se-nos por entre os dedos. E não há maneira de adocicar a coisa: ela merecia amigos melhores.

Quando ela fez o disparate, há todos aqueles anos, uma menina paralisada de medo, deixou-se cair no enigma de si própria. E eu também podia ter feito o mesmo, mas vi onde isso a tinha levado. Portanto ainda acredito na Grande Incógnita, e consigo acreditar apesar de a ter perdido.

Porque irei esquecê-la, sim. Aquilo que se uniu irá desmoronar-se com uma lentidão impercetível, e eu irei esquecer, mas ela perdoará o meu esquecimento, tal como eu lhe perdoo por me ter esquecido a mim e ao Coronel e a toda a gente menos a si mesma e à mãe naqueles últimos momentos que passou sob a forma de pessoa. Sei agora que ela me

perdoa por ser tolo e assustadiço e fazer o mais parvo e assustadiço. Sei que ela me perdoa, tal como a mãe a perdoa a ela. E eis a razão por que o sei:

De início, pensei que ela estava apenas morta. Apenas trevas. Apenas um corpo a ser comido por larvas. Pensei muito nela dessa maneira, como a refeição de um bicho qualquer. O que era ela – os olhos verdes, o sorriso atrevido, as curvas suaves das pernas –, em breve passaria a ser nada, apenas os ossos que eu nunca vi. Pensei no longo processo de se transformar em osso e depois em fóssil e depois em carvão, que, daqui a milhões de anos, será extraído das minas por humanos do futuro, e no modo como estes irão aquecer as suas casas com ela, que depois passaria a ser fumo a ondular para fora da chaminé, revestindo a atmosfera. Por vezes ainda penso nisso, penso que talvez o “Além” seja apenas algo que inventámos para aliviar a dor da perda, para tornar suportável o nosso tempo no labirinto. Talvez ela fosse só matéria, e a matéria é reciclada.

Mas, em última análise, não acredito que ela fosse só matéria. O que resta dela também deve ser reciclado. Hoje em dia acredito que somos mais do que a soma das nossas partes. Se pegarmos no código genético de Alaska e lhe acrescentarmos as experiências de vida e as relações que teve com as pessoas, e depois lhe tomarmos o tamanho e a forma do corpo, não a obteremos a ela. Existe uma outra coisa, completamente diferente. Existe uma parte dela que é mais do que a soma das suas partes reconhecíveis. E essa parte tem de ir para algum lado, porque não pode ser destruída.

Embora nunca ninguém me vá acusar de ser um grande aluno de ciência, uma coisa que aprendi nas aulas de Ciências é que a energia nunca se cria nem se destrói. E, se Alaska acabou com a sua própria vida, é essa a esperança que eu desejava poder ter-lhe dado. Esquecer a mãe, desiludir a mãe e os amigos e a si própria são coisas horríveis, mas ela não precisava de se virar para dentro e se autodestruir. É possível sobreviver a essas coisas horríveis, porque nós somos tão indestrutíveis como acreditamos ser. Quando os adultos dizem que “os adolescentes pensam que são invencíveis”, com aquele sorriso matreiro e parvo no rosto, não sabem a razão que têm. Nunca precisamos de não ter remédio, porque nunca podemos estar irremediavelmente quebrados. Achamos que somos invencíveis porque somos. Não podemos nascer e não podemos morrer. Tal como toda a energia, apenas podemos mudar as formas, os tamanhos e as manifestações. Eles esquecem-se disso quando envelhecem. Ficam com medo de perder e de falhar. Mas essa parte de nós que é mais do que a soma das nossas partes não pode começar nem acabar, portanto, não pode falhar.

Por isso, eu sei que ela me perdoa, tal como eu a perdoei a ela. As

últimas palavras de Thomas Edison foram: “Ali está muito bonito.” Não sei onde fica o ali, mas sei que é algures, e espero que seja bonito.

4 *Famous Amos* é uma marca americana de bolachas muito conhecida. (N. da T.)

**umas últimas palavras
acerca de últimas
palavras**

TAL COMO O BADOCHA HALTER, também eu sou fascinado por últimas palavras. No meu caso, começou quando eu tinha doze anos. A ler um livro de História, deparei-me com as palavras do presidente John Adams no seu leito de morte: “Thomas Jefferson ainda está vivo.” (Na verdade, não estava. Jefferson morrera algum tempo antes, nesse mesmo dia, 4 de Julho de 1826. As últimas palavras de Jefferson foram: “Hoje estamos a quatro?”)

Não sei dizer ao certo porque é que continuo interessado em últimas palavras nem porque é que nunca parei de as procurar. É verdade que adorava as últimas palavras de John Adams quando tinha doze anos. Mas também adorava uma miúda chamada Whitney. A maior parte dos amores não dura (A Whitney não durou, isso é certo. Nem sequer me lembro do apelido dela.) Mas alguns permanecem.

Outra coisa que não sei dizer ao certo é se todas as últimas palavras citadas neste livro são definitivas. Quase por definição, as últimas palavras são difíceis de confirmar. As testemunhas são emotivas, o tempo confunde-se e quem as disse não está por perto para esclarecer alguma controvérsia. Tentei ser exato, mas não me surpreende que exista debate em relação a duas citações centrais em *A Procura de Alaska*.

Simón Bolívar

“Como é que alguma vez, haverei de sair deste labirinto?!”

Na realidade, é provável que “Como é que alguma vez haverei de sair deste labirinto?!” não tenham sido as últimas palavras de Simón Bolívar (embora seja um facto histórico que ela as tenha dito). As suas últimas palavras foram, provavelmente: “José! Traz a bagagem. Eles não nos querem cá.” A significativa fonte de “Como é que alguma vez haverei de sair deste labirinto?!” é também a fonte de Alaska: *O General no Seu Labirinto*, de Gabriel García Márquez.

François Rabelais

“Vou em busca de uma Grande Incógnita.”

Atribuem-se a François Rabelais os créditos de quatro conjuntos alternativos de últimas palavras. O *The Oxford Book of Death* cita as suas últimas palavras como: a) “Vou em busca de uma Grande Incógnita.”; b) (depois de receber a extrema-unção) “Estou a engraxar as botas para a última viagem.”; c) “Corram a cortina; a farsa acabou.”; d) (enrolando-se no manto ou capa de capuz) “*Beati qui in Domino moriuntur*.” Na verdade, esta última é um trocadilhos*, mas, como o trocadilho é em latim, raras vezes é agora citado. Seja como for, eu descarto a d) porque me custa a imaginar um François Rabelais moribundo a ter energia para fazer um trocadilho fisicamente exigente, e *em latim*. A c) é a citação mais comum, porque é divertida e toda a gente adora últimas palavras que sejam divertidas.

Eu continuo a afirmar que as últimas palavras de Rabelais foram: “Vou em busca de uma Grande Incógnita”, em parte porque *Famous Last Words*, o livro de Laura Ward que é quase de referência, concorda comigo, e em parte porque eu

acredito nelas. Nasci no labirinto de Bolívar, por isso tenho de acreditar na esperança da Grande Incógnita de Rabelais.

5 Tanto significa “Abençoados sejam os que morrem no Senhor” como “Abençoados sejam os que morrem com uma capa vestida”.

Agradecimentos

UTILIZANDO UMA FONTE PEQUENA que não reflete o tamanho da minha dívida, preciso de fazer algumas afirmações:

Primeiro, que este livro teria sido completamente impossível se não fosse a extraordinária amabilidade da minha amiga, editora, quase agente e mentora Ilene Cooper. Ilene é uma espécie de fada-madrinha, só que é real e veste-se melhor.

Segundo, que sou muito afortunado por ter Julie Strauss-Gabel como minha editora na *Dutton*, e ainda mais afortunado por me ter tornado seu amigo. Julie é a editora de sonho de qualquer escritor: carinhosa, apaixonada e indiscutivelmente brilhante. Isto que aqui está, o agradecimento que lhe faço a ela, foi a única coisa do livro que ela não pôde editar, e acho que podemos concordar que sofreu em resultado disso.

Terceiro, que Donna Brooks acreditou nesta história desde o início e fez muito para lhe dar forma. Estou também em dívida para com Margaret Wollatt, da *Dutton*, que tem um nome com demasiadas consoantes mas é uma pessoa fora de série. E agradeço também à talentosa Sarah Shumway, cuja leitura atenta e comentários argutos foram uma bênção para mim.

Quarto, que estou muito grato à minha agente Rosemary Sandberg, que é uma defensora incansável dos seus autores. Além do mais, é britânica. Diz “Saúde”, quando quer dizer “Até logo”. Não é bestial?

Quinto, que os comentários dos meus dois melhores amigos em todo o mundo, Dean Simakis e Will Hickman, foram essenciais para a escrita e revisão desta história e que, bem, já sabem, que os adoro.

Sexto, que estou em dívida para com, entre muitos outros, Shannon James (colega de quarto), Katie Elsie (eu prometi), Hassan Arawas (amigo), Braxton Goodrich (primo), Mike Goodrich (advogado e também primo), Daniel Bliss (matemático profissional), Giordana Segneri (amiga), Jenny Lawton (é uma longa história), David Rojas e Molly Hammond (amigos), Bill Ott (modelo a seguir), Amy Krouse Rosenthal (levou-me à rádio), Stephanie Zvirin (deu-me o meu primeiro emprego a sério), P F Kluge (professor), Diane Martin (professora), Perry Lentz (professor), Don Rogan (professor), Paul MacAdam (professor – sou um grande fã de professores), Ben Segedin (patrão e amigo) e a adorável Sarah Urist.

Sétimo, que frequentei a escola secundária com um grupo maravilhoso de pessoas. Gostava de agradecer em particular ao indomitável Todd Cartee e também a Olga Charny, Sean Titone, Emmet Cloud, Daniel Alarcon, Jennifer Janekins, Chip Dunkin e MLS.